



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE

RENAN PAULO BINI

***EU (E NÓS) PROTEANO: FUNÇÕES RETÓRICAS DA PRIMEIRA PESSOA DO  
DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DE ETHOS EM DOSSIÊS DAS REVISTAS CULT  
E NOVA ÁGUIA***

CASCAVEL – PR  
2023

RENAN PAULO BINI

***EU (E NÓS) PROTEANO: FUNÇÕES RETÓRICAS DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DE ETHOS EM DOSSIÊS DAS REVISTAS CULT E NOVA ÁGUIA***

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos de Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

CASCAVEL – PR  
2023

RENAN PAULO BINI

***EU (E NÓS) PROTEANO: FUNÇÕES RETÓRICAS DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DE ETHOS EM DOSSIÊS DAS REVISTAS CULT E NOVA ÁGUIA***

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Orientadora

Dr. José Borges Neto  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)/ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Dr. Jorge Bidarra  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Dra. Márcia Sipavicius Seide  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Dra. Isabel Cristina Cordeiro  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Bini, Renan Paulo

Eu (e nós) proteano: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de ethos em dossiês das revistas Cult e Nova Águia / Renan Paulo Bini; orientadora Aparecida Feola Sella. -- Cascavel, 2023.

360 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Primeira Pessoa do Singular. 2. Primeira Pessoa do Plural. 3. Ethos. 4. Funções Retóricas. I. Sella, Aparecida Feola, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Desenvolver uma pesquisa de Doutorado durante a pandemia da Covid-19 foi uma tarefa desafiadora, mas, ao mesmo tempo, também um refúgio, especialmente considerando que utilizo medicamentos imunossupressores, como tratamento a uma doença crônica, o que ampliou a minha necessidade de isolamento social nesse período atípico. Portanto, agradeço imensamente à Capes, à Universidade Estadual do Oeste do Paraná e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, pela bolsa de Doutorado, que não só oportunizou o meu crescimento acadêmico e profissional, mas também possibilitou a minha dedicação à pesquisa de forma remota.

Em meio à necessidade de isolamento social, as interações acadêmicas, fundamentais para a realização deste estudo, ocorreram majoritariamente de forma remota e síncrona, por meio das plataformas *Google Meet* e *Teams*, assim como o estágio de docência, a colaboração em projetos de extensão e a participação em eventos científicos. Na esfera acadêmica, sou extremamente grato à minha orientadora, professora Dra. Aparecida Feola Sella, pelas orientações e conselhos que contribuíram para o meu crescimento como profissional e pesquisador.

Ressalto a importância da professora Cida em minha vida, por acolher e melhor direcionar as minhas ideias desde muito antes do Doutorado, inicialmente, como minha chefe na Edunioeste, e depois como orientadora de iniciação científica e da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Letras. Professora, muito obrigado pelas valorosas contribuições e pela amizade.

Na esfera acadêmica, sou também extremamente grato à minha amiga e colega Eviliane Bernardi. Juntos, no decorrer do Doutorado, atuamos em Projetos de Pesquisa e Extensão, participamos de eventos acadêmicos, organizamos livros e escrevemos e publicamos textos em periódicos, capítulos e anais de eventos.

Agradeço também aos professores Dr. Jorge Bidarra, Dr. José Borges Neto, Dra. Márcia Sipavicius Seide, Dr. Juliano Desiderato Antonio e Dra. Isabel Cristina Cordeiro, por aceitarem contribuir com este trabalho na Banca Examinadora, pela dedicação à leitura atenta e com comentários que enriqueceram não só a finalização deste texto, mas também a minha formação enquanto pesquisador. Também manifesto meus agradecimentos à professora Dra. Ismara Eliane Vidal de Souza

Tasso, pelas importantes contribuições à pesquisa na etapa do Exame de Qualificação.

No processo de construção da tese, vi-me, muitas vezes, tabulando dados exaustivos ou consultando pesquisas em diversos repositórios, que poderiam colaborar com o embasamento teórico do estudo, durante horas a fio. Nesse processo cansativo, os afetos foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Agradeço aos meus familiares, em especial, à minha irmã, Tayná Bini, minha melhor amiga, por me salvar tantas vezes, e aos meus pais Jocenete e Paulo Bini, pela compreensão e pelo apoio ao longo do doutorado.

Ademais, sou grato aos que fortaleceram a minha confiança e que me deram apoio durante o Doutorado. Em especial, à Amanda, à Ana Maria, à Cristina, à Daniele, à Flávia, à Irací, à Jocimar, ao José Roberto, à Kássia, à Lohana, ao Luiz, à Meyre e à Solange, pelo carinho, pelos conselhos e pela motivação.

A título de conclusão deste pequeno texto, desabafo que, ao escrever os agradecimentos da minha dissertação de Mestrado, resolvi que não agradeceria a Deus, pois concluí que não era do propósito dele a dedicação do tempo para a aquisição de um título acadêmico. Desculpe. Agora, no doutorado, percebo e sou grato a Deus, não pelo título, mas por iluminar minhas escolhas em momentos difíceis, pelos laços afetivos construídos e/ou fortalecidos nesse período e pela oportunidade de, por meio da pesquisa e da docência, transformar positivamente a minha vida e a de outras pessoas.

A todos e a todas que direta ou indiretamente me auxiliaram neste processo, muito obrigado!

## DEDICATÓRIA

Aos *nós* que constituem o meu *eu*, meus pais, **Jocnete** e **Paulo Bini**, pelo amor projetado em meu *ethos*, muito antes de que eu pudesse notá-lo, e por me ensinarem a ser um ser humano que valoriza o trabalho, a honestidade, a educação e a ciência.



Figura 1 – Proteu

Fonte: Jörg Breu the Elder, Emblem 183 (*Alciato's Book of Emblems*, 1531)<sup>1</sup>

O Proteus, old man of Pallene, with the form of an actor, who at one moment takes the limbs of a man, at another those of a beast, come tell us why you turn into all shapes, so that, forever changing, you have no fixed form?

\_I bring forth symbols of antiquity and a primaeval age, of which each man dreams, according to his wishes (ALCIATO, 1531, s.p.)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Domínio público. Disponível em: <https://www.mun.ca/alciato/e183.html>.

<sup>2</sup> “Ó Proteu, ancião de Pallene, com a forma de um ator, que num momento pega os membros de um homem, em outro os de uma besta, vem nos dizer por que você se transforma em todas as formas, para que, mudando para sempre, você não tenha forma fixa? \_ Trago símbolos da antiguidade e de uma era primitiva, da qual cada homem sonha, de acordo com seus desejos” (ALCIATO, 1531, s.p., tradução nossa). Disponível em: <https://www.mun.ca/alciato/e183.html>.



BINI, Renan Paulo Bini. ***Eu (e nós) proteano***: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de *ethos* em dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia*. 360f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2023.

## RESUMO

Esta pesquisa se justifica por desenvolver análise de funções retóricas da Primeira Pessoa do Singular (PPS) e da Primeira Pessoa do Plural (PPP) em textos da modalidade escrita da língua portuguesa e por propor a classificação de marcas e mobilizadores da PPS e da PPP, utilizados para a construção de *ethos*, em uma escala retórica gradativa, em textos do gênero dossiê. Trata-se de verificar como a PPS e a PPP são utilizadas para a construção de *ethos* em dossiês publicados em 2018, sendo três sobre personalidades da cultura e da literatura portuguesa, da revista *Nova Águia*, de Portugal; e três sobre personalidades da cultura e da literatura brasileira, da revista *Cult*, do Brasil. O *corpus* é composto por recortes com ocorrências da PPS e da PPP a partir das seguintes perguntas de pesquisa: 1) De que forma a PPS e a PPP exercem funções retóricas para a realização de *ethos* no *corpus*? 2) Há prevalência de marcas e de mobilizadores de construção de *ethos*, se comparadas as ocorrências da PPS e da PPP, nos recortes dos dossiês da *Cult* e da *Nova Águia*? Esta pesquisa é descritiva e de caráter exploratório. Para a análise, adotou-se, principalmente, a perspectiva qualitativa, embasada teoricamente em estudos de diferentes vertentes da Linguística, da Pragmática e da Retórica. Basicamente, foram seguidos os autores Benveniste (1991), Fiorin (1996, 2001), Tang e John (1999), Lucchesi (2009), Posio (2011), Manetti (2015), Screti (2015), Stewart (2015), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Marques e Duarte (2016), Soares (2016), Fauci (2016), Maurizi (2017), Fowler e Kress (2019) e Taylor e Goodall (2019). Essa base teórica proporcionou a verificação de recorrência de mobilizadores e marcas linguísticas dos fenômenos estudados, e, em um segundo momento, proporcionou a análise estatística descritiva. Os resultados demonstram que a PPS e a PPP indicam a postura do produtor do texto, uma vez que representam o *ethos* que está sendo construído por meio de recursos linguísticos que servem aos propósitos argumentativos do produtor do texto e encenam imagens desse mesmo produtor. Nos textos analisados, são seis as marcas vinculadas à PPP para a construção de *ethos* e uma vinculada à PPS. Também foram identificadas dez estratégias de acionamento da Primeira Pessoa do Discurso (mobilizadores de ocorrência), as quais mobilizam a construção de *ethos* nos dossiês, e ancoram, gradativamente, o dito à própria imagem projetada pelo produtor. Algumas diferentes construções de *ethos* nos recortes dos dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia* mostraram-se contingenciadas, possivelmente por fatores culturais e sócio-históricos de constituição das diferentes audiências (leitores brasileiros e leitores portugueses) e pela proximidade histórica e/ou afetiva entre os produtores e as personalidades homenageadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Primeira Pessoa do Singular. Primeira Pessoa do Plural. *Ethos*. Funções Retóricas.

BINI, Renan Paulo Bini. *I (and we) protean: rhetorical functions of the first person of the speech and the construction of ethos in dossiers from Cult and Nova Águia magazines*. 360f. Thesis (PhD in Language Studies) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2023.

## ABSTRACT

This research is justified by developing analysis of rhetorical functions of First Person Singular (FPS) and First Person Plural (FPP) in texts in the Portuguese language written modality and by proposing the classification of marks and mobilizers of FPS and FPP, used for the construction of *ethos*, in a gradual rhetorical scale, in texts of the dossier genre. The objective is to verify how the FPS and the FPP are used for the construction of *ethos* in dossiers published in 2018: three about personalities of Portuguese culture and literature, from the magazine *Nova Águia*, from Portugal; and three about personalities of Brazilian culture and literature, from the magazine *Cult*, from Brazil. The *corpus* is composed of clippings with occurrences of FPS and FPP based on the following research questions: 1) In what way do FPS and FPP perform rhetorical functions for the realization of *ethos* in the *corpus*? 2) Is there a prevalence of marks and mobilizers of *ethos* construction, if we compare the occurrences of FPS and FPP in the clippings of the dossiers from *Cult* and *Nova Águia*? This research is descriptive and exploratory in nature. For the analysis, it was adopted, mainly, the qualitative perspective, theoretically based on studies of different strands of Linguistics, Pragmatics and Rhetoric. Basically, We follow the authors Benveniste (1991), Fiorin (1996, 2001), Tang and John (1999), Lucchesi (2009), Posio (2011), Manetti (2015), Screti (2015), Stewart (2015), Manetti (2015), Marques and Ramos (2015), Marques and Duarte (2016), Soares (2016), Fauci (2016), Maurizi (2017), Fowler and Kress (2019), and Taylor and Goodall (2019) were followed. This theoretical basis provided the verification of recurrence of mobilizers and linguistic marks of the studied phenomena, and, in a second moment, provided the descriptive statistical analysis. The results show that FPS and FPP indicate a posture of the text producer, since they represent the *ethos* that is being built through linguistic resources that serve the argumentative purposes of the text producer and stage images of the same producer. In the texts analyzed, there are six marks linked to FPP for the construction of *ethos* and one linked to FPS. We also identified ten strategies to activate the First Person of the Speech (incident mobilizers), which mobilize the construction of *ethos* in the dossiers, and gradually anchor what is said to the image projected by the producer. Some different constructions of *ethos* in the clippings of the dossiers of *Cult* and *Nova Águia* magazines were contingent, possibly by cultural and socio-historical factors of constitution of the different audiences (Brazilian readers and Portuguese readers) and by the historical and/or affective proximity between the producers and the honored personalities.

**KEYWORDS:** First Person Singular. First Person Plural. *Ethos*. Rhetorical functions.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Esquema de correlação entre pessoa/subjetividade.....	70
<b>Figura 2</b> – Esquema de inclusão de interlocutores no <i>nós</i> .....	80
<b>Figura 3</b> – Realizações do <i>Plural de inclusão</i> no <i>corpus</i> .....	242
<b>Figura 4</b> – Realizações do <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão</i> específicas no Brasil e em Portugal.....	245
<b>Figura 5</b> – Nível de ancoragem do argumento à imagem do produtor.....	249
<b>Figura 6</b> – Multifuncionalidade retórica da primeira pessoa do discurso.....	266

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b>	Pronomes pessoais da Língua Portuguesa conforme a Gramática de Cunha e Cintra (2017).....	59
<b>Quadro 02.</b>	Pronomes possessivos da Língua Portuguesa conforme a Gramática de Cunha e Cintra (2017).....	64
<b>Quadro 03.</b>	<i>Nós: o ultra-eu</i> .....	88
<b>Quadro 04.</b>	Nível de poder associado à presença autoral na PPS.....	103
<b>Quadro 05.</b>	Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Benedito Nunes.....	134
<b>Quadro 06.</b>	Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Hilda Hilst.....	138
<b>Quadro 07.</b>	Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Graciliano Ramos.....	140
<b>Quadro 08.</b>	Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Fidelino de Figueiredo.....	142
<b>Quadro 09.</b>	Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre António Nobre e Raul Brandão.....	145
<b>Quadro 10.</b>	Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Dalila Pereira da Costa.....	148
<b>Quadro 11.</b>	Algumas pesquisas relacionadas à PPD.....	153
<b>Quadro 12.</b>	Marca de construção de <i>ethos</i> na PPS.....	157
<b>Quadro 13.</b>	Marcas de construção de <i>ethos</i> na PPP.....	157
<b>Quadro 14.</b>	Propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> .....	159
<b>Quadro 15.</b>	Totalidade das marcas de construção de <i>ethos</i> na PPS e na PPP registradas no dossiê <i>Benedito Nunes: o filósofo da poesia</i> (Cult, Ed. 231).....	237
<b>Quadro 16.</b>	Totalidade das marcas de construção de <i>ethos</i> na PPS e na PPP registradas no dossiê <i>Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira</i> (Cult, Ed. 233).....	237
<b>Quadro 17.</b>	Totalidade das marcas de construção de <i>ethos</i> na PPS e na PPP registradas no dossiê <i>O imenso Graça: vidas secas, 80 anos</i> (Cult, Ed. 239).....	238
<b>Quadro 18.</b>	Totalidade das marcas de construção de <i>ethos</i> na PPS e na PPP registradas no dossiê <i>Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois</i> (Nova Águia, Ed. 21).....	239
<b>Quadro 19.</b>	Totalidade das marcas de construção de <i>ethos</i> na PPS e na PPP registradas no dossiê <i>Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão</i> (Nova Águia, Ed. 21).....	240
<b>Quadro 20.</b>	Totalidade das marcas de construção de <i>ethos</i> na PPS e na PPP registradas no dossiê <i>Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois</i> (Nova Águia, Ed. 22).....	240
<b>Quadro 21.</b>	Diferenças dos sentidos dos grupos virtuais ligados à nacionalidade por meio da PPP.....	244

<b>Quadro 22.</b>	Mobilizadores de ocorrência da PPD utilizados para a construção de <i>ethos</i> nos dossiês.....	251
<b>Quadro 23.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Benedito Nunes: o filósofo da poesia</i> (Cult, Ed. 231).....	252
<b>Quadro 24.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira</i> (Cult, Ed. 233).....	252
<b>Quadro 25.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>O imenso Graça: vidas secas, 80 anos</i> (Cult, Ed. 239).....	253
<b>Quadro 26.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois</i> (Nova Águia, Ed. 21).....	254
<b>Quadro 27.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão</i> (Nova Águia, Ed. 21).....	255
<b>Quadro 28.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois</i> (Nova Águia, Ed. 22).....	255
<b>Quadro 29.</b>	Comparação da aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de <i>ethos</i> nos dossiês da <i>Cult</i> e da <i>Nova Águia</i> .....	256
<b>Quadro 30.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Benedito Nunes: o filósofo da poesia</i> (Cult, Ed. 231).....	257
<b>Quadro 31.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da primeira pessoa do plural utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira</i> (Cult, Ed. 233).....	258
<b>Quadro 32.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da primeira pessoa do plural utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>O imenso Graça: vidas secas, 80 anos</i> (Cult, Ed. 239).....	259
<b>Quadro 33.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois</i> (Nova Águia, Ed. 21).....	259
<b>Quadro 34.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão</i> (Nova Águia, Ed. 21).....	259
<b>Quadro 35.</b>	Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> no dossiê <i>Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois</i> (Nova Águia, Ed. 22).....	260
<b>Quadro 36.</b>	Comparação da aferição dos mobilizadores de ocorrência da	

	PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> nos dossiês da <i>Cult</i> e da <i>Nova Águia</i> .....	261
<b>Quadro 37.</b>	Comparação da aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de <i>ethos</i> nos dossiês da <i>Cult</i> e da <i>Nova Águia</i> .....	263
<b>Quadro 38.</b>	O <i>eu proteano</i> e a construção de <i>ethos</i> na PPD nos dossiês.....	266
<b>Quadro 39.</b>	O papel das marcas de construção e dos mobilizadores de ocorrências associados à PPD na construção do <i>ethos</i> .....	267

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>EMBASAMENTO TEÓRICO: CAMINHANDO PELA RETÓRICA.....</b>	<b>25</b>
2.1	SOBRE A NOÇÃO DE <i>ETHOS</i> .....	33
2.2	SOBRE A NOÇÃO DE <i>PATHOS</i> .....	43
2.3	SOBRE A NOÇÃO DE <i>LOGOS</i> .....	50
2.4	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	51
<b>3</b>	<b>PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO: EMBASAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>54</b>
3.1	SOBRE AS PESSOAS DO DISCURSO E OS PRONOMES PESSOAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	56
<b>3.1.1</b>	<b>As duas pessoas do discurso e a não pessoa.....</b>	<b>68</b>
3.2	PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO: PASSOS DE CONSTITUIÇÃO DE <i>ETHOS</i> .....	73
<b>3.2.1</b>	<b>Sobre os pronomes possessivos na primeira pessoa do discurso.....</b>	<b>76</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Primeira Pessoa do Plural e a construção de estratégias retóricas: as funções <i>inclusiva</i> e <i>exclusiva</i>.....</b>	<b>78</b>
3.2.2.1	A primeira pessoa do plural: indeterminações circunscritas e universais...	94
<b>3.2.3</b>	<b>Proeminência e a constituição de <i>ethos</i> na primeira pessoa do discurso.....</b>	<b>99</b>
3.2.3.1	Proeminência e a construção de <i>ethos</i> na primeira pessoa do singular.....	102
3.2.3.2	Proeminência e a construção de <i>ethos</i> na primeira pessoa do plural.....	105
3.2.3.2.1	Quando o <i>nós</i> significa <i>eu</i> : do plural de modéstia ao plural de majestade.....	110
<b>3.2.4</b>	<b>Estratégias retóricas em nível elocucional: o <i>eu</i> e o <i>nós</i> e a intersecção com o <i>logos</i>.....</b>	<b>113</b>
3.2.4.1	Quando a primeira pessoa estrutura o discurso: as funções <i>metadiscursiva</i> e <i>expositiva</i> .....	120
3.3	SÍNTESE CONCLUSIVA.....	117
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>125</b>
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	126
<b>4.1.1</b>	<b>Sobre a revista <i>Nova Águia</i>.....</b>	<b>129</b>

4.1.2	<b>Sobre a revista <i>Cult</i>.....</b>	<b>131</b>
4.2	SELEÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DOSSIÊS.....	132
4.2.1	<b>Sobre as personalidades homenageadas, a composição e a contextualização dos dossiês.....</b>	<b>133</b>
4.2.1.1	Benedito Nunes.....	133
4.2.1.2	Hilda Hilst.....	135
4.2.1.3	Graciliano Ramos.....	138
4.2.1.4	Fidelino de Figueiredo.....	141
4.2.1.5	Antônio Nobre e Raul Brandão.....	143
4.2.1.6	Dalila Pereira da Costa.....	146
4.3	DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	150
4.4	SOBRE A COMPOSIÇÃO DO ESTADO DA ARTE.....	152
4.5	SOBRE A ETAPA DE PROPOSIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE.	155
5	<b>A PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE <i>ETHOS</i> NAS REVISTAS <i>CULT</i> E <i>NOVA ÁGUIA</i>.....</b>	<b>157</b>
5.1	MARCAS E MOBILIZADORES DE CONSTRUÇÃO DE <i>ETHOS</i> .....	157
5.2	A REVISTA <i>CULT</i> .....	161
5.2.1	<b>Dossiê <i>Benedito Nunes: filósofo da poesia</i>.....</b>	<b>161</b>
5.2.2	<b>Dossiê <i>Hilda Hilst: um unicórnio na Literatura Brasileira</i>.....</b>	<b>177</b>
5.2.3	<b>Dossiê <i>O Imenso Graça: Vidas Secas, 80 ANOS</i>.....</b>	<b>187</b>
5.3	REVISTA <i>NOVA ÁGUIA</i> .....	195
5.3.1	<b>Dossiê <i>Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois</i>.....</b>	<b>195</b>
5.3.2	<b>Dossiê <i>Nos 150 anos de nascimento de Antônio Nobre e Raul Brandão</i>.....</b>	<b>208</b>
5.3.3	<b>Dossiê <i>Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois</i>.....</b>	<b>217</b>
6	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>236</b>
6.1	MARCAS DE CONSTRUÇÃO DE <i>ETHOS</i> NA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO UTILIZADAS NOS DOSSIÊS.....	236
6.1.1	<b><i>Singular de exclusividade</i>.....</b>	<b>241</b>
6.1.2	<b><i>Plural de modéstia</i>.....</b>	<b>241</b>
6.1.3	<b>Grupos virtuais observados nas marcas de construção de <i>ethos</i> na primeira pessoa do plural nos dossiês.....</b>	<b>241</b>



6.1.1.1	<i>Plural de inclusão</i> .....	241
6.1.1.2	<i>Plural de exclusão</i> .....	242
6.1.1.3	<i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão</i> .....	243
6.1.1.4	<i>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão</i> .....	246
6.1.1.5	<i>Plural de Indeterminação universal</i> .....	246
6.1.4	<b>Sobre a proximidade histórica e/ou afetiva entre produtores e as personalidades homenageadas</b> .....	247
6.1.5	<b>Marcas linguísticas e a proeminência do produtor nas realizações da primeira pessoa do discurso</b> .....	248
6.2	<b>AFERIÇÃO DAS PROPOSTAS DE MOBILIZADORES DE OCORRÊNCIA DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO UTILIZADOS PARA CONSTRUÇÃO DE <i>ETHOS</i> NOS DOSSIÊS</b> .....	250
6.2.1	<b>Aferição das Propostas de mobilizadores de ocorrência da Primeira Pessoa do Singular utilizados para construção de <i>ethos</i> nos Dossiês</b> .....	251
6.2.2	<b>Aferição das Propostas de mobilizadores de ocorrência da Primeira Pessoa do Plural utilizados para construção de <i>ethos</i> nos Dossiês</b> .....	257
6.2.3	<b>Descrição das similaridades e das diferenças entre os mobilizadores de ocorrência da Primeira pessoa do discurso (singular e plural) utilizados para construção de <i>ethos</i> nos Dossiês</b> ..	263
6.3	<b>FUNÇÕES RETÓRICAS E A CONSTRUÇÃO DE <i>ETHOS</i> POR MEIO DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO NOS DOSSIÊS</b> .....	265
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	271
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	279
	<b>REFERÊNCIAS DOS TEXTOS QUE COMPÕEM O <i>CORPUS</i></b> .....	294
	<b>APÊNDICE 1 – RECORTES ANALISADOS</b> .....	297
	<b>APÊNDICE 2 – <i>LINKS</i> DE ACESSO DAS BIOGRAFIAS DOS PRODUTORES DOS TEXTOS ANALISADOS</b> .....	358

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Ao meio-dia o ancião [Proteu] sai das ondas, achando os nutridos corpos das focas; a todas revista e enumera por ordem, a principiar por nós quatro<sup>3</sup> entre os monstros, sem que suspeitasse de que pudesse haver dolo. Por fim também ele deitou-se. Foi quando em grita o assaltamos, cingindo-lhe o corpo com os braços. Mas não se esquece o ancião de valer-se das artes dolosas: Toma, de início, a figura de um leão bem provido de juba, drago, depois, e pantera e, a seguir, javali portentoso, água corrente e, por fim, o feitio de uma árvore excelsa (HOMERO, 2015, p. 85)<sup>4</sup>.*

Nesta pesquisa, o estudo do *ethos* parte da noção de que o articulista recorre a marcas linguísticas que mobilizam uma imagem que é projetada para conseguir certa adesão. A expressão “certa adesão” é utilizada para resguardar o perfil do gênero dossiê, conforme poderá ser verificado no decorrer da estrutura desta tese. Os termos *articulista* e *produtor* (ou *produtor do texto*) serão utilizados basicamente como sinônimos, quando se tratar de nossos comentários.

Reconhecemos, aqui, que a constituição do *ethos* pode ser demonstrada a partir da seleção de marcas que sustentam uma imagem que se quer expressar. Consideramos que o produtor mobiliza a Primeira Pessoa do Discurso (PPD): Primeira Pessoa do Singular (PPS) e Primeira Pessoa do Plural (PPP) com funções retóricas<sup>5</sup> e realizações de *ethos* em um gênero específico: o dossiê. O dossiê, conforme Melo (2016), pode ser considerado um gênero jornalístico interpretativo, veiculado, principalmente, em periódicos especializados e com segmentação de

---

<sup>3</sup> Menelau, com a ajuda de Eidotéia, filha de Proteu, e acompanhado por seus amigos.

<sup>4</sup> Na epígrafe desta seção, vemos um trecho da obra *Odisséia*, de Homero (século VIII a.C.). Conforme Rodrigues (2019), no quarto canto da *Odisséia*, Menelau encontrava-se retido há muito tempo nas proximidades do Egito, pois os deuses não forneciam ventos favoráveis para a continuidade da viagem pela falta dos sacrifícios que deixaram de ser feitos pelo herói. Então a filha de Proteu surge e o instrui a se consultar com o velho do mar, que, na qualidade de vassalo de Poseidon, sabe de todas as coisas que ocorrem em seus domínios. Não seria fácil, no entanto, agarrá-lo, instrui Idoteia, já que Proteu pode assumir todas as formas conhecidas de tudo o que se mexe na terra, até água e fogo ardente.

<sup>5</sup> As funções retóricas, conforme Ramos (2011, p. 23), concernem às funções comunicativas “que um trecho textual cumpre num determinado gênero”. Segundo o autor, “a análise dos expedientes linguísticos permite a identificação de padrões gramaticais e lexicais que podem ser utilizados para cumprir a mesma Função Retórica em um novo texto do mesmo gênero”. Isto posto, nesta pesquisa, analisamos funções retóricas vinculadas à PPS e à PPP em textos do gênero dossiê, conforme explanamos na Seção 5.

audiência específica, com número extenso de páginas, o que viabiliza amplas discussões sobre um determinado tema relevante.

Assim como a entidade mitológica Proteu, filho de Poseidon, que na epopeia grega *Odisseia*, de Homero, transforma-se em leão, dragão, pantera, javali, água corrente e árvore, por meio da primeira pessoa gramatical, um articulista pode construir diferentes imagens de si. Uma vez que, por meio dessa marca de construção de *ethos*, seja por meio do *eu*, seja por meio do *nós*, um produtor é capaz de assumir várias formas, sendo versátil, flexível e mutável, consideramos adequada a analogia entre a mitologia grega Proteu<sup>6</sup> e a PPD.

Conforme Neves (2010), Proteu, filho de Poseidon e Tétis, é, na mitologia grega, uma divindade marinha que representa a manifestação da natureza. Era um gigante de mil faces, guardião dos rebanhos marinhos, constituído por grandes peixes e focas. A manifestação mais famosa e propagada da divindade é a versão de Homero, que consta na *Odisseia*, em que o autor, através da voz de Eidoteia, filha de Proteu, confia a Menelau a forma de subjugar o metamorfo dos mares: surpreendendo-o durante o sono e amarrando-o de modo que ele não pudesse escapar. De acordo com Bulfinch (2002, p. 213), além do poder peculiar de mudar a forma indefinidamente, Proteu “era considerado um sábio do mar por sua sabedoria e conhecimento dos acontecimentos futuros”.

Além da menção na *Odisseia*, Proteu, através dos séculos, foi ressignificado e tornou-se personagem de várias narrativas, entre as quais podemos ressaltar *Geórgicas*, do poeta romano clássico Virgílio ([37-30 a.C] 1892), *Os Lusíadas*, do poeta português Luís Vaz de Camões ([1572] 2013), *Os dois cavalheiros de Verona*, do influente dramaturgo inglês Shakespeare ([1598] 2011) e *Ulisses*, do romancista irlandês James Joyce ([1920] 2010). A título de exemplificação dessa ressignificação, se, por um lado, na *Odisseia*, nas *Geórgicas* e em *Os Lusíadas*, a mutabilidade de Proteu é explicitada nas transformações físicas, por outro lado, em

---

<sup>6</sup> Uma busca pelo adjetivo “proteano”, adotado nesta tese, revelou que o termo é utilizado, na atualidade, como uma analogia para caracterizar positivamente profissionais no mercado de trabalho com capacidade de adaptação, flexíveis às transformações de suas respectivas áreas (UFES, 2016; SILVA; BALASSIANO; SILVA, 2014); e na Psicologia e em outras áreas das Ciências Humanas para discutir a capacidade indistinta e infinita de transformações dos indivíduos na sociedade pós-moderna (física, ou virtualmente) (DUGNANI; CRUZ, 2007; ANDRADE *et al.*, 2016). Também na Filosofia há analogias com a figura mítica de Proteu: Bauman (2011, p. 109), por exemplo, na obra *Vida em fragmentos: Sobre a ética pós-moderna*, afirmou que o mundo pós-moderno é “incuravelmente proteano”; e cunhou os termos “proteofilia” e “proteofobia”, para designar reações fílicas e fóbicas que assolam a humanidade contemporânea em igual medida.

*Os dois cavalheiros de Verona*, a mutabilidade é em relação à personalidade de Proteu, enquanto, em *Ulisses*, Joyce (2010) transfere a característica metamórfica para a luta que a personagem Stephen trava com o próprio intelecto. De acordo com Sússekind (2015, p. 85), “fluido e ambivalente, Proteu pode ser considerado uma figura alegórica da temporalidade natural, cíclica e em constante mutação que não deixa nada se fixar”.

Em relação à PPD, conforme Janner, Costanza e Sutermeister (2015), do ponto de vista puramente gramatical, é sempre o *eu* que fala. Quanto ao *nós*, é o pronome da PPP. Mas é aqui que começam os problemas. Podemos afirmar que *nós* é o plural da PPS, do *eu*, assim como *humanos* é o plural de *humano*? Por meio do termo *humanos*, certamente, designamos a pluralidade de *humano*; o *nós*, contudo, não é uma multiplicação do *eu*. Isso bastaria para afirmar que o *nós* ocupa um lugar especial dentro do sistema de pessoas do discurso. Nesta pesquisa, entendemos que a PPD é a posição assumida pelo produtor do texto, em que se coloca engajado textualmente, com objetivo de construção de uma imagem de si. Em se tratando de Dossiê, as noções de singular e plural decorrem do acionamento de marcas linguísticas observadas no texto.

Em estudo realizado durante o Mestrado, constatamos que o direcionamento de uma audiência pode ser realizado por meio de muitas estratégias retóricas, entre as quais ressaltamos algumas em nível linguístico, como a utilização da PPP, que pode ser mobilizada para moldar o direcionamento de um ponto de vista, como pode ser verificado em Bini (2018), que analisou textos do gênero dossiê. Além disso, a pesquisa demonstrou que a argumentação por meio da PPP possui relação orgânica com diferentes realizações de *ethos*, que são construídos linguisticamente não só pela flexão da pessoa do discurso, mas também por meio de outros argumentos e da credibilidade que a audiência confere ao conteúdo. Assim, o que guiou o interesse deste estudo é a necessidade de ampliação da pesquisa realizada por Bini (2018). Ademais, é premissa deste estudo que a PPS e a PPP podem ser utilizadas como recursos retóricos que imprimem diferentes realizações de *ethos* ao texto.

Considerando que as estratégias utilizadas para persuadir são moldadas a partir de particularidades de cada audiência, para as análises, entendemos a necessidade de delimitação de gênero textual, período histórico, similaridade entre públicos e temáticas (circunstâncias que influenciam o *pathos*). Assim, foram selecionados os textos para o *corpus*, que é composto por seis dossiês publicados

em 2018, sendo três sobre personalidades da cultura e da literatura<sup>7</sup> portuguesa, e publicados pela revista *Nova Águia*, Português Europeu (PE); e três sobre personalidades da cultura e da literatura brasileira, publicados pela revista *Cult*, Português Brasileiro (PB).

A *Cult* é uma revista mensal brasileira voltada às áreas de arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas e possui a seção fixa *Dossiê*, desenvolvida não só por jornalistas, mas também por pesquisadores das respectivas áreas de discussões (CULT, 2023), o que confere certo grau de autonomia e de cientificidade aos textos. Em relação à produção brasileira, foram selecionados os dossiês *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Ed. 231); *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Ed. 233); e *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Ed. 239).

A *Nova Águia* é uma revista semestral portuguesa voltada à cultura e à literatura lusófona, sendo uma homenagem à *Águia*, uma das mais importantes revistas portuguesas do século XX, e teve a colaboração de célebres escritores portugueses, como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva (ZÉFIRO, 2020). Em relação à produção portuguesa, foram selecionados os dossiês *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Ed. 21); *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Ed. 21); e *Dalila Pereira da Costa, 100 anos depois* (Ed. 22).

Dadas as diferenças entre pessoas gramaticais, concordamos com Posio (2012) que há pouco sentido em estudar simplesmente o uso do pronome pessoal, sem prestar atenção especial aos diferentes fatores que afetam diferentes pessoas gramaticais em contextos particulares. Assim, para delimitação do *corpus*, após a escolha dos dossiês, propomos um estudo que contempla as marcas linguísticas que materializam a PPD: na PPS, o pronome pessoal *eu*, os verbos flexionados, os pronomes oblíquos *me* (átono), *mim* e *comigo* (tônicos) e os possessivos *meu(s)* e *minha(s)*; e, na PPP, o pronome pessoal *nós*, os verbos flexionados, os pronomes oblíquos *nos* (átono), *nós* e *conosco* (tônicos) e os possessivos *nosso(s)* e *nossa(s)*,

---

<sup>7</sup> Esse direcionamento em relação à área dos textos, para a seleção do *corpus*, é fundamental, uma vez que a literatura científica consultada para o desenvolvimento desta tese evidenciou que as funções retóricas e os padrões de uso dos pronomes podem variar em diferentes áreas do conhecimento. Ao comparar os usos da PPS em artigos científicos das áreas de Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, *Marketing*, Filosofia, Sociologia, Linguística Aplicada, Física e Microbiologia, Hyland (2001) constatou que os pronomes em primeira pessoa foram utilizados com mais frequência em textos da Linguística Aplicada e Sociologia do que em artigos de pesquisa nas áreas de Microbiologia e Física.

em que essas marcas linguísticas<sup>8</sup> são utilizadas para mobilizar a adesão da audiência por meio da construção de diferentes *ethé*.

Esta pesquisa é orientada pelas seguintes perguntas: 1) De que forma a PPS e a PPP exercem funções retóricas para a realização de *ethos* no *corpus*? 2) Há prevalência de marcas linguísticas e de mobilizadores de construção de *ethos*, se comparadas as ocorrências da PPS e da PPP, nos recortes dos dossiês da *Cult* e da *Nova Águia*?

Assim, o objetivo geral deste estudo é descrever como a PPS e a PPP representam funções retóricas e atuam na construção de *ethos* em recortes selecionados de dossiês das revistas *Cult* (PB) e *Nova Águia* (PE). Definem-se como objetivos específicos: 1) Mapear as marcas linguísticas de ocorrência de PPS e PPP, vinculadas à construção de *ethos* no *corpus*, identificáveis no cotexto; 2) Verificar e propor o perfil de mobilizadores para a ocorrência da PPS e da PPP, em uma escala retórica gradativa; 3) Avaliar como os mobilizadores e as marcas da PPS e da PPP constroem *ethos* no *corpus*; 4) Comparar a recorrência de marcas linguísticas e de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP na construção de *ethos* nos recortes selecionados.

Esta pesquisa é descritiva e de caráter exploratório. Para a análise das ocorrências da PPS e da PPP, adotamos, principalmente, a perspectiva qualitativa; no entanto, dimensões quantitativas não foram desconsideradas. As análises são orientadas por uma perspectiva descritivo-interpretativa, sendo sustentadas em revisão bibliográfica. Em um primeiro momento, tabulamos e realizamos a análise descritiva de todos os recortes que manifestam funções retóricas da PPS e da PPP, que são apresentados, em sua totalidade, no Apêndice 1, e selecionamos recortes representativos dos fenômenos investigados para a Seção de análises. Considerando a recorrência de alguns fenômenos, em um segundo momento,

---

<sup>8</sup> O *corpus* desta pesquisa é constituído por recortes textuais da modalidade escrita da língua portuguesa, em um gênero em que se observa alta-formalidade. Não foram observadas ocorrências do *a gente*, do possessivo *da gente* ou dos pronomes oblíquos *com a gente* e *com nós* nos textos analisados, nem no PB, nem no PE. Assim, as discussões teóricas desta tese não aprofundam reflexões sobre essas variedades. A inexistência dessas formas nos textos que compõem o *corpus*, apesar de serem cristalizadas na modalidade oral-dialogada da língua portuguesa, evidencia, possivelmente, que ainda há uma preferência entre os produtores pela perspectiva tradicional da linguagem na modalidade escrita da língua. Consideramos que essa preferência pode ser maior no perfil dos produtores dos dossiês que são, predominantemente, intelectuais e especialistas em literatura e cultura.

realizamos a análise estatística descritiva para organizar, resumir e descrever os aspectos importantes que se manifestam quantitativamente em nosso *corpus*.

Consideramos improvável a possibilidade de que uma única teoria seria capaz de explicar os fenômenos investigados. Assim, para embasar o desenvolvimento deste percurso, nas seções teóricas, apresentamos reflexões transdisciplinares, que contemplam diferentes campos de estudo, com produções acadêmicas clássicas e contemporâneas. Em relação às referências que auxiliam na identificação dos sentidos movimentados pela PPS e pela PPP, consideramos, além da perspectiva da Gramática Tradicional, pesquisas da Pragmática e da Semântica, como as de Tang e John (1999), Fiorin (1995, 1996), Posio (2011), Manetti (2015), Stewart (2015), Screti (2015), Marques e Ramos (2015), Marques e Duarte (2016), Fauci (2016), Soares (2016), Maurizi (2017), Fowler e Kress (2019), Taylor e Goodall (2019), entre outros autores. Também foram essenciais para essa etapa, estudos da Linguística Funcional, como Neves (2018), da Sociolinguística, como Lucchesi (2009) e Lopes (1998) e da Linguística Enunciativa, como Benveniste (1991). Diante da complexidade do objeto de estudo, também há diálogo teórico com estudiosos do discurso, como Foucault (2008, 2009), Amossy (2016) e Maingueneau (2016, 2020). Para a avaliação da tessitura retórica, são considerados, na perspectiva clássica, reflexões de Platão (2015), Aristóteles (2017), Cícero (2009), Quintiliano (2015), entre outros autores, e pesquisadores contemporâneos, como Mosca (2001), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) e Mateus (2018), entre outros autores que forneceram subsídios teóricos para a realização desta pesquisa.

Também foram considerados estudos dos bancos de dados *Portal de Periódicos CAPES*, *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal* (RCAAP), *Padua Thesis and Dissertation Archive* e *ScienceDirect* (Elsevier), utilizando como palavras-chave primeira pessoa do plural; primeira pessoa do singular; retórica; *ethos*; dossiê; revista *Cult*; e revista *Nova Águia*. Além disso, também foram consultadas revistas científicas e plataformas de pesquisas em língua espanhola, italiana e inglesa.

O desenvolvimento do estado da arte demonstrou que há poucas pesquisas<sup>9</sup> em língua portuguesa que observam, especificamente, as funções retóricas de

---

<sup>9</sup> Janner, Costanza e Sutermeister (2015) afirmam que, de modo geral, pode-se afirmar que em toda a linguística românica, a quarta pessoa de Benveniste (PPP), com algumas exceções, recebeu pouca

elementos linguísticos vinculados à primeira pessoa gramatical (os pronomes e os verbos) em textos escritos, uma vez que a maior parte dos estudos encontrados investiga fenômenos da modalidade oral dialogada a partir da perspectiva sociolinguística. Assim, a pesquisa justifica-se por desenvolver análises inéditas em língua portuguesa, ao descrever as funções retóricas da PPS e da PPP em textos da modalidade escrita da língua portuguesa e por propor a classificação de marcas e mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de *ethos*, em uma escala retórica gradativa, em textos do gênero dossiê, nas revistas *Cult* e *Nova Águia*, preenchendo, portanto, uma lacuna teórica, que pode agregar, principalmente, para estudos de diferentes vertentes da Linguística, da Pragmática e da Retórica.

Na atualidade, segundo Mateus (2018), a argumentação é responsável por muitas das nossas decisões cotidianas, desde as mais simples, como a compra de produtos, até as mais complexas, como a escolha de votar ou não em um determinado candidato. Assim, considerando que esta pesquisa é desenvolvida em Programa de Pós-Graduação em Letras, podemos considerar também a importância de estudos sobre retórica serem aplicados ao ensino. Franchi (1991), por exemplo, afirmou que a retórica é a estratégia mais adequada para desenvolver a criatividade na linguagem dos alunos, desde que considere “uma dimensão política e social mais moderna” (FRANCHI, 1991, p. 27). Além disso, esta pesquisa também contribui para a área de Jornalismo<sup>10</sup>, uma vez que realiza discussões sobre funções retóricas da PPS e da PPP, exploradas no gênero dossiê, que é pouco estudado.

Organizamos a apresentação desta pesquisa em seis seções. Na Seção 2, *Embasamento teórico: caminhando pela Retórica*, são apresentados aspectos norteadores da teoria, com foco nas categorias *ethos*, *pathos* e *logos*. Na Seção 3, *Primeira Pessoa do Discurso: embasamento teórico*, são apresentadas reflexões a partir de trabalhos clássicos e contemporâneos sobre a PPS e a PPP, para refletir sobre as funções argumentativas do uso da PPD. Na Seção 4, *Procedimentos Metodológicos*, descrevemos a metodologia adotada nesta pesquisa. Na Seção 5, A

---

atenção. O estado da arte é apresentado na subseção 4.4 Sobre a composição do Estado da Arte (p. 148).

<sup>10</sup> Aqui, manifesto meu *locus* de pesquisador e profissional transdisciplinar da Linguística, do Jornalismo e da Educação. Minhas formações e atuações nas áreas de Jornalismo, Letras e Pedagogia me motivaram a estabelecer relações entre perspectivas teóricas que, muitas vezes, não dialogam na academia, mas que podem ser combinadas para a avaliação de fenômenos que possuem intersecções em áreas diferentes.



*primeira pessoa do discurso como estratégia de construção de ethos nas revistas Cult e Nova Águia*, apresentamos as análises de recortes representativos dos fenômenos observados no *corpus*. Na Seção 6, *Resultados e discussões*, apresentamos a análise descritiva de aspectos que se manifestam quantitativamente em nosso *corpus*.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO: CAMINHANDO PELA RETÓRICA

*Sócrates: E eu, temendo que viessem insultos, de novo acalmava Ctesipo, e disse: Ctesipo, as coisas que estava dizendo agora mesmo para Clíneas, essas mesmas também digo para ti, <isto é>, que não sabes que o saber dos estrangeiros é espantoso. Só que não estavam dispostos a nos fazer uma demonstração usando de seriedade; estavam, isso sim, imitando **Proteu**, o sofista egípcio, embasbacando-nos com seus truques de mágico. Nós então, de nossa parte, imitemos Menelau, e não larguemos os dois homens até que se mostrem claramente a nós, naquilo em que eles mesmos são sérios. Pois creio que ambos aparecerão como algo extraordinariamente belo, quando começarem a ser sérios. Vamos, pois, implorar-lhes, encorajá-los e suplicar-lhes que se mostrem claramente. Eu, de fato, estou decidido, eu mesmo, a, de novo, mostrar o caminho de como lhes suplico que se mostrem a mim (PLATÃO, 2011, p. 81)<sup>11</sup>.*

Segundo Meyer (2007, p. 21), são três as principais definições de retórica: (1) a de Platão, “a retórica é a manipulação do auditório”; (2) a de Quintiliano, “a retórica é a arte de bem falar”; e (3) a de Aristóteles, “a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir”<sup>12</sup>. Conforme o pesquisador, a definição de Platão influenciou, principalmente, as concepções centradas na emoção e no papel da audiência (estudos com foco no *pathos*). A

<sup>11</sup> Na epígrafe desta seção, vemos um trecho da obra *Eutidemo*, escrita por volta de 384 a.C., em que são apresentados diálogos sobre as falácias lógicas dos sofistas e a manipulação do discurso. Trata-se de um diálogo aporético, ou seja, não se chega a um consenso. Conforme Rodrigues (2019), em *Eutidemo*, é possível reconhecer a dimensão mágica do discurso retórico. Em duas passagens nas quais Ctesipo já está prestes a perder sua paciência com os irmãos, Sócrates acalma os ânimos comparando os irmãos com duas figuras míticas: Medeia de Cólquida e Proteu, o velho do mar. “Como os irmãos comportam-se como hábeis manipuladores do discurso, estas comparações vêm para prolongar uma tradição que associa os efeitos do discurso com os encantamentos mágicos. Ambas as figuras míticas são conhecidas por suas habilidades mágicas: Medeia que, por sua exímia feitiçaria e manipulação de drogas, tornou-se o verdadeiro protótipo das magas; e Proteu, por outro lado, por seu poder de metamorfosear-se”. Sobre a obra *Eutidemo*, Rodrigues (2019, p. 76) observa que Sócrates, ao chamar Proteu de sofista, pode estar rementendo às duas principais características do deus presentes desse episódio: (a) por um lado, o seu profundo saber – Menelau precisa dele para descobrir o que fazer para regressar a Esparta e acaba utilizando-o também para saber o destino dos seus companheiros que igualmente estavam a fazer este retorno –; e, (b) por outro lado, pela capacidade plástica de Proteu manifestar-se ora de uma maneira, ora de outra maneira, como os irmãos que são feitos personagens no diálogo.

<sup>12</sup> As principais obras que norteiam essas diferentes visões sobre a retórica são: 1) *Górgias* (PLATÃO, 2015); 2) *Institutio Oratoria* (QUINTILIANO, 2015); e 3) *Retórica* (ARISTÓTELES, 2017).

concepção de Quintiliano motivou reflexões sobre o orador, sua eloquência e a intenção ao que quer dizer (estudos com foco no *ethos*). Já a teoria de Aristóteles motivou observações sobre as relações entre explícito e implícito, literal e figurado (estudos com foco no *logos*).

Para o autor, é a mescla dessas três concepções que influencia os estudos retóricos na contemporaneidade, o que faz com que a disciplina pareça um pouco confusa e sem um objeto próprio. Seguindo essas três tendências, Meyer (2007, p. 25) conceitua a retórica como “a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 04), pesquisadores fundadores da Nova Retórica<sup>13</sup>, afirmam que “o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*”. Assim, a argumentação é tecida com o intuito de fazer com que um auditório específico aumente a adesão às teses defendidas por meio de técnicas discursivas. Os pesquisadores também destacam que “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2017, p. 01), uma vez que a própria natureza da argumentação, conforme os autores, se opõe à necessidade de evidências, pois

É a *ideia de evidência*, como característica da razão, que cumpre criticar, se quisermos deixar espaço para uma teoria da argumentação que admita o uso da razão para dirigir nossa ação e para influenciar a dos outros. A evidência é concebida, ao mesmo tempo, como a força à qual toda mente normal tem de ceder e como sinal de verdade daquilo que se impõe por ser evidente (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2017, p. 04).

Assim, o orador defende uma tese verossímil e, para alcançar a adesão de um auditório específico, apresenta argumentos e mobiliza o discurso de forma singular. Mosca (2001), que realizou estudos considerando as pesquisas de Perelman e Olbrechts-Tyteca, afirma que todos os discursos são construções retóricas, pois objetivam obter adesão do auditório por meio do direcionamento de um ponto de vista. Sobre o termo *adesão*, recorrente nas pesquisas inseridas na

---

<sup>13</sup> Conforme Mosca (2001), a *Nova Retórica* é um campo teórico que surge entre estudos desenvolvidos pelo Grupo  $\mu$  de Liège (Bélgica). No grupo, surgiram pesquisadores como Perelman e Olbrechts-Tyteca que, segundo Mosca (2001, p. 18), “vêm retomar a velha Retórica e, ao mesmo tempo, renová-la, valendo-se dos avanços trazidos por diversas disciplinas que se configuraram em nosso século: a Lingüística, a Semiologia/Semiótica, a Teoria da Informação, a Pragmática”.

Nova Retórica, pode-se conceituá-lo como “um conjunto dos efeitos de crença em uma opinião e, em sentido mais estrito, consiste em atribuir uma crença à posição na qual alguém se encontra” (VIALA, 2016, p. 167).

Conforme Amossy (2016a), a Retórica pode ser definida como a arte de persuadir. Para a autora, a Nova Retórica concebe “a argumentação como o conjunto de meios verbais pelos quais o orador tenta provocar ou reforçar a adesão de um auditório às teses que ele submete a seu assentimento” (AMOSSY, 2016b, p. 123). Já para Mateus (2018, p. 15), a Retórica “é a disciplina que estuda o modo como nos comunicamos persuasivamente com os outros”.

De acordo com Mateus (2018), a retórica foi usada por pessoas de todas as culturas, ideologias e em todos os períodos históricos, com o intuito de persuadir e mobilizar ideias, desde os sofistas, como Górgias, os filósofos gregos, como Aristóteles, os romanos Cícero e Quintiliano, “passando por Santo Agostinho, na Idade Média, Martinho Lutero no séc. XVI, até Kate Sheppard, Franklin Roosevelt, Winston Churchill, Martin Luther King, Margaret Thatcher, Nelson Mandela, no Séc. XX ou Barack Obama, no séc. XXI” (MATEUS, 2018, p. 16).

Apesar de essas personalidades citadas possuírem relevância histórica na esfera pública, entende-se que a retórica não diz respeito apenas à política, uma vez que “a necessidade de convencer os outros a aderir às nossas ideias é omnipresente nas nossas vidas desde o voluntariado na associação de estudantes, passando pela escolha do local de férias até convencermos os nossos filhos a comer” (MATEUS, 2018, p. 16).

Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 06), o objeto da retórica antiga era “a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que lhe apresentava”. Por outro lado, os autores afirmam que não há razões para limitar os estudos da Retórica à argumentação oral. Assim, para os autores, essa corrente de estudo, na atualidade, preocupa-se com a estrutura da argumentação, “na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2017, p. 04), seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita.

Também, segundo Mateus (2018), a retórica se tornou um campo de estudos acadêmico, pois

é dotada de um campo autónomo de observação – os efeitos da linguagem e do discurso – cujos fenómenos observados são classificados (quando classificamos uma prelecção como sendo baseada no *pathos*) e organizados (os tropos retóricos são, neste aspecto, disso exemplificativos). Possui os seus próprios centros de investigação, publicações científicas e associações destinadas a divulgar os avanços no seu estudo. A sua natureza eminentemente prática e trivial faz com que possamos desenvolver uma diversidade de abordagens de acordo com o objecto retórico tido em consideração (ex. a imagem ou o discurso político que fundam respectivamente a Retórica Visual e a Retórica Política) (MATEUS, 2018, p. 38).

Considerando que nesta pesquisa são analisadas diferentes realizações de *ethos* vinculadas ao funcionamento da PPS e da PPP, em dossiês das revistas *Cult* (PB) e *Nova Águia* (PE), refletimos, principalmente, sobre preceitos da retórica que auxiliam na compreensão dos fenómenos retóricos mobilizados por esses mecanismos linguísticos, como as categorias *ethos*, *pathos* e *logos*. Assim, inicialmente, esta Seção procurou conceituar e contextualizar de forma breve a retórica. Na sequência, discutimos, brevemente, a história desse campo de estudos e refletimos, especificamente, sobre o *ethos*, o *pathos* e o *logos*.

A retórica teve diferentes conotações na história. Conforme Abreu (2017, p. 27), a arte de convencer e persuadir surgiu em Atenas, na Grécia antiga, por volta de 427 a.C., quando os atenienses vivenciaram “a primeira experiência de democracia de que se tem notícia na história”. Na época, era importante dominar a argumentação, e os sofistas que mais se destacaram nessa arte foram Protágoras e Górgias.

Conforme Quintiliano<sup>14</sup> (2015), o primeiro estudioso grego da retórica foi Empédocles, sendo os primeiros escritores a relatar sobre conceitos de Empédocles os sicilianos Corax e Tisias, seguidos por Górgias. Entre os romanos, o precursor da retórica foi Marco Catón, mas é a obra Cícero que é ressaltada por Quintiliano como a mais importante da época: “El principal en dar lustre a la elocuencia, ya con sus preceptos, ya com las oraciones retóricas que compuso, fue Marco Tulio Cicerón,

---

<sup>14</sup> Marcus Fabius Quintilianus foi um importante orador e professor de retórica romano, nascido em 35. De acordo com o prefácio da obra consultada para essa pesquisa, *Institutio Oratoria* é o resultado de 20 anos de ensino e muitos anos de prática do autor enquanto advogado.

singular maestro en la orat3ria; despues del cual ninguno deber3a tener la arrogancia de escribir” (QUINTILIANO, 2015, p. 139)<sup>15</sup>.

Apesar de essa 3rea do conhecimento ter surgido na Gr3cia antiga, considerar a ret3rica como uma arte n3o era unanimidade entre os grandes pensadores da 3poca. Um debate entre os sofistas<sup>16</sup> G3rgias, Polo e C3licles e o fil3sofo S3crates foi registrado por Plat3o (2015), em 380 a.C., e demonstra essa diverg3ncia de opini3es. Para G3rgias, a ret3rica 3 uma arte que “nada tem que ver com a atividade das m3os, sendo alcan3ados por meio de discursos todos os seus atos e realiza33es” (PLAT3O, 2015, p. 9). G3rgias e S3crates concordavam que a ret3rica ocorre a partir de dois m3todos de persuas3o, “uma que 3 a fonte da cren3a, sem conhecimento, e a outra s3 do conhecimento” (PLAT3O, 2015, p. 15). Mas, enquanto G3rgias a denominava “arte”, S3crates a classificava como “adula33o”:

S3crates - O que me parece, G3rgias, 3 que se trata de uma pr3tica que nada tem de arte, e que s3 exige um esp3rito sagaz e corajoso e com a disposi33o natural de saber lidar com os homens. Em conjunto, dou-lhe o nome de adula33o. A meu ver, essa pr3tica compreende v3rias modalidades, uma das quais 3 a culin3ria, que passa, realmente, por ser arte, mas que eu n3o considero tal, pois nada mais 3 do que empirismo e rotina. Como partes da mesma, inclu3o tamb3m a ret3rica, o gosto da indument3ria e a sofistica: quatro partes com quatro campos diferentes de atividade. No caso de Polo querer, agora, interrogar-me, pode faz3-lo, pois ainda n3o ficou sabendo que parte da adula33o em julgo ser a ret3rica; sem ter percebido que eu n3o lhe havia ainda respondido, passou a perguntar se n3o a considerava bela. Por3m n3o lhe direi se acho bela ou feia a ret3rica antes de lhe haver respondido o que ela seja. N3o ficaria bem, Polo. Caso queiras, pergunta -me agora que parte da adula33o eu digo que 3 a ret3rica

Polo - Ent3o, pergunto. Responde-me que parte ela 3.

S3crates - Ser3 que vais apanhar bem minha resposta? Segundo o meu modo de pensar, a ret3rica 3 o simulacro de uma parte da pol3tica.

Polo - Como assim? E afirmas que 3 bela ou que 3 feia?

---

<sup>15</sup> “El principal en dar lustre a la elocuencia, ya con sus preceptos, ya con las oraciones ret3ricas que compuso, fue Marco Tulio Cicer3n, singular maestro en la orat3ria; despues del cual ninguno deber3a tener la arrogancia de escribir” (QUINTILIANO, 2015, p. 139, tradu33o nossa).

<sup>16</sup> Conforme Abbagnano (1998, p. 934), os sofistas eram “mestres de ret3rica e cultura geral que exerceram forte influ3ncia sobre o clima intelectual grego entre os s3cs. V e IV a.C. A Sofística n3o 3 uma escola filos3fica, mas uma orienta33o gen3rica que os sofistas acataram devido 3s exig3ncias de sua profiss3o. Seus fundamentos podem ser assim resumidos: 1º O interesse filos3fico concentra-se no homem e em seus problemas, o que os sofistas tiveram em comum com S3crates. 2º O conhecimento reduz-se 3 opini3o e o bem, 3 utilidade. Conseqüentemente, reconhece-se da relatividade da verdade e dos valores morais, que mudariam segundo o lugar e o tempo. 3º Erística: habilidade em refutar e sustentar ao mesmo tempo teses contradit3rias. 4º Oposi33o entre natureza e lei; na natureza, prevalece o direito do mais forte”.

Sócrates - Feia, é o que digo. Ao ruim dou o nome de feio, para responder-te como se já soubesses o que quero dizer (PLATÃO, 2015, p. 23-24).

A partir de Platão (2015), compreende-se que Sócrates considerava a retórica algo ruim devido à natureza de persuadir a partir das crenças de um auditório<sup>17</sup>. Assim, Sócrates acreditava que a retórica só seria positiva caso fosse empregada para deixar “boa quanto possível a alma dos cidadãos, esforçando-se para dizer o que é melhor, quer agrade quer não agrade ao auditório”, tal qual a filosofia que ele praticava (PLATÃO, 2015, p. 73).

De acordo com Abreu (2017, p. 28), o conflito entre a filosofia e a retórica da época era inevitável, uma vez que, enquanto os filósofos lidavam com dicotomias, como “verdadeiro/falso, bom/mau etc.”, os retóricos trabalhavam com os pontos de vista e paradigmas aplicados sobre o objeto de estudo. Além disso, o pesquisador aponta que parte da crítica de Platão a Górgias era, na verdade, de cunho pessoal, pois “Górgias, além de seu sucesso político, era rico e amado pelos atenienses” (ABREU, 2017, p. 32).

Assim, para o pesquisador, coube a Aristóteles, discípulo de Platão e mentor de Alexandre, o Grande, a tarefa de reconciliar retórica e filosofia, por meio do desenvolvimento da retórica clássica. Aristóteles foi o primeiro a constatar a existência de três meios de persuasão: “O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2017, p. 45). Conforme será demonstrado nas próximas seções, essa perspectiva foi a principal norteadora para a concepção das categorias *ethos*, *pathos* e *logos*.

Também Aristóteles distinguiu o que classificou como verdades imutáveis da natureza (*theoria*) das verdades contingentes (*phronesis*), que fundamenta

---

<sup>17</sup> Para Sócrates, também a divindade Proteu, que nesta pesquisa é associada alegoricamente à PPD, é percebida com características negativas, como nas obras *Eutidemo* (PLATÃO, 2011), *Eutífron* (PLATÃO, 2017) e *Íon* (PLATÃO, 2012). Nessas obras, por meio de diálogos protagonizados por Sócrates, encontramos figuras de linguagem com conotações negativas, como a mentira e a falta de clareza. No entanto, a própria Retórica recebeu inúmeras críticas do filósofo, sendo classificada como “adulação” em *Górgias* (PLATÃO, 2015, p. 15). Ao adotarmos a analogia entre a PPD e Proteu, ressaltamos que não é a conotação atribuída a Sócrates que pretendemos, assim como não consideramos a Retórica “adulação”, mas sim uma área que estuda estratégias eficazes para conquistar a adesão da audiência às teses defendidas. Consideramos a compreensão de estratégias retóricas em nível linguístico essencial tanto a produtores quanto à audiência, especialmente no contexto histórico de produção desta pesquisa, em que se observa cada vez mais acesso à informação, através da *internet*.

definições sobre dicotomias justiça/injustiça, belo/feio, útil/inútil. Essas verdades contingentes são, portanto, valores e crenças que perpassam a verossimilhança, ou seja, provável/aceitável (ARISTÓTELES, 2017, 2004).

Outra contribuição de Aristóteles (2017) foi considerar que os gêneros retóricos<sup>18</sup> – *deliberativo*, *judiciário* e *epidítico* – são baseados em demonstrações, “uma vez que nos sentimos o mais plenamente persuadidos quando julgamos que uma coisa foi demonstrada” (ARISTÓTELES, 2017, p. 38). Já a evidência retórica, segundo o filósofo, é caracterizada pelo *entimema*, que é um tipo de silogismo:

O entimema é um tipo de silogismo, e o exame indiscriminado dos silogismos de todos os tipos é tarefa da dialética – ou da 10dialética como um todo, ou de um de seus ramos. A nítida conclusão disso é: aquele que está melhor capacitado a perceber como e a partir de que elementos um silogismo é produzido disporá igualmente da melhor habilidade para o manejo do entimema quando conhecer adicionalmente os objetos de que tratam os entimemas e as diferenças que os distinguem dos silogismos lógicos. Com efeito, o verdadeiro e o verossímil são apreendidos pela mesma faculdade. Que se observe também que os seres humanos são, por natureza, suficientemente inclinados para o verdadeiro e geralmente atingem de fato a verdade. Assim, está-se em condição de alcançar as probabilidades pelo meio que vos concede a possibilidade de reconhecer a verdade (ARISTÓTELES, 2017, p. 38).

Conforme Mosca (2001), os ideais da retórica clássica, principalmente os aristotélicos, são retomados a partir da década de 1960 por Perelman e seus continuadores e pela Retórica Geral ou Generalizada, do Grupo  $\mu$  de Liège (Bélgica). Assim, os estudos retóricos contemporâneos investigam o discurso persuasivo, “aquele destinado a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e

---

<sup>18</sup> Os tempos verbais são eixos centrais para a classificação dos gêneros retóricos de Aristóteles. O *deliberativo* é marcado pelo futuro; o *judiciário* pelo passado e o *epidítico* pelo presente. São textos associados ao gênero *deliberativo* (ou *político*) os construídos quando o articulista mobiliza, em sua argumentação, conjecturas sobre o futuro. Por meio de textos desse gênero, o orador procura persuadir ou dissuadir uma determinada audiência. O gênero *judiciário*, na perspectiva aristotélica, tem o objetivo de avaliar a justiça, para a defesa ou o ataque de um fato no passado. Já o gênero *epidítico* é construído a partir de argumentos centrados no presente, ou seja, considerando eventos atuais e é centrado, principalmente, no *pathos*. Em textos do gênero *epidítico*, o produtor procura “ênfatizar, por meio de elogios ou censuras, o que é belo ou feio, justo ou injusto, ético ou antiético, ou qualquer outro ‘valor’, como também pode ser apropriado a cerimônias solenes com a finalidade de elogios ou censuras” (GUEDES, 2014, p. 01). Essa classificação tem um papel importante na retórica aristotélica, no entanto, optou-se pelo não aprofundamento dessas categorias, nesta pesquisa, considerando que não são aplicáveis dadas as especificidades do *corpus*. Conforme demonstrado na seção de análises, por exemplo, evidenciam-se conjecturas sobre o futuro (*deliberativo*) em discussões sobre a importância histórica de personalidades da literatura e da cultura que faleceram há muito tempo (*judiciário*).



razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*)” (MOSCA, 2001, p. 22).

Segundo Adam (2016), que desenvolveu pesquisa a partir dos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a argumentação possui três polos complementares, presentes em qualquer movimento argumentativo. De acordo com Adam (2016, p. 94), a prioridade atribuída a cada um desses polos, *ethos*, *pathos* e *logos*, “tem efeitos tanto sobre sua composição [discurso] quanto sobre seu estilo, nos detalhes de sua verbalização”. Assim, o autor afirma que, para argumentar, o produtor do texto manipula esses três componentes.

De acordo com Amossy (2016b), a construção do *pathos* e do *logos* ocorre por meio da especulação. Ou seja, “o orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público” (AMOSSY, 2016b, p. 124).

Nessa perspectiva, Amossy (2016b) destaca que a estereotipagem influencia nesse processo de especulação e, conseqüentemente, na construção da imagem de si e na construção da imagem da plateia. Para a autora, a estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado” (AMOSSY, 2016b, p. 125). Os estereótipos permitem que o orador designe raciocínios próprios a determinados grupos, uma vez que pode inferir e relacionar a plateia a categorias sociais, étnicas, políticas etc.

Esses estereótipos são muito úteis, principalmente, em discursos da modalidade oral-dialogada, cujos oradores recebem estímulos diretos do auditório, como as expressões faciais, entre outros elementos da comunicação visual. Em textos publicados em veículos de comunicação especializados, por outro lado, como em revistas segmentadas, consideramos que a especulação vai muito além do que o nível do estereótipo.

Os Periódicos especializados, independentemente do suporte (papel ou digital), de acesso restrito a assinantes (conteúdo pago), possuem linha-editorial, muitas vezes, explícita, e constroem a credibilidade, no decorrer de diversas edições, para a fidelização de uma determinada audiência. À medida que determinados conteúdos geram resultados comerciais mais ou menos satisfatórios ao periódico, adaptações são realizadas de maneira a aproximar mais os ideais do veículo às expectativas da audiência possível/provável.

## 2.1 SOBRE A NOÇÃO DE *ETHOS*

De acordo com Maingueneau (2020), estudar o *ethos* é avaliar a representação do produtor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. “Ao tomar a palavra, o que um locutor faz, então, é pôr em risco sua imagem e tentar orientar, mais ou menos conscientemente e em um sentido que lhe seja favorável, a interpretação e a avaliação dos signos que envia ao destinatário” (MAINGUENEAU, 2020, p. 9).

A literatura consultada demonstrou que a noção de *ethos* possui diferentes concepções. Conforme Amossy (2016a, p. 9), em análises retóricas pragmáticas, o termo *ethos* designa o processo de construção de uma imagem de si com o intuito de garantir sucesso retórico. Para Dascal (2016, p. 57), na Semântica Formal, o *ethos* é “o caráter apropriado a cada tipo de discurso que o orador deve se preocupar em projetar”. Já para Maingueneau (2016, p. 70), na Análise de Discurso, o *ethos* “está ligado à enunciação, não a um ser extradiscursivo sobre o enunciador”<sup>19</sup>.

Para Amossy (2016a, p. 9), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si”. Assim, de acordo com essa perspectiva teórica, o estilo, o conhecimento de mundo e as escolhas linguísticas do produtor do texto são suficientes para construir uma representação da pessoa.

Para compreender a relação entre o *ethos* e os outros polos da retórica, pode-se verificar Eggs (2016). Segundo o autor, o *ethos*, em relação ao *pathos* e ao *logos*, é a categoria retórica mais importante, uma vez que, de acordo com o autor, “o *ethos* está sempre presente como *realidade problemática de todo discurso humano*” (EGGS, 2016, p. 30). Apesar de ressaltar a imposição do *ethos* sobre as demais

---

<sup>19</sup> As singularidades das classificações são inerentes aos propósitos dos diferentes campos de estudo. Um breve olhar comparativo à Retórica e à Análise do Discurso evidencia que enquanto a primeira descreve mecanismos que podem ser mobilizados por um orador, adequando-os a propósitos argumentativos específicos, que podem ser não só analisados, mas também reproduzidos, seja em um tribunal, em um texto dissertativo-argumentativo produzido na Educação Básica ou em um editorial de jornal; a segunda, por outro lado, restringe-se à avaliação crítica de enunciados específicos em nível metalinguístico e fenomenológico, considerando o contexto histórico, social, ideológico e cultural, mas sem nenhuma pretensão prescritivista. Para os propósitos desta pesquisa, consideramos as diferentes conceituações sobre o *ethos* como complementares.

categorias, Eggs (2016) afirma que o *ethos* é constituído a partir do *logos* do orador, e esse lugar é mostrado por meio das escolhas feitas por ele.

Além disso, há que se ressaltar que o entendimento do *ethos* enquanto uma imagem de si construída no discurso, de acordo com Amossy (2016a), é uma herança do pensamento grego, especialmente o aristotélico. Nota-se que essa noção é influenciada pela cultura, pois, considerando os romanos, por exemplo, sabe-se que entendiam o *ethos* como preexistente por se apoiar na autoridade individual e institucional do orador (como a reputação da família, *status* social etc.)<sup>20</sup>.

O romano Quintiliano, em *Institutio Oratoria*, baseado em Catão (o velho)<sup>21</sup>, afirma que um bom orador é “un hombre de bien instruido em la elocuencia”<sup>22</sup>, pois “si el arte de decir llega a instruir la malicia, ninguna cosa hay más perjudicial que la elocuencia” (QUINTILIANO, 2015, p. 288)<sup>23</sup>. Assim, para garantir que bons oradores sejam também homens de bem, a obra do retórico apresenta uma sequência de instruções que deveriam ser apresentadas às pessoas desde a infância, que compreendiam conhecimentos morais, filosóficos e científicos. De acordo com o estudioso, para um adulto romano dominar a eloquência, deveria, antes, aprender não só o latim e a gramática do latim, mas também o grego e sua gramática, conhecer textos clássicos, como Homero, entender de história, geometria, entre outros conhecimentos gerais.

A noção de *ethos* romana, segundo Amossy (2016a), foi retomada nos manuais de retórica da idade clássica, e aprofundada por estudiosos como Aron Kibéli-Vargas e Michel Le Guern, que recolocaram a ligação da pessoa do orador à autoridade moral. Nessa época, os manuais de retórica afirmavam que o orador

---

<sup>20</sup> De acordo com Amossy (2016a, p. 17-18), “na arte oratória romana, inspirada mais em Isócrates (436-338 a.C.) que em Aristóteles, o *ethos* pertence à esfera do caráter. Segundo Quintiliano, o argumento exposto pela vida de um homem tem mais peso que suas palavras. E Cícero define o bom orador como o *vir boni dicendi peritus*, um homem que une o caráter moral a capacidade de bem manejar o verbo”.

<sup>21</sup> Marcus Porcius Cato (Marco Catão) foi um político eleito cônsul romano em 195 a.C. Ficou conhecido como “o velho”, “o censor” e “o sábio”, adjetivos que o distingue do bisneto que levou o mesmo nome, Marco Catão, o jovem. A obra *Vidas Paralelas* de Plutarco, por exemplo, menciona essa personalidade histórica como “Catão, o Censor” (PLUTARCO, 1960, p. 761).

<sup>22</sup> “um homem de bem instruído na eloquência” (QUINTILIANO, 2015, p. 288, tradução nossa).

<sup>23</sup> “se a arte de dizer chega a instruir a malícia, nenhuma coisa será mais prejudicial que a eloquência” (QUINTILIANO, 2015, p. 288, tradução nossa).

convence por argumentos se a fala for reflexo do pensamento e do modo de vida do orador<sup>24</sup>.

Há que se ressaltar que ambas as noções de *ethos* não foram refletidas considerando o homem contemporâneo inserido no mundo tecnológico, nem a relação do *ethos*, do *pathos* e do *logos* com a argumentação vinculada aos meios de comunicação, como os textos jornalísticos. Assim, diante dessas noções históricas de *ethos*, aparentemente conflitantes, a aristotélica e a romana, qual teria maior potencial de contribuição para estudos retóricos contemporâneos?

Aristóteles não negou a influência de fatores externos no papel persuasivo do *ethos* e do *pathos*, mas demonstrou que o *ethos* e o *pathos* devem ser estudados pela Retórica quando a credibilidade do orador é efeito do próprio discurso<sup>25</sup>. Além disso, nota-se que a noção de *ethos* dos estudos filiados à corrente aristotélica reconhece a influência dos fatores extralinguísticos na formação do *ethos*. Vejamos Amossy (2016b, p. 120):

Na realidade, o poder das palavras deriva da adequação entre a função social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situação legítima, portanto, diante dos receptores legítimos. É assim com o sermão, com a entrevista coletiva, com o poema; enfim, com todas as formas de discurso que circulam em uma sociedade.

Conforme Amossy (2016b), o *ethos*, na linha de Aristóteles, constrói-se na interação verbal, mas isso não quer dizer que o produtor do texto não possa considerar os mecanismos sociais e as posições institucionais exteriores para construir a imagem de si no discurso. Aristóteles, em *Os tópicos*, demonstrou como o papel social do orador pode influenciar na credibilidade do *ethos* ao afirmar que

---

<sup>24</sup> Bourdaloue afirma que “1. O orador convencerá por argumentos, se, para bem dizer, ele começar por pensar bem. 2. Ele agradecerá pelos seus modos, se, para, pensar bem, ele começar por bem viver”.

<sup>25</sup> Para Aristóteles, a Retórica é a contraparte da Dialética. Segundo o filósofo, todos procuram discutir e sustentar teses, realizar a própria defesa e a acusação dos outros: “Pessoas comuns o fazem ou sem método, ou por força da prática, e com base em hábitos adquiridos. Sendo possíveis as duas maneiras, pode-se evidentemente tratar o assunto sistematicamente, uma vez que é possível indagar a razão por que alguns falantes obtêm êxito pela prática, enquanto outros o obtêm espontaneamente” (ARISTÓTELES, 2017, 39). Em sua coletânea clássica sobre a Retórica, o filósofo relatou que os autores da época dele “elaboraram apenas uma pequena porção dessa arte” e que eles “nada dizem sobre entimemas, os quais constituem a substância da persuasão retórica, ocupando-se sobretudo com elementos não essenciais. O despertar da aversão, da compaixão, da cólera e de similares paixões da alma nada tem a ver com o propósito assunto, não passando de um recurso pessoal dirigido ao juiz que cuida do caso” (ARISTÓTELES, 2017, 39-40).

“os homens estão predispostos a dar seu assentimento aos pontos de vista daqueles que estudaram, por exemplo, numa questão de medicina concordarão com o médico” (ARISTÓTELES, 2000, p. 16).

Nota-se que, apesar de considerar que a argumentação ocorre por meio do discurso, Aristóteles (2017) não negava a influência de aspectos externos na persuasão do auditório, diferentemente de seus predecessores sofistas, que concebiam o *ethos* como desenvolvido apenas no discurso. Vejamos um trecho de diálogo entre o sofista Górgias e o filósofo Sócrates, registrado por Platão (2015, p. 16):

Górgias - Por várias vezes fui com meu irmão ou com outros médicos à casa de doentes que se recusavam a ingerir remédios ou a deixar-se amputar ou cauterizar; e, não conseguindo o médico persuadi-lo, eu o fazia com a ajuda exclusivamente da arte da retórica. Digo mais: se na cidade que quiseres, um médico e um orador se apresentarem a uma assembleia do povo ou a qualquer outra reunião para argumentar sobre qual dos dois deverá ser escolhido como médico, não contaria o médico com nenhuma probabilidade para ser eleito, vindo a silo, se assim o desejasse, o que soubesse falar bem. E se a competição se desse com representantes de qualquer outra profissão, conseguiria fazer eleger-se o orador de preferência a qualquer outro, pois não há assunto sobre que ele não possa discorrer com maior força de persuasão diante do público do que qualquer profissional. Tal é a natureza e a força da arte da retórica!

A reflexão sobre as afirmações de Górgias nos leva a compreender a impossibilidade de, na contemporaneidade, auditórios escolarizados serem persuadidos exclusivamente pelo discurso. Considerando-se o *corpus* desta pesquisa, os leitores das revistas *Cult* e *Nova Águia*, conforme é explanado na seção de metodologia, esperam textos aprofundados e produzidos por especialistas selecionados pelos veículos de comunicação que já confiam e, provavelmente, compartilham do posicionamento editorial.

A literatura consultada para a elaboração desta pesquisa evidencia a importância do *locus* em que os discursos são produzidos e veiculados na forma como os articulistas estruturam seus discursos, incluindo as escolhas pronominais. Proctor e Su (2011), ao analisarem uma série de entrevistas concedidas pelos políticos americanos Hillary Clinton, Sarah Palin, Joe Biden e Barack Obama, em 2008, em diferentes veículos de comunicação, constataram que o contexto externo,

mais do que o tópico, influencia a distribuição dos pronomes. Os fatores mais influentes foram o local e o propósito do discurso. Por exemplo,

consider meeting in a courtroom or a cafeteria. The given topic may be identical in both settings, but the conversations might proceed differently. We discovered that the same politicians, when speaking in interviews and debate, addressed like questions dissimilarly and chose personal pronouns differently (PROCTOR; SU, 2011, p. 3265)<sup>26</sup>.

Também a pesquisa de Costa (2011), que analisou discursos eleitorais de Luiz Inácio Lula da Silva e Roberto Requião de Mello e Silva, evidencia que o local em que o discurso é proferido interfere na mobilização da PPD associada a diferentes propósitos argumentativos. A pesquisadora constatou que os pronomes pessoais podem imprimir diferentes máscaras sociais a depender do interesse do político, como, por meio do *eu*, a constituição do “*locus* de presidente para representar os interesses da classe trabalhadora” ou, por meio do *a gente*, a construção do papel de liderança e de “interlocução com um público, a classe trabalhadora” (COSTA, 2011, p. 138).

A retórica, na perspectiva aristotélica, também é centrada no *logos*, mas considera a importância da adaptação do discurso às particularidades da audiência, bem como a influência do contexto sobre a argumentação. Nessa perspectiva, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 08), que desenvolveram a Nova Retórica a partir de preceitos de Aristóteles, “se quiser agir, o orador é obrigado a adaptar-se a seu auditório, sendo facilmente compreensível que o discurso mais eficaz sobre um auditório incompetente não é necessariamente o que comporta a convicção do filósofo”.

Assim, considerando que esta pesquisa verifica a realização do *ethos* por meio do uso dos pronomes e da flexão verbal em PPS e PPP, optamos pela visão aristotélica, que não exclui a importância dos fatores externos. Ao contrário: demonstra como as paixões da plateia podem ser utilizadas para aderir credibilidade ao orador por meio do discurso. Consideramos o posicionamento de Dascal (2016, p. 63-64), que amplia a visão aristotélica de *ethos* ao considerar, além da influência

---

<sup>26</sup> “considere uma reunião em um tribunal ou em um refeitório. O tópico fornecido pode ser idêntico em ambas as configurações, mas as conversas podem prosseguir de forma diferente. Descobrimos que os mesmos políticos, ao falar em entrevistas e debates, abordavam questões semelhantes de maneira diferente e escolhiam pronomes pessoais de maneira diferente” (PROCTOR; SU, 2011, p. 3265, tradução nossa).

dos aspectos moral e político, alguns aspectos cognitivos que influenciam na comunicação persuasiva:

São relevantes aqui os casos em que não se invocam explicitamente as propriedades de caráter, mas em que é mais o comportamento (discursivo ou não discursivo) do locutor que aumenta ou diminui o grau de confiança, de especialidade, de honestidade etc. que lhe é atribuído. Pode-se dar conta desse fenômeno, *grosso modo*, de duas maneiras. A primeira que chamarei “*proposicionalização*”, consiste em extrair proposições da informação sobre o caráter transmitido pelo comportamento. Essas proposições podem, então, funcionar como as premissas ordinárias de um argumento ou de uma prova. O auditório faria, nesse caso, inferências a partir de observações sobre o comportamento do locutor L, ou sobre o comportamento dos que estão em interação com ele (“L não se contradiz”, “L conhece bem o assunto de que trata”, “As outras pessoas manifestam grande respeito por L”, “L escuta atentamente o que lhe dizem” etc.); essas inferências produzem crenças proposicionais (“[Eu tenho confiança na] veracidade de L”, “[Creio que] L é um especialista”, “[Creio que] L é uma autoridade”, “[Estou seguro de que] L é sensível às opiniões e aos sentimentos dos outros” etc.). [...] A segunda maneira, menos explorada, tentaria preservar o caráter não proposicional ou quase proposicional da informação sobre o caráter transmitida pelo comportamento. Essa informação seria “captada” pelo auditório, e guiaria sua avaliação do argumento do locutor, sem tornar-se por isso uma premissa acrescida ao argumento.

Para a reflexão sobre o posicionamento de Dascal (2016) sobre a “primeira maneira” de conseguir o convencimento da audiência por meio de propriedades do caráter, pode-se verificar o *corpus* desta pesquisa. A maior parte dos textos que compõem os 6 dossiês selecionados para análise foi escrita por especialistas nas áreas dos respectivos conteúdos temáticos (alguns autores possuem formação acadêmica em nível de Pós-Graduação nas áreas de atuação). Contudo, aqui analisa-se o *ethos* não a partir do histórico pessoal desses produtores, mas sim a partir dos argumentos, das escolhas lexicais e de outros aspectos linguísticos que se apresentam nesses textos e que moldam a imagem de credibilidade deles. Ou seja, consideram-se as inferências que produzem crenças proposicionais, o que Dascal (2016) descreve como *proposicionalização*. Em relação à “segunda maneira”, o pesquisador afirma que é permeada pela semântica e a pragmática, e está ligada ao contexto. Para exemplificá-la, o pesquisador cita o “humor” e a “ironia”<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Conforme Dascal (2016, p. 64), se o estado de espírito captado é o “humorístico”, o esquema interpretativo selecionado deverá encarar os enunciados como “brincadeira”, e não como enunciados sérios.

Uma das principais contribuições da Nova Retórica em relação aos estudos clássicos, no que tange ao *ethos*, é o estudo também de textos escritos, uma vez que a Retórica, à época de Aristóteles, preocupava-se apenas com os discursos orais. Conforme Maingueneau (2016, p. 74), o *ethos* escritural é muito diferente do tradicional *ethos* oral, pois “trata-se de dois regimes muito diferentes, uma vez que o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado, enquanto o primeiro exige do leitor um trabalho de elaboração imaginária a partir de indícios textuais diversificados”.

Para Amossy (2016a), o *ethos*, que é peça central da retórica, “está fortemente ligado à enunciação. [...] Efetivamente, o ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la. Também é importante examinar a inscrição do locutor e a construção da subjetividade na língua”. A autora reflete sobre a perspectiva de Ducrot, na teoria polifônica da enunciação (pragmática semântica), em que é o próprio enunciado que fornece instruções sobre o eventual autor. Ou seja, não se deve confundir as instâncias internas do discurso com o ser empírico que se situa fora da linguagem.

Se o *ethos* está ligado à enunciação, não se pode ignorar que o público pode construir representações do *ethos* antes mesmo de entrar em contato com o seu discurso. Assim, se, por um lado, na literatura consultada, observou-se variação de conceitos utilizados para descreverem o fenômeno da imagem preexistente do produtor do texto, como os termos *ethos pré-discursivo* (MAINGUENEAU, 2016) e *ethos prévio* (AMOSSY, 2016; HADDAD, 2016); por outro lado, não se pode deixar lado a importância da influência dos elementos preexistentes na composição do *ethos*, principalmente ao se considerar o *corpus* desta pesquisa, que é composto por textos publicados em veículos de comunicação com circulação periódica, e com públicos definidos (que já possuem expectativas em relação às próximas edições das revistas). Sobre o *ethos prévio*, Haddad (2016, p. 163) afirma que

[...] a imagem preestabelecida afeta, e até condiciona, a construção do *ethos* no discurso. Longe de constituir um elemento exterior ao discurso, cuja análise não deve ser levada em conta, o *ethos prévio* está, ao contrário, estreitamente ligado ao *ethos* discursivo. A análise argumentativa tem como dever, portanto, estudar a dinâmica pela qual a imagem produzida no discurso leva em conta, corrige e refaz a representação prévia que o público faz do orador.



Também se considera o que consta em Dittrich (2003, 2010 e 2012), uma vez que o estudioso da Retórica observa o *ethos* em textos jornalísticos. O pesquisador, a partir dos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, aponta que o *ethos* pode manifestar-se em três dimensões a partir de três instâncias enunciativas no discurso: “extradiscursiva, inferida e tematizada. Correspondem, respectivamente, ao *ethos* prévio, ao *ethos* discursivo (construído no discurso) e ao *ethos* que o orador diz de si mesmo, como objeto da própria enunciação” (DITTRICH, 2012, p. 283).

Observando como as instâncias apontadas por Dittrich (2012) se relacionam em textos jornalísticos veiculados na mídia impressa, é possível afirmar que o *ethos* prévio é constituído nas paixões do auditório a partir das convenções sociais e do conhecimento prévio que o público leitor possui a respeito do jornalista, do veículo de comunicação e de sua linha-editorial. Já o *ethos* discursivo e o *ethos* que o orador diz de si mesmo manifestam-se no *logos* por meio do discurso.

Segundo Amossy (2016b, p. 136), “a eficácia da palavra não é nem puramente exterior (institucional) nem puramente interna (linguageira). Ela acontece simultaneamente em diferentes níveis”. A pesquisadora afirma que não é possível separar o *ethos* discursivo, ou seja, a imagem construída do produtor do texto no discurso, de sua posição institucional, uma vez que “o *ethos* pré-discursivo faz parte da bagagem dóxica dos interlocutores e é necessariamente mobilizado pelo enunciado em situação” (AMOSSY, 2016b, p. 137).

Conforme Amossy (2016b, p. 126), o produtor adapta sua apresentação a partir de esquemas coletivos que ele acredita serem valorizados por seu público-alvo “o faz não somente pelo que diz de sua própria pessoa, mas também pelas modalidades de sua enunciação. É então que ele incumbe o receptor de formar uma impressão de orador relacionando-o a uma categoria conhecida”. Assim, tem-se o *ethos dito* e o *ethos mostrado*. Para Maingueneau (2016, p. 82),

O *ethos* efetivo, aquele que, pelo discurso, os coenunciadores, em sua diversidade, construirão, resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia segundo os discursos. A distinção entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira clara entre o “dito” sugerido e o “mostrado” não explícito. As metáforas, por exemplo, podem ser consideradas como tendo a ver ao mesmo tempo com o dito e com o mostrado, segundo a maneira pela qual são geridas no texto.

Para Amossy (2016b), o discurso oferece à plateia todos os elementos necessários para compor um retrato do locutor, que oferece pistas para a composição desta imagem de forma indireta ou implícita, por meio, por exemplo, da modalidade do discurso, das escolhas lexicais, do uso de sinais gráficos de pontuação etc.

Em relação ao papel da PPD na construção do *ethos*, cita-se a pesquisa de Haddad (2016). O pesquisador teceu reflexões sobre a influência do *ethos* prévio na construção do *ethos* discursivo, e exemplificou, por meio de recortes de um artigo de Romain Rolland<sup>28</sup>, como o uso de pronomes na primeira pessoa, aliada a outras escolhas lexicais, além da flutuação com outras pessoas do discurso, pode ser utilizada como uma estratégia argumentativa. Vejamos um recorte e a análise do pesquisador (HADDAD, 2016, p. 150):

*Recorte:* E vós, sobretudo, *meus* jovens companheiros franceses, que há anos *me* confiastes vossos sonhos e *me* enviastes, partindo para o martírio, *vossas* sublimes despedidas, vós em quem renasce a linhagem dos heróis da Revolução – como vós *me* sois caros, vós que ides morrer.

*Análise:* A intervenção do “*eu*” nesse fragmento acentua seu sentimento afetivo; o orador exprime sua piedade e sua dor diante do destino dos jovens franceses que lhe são “caros”. Ele se mostra como um ser de sentimento capaz de exprimir empatia diante de seu auditório.

Além do uso da primeira pessoa do singular, o produtor do texto também interpela por meio de pronomes na segunda pessoa do plural, o que pode produzir na plateia uma certa identificação com o orador. No entanto, o uso da primeira pessoa pode ancorar diferentes instâncias de *ethos*, a depender dos anseios do produtor do texto.

No Recorte acima, ao retomar os estudos de Aristóteles para analisar Rolland, Haddad (2016) demonstrou como a primeira pessoa pode ser um dos elementos na construção de um *ethos* epidíctico<sup>29</sup>. Em outro trecho do discurso de Rolland, Haddad (2016, p. 159) identifica características de um *ethos* deliberativo<sup>30</sup>:

<sup>28</sup> Intelectual, músico, professor universitário e escritor francês (1866-1944). Recebeu o Nobel de Literatura em 1915.

<sup>29</sup> O *ethos* epidíctico é construído a partir de argumentos centrados, essencialmente, no presente. Ou seja, a construção da imagem de si a partir de elogios ou de censura a eventos atuais.

<sup>30</sup> O *ethos* deliberativo é construído quando o articulista encena de si uma imagem a partir de conjecturas sobre o futuro.

*Recorte:* Um grande povo não se vinga, ele restabelece o direito. Que aqueles que têm em mãos a justiça se mostrem dignos dela até o final! É *nossa* tarefa *conosco* lembrá-los. Porque *nós* não assistiremos, inertes, à borrasca, esperando que sua violência cesse por si própria. Não, isso será indigno. Trabalho não *nos* falta. *Nosso* primeiro dever é, no mundo inteiro, produzir a formação de uma Alta Corte moral, de um tribunal das consciências, que vele e se pronuncie sobre todas as violações do direito das pessoas [...] sem distinção de campo.

Conforme Haddad (2016), observa-se, no recorte, que Rolland, por meio da PPP, conclama seus pares (os intelectuais) a retomar a tarefa moral. O orador coloca-se como um conselheiro e acentua seu *ethos* intelectual (*ethos* prévio e individual que o orador já possuía antes, por sua posição consolidada na sociedade francesa), formando uma “entidade solidária” por meio da interação entre um “eu” e um “vós” (HADDAD, 2016, p. 159).

Além disso, o autor ressalta a importância do uso dos pronomes na construção do *ethos*, que flutua no discurso de Rolland, de acordo com a manipulação e com os anseios do intelectual. Para o pesquisador, o produtor estabelece um jogo entre os pronomes pessoais, “que contribui para produzir as relações de antagonismo ou de simpatia, de isolamento ou de participação, que fazem do orador um francês solidário a seu povo, um dissidente solidário ou um membro propriamente dito da elite pensante” (HADDAD, 2016, p. 162).

Fauci (2016, p. 399), ao discutir sobre as funções argumentativas da PPP, especificamente, sobre os usos do *ultra-eu*, apresenta a seguinte reflexão: “Quem autoriza quem diz *nós* a dizer *nós*?”<sup>31</sup>. Na perspectiva do pesquisador, quando o produtor utiliza o *nós*, ele exerce poder à medida que fala em nome de um grupo determinado:

impugnare discorsivamente ultra-io e cominciare a proferire noi equivalgono a una presa di potere da parte di io che lo proferisce. In noi c'è quindi la politica nella prospettiva di Machiavelli e del suo Principe e, come naturale conseguenza, la politica atteggiata polemicamente di Clausewitz e del suo Vom Krieg. In funzione dei rapporti umani che il noi proferito istituisce, si costruiscono enti sociali, a partire dai rapporti di coppia o famigliari, fino a quelli di cosca, clan, società bocciofila o scientifica, scuola accademica, confraternita, corporazione, azienda, partito, nazione, chiesa e così via. E in tali enti, chi impugna ultra-io, chi si autorizza a dire o viene

<sup>31</sup> “chi autorizza chi dice noi a dire noi?” (FAUCI, 2016, p. 399).

lasciato dire noi si situa in una posizione di prominenzza (FAUCI, 2016, p. 399)<sup>32</sup>.

Nesta pesquisa, conforme é demonstrado na seção de análises, a utilização do *nós* para a tomada de poder por parte do *eu* é uma estratégia retórica comum no *corpus*. Notamos que a função é utilizada, principalmente, para indicar cooperação acadêmica e/ou política. Devido às características do gênero estudado, as análises centram-se, principalmente, nas realizações de *ethé* discursivos, que possuem maior prevalência no *corpus*. Contudo, em textos em que os recursos retóricos *ethos* *prévio* e *ethos dito de si mesmo* são mobilizados como estratégias dos articulistas, as relações entre esses tipos de *ethé* e os elementos da PPS e da PPP também são investigadas.

## 2.2 SOBRE A NOÇÃO DE *PATHOS*

Para compreender o conceito de *pathos*, podemos recorrer ao conceito de Dittrich (2012, p. 281): este é um modo de persuadir por meio do “apelo às paixões da plateia”; e ao conceito de Dascal (2016, p. 57): o *pathos* como o “conjunto de emoções que o orador tenta suscitar em seu auditório”. Diante dos conceitos desses pesquisadores, refletimos que uma argumentação centrada no *pathos* exige que o produtor do texto conheça valores, emoções e convenções sociais de seu auditório, para que consiga persuadi-lo por meio de um conjunto de emoções.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 08), “mudando o auditório, a argumentação muda de aspecto e, se a meta a que ela visa é sempre a de agir eficazmente sobre os espíritos, para julgar-lhe o valor temos de levar em conta a qualidade dos espíritos que ela consegue convencer”. Assim, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 07),

---

<sup>32</sup> “utilizar discursivamente o ultra-eu e começar proferir o *nós* é equivalente a uma tomada de poder por parte do eu que o profere. Em *nós* há, portanto, política na perspectiva de Maquiavel e do seu Príncipe e, como consequência natural, a polêmica política de Clausewitz e do seu Vom Krieg. Devido às relações humanas que o *nós* estabelece, constroem-se entidades sociais, a partir das relações matrimoniais ou familiares, até as de clãs, clube de jogos ou sociedade científica, escola acadêmica, irmandade, corporação, empresa, partido, nação, igreja e assim por diante. E em tais entidades, quem exerce o ultra-eu, quem se autoriza a dizer ou tem permissão para dizer *nós*, é colocado em uma posição de proeminência” (FAUCI, 2016, p. 399, tradução nossa).

Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito. Enquanto o discurso é concebido em função direta do auditório, a ausência material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo, conquanto, na verdade, seu texto seja sempre condicionado, consciente ou inconscientemente, por aqueles a quem pretende dirigir-se.

Conforme Amossy (2016b, p. 123), “a importância atribuída ao auditório acarreta naturalmente a insistência no conjunto de valores, de evidências, de crenças, fora dos quais todo diálogo se revelaria impossível; em outras palavras, conduz a uma doxa comum”. Assim, cada auditório possui expectativas e um conjunto de valores específicos.

A argumentação centrada no *pathos*, segundo Mateus (2018), utiliza apelos emotivos e afetivos, que colocam o auditório no estado sugestivo para ser persuadido. Para o autor, “o *pathos* é composto pelo conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador pode suscitar no auditório por intermédio do seu discurso” (MATEUS, 2018, p. 110). Portanto, o *pathos* é ajustado conforme a singularidade do auditório, a intencionalidade do orador e as especificidades do discurso (gênero, circunstâncias contextuais etc.).

A audiência, por meio do *pathos*, pode ser persuadida a aderir às teses defendidas em um discurso, no caso da argumentação centrada no *logos*, ou a aderir credibilidade, compaixão, entre outras emoções ao *ethos*, no caso de argumentação centrada na imagem do orador. De acordo com Eggs (2016, p. 32), Aristóteles enumerou três tipos de virtudes<sup>33</sup> que fazem o orador inspirar a confiança do auditório (que podem ser de origem ética ou intelectual), a saber: (a) *phrónesis*, (b) *areté* e (c) *eúnoia*, ou seja: “(a) se seus argumentos e conselhos são sábios e razoáveis, (b) se argumentam honesta e sinceramente, e (c) se são solidários e amáveis com seus ouvintes”.

---

<sup>33</sup> O conceito de virtude, para Aristóteles, pode ser entendido por meio da **justa medida**, que considera os extremos como negativos. Por exemplo, ao se considerar as virtudes (1) coragem e (2) generosidade, nota-se que essas virtudes possuem comportamentos de origem equivalentes em ambos os extremos (falta e excesso): falta – (1) covardia e (2) avareza; excesso – (1) temeridade e (2) prodigalidade.

Conforme Aristóteles, para argumentar, antes de selecionar os argumentos que defenderão a tese, o orador deve conhecer as opiniões geralmente aceitas<sup>34</sup> de uma determinada plateia. De acordo com o filósofo,

A posse de um plano de investigação nos capacitará para argumentar mais facilmente sobre o tema proposto. Para as conversações e disputas casuais, é útil porque, depois de havermos considerado as opiniões defendidas pela maioria das pessoas, nós as enfrentaremos não nos apoiando em convicções alheias, mas nas delas próprias, e abalando as bases de qualquer argumento que nos pareça mal formulado (ARISTÓTELES, 2000, p. 5).

Cabe ressaltar que o filósofo considerava a relatividade das opiniões geralmente aceitas em diferentes povos. Para exemplificar essa relatividade, Aristóteles citou os Tribalos<sup>35</sup>, povo que considerava honroso o ato de sacrificar o próprio pai. Sobre esse costume, o filósofo afirma: “negaremos, por exemplo, que seja honroso sacrificar o próprio pai: isso só é honroso para determinada gente; não é, por conseguinte, honroso em sentido absoluto” (ARISTÓTELES, 2000, p. 50).

Para compreender como o *pathos* é construído de modo singular em culturas distintas, podemos recorrer a textos clássicos, que foram desenvolvidos com o intuito de persuadir auditórios específicos, como é o caso do *Bhagavd Gita*, texto védico<sup>36</sup> considerado sagrado pelos hindus. Vejamos um trecho:

Os grandes generais que têm na mais alta estima o seu nome e fama pensarão que você deixou o campo de batalha simplesmente porque estava com medo, e portanto irão considerá-lo insignificante. Seus inimigos irão descrevê-lo com muitas palavras indelicadas e desdenharão sua habilidade. Que poderia ser mais doloroso para você? (PRABHUPADA, 2017, p. 136).

No trecho do *Bhagavd Gita*, notamos uma argumentação que tenta persuadir um auditório específico, os militares hindus do século IV a.C., a considerar vergonhoso o ato de abandonar uma guerra. Inicialmente, notamos como as

---

<sup>34</sup> Para Aristóteles (2000, p. 3), as opiniões "geralmente aceitas" são aquelas que todo mundo admite, ou a maioria das pessoas, ou os filósofos. Em outras palavras: todos, ou a maioria, ou os mais notáveis e eminentes.

<sup>35</sup> Povo Ilírio (ou trácio), que habitou a planície de Cosovo na Sérvia e causou problemas a governadores romanos da Macedônia, incluindo Alexandre, o Grande (FREEMAN, 2011).

<sup>36</sup> De acordo com Petter (2002), ainda no início do século IV a.c. os hindus já estudavam a língua, motivados pela religiosidade, com o intuito de que os textos sagrados reunidos no Veda (um conjunto de quatro obras sagradas transmitidas de forma oral e em sânscrito védico) não sofressem modificações no momento de serem proferidos.

categorias *ethos*, *pathos* e *logos* são complementares e possuem papel importante na argumentação, que é centrada no *pathos*, pois provoca no auditório um conjunto de emoções. Por outro lado, para que essas emoções sejam provocadas, o produtor do texto utiliza vários mecanismos linguísticos, que se inserem na elocução do *logos*, como a adjetivação, o intercalar dos modos verbais, verbos e advérbios modalizadores etc.

Ademais, não é qualquer orador que poderia mobilizar esse conjunto de emoções sem gerar uma antipatia nesse auditório específico, que era de notório prestígio social na cultura indiana antiga. Para conseguir esse efeito, as afirmações e indagações são apresentadas e ancoradas na autoridade religiosa do texto sagrado, que possui um *ethos* de autoridade inquestionável naquele contexto cultural.

De acordo com Schmid (2014), para a construção da imagem de si ligada à autoridade incontestável e à invocação de um ponto de vista privilegiado, muitas vezes, o produtor mobiliza elementos linguísticos na PPD. A autoridade da primeira pessoa é assumida no uso do *eu* ou do *nós* à medida que o produtor afirma que está fora de questão a dúvida sobre as atitudes que ele expressa ou sobre o que ele “sabe”, pois ele tem razões muito fortes para ter maior conhecimento sobre o que expressa. Mas esse movimento retórico só se concretiza se o articulista tiver a anuência da audiência. Assim, para Eggs (2016),

O *pathos* é também *tridimensional*, uma vez que deve ser a expressão adequada do *tema* tratado, do *ethos* do orador e do *ethos* do auditório. Tomemos um exemplo. Se for preciso defender alguém que sofreu uma injustiça por parte do acusado, deve-se mostrar maior ou menor grau de piedade, de cólera ou de indignação. Esse grau variará não só segundo o tema, isto é, o tipo de injustiça e a situação em que ela foi cometida, mas também segundo o *ethos* do orador, a saber, sua idade, seu *status* ou seu “caráter”; esse grau dependerá, enfim, da “constituição ética” do auditório (EGGS, 2016, p. 42).

De acordo com Mateus (2019, p. 127), “a racionalidade argumentativa da retórica não exclui as emoções como elemento fundamental do processo persuasivo”. Para o autor, estudos nas áreas de Neurociência e de Psicologia Social comprovaram que não só a razão, mas também a emoção, são essenciais no processo da tomada de decisão. Assim, uma argumentação centrada no *pathos* considera as necessidades e os desejos do auditório e utiliza um conjunto de efeitos

emocionais relativos ao orador e ao auditório. Sobre a categoria retórica *pathos*, o pesquisador apresenta uma definição pautada na perspectiva aristotélica:

O *pathos* diz respeito à influência emocional que o orador possui sobre o auditório e tal é a sua importância que o filósofo dedica a este assunto nos três livros que compõem o tratado. Se o objectivo é persuadir o auditório tal apenas é possível se o orador for capaz de desencadear os estados emocionais apropriados a cada situação. As emoções são aqueles sentimentos que não apenas modificam os homens como também afectam o seu julgamento (MATEUS, 2019, p. 128).

Reconhecemos a importância da tessitura dos argumentos racionais, mas, por outro lado, entendemos que, para que o produtor do texto consiga a adesão do auditório, torna-se essencial o conhecimento das singularidades de cada grupo, uma vez que, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 06), “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve”.

Segundo Mateus (2019), na retórica, deve-se não só levar o auditório a uma posição anímica, que seja favorável ao orador, mas também despertar as emoções adequadas e nos momentos oportunos<sup>37</sup>. Conforme o autor, são três os elementos da persuasão emocional: sugestibilidade; linguagem adjetivada e conotativa; e satisfação de necessidades e desejos.

O primeiro elemento é utilizado para influenciar e controlar a decisão do auditório de forma sutil, e “é especialmente importante nos processos emocionais de influência – como a publicidade – na medida em que a sugestão tende a gerar uma resposta automática a um estímulo” (MATEUS, 2019, p. 133). Conforme o autor, a sugestão é poderosa, pois pode provocar a adesão de forma automática.

O segundo elemento, de acordo com Mateus (2019), quando bem utilizado, tem o potencial de fazer crescer uma intensidade emocional que, consequentemente, agregará uma imagem positiva ao *ethos* do orador. São estratégias retóricas inerentes a esta categoria o uso de figuras de linguagem e a adjetivação de determinados elementos a partir da intencionalidade do orador, por exemplo, “alguém que é ‘ladrão’ dificilmente pode ser visto como idóneo e confiável.

---

<sup>37</sup> Esse processo de despertar determinadas emoções está ligado à cultura e ao contexto histórico de cada auditório. Ao consultar a perspectiva clássica, podemos exemplificar com Cícero (retórica romana), que afirmou que, caso um homem queira despertar piedade em um júri, deve comparecer ao tribunal com os cabelos desgrenhados, barba por aparar e olhos encovados. Já Aristóteles (retórica grega) afirmou que o orador precisa descobrir a personalidade do auditório, bem como os assuntos que um determinado grupo de pessoas reage de forma emotiva (MATEUS, 2019).



Assim, aquilo que aparentemente são apenas descrições inócuas são, na verdade, formas emocionais de condicionamento do pensamento e da reflexão posteriores” (MATEUS, 2019, p. 134).

Sobre a afirmação do autor, observamos que, assim como determinadas escolhas lexicais são ligadas de forma automática pelo auditório a significados negativos, outras escolhas também podem ser utilizadas para provocar o efeito oposto, como: “a mãe trabalhadora”, “o acadêmico”, “o pai de família” etc.

Já o terceiro elemento, para Mateus (2019), está ligado, principalmente, à satisfação de necessidades primárias (biológicas e fisiológicas) e secundárias (psicológicas, sociais, emocionais etc.) do auditório. Segundo o autor, o discurso é mais eficaz quando a mensagem vai ao encontro das “expectativas, experiência, desejos e necessidades das pessoas que formam o público-alvo” (MATEUS, 2019, p. 135).

Sobre o papel da PPD na argumentação ao *pathos*, consultamos a pesquisa de Maurizi (2017), que demonstrou que o *nós* é muito utilizado para a construção do sentimento de pertencimento a um determinado grupo, como é o caso dos partidos políticos, grupos étnicos e sociais etc. A partir da criação imagética de um grupo que compõe esse *nós*, pode-se estabelecer grupos de indivíduos denominados *eles*, compostos por ideias ou características de oposição ao *nós*. Para a autora, esse recurso de estabelecer um *nós* em oposição ao *eles* é utilizado, recorrentemente, em discursos políticos.

Segundo a pesquisadora, em discursos políticos, os pronomes pessoais *eu* e *nós*, os pronomes possessivos *minha* e *nossa* e os verbos flexionados na PPS e na PPP são usados para destacar o sujeito enunciator enquanto figura política (*eu*), como membro de um partido político (*nós*), ou como representante de um grupo de cidadãos. Sobre essa modalidade, Farré (2020), por exemplo, utiliza a nomenclatura *nós partidário* para designar o emprego da PPP característico do discurso político, na medida em que possibilita focar o produtor e amplificar sua posição com algum grupo de referência, para marcar certa oposição alusiva frente a um interlocutor excluído.

De acordo com Proctor e Su (2011), políticos evocam visões nacionalistas quando fazem seus discursos, por meio de pronomes pessoais, em contextos específicos. O contexto e a forma como os pronomes pessoais são utilizados com propósitos retóricos criam pontos de viragem decisivos para qualquer político,

especialmente em situações eleitorais. Para construir uma imagem favorável de si entre os eleitores, um político decide qual postura assumir em determinadas questões, quais constituintes apoiar e com qual grupo/ideologia se identificar.

Ainda sobre o discurso político, é relevante citarmos a pesquisa de Al-Qahtani (2017), que investigou o uso da linguagem por meio da qual Hillary Clinton constrói sua identidade política, examinando em que medida o pronome da PPP é importante no discurso político desta política americana. Al-Qahtani demonstra como Hillary Clinton, uma mulher em uma posição de poder, ativamente explora a flexibilidade referencial da PPP em seu discurso de campanha para construir e negociar suas identidades a fim de estrategicamente aumentar seu poder político e/ou proteger sua face, quando ameaçada, em diferentes situações. A pesquisa de Al-Qahtani (2017) atesta a importância da construção retórica em nível micro linguístico, desde que não deslocada de fatores pragmáticos que permitem a compreensão do significado da PPP no discurso político.

Apesar de a maioria das pesquisas encontradas abordarem esses usos em discursos políticos, após a verificação do *corpus* desta pesquisa, verificamos que a construção dessa sensação de pertencimento a um determinado grupo também é explorada em textos do gênero dossiê, especialmente nas seis produções analisadas nesta pesquisa, publicadas nas revistas *Cult* (Brasil) e *Nova Águia* (Portugal). Conforme é demonstrado na seção de análises, os produtores utilizam, entre outras funções ligadas à PPD, o *nós*, de modo a mobilizar o auditório a sentir-se pertencente a grupos específicos, como brasileiros, portugueses, lusófonos, leitores intelectualizados etc.

De acordo com Maurizi (2017), uma regra fundamental para o convencimento do auditório é conhecê-lo, ou seja, compreender o universo de valores do grupo e qual é o papel-*status* social e ideológico do falante em relação à plateia. A partir disso, pode-se delimitar uma direção discursiva em detrimento de outras, pois, “è dalla conoscenza dell’allocutore dunque che ogni leader parte per costruire la sua idea di noi” (MAURIZI, 2017, p. 10)<sup>38</sup>.

Assim, para Maurizi (2017), fundamental, neste processo, é a figura do orador/produtor do texto, que atua como representante do grupo cujas características são delimitadas no discurso. O *nós* não é o único recurso, mas tem

---

<sup>38</sup> “é do conhecimento dos alocutários portanto que um líder parte para construir a sua ideia de nós” (MAURIZI, 2017, p. 10, tradução nossa).

papel central ao promover os interlocutores como parte integrante do processo de produção discursiva.

### 2.3 SOBRE A NOÇÃO DE LOGOS

O termo *logos* pode ser traduzido, do grego, como “fala” ou “discurso” e, em segundo, “razão” ou “exercício da razão”. Mosca (2001, p. 22), que realizou estudos considerando as pesquisas de Perelman e Olbrechts-Tyteca, define o *logos* como “palavra e razão” e afirma que “não existe discurso sem auditório e não há argumentação sem retórica”. Também, para a pesquisadora, todo discurso “é uma construção retórica, na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão” (MOSCA, 2001, p. 23).

Segundo Eggs (2016, p. 41), em todos os contextos, “o *logos* convence *em si* e *por si mesmo*, independentemente da situação de comunicação concreta, enquanto o *ethos* e o *pathos* estão sempre ligados à problemática específica de uma situação e, sobretudo, aos indivíduos concretos nela implicados”.

Assim, notamos que é possível analisar o *logos* de um texto em nível macroestrutural e microestrutural. No nível macroestrutural, os textos jornalísticos apresentam a seguinte organização textual: “o título como palavra-chave, o subtítulo como tese e cada um dos parágrafos como afirmação subsidiada por documentações (provas)” (DITTRICH, 2003, p. 116). Já em nível microestrutural, Dittrich (2003) aponta que se constitui a partir da seleção lexical e de elementos linguísticos argumentativos, como os elementos modalizadores, operadores argumentativos, estratégias de referenciação, entre outros. Ou seja, corresponde à parte da elocução do discurso.

Em relação ao conceito de elocução, consideramos a perspectiva de Figueiredo e Ferreira (2016, p. 50). Para os autores, a elocução “refere-se à redação escrita do discurso, ao estilo, à expressão. Refere-se, pois, ao trabalho com a linguagem”. Assim, entendemos que a elocução revela o estilo e as estratégias de estruturação do discurso, que devem ser adaptados às diferentes audiências.

Nessa perspectiva, ao direcionar o olhar ao *corpus* de análise, em sua totalidade, é possível considerá-lo como *logos*, composto por instâncias

macroestruturais, como escolha dos argumentos centrais em cada texto; e pela parte elocucional, como a utilização da PPD relacionada a diferentes estratégias linguísticas e retóricas, tema da Seção 3.2.4 *Estratégias retóricas em nível elocucional: o eu e o nós e a intersecção com o logos* (p. 108). Optamos pela apresentação de maiores discussões teóricas sobre o *logos* na Seção 3, uma vez que o conteúdo se relaciona a noções teóricas basilares sobre a PPD, que demandam uma explanação prévia.

## 2.4 SÍNTESE CONCLUSIVA

Neste estudo, entendemos que as categorias *ethos*, *pathos* e *logos* são complementares e estão presentes em todos os textos, sendo moldadas a partir da intencionalidade do produtor. Um produtor constrói uma imagem de si apropriada ao contexto, com o intuito de conseguir adesão da audiência às teses propostas, constrói seus discursos por meio de diversas estratégias retóricas, valorizando as prováveis crenças e características culturais e sociais do público-alvo e, conseqüentemente, provocando um conjunto de emoções.

A categoria *ethos* é construída, principalmente, no *logos*, tanto por meio da mobilização de argumentos adequados aos interesses da audiência quanto por meio de estratégias elocucionais, que, em textos escritos, fornecem aos leitores detalhes importantes para a construção da imagem do produtor. Em nível elocucional, por meio de marcas linguísticas da PPS e da PPP, em diferentes contextos pragmáticos, articulistas encenam imagens impositivas de si, enquanto outros se recusam a assumir a responsabilidade do dizer *eu* (e dizem *nós*), ou mesmo abusar de relações de poder assimétricas para a persuasão, permitindo-se um disfarce do produtor.

Há que se ressaltar, também, que a construção de diferentes *ethé* por meio de argumentos do *logos* só é possível porque a audiência compartilha um conjunto de convenções sociais e culturais. Para conquistar sucesso retórico, um produtor explora e resalta premissas simbólicas compartilhadas pela audiência, que é específica, como a valorização da literatura e da cultura nacional: brasileira, para leitores brasileiros; e portuguesa, para leitores portugueses (*pathos*).

Portanto, a situacionalidade é fundamental para a construção do *ethos*. Considerando as especificidades deste estudo, como é demonstrado nas seções de

metodologia e análises, a credibilidade sobre o que é dito pelos produtores dos textos do *corpus* desta pesquisa é indissociável, em primeiro lugar, da credibilidade dos periódicos em que os textos são veiculados e, em segundo lugar, do *ethos* coletivo, ou seja, de toda a equipe que contribui para a construção do dossiê.

A categoria *pathos* também é construída, principalmente, no *logos*. Por meio do discurso, é possível apresentar argumentos que considerem opiniões e emoções compartilhadas pela audiência. Contudo, o *pathos* não pode ser dissociado na imagem que o produtor encena de si. Caso o produtor não inspire na audiência a credibilidade necessária para a adesão aos argumentos defendidos, de forma verossímil, mesmo que os argumentos sejam coerentes e adequados ao público, é possível que o produtor seja percebido pelos leitores como um oportunista ao mobilizar valores e emoções.

Ressaltamos, também, que a mobilização de um conjunto de valores e emoções, transformando-os em argumentos retóricos, só é possível quando a audiência compartilha dessas convenções simbólicas. No caso de um discurso proferido a uma plateia física, na modalidade oral-dialogada, o orador pode inferir com maior precisão as estratégias ao *pathos* adequadas à audiência, ao interpretar as reações e as interações a partir da linguagem não verbal dos ouvintes. Em textos escritos, por outro lado, mesmo quando publicados em periódicos com segmentação de público especializada, possuem perenidade maior e podem chegar a públicos não previamente considerados pelo produtor.

Nesse cenário, em um diferente contexto histórico, social e cultural, o texto receberá da audiência diferentes inferências, o que pode diminuir a força retórica dos argumentos mobilizados pelo produtor. Um dossiê sobre uma personalidade da literatura portuguesa, que aciona valores da identidade e da cultura portuguesa ou da cultura europeia, não terá igual adesão entre leitores brasileiros e portugueses, apesar de ser escrito em um idioma e em um contexto histórico compartilhado por ambos.

Sobre a categoria *logos*, apesar de pesquisas consultadas afirmarem que é a única categoria que convence *em si* e *por si mesmo*, independentemente da situação de comunicação concreta, consideramos que a situacionalidade e as categorias *ethos* e *pathos* possuem ligação orgânica com as estratégias ao *logos*, bem como ao respectivo sucesso retórico dessas estratégias. Em relação ao nível

elocucional, os elementos linguísticos na PPD se prestam a diversos usos argumentativos, que são descritos na próxima Seção.

### 3 PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO: EMBASAMENTO TEÓRICO

*Ha no pégo carpathio um vate d'alta fama, o ceruleo **Proteu**, que roda os largos mares com bipedes corceis, peixes que junte aos pares no coche voador. Encontra-se elle agora n'estes portos da Emathia. Afortunada a hora que o trouxe a visitar Palene, patria sua!*

*Não ha nympa entre nós que já se não possua de mil venerações, mal que em **Proteu** se pensa; té o velho Nereu lhe acata a luz immensa, pois sabe tudo que é, tudo que ha sido, e tudo que o porvir nos prepara, e esconde avaro e mudo.*

*Assim prouve a Neptuno, a quem lá no profundo das phocas pastoreia o enorme gado imundo (VIRGILIO, 1892, p. 156)<sup>39</sup>.*

A mobilização da PPD relacionada a diferentes sentidos pode ser considerada um recurso linguístico que o produtor do texto utiliza com propósitos argumentativos, adaptando-a, de acordo com a intencionalidade. Em relação, especificamente, à PPD, a reflexão sobre o *corpus* a partir de embasamento do Estado da Arte demonstra que a PPS e a PPP podem ser mobilizadas por produtores do texto de modo a construir diferentes realizações de imagens de si com propósitos retóricos inerentes a cada contexto e audiência.

Segundo Wang e Karimi (2019), estudos nas áreas de comunicação e de psicolinguística há muito reconhecem que variações linguísticas sutis podem ter um forte impacto na compreensão e avaliação do conteúdo textual pelos leitores. Uma das variações mais importantes está no uso de pronomes pessoais. Os pronomes estão relacionados à noção de referência, que é parte central do significado do texto.

---

<sup>39</sup> Virgílio, poeta do período Clássico da Roma Antiga, escreveu as *Geórgicas*, uma obra poética dividida em quatro livros cuja temática se volta à agricultura. Na epígrafe, vemos um trecho da versão “*As Georgicas de Virgilio trasladadas a Portuquez por Antonio Feliciano de Castilho*”, de 1892, disponível em domínio público. Conforme Veiga (2018, p. 173), no Livro IV das *Geórgicas*, a narrativa virgiliana intercala o mito de Orfeu, com a apicultura. “Aristeu, tendo perdido suas abelhas, recorre à sua mãe, Cirene, para desvendar o mal. Ela o aconselha a procurar Proteu, divindade marítima, responsável por cuidar do “gado” de Netuno. Conseguir a resposta do sábio era um trabalho difícil, pois o velho adivinho não tinha intenções de interagir com ninguém. A estratégia que Aristeu usou foi a mesma utilizada por Menelau, que queria saber como regressar à pátria, como narra Homero, na Odisseia: amarrar Proteu firmemente durante o sono, para que não escapasse enquanto se metamorfoseasse em diversas formas, como monstro, água e fogo. Mantê-lo amarrado até que voltasse à forma primitiva era condição para que ele respondesse às perguntas. Em Virgílio, o mito de Orfeu e de Eurídice, portanto, é a resposta de Proteu à indagação de Aristeu, aflito para saber a origem da maldição que acabou com as suas abelhas”.

Os pronomes pessoais podem evocar ou direcionar a atenção para um assunto específico. Eles fornecem aos leitores informações sobre as principais entidades da mensagem que precisam ser processadas, portanto, afetam a compreensão do texto dos leitores.

Considerando a mobilização de pronomes com funções retóricas, em textos argumentativos, verificamos que diferentes usos afetam diretamente no resultado da comunicação. Wang e Karimi (2019) exemplificam que dirigir-se diretamente ao público usando o *você* pode levar à autorreferência. A autorreferência é um processo que aumenta o poder persuasivo de uma mensagem, porque a audiência entende as informações recebidas comparando-as com informações relevantes, como experiências pessoais. Já o uso do *nós* em vez do *você*, em alguns contextos, pode transmitir informações sutis sobre a proximidade da relação entre a audiência e o articulista, portanto, pode afetar a atitude dos leitores/ouvintes em relação ao produtor do texto.

Conforme Stewart (2015), apesar de alguns princípios dos sistemas pronominais de diferentes línguas serem universais, “los sistemas pronominales y su uso son expresiones específicas de cada lengua y de cada cultura” (STEWART, 2015, p. 179)<sup>40</sup>. Assim, notamos a necessidade de observar especificidades dos usos da primeira pessoa gramatical dentro de um contexto cultural e linguístico determinado.

Considerando a especificidade desta pesquisa, apresentamos, nesta Seção, fundamentação teórica que embasa a compreensão da constituição de *ethos* a partir da PPS e da PPP. Assim, esta Seção está estruturada em duas seções secundárias. Inicialmente, em 3.1, traçamos um panorama geral, de caráter introdutório, sobre o uso dos *pronomes* em primeira pessoa, das *pessoas gramaticais*, ou *pessoas do discurso*<sup>41</sup>, e da *flexão dos verbos* em primeira pessoa na LP, com foco na modalidade escrita da língua. Na sequência, em 3.2, refletimos, do ponto de vista teórico, as estratégias retóricas relacionadas à PPD, que neste estudo são entendidas como passos de constituição de *ethos*.

---

<sup>40</sup> “os sistemas pronominais e seus usos são expressões específicas de cada língua e de cada cultura” (STEWART, 2015, p. 179, tradução nossa).

<sup>41</sup> Conforme Neves (2018, p. 463), “o termo **pessoa do discurso** não implica que se trate de uma pessoa humana, ele apenas denomina os três tipos de referenciação discursiva: 1ª: aquela que produz a fala (enquanto fala de si mesma); 2ª: aquela a quem se dirige a fala; 3ª: aquela que é o tema da fala (ou seja, de que se fala)”.



### 3.1 SOBRE AS PESSOAS DO DISCURSO E OS PRONOMES PESSOAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo Camara-Jr (2019, p. 119), o que caracteriza semanticamente o *pronome* é que, ao contrário do nome<sup>42</sup>, que sugere sobre propriedades intrínsecas<sup>43</sup>, “o pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto esse espaço em português em função do falante: a. *eu, mim, me* – ‘o falante qualquer que ele seja’ b. *este, isto* – ‘o que está perto do falante’”. Já sobre a perspectiva da Gramática Tradicional, pode-se considerar Bechara (2015, p. 169), que afirma que *pronome* “é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”.

Conforme Carvalho (2017), um pronome é um reflexo de diferentes tipos de traços que determinam suas características e definem seu comportamento sintático. Para o autor, “esses são traços morfossintáticos (tradicionalmente representados na literatura linguística pela letra grega  $\phi$  (phi)), e codificam informação de pessoa, número e gênero” (CARVALHO, 2017, p. 458).

Já na perspectiva sintática, segundo Lopes (2007, p. 106),

não se pode opor eficazmente a classe dos pronomes à dos nomes, porque ambas podem exercer as mesmas funções sintáticas (núcleo do sujeito, complementos e sintagmas preposicionados). Há pelo menos uma diferença fundamental em termos de comportamento sintático: os pronomes, principalmente os pessoais, ao contrário dos nomes, não podem ser antecidos por determinantes e funcionam, em geral, como núcleos isolados no sintagma nominal (doravante SN). Se não é no nível oracional que melhor serão identificadas as diferenças entre a classe dos nomes e a subclasse dos pronomes pessoais, num nível hierarquicamente mais baixo, no SN, as posições ocupadas e as funções exercidas são diferentes.

De acordo com Camara Jr (2019), os pronomes podem ser distinguidos dos nomes a partir de três noções gramaticais que neles se encontram e nos nomes não aparecem: a noção de *pessoa gramatical*; a existência, em vários deles, de um

---

<sup>42</sup> Os elementos considerados nomes, na língua portuguesa, são os *substantivos* e o *adjetivos*, classes responsáveis pelas denominações dos seres, e os *advérbios*.

<sup>43</sup> Exemplos de Camara-Jr (2019): *cadeira* – um tipo especial de móvel para a gente se sentar; *flor* – um determinado produto das plantas; *homem* – um animal racional possuidor de uma “cultura” por ele produzida.

gênero neutro em função substantiva, quando a referência é a objetos inanimados<sup>44</sup>; e fato de os pronomes pessoais, de emprego substantivo, existirem em uma forma **reta**, para sujeitos, e em uma ou duas formas **oblíquas**.

Apesar dessa distinção entre os pronomes e os substantivos nos estudos linguísticos e na perspectiva tradicional atuais, de acordo com Ilari *et al.* (2002), os pronomes nem sempre foram uma classe à parte. Os estóicos, por exemplo, os colocavam entre os nomes comuns. Já na gramática grega de Dionísio, o Trácio, os pronomes abrangeram dois grupos: o dos primitivos (que são os *pessoais*) e os derivados (hoje chamados de *possessivos*). Para os autores, as gramáticas escritas no Brasil nas últimas décadas incluem uma variedade de formas para o termo *pronomes*:

- os chamados “pronomes pessoais” (*eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas, me, te* etc.) cujo traço comum seria a capacidade de *identificar de forma pura* a “pessoa gramatical”;
- os possessivos (*meu, teu...*) e demonstrativos (*este, esse, aquele*), que ainda evocam a pessoa gramatical, relacionando-a a determinações de “posse/propriedade” e localização;
- os indefinidos, cuja principal semelhança com os possessivos e demonstrativos é, aparentemente, a capacidade de ocorrerem nos mesmos entornos (ILARI *et al.*, 2002, p. 74).

Sobre a noção de *pessoa gramatical*, Lopes (1998, s.p.) afirma que está intimamente ligada às questões pragmáticas “designando um elemento do universo discursivo que pressupõe, por sua vez, uma interação dialógica entre o falante - aquele que enuncia - e o ouvinte - a quem se dirige o enunciado”. Camara-Jr (2019, p. 128) afirma que nela “se situa a referência do pronome no âmbito do falante (1ª pessoa), no ouvinte (2ª pessoa) ou fora da alçada dos dois interlocutores (3ª pessoa)”.

Em relação à perspectiva tradicional, Bechara<sup>45</sup> (2015, p. 169) afirma que são duas as pessoas determinadas do discurso: “1ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2ª *tu* (correspondente ao ouvinte)”. A 3ª pessoa, para o autor,

<sup>44</sup> De acordo com Camara-Jr (2019, p. 128), “é o que assinala a série demonstrativa *isto, isso, aquilo*. Em outros, por outro lado, há formas específicas para seres humanos, como *alguém, ninguém e outrem*. Também aqui, apesar de uma terminação comum *-em* (tônica nos dois primeiros e átona no terceiro), se trata a rigor de vocábulos diversos das formas gerais respectivas *algum, nenhum e outro*.

<sup>45</sup> Apesar de Bechara não ser um exemplar categórico de gramático tradicional, uma vez que a gramática dele tem forte influência da Linguística, no que se refere à abordagem sobre os pronomes pessoais, nota-se equivalência entre a perspectiva do autor e de outros gramáticos, como Cunha e Cintra (2017).

indeterminada, “aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa” (BECHARA, 2015, p. 170). Para Neves (2018, p. 464), na perspectiva funcionalista, as *peças do discurso* ou *peças gramaticais* são as entidades referidas numa interlocução: “ou diretamente (quem fala e a quem se fala); ou indiretamente (de quem/ de que se fala)”.

Rodrigues e Campos (2015a, p. 150) afirmam que as categorias *pessoa* e *número*, na flexão verbal, “não se referem à situação descrita pelo verbo, mas aos participantes dessa situação”. Para Camara-Jr (2019),

O número, sem morfema flexional privativo seu, se integra nessa noção de pessoa gramatical. Em português, o falante pode marcar como está associado a outra ou a outra pessoa (1ª pessoa no plural ou 4ª pessoa), ou se está dirigindo mais de um ouvinte (2ª pessoa do plural ou 5ª pessoa), ou que referência é à 3ª pessoa do plural (ou 6ª pessoa). É esta a noção de pessoa gramatical que caracteriza os pronomes ditos por isso mesmo pessoais, quer no seu emprego substantivo (pessoais *stricto sensu*) quer na função adjetiva, quando costumam receber a denominação de possessivos. A mesma noção é também fundamental nos três pronomes demonstrativos (*este, esse, aquele*), que indicam, respectivamente, posição junto ao falante, ou junto ao ouvinte, ou à parte dos interlocutores (CAMARA-JR, 2019, p. 128).

O *pronome pessoal*, conforme Neves (2018, p. 464), “é uma palavra referencial, isto é, sua função básica é fazer referência a uma das pessoas do discurso (referência pessoal)”. De acordo com a autora, os pronomes pessoais, na LP, têm formas específicas para singular e plural nas três pessoas gramaticais. Em relação à função, as formas de *pronomes pessoais* podem ser, segundo Cunha e Cintra (2017, p. 291), **retas**, “quando funcionam como sujeito da oração”, ou **oblíquas**, “quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto)”.

Basicamente, segundo Fiorin (1996), “os pronomes pessoais exprimem as pessoas pura e simplesmente. Os retos exprimem a pessoa em função subjetiva e os oblíquos em função complemento”<sup>46</sup>. Algumas Gramáticas Tradicionais de LP, como a de Cunha e Cintra (2017) e de Bechara (2015), classificam os pronomes pessoais conforme o Quadro 01:

---

<sup>46</sup> Quanto à acentuação, conforme as Gramáticas Tradicionais, os pronomes se distinguem nas formas tônicas e átonas.

**Quadro 01** – Pronomes pessoais da Língua Portuguesa conforme a Gramática de Cunha e Cintra (2017)

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
			Átonos	Tônicos
<b>Singular</b>	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
<b>Plural</b>	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

**Fonte:** Quadro elaborado por Cunha e Cintra (2017, p. 291).

Entretanto, o Quadro 01 não corresponde à realidade do PB. Em relação aos pronomes pessoais retos<sup>47</sup>, Neves (2018), em sua *Gramática do Português revelada em textos*, que observa a LP a partir de uma perspectiva funcionalista, considera, na 2ª pessoa, os pronomes *você* e *vocês*, que estão inseridos no uso cotidiano do PB.

As gramáticas tradicionais, por outro lado, como Cunha e Cintra (2017, p. 290) e Bechara (2015, p. 171), apresentam a 2ª pessoa apenas como: “tu (singular), vós (plural)”. Segundo Ilari *et al.* (2002) e Menon (1995, 2016), a forma *você*, nas gramáticas tradicionais, é considerada como um pronome de tratamento. Entretanto, *você* suplanta, no Brasil, a forma *tu*.

Conforme Menon (1995), no estudo do sistema pronominal do português, uma indagação de alguns teóricos é se no Brasil sempre houve o emprego de *você* ou *se*, inicialmente, o *tu* era utilizado de forma generalizada e, posteriormente o *você* teria se imiscuído em algumas situações e se generalizou. Em outro estudo publicado em 2016, a autora afirma que “essa hipótese carece de fundamentação, visto que, na época em que foi implantada a língua no Brasil, ao longo dos séculos XVI-XVII, provavelmente, já existia o emprego de *você* em Portugal” (MENON, 2016, p. 22). Ainda, conforme a autora, *você* tem origem no *vossa mercê*, que, à medida que foi empregado em várias camadas da sociedade, passou por um processo de gramaticalização com erosão fonética da forma: “*vossa mercê* > *vosmecê* > *vom’cê* > *você*” (MENON, 2016, p. 23). A autora também pontua que, “de forma honorífica para se dirigir ao rei, o pronome ainda na forma plena, passou a ser empregado por qualquer inferior a seu superior, além do trato entre iguais” (MENON, 2016, p. 23).

<sup>47</sup> Por distanciar-se dos propósitos desta pesquisa, uma vez que investigamos funções retóricas da PPS e da PPP em uma seleção de textos da modalidade escrita da LP, optamos por não aprofundar a discussão sobre os pronomes do português em uso. Sobre essa abordagem, ressaltamos o trabalho de Castilho (2010), que apresenta uma reorganização do quadro de pronomes do português em uso.

Segundo Rodrigues e Campos (2015b), as desinências número-pessoais da 2ª pessoa do plural não são utilizadas no português falado no Brasil, até mesmo nas regiões que utilizam o *tu*. “O plural vocês, referindo-se a mais de um interlocutor, é usado no lugar do pronome pessoal vós, o que não favorece o uso das formas verbais de segunda pessoa do plural” (RODRIGUES; CAMPOS, 2015b, p. 163). Já em Portugal, de acordo com Ferreira (2017, p. 33), a forma de tratamento *você* não é considerada muito educada, e, “ainda hoje, fora da intimidade, não é raro associá-la a alguém que não é muito culto e tem falta de educação”. E, segundo Bechara (2015, p. 173), “ainda continuam vivos em Portugal vós, vosso”.

Também, conforme Ferreira (2017), há uma liberdade, no português popular falado, tanto brasileiro quanto europeu e africano, em relação ao uso dos pronomes pessoais. Assim, nas três variedades, há também o uso do *a gente* como sinônimo de *nós*. Apesar de o uso da forma *a gente* ser consagrado na modalidade oral da LP, essa forma é apresentada em algumas gramáticas tradicionais apenas como uma observação. Bechara (2015, p. 173), por exemplo, discorre: “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular”<sup>48</sup>.

Para Lopes (2007), a integração de *você* e *a gente* no quadro de pronomes, principalmente no PB, criou repercussões gramaticais em diversos níveis da língua:

a forma *você* manteve algumas propriedades mórficas [de Vossa Mercê] que acarretaram o rearranjo no sistema. Persiste a especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa. Algumas alterações afetaram em cadeia as sub-classes dos oblíquos átonos (pronomes-complemento) e dos possessivos, como ilustrado em (1)

(1) *Você; disse que eu te; acharia na faculdade para pegar o teu; livro* em que novas possibilidades combinatórias (*você* com *te*, *teu* /*tua*) se tornam usuais (LOPES, 2007, p. 103).

<sup>48</sup> Apesar de a perspectiva tradicional apontar que, no uso de *a gente* o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular, deve-se reconhecer que a Língua Portuguesa possui muitas variações. Carvalho (2013), por exemplo, que realizou estudo sobre concordância verbal no português europeu, ao analisar o uso do *a gente* em Portugal, constatou “três diferentes flexões: 1ª pessoa do plural, 3ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural”. Similarmente ao que acontece na LP, o Francês também possui uma variação do pronome na PPP, utilizada em contextos informais, em que os verbos são conjugados na 3ª pessoa. Segundo Coveney (2000) e Béguelin (2015), no francês, o sujeito clítico *nous* e o verbo da 1ª pessoa do plural (4ª pessoa) são quase inteiramente substituídos por *on* e o verbo da 3ª pessoa, em contextos em que prevalece a coloquialidade.

No exemplo (1), apresentado por Lopes (2007), notamos uma possibilidade combinatória comum na modalidade oral-dialogada do PB, que, segundo a pesquisadora, é rotulada como “mistura de tratamento”, que é uma forma condenada pela gramática tradicional. Um rearranjo aceitável para (1), na perspectiva tradicional, seria a proposta (2): “*Você<sub>i</sub> disse que eu o<sub>i</sub> acharia na faculdade para pegar o seu<sub>i</sub> livro*” (LOPES, 2007, p. 103).

Assim, consideramos a pesquisa de Carvalho (2008), que aponta para um padrão sintático relacionado ao surgimento de algumas novidades no PB nas últimas décadas, e que foram abordadas anteriormente nesta seção, como a extinção do *vós* em contextos não cerimoniais, o *você* assumir papel diferente do que originalmente desempenhava, o *tu* ser adotado em alguns dialetos com diferente padrão de concordância, e gramaticalização de nomes (*a gente*) para a função de pronome pessoal. Para o autor,

[...] todas essas mudanças têm ocorrido juntamente a um ajuste de sintaxe: o surgimento de todas essas novidades acompanha uma sistemática redução dos padrões de concordância em PB. Os padrões de concordância para a segunda pessoa praticamente não são mais encontrados, pelo menos no PB corrente, e foram substituídos pelos padrões de concordância para a terceira pessoa. Mesmo a primeira pessoa do plural pode apresentar concordância de terceira pessoa, e, neste caso em particular, do singular <sup>49</sup> (CARVALHO, 2008, p. 16).

Apesar de o foco desta pesquisa não ser o processo de mudança da língua, há que se considerar o que consta em Carvalho (2008, 2017) sobre o sincretismo nas formas pronominais. Conforme o pesquisador, este é um fenômeno ligado aos módulos universais de gramática, e está presente não só no PB, mas em diversas línguas, como o inglês, o francês, o islandês, entre outras.

Em relação ao português brasileiro culto falado, observamos também a perspectiva de Ilari *et al.* (2002). Os pesquisadores apresentaram as seguintes formas de pronomes pessoais no PB culto falado: “para a 1ª pessoa: *eu/nós/a gente*; para a 2ª pessoa: *tu/você/o senhor/a senhora*; para a 3ª pessoa: *ele/eles/ela/elas*”

---

<sup>49</sup> Carvalho (2008) exemplifica a possibilidade de a PPS apresentar o padrão de concordância da TPS com base nos estudos de Ribeiro (2008), que analisou dados de informantes afrodescendentes do PB rural falado na Bahia: “eu **ficô** assim oiando” (CARVALHO, 2008, p. 17 *apud* RIBEIRO, 2008, p. 6).

(ILARI *et al.*, 2002, p. 79). Ainda, segundo os autores, no PB falado, o pronome *você* é mais frequente que o *tu* e a forma *a gente* é mais frequente que a forma *nós* no total geral dos inquéritos analisados.

Consultadas as perspectivas tradicional, sociolinguística e funcionalista sobre os pronomes pessoais, há que se considerar também a perspectiva pragmática. Para Fiorin (1996), os significados das pessoas são:

*Eu*: quem fala, *eu* é quem diz *eu*;  
*Tu*: aquele com quem se fala, aquele a quem o *eu* diz *tu*, que por esse fato se torna o interlocutor;  
*Ele*: substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência, actante do enunciado, aquele de que *eu* e *tu* falam;  
*Nós*: não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção de um *eu* com um *não-eu*;  
*Vós*: há o *vós* plural de *tu* (dêitico) e o *vós* em que ao *tu* se juntam *ele* ou *eles*;  
*Eles*: pluralização de *ele* (FIORIN, 1996, p. 60).

Ao observarmos a perspectiva de Fiorin (1996), notamos a importância de considerarmos os elementos pragmáticos para o entendimento das pessoas do discurso em cada contexto. Em relação ao *nós*, os elementos dêiticos de identificação, tempo e espaço, que extrapolam o nível linguístico, podem ser essenciais para identificar a inclusividade ou exclusividade da PPP, que irá envolver uma ou todas as outras pessoas do discurso dependendo da intencionalidade de cada produtor em diferentes contextos.

De acordo com Fowler e Kress (2019), os pronomes pessoais sempre merecem atenção. Para os autores, todas as expressões possuem, mesmo que implicitamente, um *eu* ou um *nós*. Porém, nem sempre isso é apresentado na superfície da estrutura textual, uma vez que a remoção dos pronomes pessoais está associada ao tom impessoal e generalizador, comum a jornais, livros didáticos e artigos científicos.

Há que se ressaltar que a associação entre impessoalidade e imparcialidade, principalmente nas esferas acadêmica e jornalística, é uma característica cultural, presente, principalmente, em algumas sociedades e em diversos idiomas, não apenas em LP. Como exemplo, citamos a pesquisa de Taylor e Goodall (2019), que analisou funções retóricas associadas à PPS na escrita acadêmica na área de

negócios. Os autores constataram que, em língua inglesa<sup>50</sup>, o gênero discursivo de escrita influencia nas funções retóricas ligadas ao *eu*. Conforme os pesquisadores, alguns manuais<sup>51</sup> que apresentam convenções de redação acadêmica instruem que o uso dos pronomes pessoais seja evitado em textos científicos, sendo preferível o estilo de escrita impessoal.

A revisão de literatura apresentada por Taylor e Goodall (2019) demonstrou uma tendência quantitativa de não-nativos de língua inglesa<sup>52</sup> utilizarem com maior frequência a PPS para estruturar o discurso científico em textos de língua inglesa, como pesquisadores japoneses ou singapurenses, em comparação a nativos, que constroem, predominantemente, textos impessoais na esfera científica, utilizando a PPS para enfatizar experiências pessoais. Já a pesquisa de Chen (2020) constatou que autores de redação acadêmica em chinês evitam amplamente o pronome da PPS para autorreferência, motivada pela modéstia, uma noção que tem se mostrado um valor-chave da cultura chinesa<sup>53</sup>.

Em relação à colocação dos pronomes em LP, Neves (2018) afirma que, diferentemente de Portugal, no Brasil, principalmente em textos informais, a prescrição já há algum tempo não é seguida:

O que causa a diferença entre a tranquilidade com que a colocação de pronomes é tratada em Portugal e a tensão existente no Brasil é, essencialmente, o fato de que, na fala brasileira, esses pronomes não são realmente átonos, o que institui um diferente ritmo para o conjunto em que o pronome se insere: ele não é realmente um “clítico”, como em Portugal, ou seja, ele não precisa apoiar-se em outras palavras para ter algum peso fonético (NEVES, 2018, p. 509).

<sup>50</sup> Os pesquisadores analisaram textos da revista britânica *Academic Written English*.

<sup>51</sup> Os pesquisadores exemplificam a prevalência da recomendação pela impessoalidade por meio do que consta em dois manuais: 1) BAILEY, S. **Academic writing**: A handbook for international students. 2 e.d. London: Routledge, 2006.; 2) ROSE, J. **The mature student's guide to writing**. 3 e.d. Basingstoke: Palgrave, 2012.

<sup>52</sup> Também Tang e John (1999), em uma pesquisa anterior, ressaltaram que a escrita acadêmica, em língua inglesa, tem sido tradicionalmente pensada como uma entidade monolítica ligada a convenções que envolve prosa distante, complicada e impessoal. No entanto, há um crescente reconhecimento de que há espaço para negociação de identidade na escrita acadêmica e, portanto, a escrita acadêmica não precisa ser totalmente desprovida da presença de um escritor. Os autores analisaram textos científicos produzidos por 27 alunos do primeiro ano da Universidade Nacional de Cingapura e observaram que a PPS é heterogênea, sendo que seis diferentes tipos de identidades são reveladas por meio do uso do pronome da primeira pessoa.

<sup>53</sup> Também a pesquisa de Leedham (2011) chegou a essa constatação. Conforme a pesquisadora, em 2009, os chineses representavam o maior grupo de estudantes estrangeiros no Reino Unido, com mais de 85.000 estudantes chineses registrados em instituições do Reino Unido, o que motivou inúmeras pesquisas com esses grupos de estudantes. A pesquisa de Leedham (2011) constatou que, majoritariamente, os graduandos chineses utilizam a PPP para a autorreferência em textos de língua inglesa.



Sobre a afirmação da pesquisadora, pode-se ressaltar que o PB recebeu influências de falares distintos do PE, como as línguas indígenas, africanas e outras línguas europeias, que motivaram não só variações lexicais, mas também fonéticas em diferentes regiões brasileiras por meio destes contatos linguísticos e culturais. Conforme a autora, na modalidade oral-dialogada do PB, pode-se dizer que a próclise em início de frase é bastante geral. Para ilustrar essa variação do PB sobre a colocação pronominal, a pesquisadora apresenta alguns trechos de letras de canções brasileiras, em que os pronomes desse tipo são colocados em início de frase.

“Encontros e despedidas”, letra de Fernando Brandt:

*Mande notícias do mundo de lá/ Diz quem fica/ **Me** dê um abraço/  
Venha me apertar/ Tô chegando [...]* (MPB).

“Sintonia”, letra de Sérgio Natureza:

***Me** abraça, me leva pro infinito/ me faz flutuar./ Você é o meu sonho  
mais bonito,/ nem dá pra explicar [...]* (MPB) (NEVES, 2018, p. 509).

Nos exemplos de Neves (2018), verificamos que a colocação pronominal no início da frase entra perfeitamente na cadência dos versos, o que não aconteceria, segundo a autora, na pronúncia portuguesa, “em que as vogais dos pronomes praticamente não seriam pronunciadas, e os pronomes seriam realmente átonos” (NEVES, 2018, p. 509).

Uma vez que os *pronomes possessivos* também perpassam a categoria *pessoa*, esta pesquisa também considera os sentidos materializados por esse tipo de pronome. Os possessivos são classificados pela Gramática Tradicional conforme o Quadro 2:

**Quadro 02** – Pronomes possessivos da Língua Portuguesa conforme a Gramática de Cunha e Cintra (2017)

	Um possuidor		Vários possuidores	
	Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa masc. Fem.	Meu Minha	Meus Minhas	Nosso Nossa	Nossos Nossas
2ª pessoa masc. Fem.	Teu Tua	Teus Tuas	Vosso Vossa	Vossos Vossas
3ª Pessoa masc. Fem.	Seu Sua	Seus Suas	Seu Sua	Seus Suas

**Fonte:** Cunha e Cintra (2017, p. 333).

Os pronomes possessivos acrescentam à pessoa gramatical a noção de posse. Sobre o Quadro 02, podemos ressaltar, novamente, que a perspectiva tradicional se distancia do português falado no Brasil em relação aos pronomes possessivos em 2ª pessoa. Sobre a 2ª pessoa do singular, há uma concomitância no Brasil em relação aos usos *teu/seu*, *tua/sua*, *teus/seus* e *tuas/suas*. Sobre os pronomes possessivos *vosso*, *vossa*, *vossos* e *vossas*, conforme Neves (2018), não são utilizados no PB<sup>54</sup>. Além disso, para a autora,

A grande difusão, no Brasil, do uso de *você* para referência ao interlocutor (uma 2ª pessoa, mas que tem a referência feita por formas de 3ª pessoa: POSSESSIVOS *seu*, *sua*) faz que, muitas vezes (mais especialmente na língua falada), se misturem essas formas de referência POSSESSIVA de 3ª pessoa em um tratamento feito em 2ª pessoa (NEVES, 2018, p. 522).

Considerando que esta pesquisa analisa funções retóricas da PPS e da PPP em relação à constituição de *ethos*, e que não só os pronomes, mas também verbos são explorados por produtores na constituição da imagem de si, nesta seção, apresentamos também alguns aspectos teóricos relativos à flexão do verbo e seu funcionamento no plano textual-discursivo. De acordo com Cunha e Cintra (2017), em LP, os verbos apresentam variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz. Conforme Camara-Jr (2019), na LP, o verbo é o vocábulo flexional.

As duas noções gramaticais de tempo e modo, de um lado, e, de outro lado, de pessoa e número do sujeito, que a forma verbal indica em princípios, correspondem a duas desinências, ou sufixos flexionais, que podemos chamar, respectivamente, sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-temporal (SNP). Eles se aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo (T), constituído pelo radical (R) seguido da vogal temática (VT) da conjugação correspondente (CAMARA-JR, 2019, p. 155).

No padrão geral dos verbos, em LP, o radical é uma parte invariável, constituído, segundo Camara-Jr (2019, p. 155), “de um morfema lexical, acrescido,

---

<sup>54</sup> Por distanciar-se dos propósitos desta pesquisa, uma vez que investigamos funções retóricas da PPS e da PPP em uma seleção de textos da modalidade escrita da LP, optamos por não aprofundar a discussão sobre os pronomes possessivos do português em uso. Sobre essa abordagem, ressaltamos o trabalho de Castilho (2010), que apresenta uma reorganização do quadro de pronomes do português em uso.

ou não, de um ou mais morfemas derivacionais, ele nos dá a significação lexical, permanente do verbo”. Assim, cabe ao sufixo flexional a indicação das noções gramaticais de modo, tempo, número e pessoa.

Sobre a flexão, Rodrigues e Campos (2015a) afirmam que “é o processo de expressão de categorias gramaticais no corpo do vocábulo mórfico, mais especificamente, do nome e do verbo”. Para as autoras, o recurso da flexão possibilita uma série de operações semânticas, que modificam a significação lexical básica. Para as pesquisadoras,

1. A expressão flexional pode ser na forma de afixos acrescentados à raiz, sem que nela ocorra qualquer alteração, ou na forma de uma alteração da própria raiz, como se observa nas ocorrências (1) e (2).  
(1) o pessoal se *incomodou* e *chamou* o MEU marido de grosseiro... (DID POA 45)  
(2) e:: *eles... arrumaram os quartos* e tudo... e *as gurias* de... noite... *amarraram* cordão nas *PORtas* *fizeram*... o diAbo lá... (DID POA 45)
2. Na expressão flexional, cada elemento semântico é expresso numa unidade individual, mas esses elementos estão amarrados, aglutinados numa só palavra.
3. A expressão flexional é por definição muito geral. Uma categoria morfológica é flexional se algum membro da categoria obrigatoriamente acompanha o radical quando ele ocorre numa sentença finita. Assim, uma categoria flexional deve ser combinável com qualquer raiz (RODRIGUES; CAMPOS, 2015a, p. 146-147).

Além das considerações apresentadas acima, segundo Rodrigues e Campos (2015a, p. 157), os traços pragmático-discursivos são fundamentais para a interpretação semântica das flexões verbais em pessoa, assim, devem “ser considerados na tentativa de dar conta do fenômeno por inteiro”. Também para Campos, Rodrigues e Galembeck (2002, p. 39), “a interpretação semântica das formas verbais flexionadas não se esgota no plano do vocábulo formal: há que se considerar o vocábulo no seu contexto sintático, na medida em que o verbo pertence à esfera semântica das relações e processos”. Ou seja, para os autores, o significado depende não só do verbo em si, mas também das relações na frase construída e das características sintático-semânticas das formas verbais sob análise. Além disso,

Impõe-se que se leve em conta a significação das formas verbais flexionadas em termos de características pragmático-discursivas ou do significado construído nas relações textuais ou discursivas. Tal abordagem liga-se ao fato de que a maior parte dos elementos

linguísticos é multidimensional, o que inviabiliza sua análise isolada e, por outro lado, favorece o estudo de cada uma das formas no contexto em que ocorre. É muitas vezes a situação textual e pragmática que vai definir determinado uso e não outro da forma (CAMPOS; RODRIGUES; GALEMBECK, 2002, p. 39).

Assim, a utilização das pessoas do discurso, seja por meio dos pronomes pessoais ou por meio da flexão verbal, pode ser compreendida como uma estratégia argumentativa. Travaglia (2015), após analisar *corpus* do NURC, constatou que “em busca de objetividade por razões argumentativas, observa-se uma tendência para usar pessoas que deem a impressão de máxima objetividade, afastando a imagem do produtor do texto do enunciador”. Travaglia (2015, p. 321) observou maior uso da terceira pessoa (TP) em textos em que o produtor pretende aderir maior objetividade<sup>55</sup>, enquanto o uso da PPP foi mais associado ao “plural de modéstia”<sup>56</sup>.

Também a pesquisa de Silveira (2017) observou tendências argumentativas relacionadas às pessoas do discurso. No que diz respeito aos pronomes e aos verbos flexionados, a autora observou que esses elementos linguísticos revelam efeitos de subjetividade e objetividade do locutor, que se relacionam com o processo de apropriação da língua pelo produtor. Assim,

ao posicionar-se na terceira pessoa do plural, o locutor distancia-se do grupo [...], colocando-se como não pertencente a ele; o que confere um efeito de maior objetividade e autoridade ao texto. Porém, ao posicionar-se na primeira pessoa do plural, assim como no caso dos pronomes, ele se coloca como pertencente ao grupo

---

<sup>55</sup> Apesar de não ser o foco do nosso estudo a perspectiva psicológica para a compreensão dos usos das pessoas do discurso, consideramos interessante a pesquisa de Le (2020). Na tese de doutorado intitulada *Perspective as a Communication Tool: Third-Person (vs. First-Person) Imagery Facilitates Analytical (vs. Dynamic) Language Style*, Le (2020) verificou que quando as pessoas compartilham experiências de vida com outras, muitas vezes conseguem ver esses eventos se desenrolando através da mente. Enquanto veem essas imagens mentais, as pessoas podem adotar uma perspectiva visual em primeira pessoa (ou seja, vendo o evento se desenrolar através de seus próprios olhos) ou uma perspectiva visual em terceira pessoa (ou seja, vendo o evento se desenrolar a partir do ponto de vista de um observador). É importante destacar que a perspectiva de imagens que as pessoas adotam pode influenciar a maneira como elas interpretam e relatam os eventos da vida. O estudo sugere que a perspectiva em terceira pessoa facilita um estilo de processamento de cima para baixo que ajuda as pessoas a integrar o significado dos eventos com suas crenças abstratas e gerais. Em contraste, a perspectiva em primeira pessoa facilita um estilo de processamento de baixo para cima que permite que as pessoas usem características concretas e experiências para entender eventos, sem serem limitadas por crenças pré-existentes. Os dados da pesquisa sugerem que a perspectiva visual pode influenciar como as pessoas modulam a linguagem e se comunicam com os outros.

<sup>56</sup> Conforme é demonstrado na subseção 3.2.3.2.1 (p. 107), por meio deste recurso linguístico, o produtor pode encenar uma imagem de si mais modesta e com a impressão de maior objetividade a partir da construção da sensação de pertencimento a grupos, como ao refletir sobre convenções acadêmicas na esfera científica.

[...], aproximando-se do interlocutor, como um porta-voz dessa coletividade. Diante disso, com relação ao *ethos*, encontramos a tendência de quatro vozes que o compõe, que nomeamos como: uma dogmática, uma engajada, uma experiente e uma didática.

Nesta primeira parte da seção, tecemos um panorama geral sobre os pronomes pessoais e as pessoas do discurso na LP, a partir de estudos linguísticos e do que consta na gramática tradicional. Na sequência, apresentamos discussão sobre a complexa relação entre as pessoas do discurso, especialmente acerca da pluralização.

### 3.1.1 As duas pessoas do discurso e a não-pessoa

Conforme Manetti (2015), em 1946, ao desenvolver o estudo *Structure des relations de personne dans le verbe*<sup>57</sup>, Émile Benveniste constatou dois fatos sobre as línguas modernas que pareceriam triviais, mas que merecem destaque: 1) entre as classes gramaticais clássicas, apenas duas são sujeitas a manifestar a categoria *pessoa* (o verbo e o pronome); e 2) a aparente uniformidade da classificação das três pessoas verbais é muito mais complexa que a estratificada em primeira, segunda e TP. O estudo de Benveniste motivou e embasou investigações sobre a PPD, como os estudos de Ilari *et al.* (2002), Lopes (2007), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Fauci e Tronci (2015), Fauci (2016), entre outras pesquisas.

De acordo com Benveniste (1991), uma comparação da metalinguagem descritiva das três pessoas entre a gramática ocidental (desenvolvida a partir do Latim e do Grego<sup>58</sup>, e com assonância do Sânscrito) e a gramática árabe, revela uma discrepância radical entre a metalinguagem dessas línguas. Em relação à metalinguagem da gramática ocidental,

<sup>57</sup> Para o desenvolvimento desta pesquisa, consultamos a tradução brasileira do artigo, que foi publicada no livro *Problemas de Língua Geral I* (BENVENISTE, 1991).

<sup>58</sup> A primeira gramática de morfologia da língua grega, *Tékhne Grammatikê*, elaborada por Dionísio Trácio, foi desenvolvida no século II a. C. Na tradução de Chapanski (2003, p. 30), consta a seguinte classificação das pessoas gramaticais: “São três as pessoas: primeira, segunda, terceira. A primeira é a de que provém a sentença; a segunda, a quem se dirige a sentença; a terceira, a de que fala a sentença”. Verifica-se que a metalinguagem sobre a categoria pessoas, nas línguas ocidentais contemporâneas, como é o caso da LP, segue a lógica da classificação da gramática grega. De acordo com a tradutora e pesquisadora, na elaboração de seu conceito de pessoas verbais, Dionísio “empenha a idéia das pessoas reais, no ato da enunciação. São os seus papéis que definem as pessoas do verbo. O nome ‘pessoa’ vem daí, sem dúvida” (CHAPANSKI, 2003, p. 160).

Nel metalinguaggio della grammatica occidentale, infatti, le forme flesse sono appunto tre personae, senza altra distinzione che il loro numero, come in latino, tre *prosopa* in greco e tre *purusa* nella nomenclatura grammaticale indiana, chiamate rispettivamente *prathama purusa*, 'prima persona' (= la nostra terza persona), *madhyama purusa*, 'persona intermedia' (= la nostra seconda persona), *uttama purusa*, 'ultima persona' (= la nostra prima persona). La classificazione indiana è organizzata secondo un ordine inverso rispetto a quello occidentale, ma nella sostanza segue lo stesso principio (MANETTI, 2015, p. 25)<sup>59</sup>.

Já na metalinguagem da gramática árabe, segundo Manetti (2015, p. 25)<sup>60</sup>, as três pessoas não estão no mesmo nível e não têm nomes semelhantes na metalinguagem descritiva: “la prima persona viene definita nel metalinguaggio *al-mutakallimu*, cioè ‘colui che parla’; la seconda persona è *al-muhatabu*, cioè ‘colui al quale ci si rivolge’; la terza persona è *al-ga’ibu*, cioè ‘colui che è assente’”. Para Benveniste (1991), a estrutura nocional árabe é organizada por oposições, na qual as duas primeiras pessoas, o *eu* e o *tu*, se opõem à terceira “não-pessoa”, que é o próprio objeto da enunciação, o enunciado.

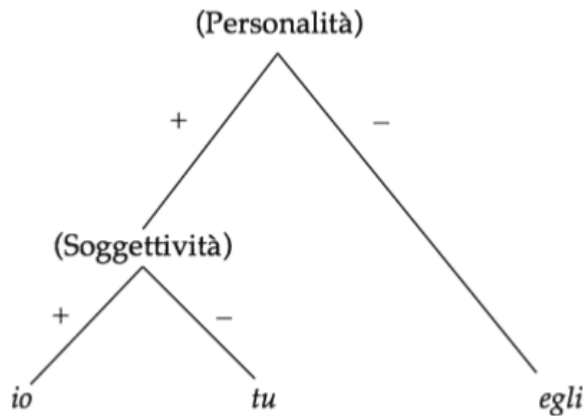
Assim, Benveniste (1991, p. 258) criou um parâmetro para caracterizar a oposição entre as correlações de pessoas verbais: 1) *Correlação de personalidade*, “que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*”; e 2) *Correlação de subjetividade*, “interior a precedente e opondo *eu* a *tu*”. A partir do parâmetro de correlações de Benveniste, Manetti (2015) criou um esquema para explicar essas relações:

---

<sup>59</sup> “as formas flexionadas são precisamente três personae, com nenhuma outra distinção além do seu número, como no latim, três *prosopa* no grego e três *purusa* na nomenclatura gramatical indiana, respectivamente chamadas *prathama purusa*, 'primeira pessoa' (= Nossa terceira pessoa), *madhyama purusa*, 'pessoa intermediária' (= nossa segunda pessoa), *uttama purusa*, 'última pessoa' (= nossa primeira pessoa). A classificação indiana é organizada em uma ordem inversa em comparação à ocidental, mas, em substância, segue o mesmo princípio” (MANETTI, 2015, p. 25, tradução nossa).

<sup>60</sup> “A primeira pessoa é definida na metalinguagem *al-mutakallimu*, ou seja, 'quem fala'; a segunda pessoa é *al-muhatabu*, ou seja, 'a quem você recorre'; a terceira pessoa é *al-ga’ibu*, ou seja, 'aquele que está ausente’” (MANETTI, 2015, p. 25, tradução nossa).

**Figura 1** – Esquema de correlação entre pessoa/subjetividade



**Fonte:** Esquema elaborado por Manetti (2015, p. 26)<sup>61</sup>

Para compreendermos essas correlações, podemos pensar na interação face a face. Em relação à correlação de personalidade, Benveniste observou uma oposição entre *eu/tu* e *ele*, pois, em uma interação entre *eu* e *tu*, ou seja, entre um falante e um ouvinte, o *ele* está fora da alçada dos dois interlocutores e, por isso, é classificado por Benveniste como *não pessoa*, pois é um sujeito do discurso e não participa da interação. Sobre essa visão acerca dos pronomes adotada por Benveniste, Lopes (2007, p. 108) destaca que

A dita não-pessoa combina-se a verbos que, em geral, levam desinência zero, confirmando sua impessoalidade. As formas de primeira e segunda pessoas teriam maior dimensão pragmática, no sentido de serem os verdadeiros vocábulos dêiticos situacionais. As formas de terceira pessoa são, em geral, menos situacionais e mais textuais, ou seja, anafóricos. Tanto os pronomes de terceira quanto os nomes compartilham o traço neutro para pessoa (P3). Os nomes têm essencialmente, no plano semântico, um caráter representativo ou simbólico, ao passo que os pronomes se caracterizam como formas indicativas que situam os seres ou/coisas no mundo bio-social.

Para Marques e Ramos (2015), a dêixis se constitui como categoria básica e modo nuclear de construção do *eu* e do *outro*. Conforme os autores, “o compromisso do locutor com o conteúdo do seu dizer, ainda que marcado por diferentes processos linguístico-discursivos, passa necessariamente pela dêixis, porque a referenciação se constrói a partir da enunciação” (MARQUES; RAMOS, 2015, p. 149). Assim, a *dêixis* é um dos instrumentos que possibilitam identificar o *eu* e o *nós*.

<sup>61</sup> Tradução do Italiano: Personalità: Personalidade; Soggettività: Subjetividade; Io: Eu; Tu: Tu (ou você); Egli: Ele.

Também a perspectiva tradicional considera a importância das marcas dêíticas para a identificação dos pronomes, vejamos o que consta em Bechara (2015, p. 170):

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *déixis* (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma *déixis* contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma *déixis ad óculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante.

Para a compreensão de como as marcas dêíticas permitem situar referências de pessoa, tempo e espaço a partir de elementos presentes na linguagem, esta pesquisa considera, principalmente, os estudos de Benveniste (1991)<sup>62</sup> e de Fiorin (1996). Por meio de marcas dêíticas, pode-se localizar quem é o falante e onde ele se localiza no tempo/espaço no contexto. Para Benveniste (1991, p. 288),

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *déixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc.

Notamos que, para Benveniste (1991), a subjetividade<sup>63</sup> está ligada a três instâncias discursivas: *pessoa*, classe elementar centrada na oposição *eu/tu – ele*; *tempo*, organiza-se no discurso e está ligado ao exercício da fala, por exemplo, o *eu* é falante no *presente*, em seu turno de fala; e *espaço*, constituído a partir de coordenadas espaciais centradas no *eu*.

Apesar de considerarmos fundamental a classificação de Benveniste para o estudo das pessoas do discurso, concordamos com Janner, Costanza e Sutermeister (2015), que, diante da comparação de línguas, afirmam fazer pouco sentido, metodologicamente, a distinção entre *pessoa* e *não-pessoa*, porque se trata do agrupamento de diferentes sistemas dos elementos do paradigma da pessoa, com a criação de uma tipologia a respeito desses grupos, independentemente de

---

<sup>62</sup> São considerados norteadores os estudos *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, *A natureza dos pronomes* e *Da subjetividade na linguagem*, presentes em Benveniste (1991).

<sup>63</sup> A subjetividade, para a teoria de Benveniste, é a capacidade do produtor de se propor como “sujeito”, em um turno de fala determinado.



serem codificados como *pessoa* ou *não-pessoa*. A tipologia já exige um alto nível de abstração, pois sem isso a comparabilidade não é garantida. Retirar uma pessoa desses sistemas porque ela tem um *status* referencial diferente não é justificável, uma vez que é possível reconhecer plenamente a natureza diferente da TP em relação à primeira e à segunda, mesmo assim não há nenhum benefício com a exclusão da TP desse sistema.

No discurso falado, segundo Posio (2012, p. 340), que comparou funções semânticas da PPD em LP e língua espanhola, o que caracteriza a primeira pessoa do singular é a alta frequência simbólica de formas verbais como “eu penso”, “eu digo” e “eu sei”, que servem a diferentes funções pragmáticas relacionadas com tomada de posição e organização de turnos. A presença ou ausência do pronome sujeito em espanhol está relacionada à função pragmática da sequência no discurso. Por exemplo, a sequência de alta frequência *yo creo que* está associada a uma função subjetivante, marcando a proposição como opinião pessoal do falante e sinalizando que o falante assume a responsabilidade pelo valor de verdade da proposição, enquanto a expressão *creo que* é frequentemente usada com função atenuante, ou seja, sinalizando que o falante não está assumindo plena responsabilidade pelo valor de verdade do enunciado.

Conforme Fiorin (1996, p. 42), “como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo o tempo organizam-se em torno do ‘sujeito’, tomado como ponto de referência. Assim, o espaço e o tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia”. A partir desses elementos, organizam-se as relações espaciais e temporais. Em relação à noção de sujeito, segundo Benveniste (1991, p. 286),

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. [...] A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego o *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*.

Ao refletirmos sobre a dêixis e a construção do *eu* centrada nessa perspectiva teórica, entendemos que a função do *eu* (juntamente com o *tu*) é marcada como *pessoal*, em oposição a função do *ele/ela*, que, conforme discutido, foi classificada

como *não-pessoa*. Além disso, conforme o autor, a PPS recebe uma função ulterior: a de *pessoa subjetiva*, que se opõe ao *tu*, *pessoa não subjetiva*.

Nesse cenário, segundo Manetti (2015), podemos refletir sobre o pronome *nós*. A organização da metalinguagem acerca das pessoas do discurso, nas gramáticas ocidentais, sugere que todas as relações propostas entre as três formas do singular permaneceriam paralelas, caso transpostas para o plural. No entanto, de acordo com Benveniste (1991), nos pronomes pessoais, a passagem do singular para o plural não implica apenas uma pluralização. Benveniste (1991, p. 257) notou que “o plural exclusivo (eu + eles) consiste em uma junção das duas formas que se opõem como pessoal e não-pessoal em virtude da correlação de pessoa”.

Além disso, para o autor, a “distinção ordinária de singular e de plural deve ser se não substituída ao menos interpretada, na ordem da pessoa, por uma distinção entre *pessoa estrita* (= singular) e *pessoa amplificada* (= plural). Só a “terceira pessoa”, sendo não-pessoa, admite um verdadeiro plural” (BENVENISTE, 1991, p. 257)<sup>64</sup>.

Benveniste (1991, p. 250) também demonstrou que “a categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias do verbo. Essa é uma comprovação que nos é suficiente, mas é incontestável que a originalidade de cada sistema verbal sob esse aspecto deve ser estudada em particular”. Há que se ressaltar, também, que um parâmetro similar dessa oposição pode ser observado na pesquisa de Ilari *et al.* (2002) sobre os pronomes pessoais no PB.

### 3.2 PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO: PASSOS DE CONSTITUIÇÃO DE *ETHOS*

Nesta subseção, são apresentadas discussões resultantes da reflexão sobre estudos linguísticos, pragmáticos e o que consta na gramática tradicional sobre a PPS e a PPP. Optamos pela reflexão conjunta dessas marcas de construção de *ethos*, pois, apesar de algumas funções retóricas serem associadas, especificamente, à PPS ou à PPP no Estado da Arte, um olhar para o *corpus* desta

---

<sup>64</sup> Para compreendermos a observação de Benveniste (1991), pensemos se há equivalência nos seguintes grupos de pluralização: 1) Singular – humano, homem e mulher; Plural – humanos, homens e mulheres; 2) Singular: eu, você; Plural: nós, vocês. Notemos que o primeiro grupo é composto por objetos discursivos, logo, a pluralização efetiva deles é possível. No segundo grupo, por outro lado, a relação semântica estabelecida pela pluralização não é idêntica, uma vez que não existe em “nós” dois ou mais “eus”, assim como em “vocês”, há a soma de indivíduos distintos.

pesquisa demonstra que algumas dessas funções são aplicáveis a ambas as pessoas gramaticais.

Além disso, uma vez que este estudo analisa as funções retóricas da PPS e da PPP, que podem realizar diferentes *ethos* em textos de LP, verificamos a importância de observarmos não só a flexão verbal e os pronomes, mas também o contexto. E, ao considerarmos o contexto, conforme é demonstrado nesta subseção, verificamos a possibilidade de a PPP designar *eu* (como o *plural de modéstia*) e a PPS designar uma voz autorizada amplificada que fala em nome de um grupo.

A partir de Benveniste (1991), entendemos que *eu*, *tu* e *ele* designam formas linguísticas que indicam a *pessoa*. Em relação ao *eu*, o pesquisador afirma que não se refere a um indivíduo particular, mas “a algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *lhe* designa o locutor” (BENVENISTE, 1991, p. 288)<sup>65</sup>.

A literatura consultada demonstra que essa identificação dêitica é o primeiro passo para o estudo da PPS e da PPP, pois possibilita a identificação da referencialidade dos elementos linguísticos. Todavia, as estratégias argumentativas associadas aos usos dessas marcas linguísticas na construção de *ethos* ultrapassam o nível de referencialidade. Assim, levamos em conta também fatores pragmáticos relacionados a diferentes construções retóricas.

Conforme Marques e Ramos (2015, p. 153), que estudaram marcas dêiticas da presença do locutor no discurso científico, “a presença do produtor do texto é dinâmica, ou instável, pois, dependendo da perspectiva; este assume responsabilidades diversas face ao conteúdo do seu dizer e constrói relações diferentes com os interlocutores”. Após a análise, verificamos que isso também ocorre nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Em relação à PPS, conforme Bechara (2015, p. 169), o *eu* é “a pessoa correspondente ao falante”. Já Neves (2018, p. 463), que parte de uma perspectiva

---

<sup>65</sup> Segundo Benveniste (1991), não há conceito de *eu* que englobe todos os *eu* que se enunciam a todo instante no sentido em que há, por exemplo, um conceito de “árvore” ao qual se reduzem todos os empregos individuais de *árvore*. Assim, o *eu* não denomina nenhuma entidade lexical, pois “é um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 288). Há que se ressaltar que, ao considerar que o *eu* designa um sujeito linguístico e não um indivíduo em particular, não significa que o *eu* não possa projetar características do *eu* singular na construção da imagem de si, ao contrário: apenas se evidencia o caráter dêitico do pronome pessoal e dos demais elementos linguísticos que materializam a primeira pessoa.

funcionalista, classifica a PPS como “aquela que produz a fala (enquanto fala de si mesma)”. A autora também afirma que “para referir-se a si mesmo, o falante usa o verbo na 1ª pessoa do singular (*eu*)” (NEVES, 2018, p. 464). Vejamos fragmento utilizado pela autora para exemplificar a utilização de pronomes na PPS:

**Eu** não sabia o que dizer. Mas tinha uma certeza: algum dia **eu** pegaria tudo o que tinha ficado no alçapão. Quanto aos três livros, **eu** previa que iam **me** trazer problemas. Claro que **eu** queria mergulhar nesse Hipólito, de cabeça. **Eu** adoro Eurípedes (NEVES, 2018, p. 466).

A pesquisadora apresenta um trecho em que o produtor do texto narra um fato que ocorreu consigo, e há uma sequência de formas do pronome pessoal da PPS. Apesar de apresentar ocorrências grifadas do pronome, Neves (2018, 466) afirma que isso “não significa, obviamente, que esse pronome tenha de ser sempre expresso”.

Em relação à PPP, conforme Cunha e Cintra (2017), os verbos flexionados na PPP recebem a desinência *-mos*<sup>66</sup>. Sobre o pronome pessoal *nós*, a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara (2015, p. 171), define que o *nós* “indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu + eu*”. Em nota de rodapé, o gramático complementa:

Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se apresenta ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente ao ‘eu’ contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários ‘eus’ concebidos pelo próprio ‘eu’ que fala, é porque o ‘nós’ não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o ‘eu’ e o ‘não eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não eu’. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em ‘nós’ é sempre ‘eu’ que predomina, uma vez que só há ‘nós’ a partir de ‘eu’ e esse ‘eu’ sujeita o elemento ‘não eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença de ‘eu’ é constitutiva de ‘nós’ (BECHARA, 2015, p. 171).

<sup>66</sup> É interessante ressaltar que, conforme Naro *et al.* (1999) e Scherre, Yacovenco e Naro (2018), há três mudanças em andamento no sistema de marcação de pessoas do PB que dizem respeito à PPP. Primeiro, o uso da desinência *-mos* está diminuindo e o pronome *nós* é usado com a forma verbal de TP (por exemplo, *nós fala* em vez de *nós falamos*), uso observado em até 60% do tempo por falantes mais jovens de 21 anos. Em segundo lugar, a desinência *-mos* está ganhando frequência com o pronome sujeito *a gente*, como evidenciado por seu uso mais frequente entre os falantes mais jovens (*a gente fomos*). Em terceiro lugar, o uso da terminação *-mos* é mais frequente na forma do pretérito (por exemplo, *nós falamos*). Assim, os pesquisadores consideram que *-mos* está sendo reinterpretado como um marcador de pretérito pelos falantes mais jovens e pode permanecer nesse uso no futuro enquanto desaparece de outros tempos.

Aqui, observamos uma correlação entre o que está em Bechara (2015) e os estudos de Benveniste (1991), uma vez que o gramático reflete sobre a funcionalidade semântica desse pronome pessoal e, para Benveniste (1991, p. 258), o *nós* “anexa ao *eu* uma globalidade indistinta de pessoas”, e não um plural de *eu*. No entanto, as gramáticas tradicionais continuam a apontar uma equivalência entre a PPP e a PPS.

### 3.2.1 Sobre os pronomes possessivos na primeira pessoa do discurso

As gramáticas consultadas destacam algumas particularidades semânticas relacionadas ao uso dos pronomes possessivos na primeira pessoa. Bechara (2015) aponta os valores afetivos do possessivo e a indicação de ideia de aproximação. Vejamos os exemplos do gramático:

**Possessivo para indicar ideia de aproximação** – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:  
Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).  
[...]

**Valores afetivos do possessivo** – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação. Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:  
O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas (BECHARA, 2015, p. 191).

A partir dos exemplos de Bechara (2015), notamos que o valor semântico dos possessivos, tanto na PPS quanto na PPP, deve ser compreendido no contexto. Dada a volatilidade dos possessivos, eles podem ser explorados pelo produtor do texto na elocução do discurso com fins retóricos, para exprimir simpatia, afeto, cortesia, deferência, entre outros sentidos.

Sobre o valor de *afetividade*, Freitas (2013), descreve que faz referência à vivência de sentimentos positivos ou negativos ligados ao produtor do texto ou aos interlocutores. Para a autora, a afetividade é perpassada por emoções positivas e

negativas<sup>67</sup>, como “medo, raiva, tristeza, alegria, surpresa, aversão – percebemos que, se alegria é uma emoção cuja polaridade é positiva, e raiva e tristeza são regularmente associadas a uma polaridade negativa”.

Conforme a pesquisadora, por meio de um léxico que movimenta valores de afetividade, o produtor pode emitir opinião, julgamento, expressar seus sentimentos de verdade em relação ao conteúdo e movimentá-lo com propósitos retóricos. Para exemplificação, vejamos um recorte do *corpus* desta pesquisa em que se evidencia *afetividade* e *aproximação* por meio de pronome possessivo em primeira pessoa:

Certa vez, por volta dos **meus** 18, 19 anos, numa das inúmeras aulas que tinha com ele no seu escritório, Martinha latia, latia bastante em direção a mim, sentado numa cadeira à esquerda do sofá onde o professor Benedito estava (*Dossiê Benedito Nunes, Revista Cult*).

No fragmento acima, o possessivo na PPS é explorado com propósito ambíguo pelo produtor do texto. Por meio da expressão “por volta dos **meus** 18, 19 anos”, o produtor, inicialmente, demonstra imprecisão com relação à idade, portanto, aproximação. Há também a afetividade a partir das escolhas lexicais do produtor à medida que narra suas vivências e um período da vida de forma saudosista.

Já na perspectiva funcionalista, Neves (2018) demonstra que o possessivo *meu* (e suas flexões), quando usado em vocativos, constrói sentidos ligados à cerimoniosidade e afetividade ou, inversamente, pode remeter à ironia, provocação ou desprezo. Vejam-se os exemplos da autora:

1. **Meu** senhor, o senhor está se sentindo mal?
2. Está tudo dando certo, **meu** amor.
3. Venha me buscar, **meu** querido, venha logo.
4. Olha aqui, **minha** senhora, quer fazer o favor de não se intrometer?
5. – Maluf, o sr. Não gostaria de se explicar melhor?  
- **Meu** querido, não sou eu quem deve explicações (NEVES, 2018, p. 528).

A partir dos exemplos de Neves (2018), verificamos que, quando usados em vocativos, o produtor do texto pode utilizar os pronomes possessivos na PPS para

---

<sup>67</sup> O estudo de Freitas (2013) considera contribuições da área de Processamento de Linguagem Natural (PLN). A associação recorrente entre itens lexicais e um campo semântico, indicando uma certa conotação, seja ela positiva, negativa, e até neutra, é tema de estudo de áreas como a Semântica-lexical e a Linguística de *corpus*, em que é chamada de “prosódia semântica” (GUILHERME; OSÓRIO, 2014).

construir diversos sentidos, que são compreendidos a partir do contexto. Esses pronomes podem ser explorados para provocar nos interlocutores tanto sensações positivas quanto negativas. Em relação às sensações positivas, no exemplo 1, em “**meu** senhor”, tem-se uma expressão de tratamento cerimoniosa; e, nos exemplos 2 e 3, há afetividade. Já nos exemplos 4 e 5, os produtores almejam provocar sensações negativas em seus interlocutores por meio de ironia, provocação e desprezo. Notamos, assim, a possibilidade desses elementos linguísticos serem articulados não só em estratégias retóricas relacionadas ao *pathos*, mas também na construção de *ethos* em que a credibilidade do produtor é ancorada em emoções positivas ou negativas.

### **3.2.2 Primeira Pessoa do Plural e a construção de estratégias retóricas: as funções *inclusiva* e *exclusiva***

Segundo Bossong (2015, p. 46)<sup>68</sup>, a PPP é a pessoa mais vaga e a mais polivalente de todas. É possível reduzi-la ao esquema seguinte: “*Yo + algo más*”. O que aqui é chamado de “algo mais” pode ser qualquer outra pessoa ou combinação, a depender dos propósitos do articulista, uma vez que, estritamente falando, a primeira pessoa não pode ser pluralizada, pois o *eu* é único no mundo<sup>69</sup>. Nesta subseção, embasados em perspectivas teóricas multidisciplinares, propomo-nos a discussão desse “algo a mais”, considerando muitas formas variadas.

Bossong (2015, p. 47), ao discutir a ambiguidade da PPP, lança as seguintes reflexões: “Si esta forma es tan ambigua, si conlleva tan frecuentemente malentendidos en la comunicación ordinaria, por qué nuestras lenguas no hacen ninguna distinción gramatical entre las diversas acepciones? Por qué quedan tan imprecisas em un punto tan fundamental de la gramática?”<sup>70</sup> Para o autor, a

<sup>68</sup> “*eu + algo mais*” (BOSSONG, 2015, p. 46, tradução nossa).

<sup>69</sup> Também na perspectiva da Filosofia esse “algo mais” é problematizado. A título de exemplificação, podemos citar o estudo de Bekhta (2020), que afirma que O pronome *nós*, na filosofia contemporânea, parece conter um desejo essencialmente utópico, herdado dos projetos radicais do século XX: o desejo de um espaço, onde pudesse surgir tal referência plural que expressasse livremente sua própria disparidade imanente sem com isso dissolver em si, o *nós* díspar da união. É por isso que o emblema do *nós* marca as preocupações da filosofia contemporânea com os comuns, estar com e estar junto, ou o *nós* sujeitos.

<sup>70</sup> “Se esta forma é tão ambígua, se tão frequentemente leva a mal-entendidos na comunicação, por que nossas línguas não fazem nenhuma distinção gramatical entre os vários significados? Por que

imprecisão semântica não é uma desvantagem, mas sim uma vantagem, uma vez que, frequentemente, é preferível deixar em aberto interpretações divergentes. Uma distinção gramatical nos obriga a tomar uma decisão mesmo nos casos em que não desejamos tomá-la.

Para Maurizi (2017), a refutação de que a PPP corresponde ao simples plural de *eu* dá suporte à reflexão sobre as funções argumentativas do *nós*. Conforme a autora, a PPP possibilita que o produtor do texto se inclua em um determinado grupo indicado pela expressão linguística *nós*, mas, muitas vezes, não permite que os leitores determinem quais são todos os indivíduos que fazem parte do grupo. Assim, a intenção do falante é que determinará a qual grupo específico esse *nós* se refere.

De acordo com Manetti (2015), o pronome *nós* é ambíguo e, muitas vezes, só pode ser compreendido a partir do contexto da enunciação, sendo usado de forma intencional, pois “non c’è una regola che stabilisca qual è la loro referenza in un contesto dato. Per dirla in altre parole, la referenza non è univoca ma multipla e dipende dall’intenzione del parlante” (MANETTI, 2015, p. 153)<sup>71</sup>. Para Screti (2015, p. 153),

Se eliminiamo il *noi* come ‘*io dilatato*’ o ‘*io diminuito*’, il *noi* ha quindi la qualità fondamentale, conferitagli proprio dal suo valore ambiguo, di permettere la manipolazione strategica dell’inclusione/esclusione degli altri: dal *noi* (*io* enunciatore + tutto il genere umano), caso limite verso il massimo, al *noi* (*io* + alcuni vs. gli altri), al *noi* (*io* + un altro), caso limite verso il minimo (SCRETI, 2015, p. 153)<sup>72</sup>.

Para Screti (2015), a inclusão ou exclusão do *nós* ocorre de maneira intencional, e o *nós* funciona como um círculo que pode ser alargado mais ou menos para incluir interlocutores, principalmente a partir de interesses estratégicos, conforme a Figura 2:

---

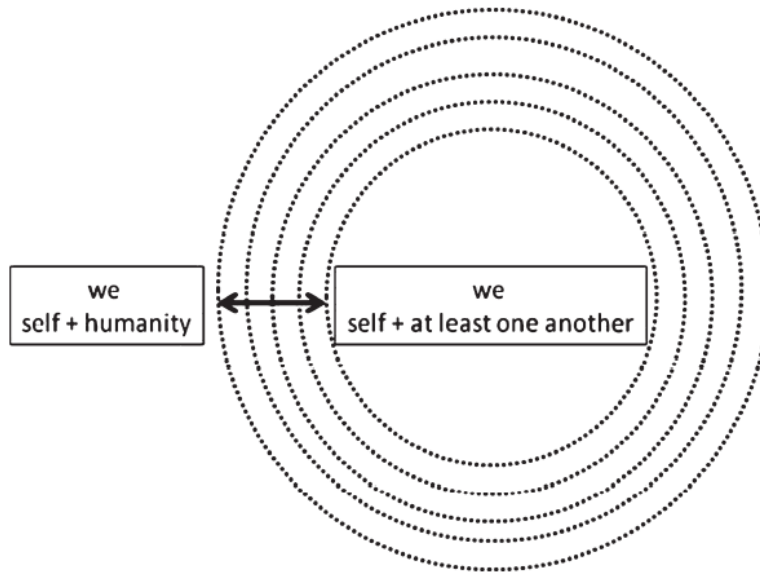
são tão vagos em um ponto tão fundamental da gramática?” (BASSONG, 2015, p. 47, tradução nossa).

<sup>71</sup> “não existe uma regra que estabeleça sua referência em um determinado contexto. Em outras palavras, a referência não é única, mas múltipla e depende da intenção do falante” (MANETTI, 2015, p. 32, tradução nossa).

<sup>72</sup> “Se eliminamos o *nós* como o ‘*eu dilatado*’ ou o ‘*eu diminuído*’, o *nós* então tem a qualidade fundamental, que lhe é conferida por seu valor ambíguo, de permitir a manipulação estratégica da inclusão/exclusão de outros: do *nós* (*eu* enunciatador + todos do gênero humano), no limite máximo, ao *nós* (*eu* + alguns vs. outros), ao *nós* (*eu* + um outro), no limite mínimo” (SCRETI, 2015, p. 153, tradução nossa). O *eu dilatado* e o *eu diminuído* correspondem, respectivamente, ao *plural de majestade* e ao *plural de modéstia* das gramáticas prescritivas.



**Figura 2** – Esquema de inclusão de interlocutores no *nós*



**Fonte:** Screti (2015, p. 154)<sup>73</sup>.

Notamos que a referência à PPP é conceituada como envolvendo o grupo de pessoas instanciado pelo falante. Sobre a identidade desse “grupo de pessoas”, Posio (2012) observa que está sujeita a variações consideráveis, podendo incluir qualquer ser humano, desde o destinatário até uma TP ou pessoas, uma instituição ou mesmo toda a humanidade. Nesse sentido, a PPP, em alguns contextos, assemelha-se a impessoais, ou seja, construções que se referem a agentes não especificados, como impessoais reflexivos e a TP do plural impessoal. Na interpretação impessoal de formas de PPP, de acordo com o autor, estamos, portanto, lidando com a impessoalidade ou semi-impessoalidade inclusiva do falante. Apesar da impessoalidade, esses elementos linguísticos tendem a ser especializados em relação às dimensões referenciais: a TP exclui o falante, enquanto a PPP inclui o falante em seu alcance referencial.

Diante dessa ambiguidade de sentidos ligados ao *nós*, nesta pesquisa, consideramos, também, a perspectiva aristotélica em *Os Tópicos*, em que o filósofo apontou a importância de os oradores examinarem a pluralidade de significados de um termo no interesse da clareza, “pois um homem está mais apto a saber o que afirma quando tem uma noção nítida do número de significados que a coisa pode comportar” (ARISTÓTELES, 2000, p. 30). Apesar de Aristóteles não ter refletido,

<sup>73</sup> Tradução: We – self + humanity/Nós – auto + humanidade; We – self + at least one another/Nós – auto + ao menos um outro.

especificamente, sobre o pronome *nós*, consideramos a observação do filósofo válida na atualidade no que se refere aos usos da PPP em LP, uma vez que o *nós* possui diversos significados.

De acordo com Stewart (2015), que analisou o pronome *nós* em discursos da modalidade oral da Língua Espanhola, o conhecimento da ambiguidade do pronome *nós* permite ao orador não só modelar o discurso a um determinado interesse, mas também, em caso de ser questionado sobre uma implicação que ameace sua imagem, amparar-se em uma interpretação alternativa do *nós* para salvar sua imagem.

Ao considerar a modalidade oral do PB, Lucchesi (2009) apresenta quatro níveis de referencialidade possíveis em relação ao *nós*:

- (1) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico]
- (2) eu [+/- específico]
- (3) indeterminação circunscrita [-específico]
- (4) indeterminação universal [-específico] (LUCCHESI, 2009, p. 461).

Na categoria (1) de Lucchesi (2009), o referente é constituído por um grupo especificado, ou seja, não só o falante é presente, mas também é acompanhado por outras pessoas especificadas: os ouvintes (vocês) e os não ouvintes (eles). Na categoria (2), há o plural de modéstia, fenômeno discutido nesta seção por meio da perspectiva tradicional. Já nas categorias (3) e (4), notamos diferentes níveis de indeterminação: Em (3), há uma indeterminação circunscrita, ou seja, inclui-se no *nós* um determinado grupo, mas sem ficar exatamente claro quais participantes o compõem; já em (4) a indeterminação é genérica, portanto, universal<sup>74</sup>.

As categorias de referencialidade propostas por Lucchesi (2009) foram utilizadas para a descrição sociolinguística de uma variedade oral-dialogada da LP. Contudo, também são aplicáveis na compreensão desses níveis de referencialidade na modalidade escrita da LP. Para demonstrarmos como a PPP pode ser explorada retoricamente em textos da modalidade escrita, recorreremos à pesquisa de Bini (2018), que avaliou diferentes sentidos associados à PPP em um recorte textual do gênero editorial, publicado na revista *Cult*, em 2016:

---

<sup>74</sup> A pesquisa de Mendonça (2016) identificou que a inclusão do falante em referentes genéricos funciona como estratégia de polidez, em que o falante se aproxima ou se distancia do conteúdo proposicional, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores.

Para esta edição, **selecionamos**, entre tantas mulheres extraordinárias deste planeta, algumas que **nos representam**. **Estamos** entrando de cabeça nessas questões e você pode **nos** ajudar, enviando sugestões de pauta e ideias. **Vamos** criar um mutirão em benefício da luta das mulheres. Boa leitura (CULT, 2016, p. 08 *apud* BINI, 2018, p. 37).

Em **selecionamos**, por exemplo, o contexto permite a construção do sentido de que o produtor do texto utiliza o plural de modéstia<sup>75</sup> para que os leitores virtuais da revista não o considerem arrogante. Já no pronome **nos**, considerando que é acompanhado pelo verbo **representam** e que o texto é assinado por uma produtora, evidenciamos a categoria **(1) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico]**, de Lucchesi (2009), sendo: eu) a produtora do texto; você(s) leitoras da revista; elas específico) as mulheres. Em **estamos** e **nos**, por outro lado, os demais argumentos do recorte direcionam o leitor a compreender que se trata da categoria **(2) eu [+/- específico]**, sendo: eu) a produtora do texto; específico) a equipe da *Cult*.

Em **vamos**, a construção de sentidos que podem ser observados na categoria **(3) indeterminação circunscrita [-específico]**, considerando que a articulista realiza um convite a um grupo específico: os leitores virtuais da revista *Cult*. Porém, não se sabe, ao certo, quais pessoas aceitarão o convite, gerando uma indeterminação circunscrita. Já em relação à categoria **(4) indeterminação universal [-específico]**, não inserida no recorte, notamos que é mais utilizada com o intuito de generalizar os sentidos da PPP, de modo a englobar todos os seres humanos.

A pesquisa de Lucchesi (2009) analisa, especificamente, situações de comunicação na modalidade oral-dialogada de uma variação do PB, o português afro-brasileiro, com o propósito descritivista. Contudo, fornece indícios da possibilidade de produtores explorarem essa ambiguidade relacionada à PPP com propósitos argumentativos, conforme demonstrado por Bini e Sella (2019), que observaram que a PPP, aliada ao léxico dos verbos e ao contexto poderia imprimir modalização e diferentes realizações de *ethos* ao texto.

Considerando o recorte de exemplificação apresentado acima, em “**selecionamos**” e “**estamos**”, o *ethos* da produtora é ancorado à credibilidade da *Cult*, uma vez que a produtora constrói um grupo virtual relacionado à equipe do

---

<sup>75</sup> Especificidades sobre a categoria *plural de modéstia* são discutidas na seção 3.2.3.2.1 (p. 110).

periódico, o que é potencializado pelo gênero editorial, que representa o posicionamento institucional, e pelo fato de ocupar o papel social de editora-chefe da revista. Em “**nos representam**”, por outro lado, a produtora ressalta valores específicos relacionados ao universo feminino. Assim, constrói uma imagem de si relacionada a um grupo virtual de “mulheres extraordinárias”. Já em “**vamos**”, projeta-se como voz autorizada disposta a incentivar um grupo de mulheres intelectualizadas na luta em benefício de todas, constituindo um *ethos* associado à liderança.

Lopes (1998), que realizou estudo anterior sobre o *nós* e o *a gente* no português falado no Brasil, a partir da perspectiva Sociolinguística, observou que

a noção de número implica o grupamento de elementos de mesma natureza e não é isso que ocorre com a forma *nós*, entendida como plural de eu, e *vós/vocês* como plural de tu/você. No primeiro caso, é inconcebível a junção de eu+eu, havendo, na verdade, várias possibilidades de compreensão: eu+tu/você, eu+ele/ela, eu+vós/vocês, eu+eles, eu+todos. No segundo caso, do mesmo modo, a forma plural refere-se a um conjunto de pessoas com quem se fala, admitindo também um valor indeterminado, abrangente, genérico e até difuso. Novamente, à diferenciação semântico-pragmática coaduna-se uma distinção formal, uma vez que o sentido expresso e os radicais das formas eu/*nós* e tu/*vós* são completamente diferentes. A introdução de formas como você(s)/a gente ratifica a posição de que a pluralização do eu/tu por *nós/vós* não se processa pela junção de elementos iguais (LOPES, 1998, s.p.)

A pesquisa de Lopes (1998) demonstra a necessidade de se compreender, especificamente, as várias interpretações do pronome *nós*. Outro estudo importante para a compreensão de diferentes níveis referenciais ligados à PPP é o desenvolvido por Neves (2018). A autora afirma que a PPP é utilizada para o falante referir-se a si mesmo e tratar-se de outras pessoas com ele, ou seja, “os pronomes plurais de 1ª pessoa (*nós, nos*) nunca abrigam apenas a primeira pessoa, isto é, sempre envolvem uma 2ª ou terceira pessoa, ou ambas”. Eles representam:

1. Primeira pessoa + segunda(s) pessoa(s):

*Escuta, Maria Luísa, **vamos** conversar **nós** duas!*

[eu + tu]

*Mande alguém para baixo. **Nós temos** de ficar aqui.*

[eu + você]

*Não, Cló pode ficar, não tem problema. Porém tudo que acontecer deve ser apenas do conhecimento de **nós** quatro, de mais ninguém.*

[eu + vocês três]

2. Primeira pessoa + terceira(s) pessoa(s):

**Nós**, eu e minha irmã, **éramos** como que bonecos para papai e mamãe.

[**nós** = eu + minha irmã (ela)]

*Pode parecer estranha coincidência, mas foi a essa rua que vim ter em plena madrugada, depois que me separei de Hernández e do dr. Keither, para que a polícia internacional não viesse a desconfiar de **nós** três juntos.*

[**nós** = eu + Hernández (ele) + dr. Keither (ele)]

3. Primeira pessoa + segunda pessoa + terceira pessoa:

*Mas os índios têm como **nós** uma alma imortal.*

[**nós** = eu + vocês + os outros homens brancos (eles)]

*Octavio [de Faria], coitado, foi quem se lascou mais com toda essa história. Em todo caso, **nossa** amizade, a de nós quatro, e principalmente a de **nós dois**, é capaz de sacrifícios maiores ainda...*

[**nós** quatro = eu + você + eles; **nós** dois = eu + você] (NEVES, 2018, p. 489-490).

A partir dos exemplos de Neves (2018), notamos que a PPP pode ser mobilizada de modo a incluir o *eu* em um grupo virtual que contempla mais uma ou todas as outras pessoas do discurso, sendo a referencialidade desses elementos linguísticos evidenciada no contexto.

De acordo com Fowler e Kress (2019), o *nós* possui uma maior complexidade em relação ao *eu*, pois o produtor fala em nome dele e de alguém diferente ao mesmo tempo. Para exemplificar essa complexidade, os autores citam o uso do *nós corporativo*, comum em anúncios publicitários. Os pesquisadores afirmaram que é comum a Mercedes-Benz apresentar anúncios que insistem nesse uso: “At Mercedes-Benz **we** build cars that find the perfect balance between ...’ and so on” (FOWER; KRESS, 2019, p. 202)<sup>76</sup>. No exemplo de Fowler e Kress (2019), notamos um *nós* que fala em nome da organização Mercedes-Benz. Esse uso pode ser classificado como *nós exclusivo* na perspectiva de diversos pesquisadores. Conforme Screti (2015), o *nós* pode compreender todos os outros pronomes pessoais:

Noi: io + tu + lui + voi + loro;

Noi: io + tu + lui + voi;

<sup>76</sup> “Na Mercedes-Benz, **construímos** carros que encontram o equilíbrio perfeito entre ... e assim por diante” (FOWER; KRESS, 2019, p. 202, tradução nossa).

Noi: io + tu + lui;  
 Noi: io + tu;  
 Noi: io + lui;  
 Noi: io (CRETI, 2015, p. 149)<sup>77</sup>.

Segundo Manetti (2015, p. 29), que realizou discussões essenciais para o entendimento dos fenômenos argumentativos aqui estudados, no pronome *nós*, “si realizza un particolare congiungimento tra l’io e il non- io, porta come prova di questa asserzione quella differenziazione del pronome di prima persona plurale in due forme – il noi inclusivo e il noi esclusivo – che si è creata in molte lingue”<sup>78</sup>.

De acordo com Farré (2020), por meio da distinção entre *nós* e *eles*, podemos expressar um certo sentimento de pertencimento, afiliação e inclusão social. Através das indicações de proximidade ou distância, da associação a um *nós* e da dissociação discursiva em relação aos outros, forjamos e gerenciamos a trama de nossa identidade social, na qual os outros podem eventualmente se incorporar como parte do *nós* e participar de uma relação dialógica, guiados a partir da intencionalidade do articulista. Nesse sentido, o pronome *nós* permite articular discursivamente diferentes relações de *inclusão* e *exclusão*, como marcador identitário a serviço da orientação social, mas também funcional à construção ideológica de autodefinições grupais e posicionamentos antagônicos.

Para compreendermos a distinção de sentidos das formas *inclusiva* e *exclusiva*, pensemos nas ocorrências em que a PPP é utilizada para a construção do texto dessa tese. O termo “pensemos”, apresentado neste parágrafo, por exemplo, refere-se a quais integrantes? Apenas ao articulista da pesquisa? À *inclusão* dos leitores neste grupo? Ou a um grupo que corresponde ao produtor + um terceiro? Aqui, o termo “pensemos” foi utilizado como uma estratégia argumentativa didática, com foco nos leitores. Portanto, trata-se da PPP com a função *inclusiva*, ou seja: *produtor + leitores da pesquisa*. Mas também outras funções da PPP são mobilizadas, a todo tempo, no decorrer do texto desta tese, como a função *exclusiva*, que se refere a usos da PPP que não incluem os interlocutores, tal como alguns usos nas seções de introdução e metodologia, que descrevem decisões tomadas em conjunto entre o pesquisador e a orientadora.

<sup>77</sup> “Nós: eu + tu + ele + vós + eles; Nós: eu + tu + ele + vós; Nós: eu + tu + ele; Nós: eu + tu; Nós: eu + ele; Nós: eu” (CRETI, 2015, p. 149, tradução nossa).

<sup>78</sup> “realiza-se uma particular junção entre o *eu* e o *não-eu*, traz como prova desta afirmação a diferenciação do pronome de primeira pessoa do plural em duas formas - o *nós inclusivo* e o *nós exclusivo* - que foi criada em várias línguas” (MANETTI, 2015, p. 29, tradução nossa).

Essa classificação que difere as funções *inclusiva* e *exclusiva* da PPP foi embasada no estudo de Benveniste, que definiu o *nós inclusivo* como “a junção da pessoa não subjetiva com o *eu* implícito” e o *nós exclusivo* como a junção do eu com a “não pessoa” (BENVENISTE, 1991, p. 257)<sup>79</sup>.

Fowler e Kress (2019) afirmam que o uso do *nós inclusivo* implica o destinatário no conteúdo do discurso. O produtor do texto opta pela utilização do *nós inclusivo* quando inclui seus interlocutores como parte de seu grupo (*tu*, *vós*). Já o *nós exclusivo* é utilizado quando o produtor fala sobre si de modo a integrar objetos discursivos e não presentes na interação (*ele*, *ela*, *eles*, *elas*)<sup>80</sup>.

Em um discurso político, um orador pode mobilizar ambos os recursos linguísticos a depender de sua intencionalidade. Por meio do *nós inclusivo*, esse produtor hipotético poderia incluir todos os seus eleitores, como em: “*nós*, brasileiros e brasileiras, vivenciamos [...]”; ou, a partir do *nós exclusivo*, poderia exaltar aspectos de uma equipe ou partido que os interlocutores não fazem parte, como em: “em nosso governo, mais de mil famílias foram beneficiadas pelo programa [...]”<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> Apesar de a maioria dos estudos consultados sobre a *inclusividade* e a *exclusividade* do *nós* apontarem o pioneirismo de Benveniste quanto à categorização, Scheibman (2004) afirma que os termos *inclusivo* e *exclusivo* estão em uso na Linguística há mais de dois séculos. Já Bossong (2015) destaca que essa distinção falta apenas nas línguas da Europa, parte da Ásia e da África Septentrional. Por isso, os linguistas europeus descobriram essa distinção tardiamente, especificamente no contato entre espanhóis e portugueses com as línguas indígenas da América. Na perspectiva europeia, essa diferenciação parece exótica, mas na realidade não é, uma vez que é amplamente difundida na África, na Ásia, na América e na Oceania.

<sup>80</sup> Algumas pesquisas consultadas para o desenvolvimento desta tese evidenciaram que a opção pela *inclusividade* ou a *exclusividade* pode estar associada, com maior proeminência, ao gênero textual. Oliva (2013), por exemplo, observou que a *inclusão* vs. *exclusão* do público desempenha um papel particularmente relevante em suas possibilidades comunicativas através da imprensa escrita. De acordo com o autor, a *inclusão* é mais adequada para gêneros argumentativos, tais como artigos de opinião e cartas ao editor, nas quais a concordância de outros é apresentada como um dado adquirido. Por outro lado, em seus usos *exclusivos* para o público, ela constitui uma ferramenta para indexação de membros de grupos. Isto é particularmente frequente em gêneros mais informativos como notícias, histórias e entrevistas. Valores como estes também explicam o potencial dos plurais de primeira pessoa para a gestão estilística de traços de identidade como a apresentação socioprofissional – com os políticos favorecendo usos *exclusivos* do público, enquanto os jornalistas descartam fortemente as indexações em primeira pessoa – assim como o gênero – com as mulheres aparentemente mais propensas a usar plurais inclusivos. De modo mais geral, as diferentes fontes de variação no uso da PPP não são de forma alguma independentes. Os gêneros textuais tendem a favorecer certas identidades pessoais e posições comunicativas como as mais vantajosas para a realização de objetivos interativos. Entretanto, os efeitos das escolhas criativas por parte dos oradores/escritores não devem ser negligenciados. As formas linguísticas estão carregadas de significados psicossociais que se renovam e reformulam com cada ato comunicativo.

<sup>81</sup> No que diz respeito às línguas românicas, de acordo com Janner, Costanza e Sutermeister (2015), a distinção da PPP *inclusiva* e *exclusiva* é importante principalmente em relação às práticas coloniais das diferentes casas reais. Os espanhóis, por exemplo, tiveram que lidar com a distinção ora no Leste, na colônia das Filipinas, ora nas colônias ocidentais, por exemplo, no Paraguai em que prevalecia a utilização do Tupi-Guarani. Para ilustrar essa diferenciação do pronome *nós*, pode-se observar as formas do pronome *nós* no Tupi-Guarani *oré* (*nós exclusivo*) e *îandé* (*nós inclusivo*).

Janner, Costanza e Sutermeister (2015) estimam que a distinção entre pessoas *inclusivas* e *exclusivas* se reflete em cerca de 40% das línguas do mundo. Screti (2015, p. 149), que estudou funções argumentativas relacionadas à PPP, afirma que, em todas as línguas europeias contemporâneas o pronome *nós* é ambíguo, sendo as formas *inclusiva* e *exclusiva* identificáveis no contexto<sup>82</sup>. Apesar de a distinção *inclusivo* e *exclusivo* não ser impressa em vocábulos distintos na LP, ambas as referências semânticas ocorrem, porém, por meio de um único vocábulo com diversas referências semânticas. Soares (2016) afirma que na LP o uso do *nós* é muito complexo, uma vez que, ao usá-lo, o produtor do texto não fala somente em seu nome, mas também em nome de outros, que são ou não determinados no texto.

Sobre os usos do *nós*, Stewart (2015, p. 177)<sup>83</sup> afirma que “la indeterminación proporcionada por el uso del morfema de la primera persona plural (y del pronombre

---

Vejam os exemplos: “*Oré tupinakyia. Aba-pe peẽ?* (Nós (somos) Tupinikins. Quem (são) vocês)”; e “*Íandé brasileiros (Nós (somos) brasileiros)*” (DICIONÁRIO TUPIGUARANI, 2020, s.p.). Ao observarmos os exemplos do dicionário de Tupi Guarani, notamos que o pronome *oré* é utilizado para excluir os interlocutores da conversa, em oposição ao *Íandé*, que é inclusivo.

<sup>82</sup> De acordo com Screti (2015), a ambiguidade no pronome *nós* ocorre nas línguas europeias (*nous, noi, nós, nosaltres, we, wir, nosotros* etc.), mas não em línguas como o chinês, o malaio e o tagalo, em que em nível lexical é possível distinguir os pronomes *inclusivos* e *exclusivos*. Segundo Scheibman (2004), a distinção morfológica ou lexical dessas categorias possui correlação geográfica e ocorre com mais frequência nas famílias linguísticas da Austrália, América do Sul, Mesoamérica e América do Norte, e menos frequentemente nas famílias linguísticas da África e da Europa. Em inglês, os pronomes da primeira pessoa do plural funcionam de forma *inclusiva* e *exclusiva* sem mudança de forma. No entanto, Scheibman (2004) observou que os enunciados de conversação em inglês americano com *nós* [sujeito] exibem variação no padrão sintático, pragmaticamente motivada, contingente à referencialidade do sujeito da primeira pessoa do plural. As análises de enunciados conversacionais indicam que predicados com sujeitos *inclusivos* contêm mais frequentemente elementos modais e menos frequentemente ocorrem no pretérito, em comparação com os que assumem a função *exclusiva*. Em inglês, predicados com sujeitos *nós inclusivos* tendem a ser mediados proposicionalmente na conversa de maneiras que predicados com sujeitos *nós exclusivos* não são. No discurso interativo, as propriedades mediadoras desses enunciados suavizam as violações da face negativa que são potencialmente parte do ato de os falantes subsumirem referencialmente outro participante do discurso sob o pronome da primeira pessoa do plural – uma negociação interpessoal que não é necessária quando mobilizada a função *exclusiva*. Já conforme Chen (2008), fora do mundo indo-europeu, a distinção *inclusivo/exclusivo* é abundante. Pelo menos uma língua não indo-europeia que se desenvolveu sob a forte influência do inglês como língua superstrata contém expressões inclusivas e exclusivas da primeira pessoa do plural. A “Tok Pisin”, uma língua oficial de Papau, Nova Guiné, aproveita a sintaxe das línguas melanésias para transformar as palavras inglesas *you, me* e *fellow* em distintas *inclusivas* (*yumi* - um amálgama de *your* e *me*) e *exclusivas* (*milela* - um amálgama de *me* e *fellow*) formas do pronome de primeira pessoa do plural. A semelhança morfológica de Tok Pisin com o inglês cria um mnemônico informal pelo qual os falantes nativos de inglês podem se lembrar do fenômeno exótico dos pronomes plurais inclusivos e exclusivos da primeira pessoa: *yumi* designa a primeira pessoa *inclusiva*, enquanto *mufela* designa a primeira pessoa *exclusiva*.

<sup>83</sup> “a indeterminação proporcionada pelo uso do morfema da primeira pessoa do plural (e do pronome *nós*) pode ser aproveitada de maneira similar por falantes e ouvintes para conseguir fins estratégicos” (STEWART, 2015, p. 177, tradução nossa).



nosotros) puede ser aprovechada de manera similar por hablantes y oyentes para conseguir sus fines estratégicos”.

Assim, recorreremos à classificação de Fauci (2016), que também realizou discussões essenciais para o entendimento dos fenômenos argumentativos aqui estudados. O autor, após a reflexão sobre estudos de Benveniste, conceitua a PPP como “*ultra-eu*”, uma vez que, para o pesquisador, o *nós* não é o plural de *eu*, pois “ingloba più di un valore funzionale: un valore io e uno non-io. Si dirà che in tal caso *ultra-io* è multifunzionale” (FAUCI, 2016, p. 393)<sup>84</sup>. Conforme Fauci (2016), o *ultra-eu* é uma categoria que pode englobar os indivíduos com papel na interação e os indivíduos sem papel na interação referidos no discurso, ou seja, elementos que Benveniste (1991) apresentou em uma relação de oposição. Vejamos o Quadro 03:

**Quadro 03 – nós: o *ultra-eu***

- Plural		+ Plural
- Singular		+ Singular
- Pessoa	+ Pessoa	Ultra-eu
Ele	Tu	

**Fonte:** Fauci (2016, p. 392, tradução nossa).

A classificação de Fauci (2016) considera a correlação de pessoa/subjetividade desenvolvida por Benveniste (1991), sendo que o pronome *ele* é definido como *não-pessoa* e possui valor oposto ao dos pronomes *eu* e *tu* (*pessoa*); e o *eu* (*pessoa subjetiva*) em oposição ao *tu* (*pessoa não-subjetiva*). O avanço na pesquisa de Fauci (2016) é o de estabelecer a correlação entre o *eu* e o *nós*, não como uma simples equivalência ou pluralização do *eu*, mas como uma categoria que também possui a marca de *subjetividade* do *eu*, e que engloba outras funções que são definidas no enunciado.

Fauci (2016), em referência à expressão *animal político*, de Aristóteles (*ζῷον πολιτικόν*), classifica o *ultra-eu* como *pessoa política*, pois, conforme o pesquisador, o *nós* apresenta a essência da sociabilidade em sua modalidade humana, que é justamente política e, como tal, é enquadrada por inúmeras perspectivas e máscaras sociais. Para o autor, a partir do momento em que o *ultra-eu* é utilizado, torna-se, no texto, uma ferramenta argumentativa eficaz, articulada e flexível, capaz de realizar

<sup>84</sup> *Ultra-io*: “engloba mais de um valor funcional: o valor do *eu* e o valor de *não-eu*. Dir-se-á que, neste caso, o *ultra-eu* é multifuncional” (FAUCI, 2016, p. 393, tradução nossa).

diferentes máscaras sociais, que, nesta pesquisa, classificamos como *instâncias de ethos*.

Também a pesquisa desenvolvida por Maurizi (2017) observou o *nós* a partir das categorias de Benveniste, o *nós inclusivo* e o *nós exclusivo*, e considerou funcionalidades argumentativas desses usos. Em relação ao *nós inclusivo*, denota o envolvimento do destinatário e pode ter funções semânticas diferentes, por exemplo: função afetiva, indicação de envolvimento ou superioridade etc., como o “*eu + tu*”. Já o *nós exclusivo*, indica uma separação entre o grupo com o qual o falante interage, como “*eu + ele<sup>s</sup> (ela<sup>s</sup>)*” (MAURIZI, 2017, p. 04). Vejamos os exemplos da autora:

*Noi inclusivo*: Oggi **ascoltiamo** la quinta sinfonia di Beethoven. (docente + alunniinterlocutori).

*Noi esclusivo*: **Possiamo** lasciarvi soli senza che facciate confusione? (docente + collega che lo ha chiamato fuori dall’aula) (MAURIZI, 2017, p. 05)<sup>85</sup>.

Sobre o exemplo de Maurizi (2017), notamos que, se no primeiro caso o uso da PPP objetiva gerar o envolvimento dos alunos no tópico da lição, no segundo, o *nós* compreende o colega, mas exclui os interlocutores, neste caso, os alunos. Também se pode verificar exemplos de *nós inclusivo* e *nós exclusivo* em Manetti (2015, p. 30)<sup>86</sup>:

la stessa forma del *noi*, in una lingua come l’italiano, ad esempio, sarà in alcuni casi interpretata come *inclusiva* ed in altri come *esclusiva*. Ad esempio, quando lo speaker del telegiornale dice: “Ci stiamo avvicinando al periodo in cui va compilata la dichiarazione dei redditi”, la forma della prima persona plurale include sia il locutore, sia gli spettatori di fronte al televisore (cioè esprime un significato *inclusivo*). Al contrario, quando lo speaker dice: “Vi mostriamo ora un servizio sulle recenti vicende di palazzo Chigi”, la prima persona plurale usata dal locutore deve subire un’interpretazione *esclusiva*, cioè ‘*io + loro* (= la redazione tecnica)’.

<sup>85</sup> “*Nós inclusivo*: hoje **ouvimos** a quinta sinfonia de Beethoven. (professor + alunos interlocutores); *Nós exclusivo*: **Podemos** deixá-los sozinhos sem que vocês façam confusão? (professor + colega que o chamou para fora da sala de aula)” (MAURIZI, 2017, p. 05, tradução nossa).

<sup>86</sup> “a mesma forma do *nós*, em uma língua como o italiano, por exemplo, será em alguns casos interpretada como *inclusiva* e em outros como *exclusiva*. Por exemplo, quando o apresentador do telejornal diz: “Estamos nos aproximando do período em que a declaração do imposto de renda deve ser concluída”, a forma da primeira pessoa do plural inclui seja o locutor, seja os expectadores de frente ao televisor (isso é, exprime um significado *inclusivo*). Ao contrário, quando o apresentador diz “Mostramos a vocês agora um serviço sobre os eventos do palácio Chigi”, a primeira pessoa do plural usada pelo locutor deve sofrer uma interpretação *exclusiva*, isto é *eu + eles* (= a redação técnica)” (MANETTI, 2015, p. 30, tradução nossa).

Apesar de as reflexões de Manetti (2015) serem voltadas para a Língua Italiana, as mesmas referências semânticas para o uso do pronome *nós* podem ser observadas na LP em relação às formas *inclusiva* e *exclusiva*. Uma atribuição comum ao *nós inclusivo*, segundo Scheibman (2004), é a de pressupor conhecimentos e crenças anteriores compartilhados entre o produtor e a audiência. A partir dessa estratégia, o produtor pode encorajar um auditório a manter o interesse e a crença na integridade do texto, dos argumentos, e, por associação, na imagem do próprio articulista.

Para Oliva (2013), que analisou textos da modalidade escrita da língua espanhola, em muitos casos, o uso da PPP com a função inclusiva visa a diminuir a responsabilidade do escritor e disfarçar posturas pessoais, muitas vezes procurando envolver o público no conteúdo e desenvolver uma perspectiva compartilhada do mesmo. Em outras palavras, a escolha da PPP é colocada em uma zona intermediária ao longo do *continuum* da subjetividade à objetividade, sendo um recurso para a construção do discurso intersubjetivo.

O *nós inclusivo* pode fazer com que os interlocutores percebam o orador como íntimo e solidário, caso ele conheça as pessoas envolvidas, como familiares e amigos. Porém, essa utilização pode ser perigosa, principalmente em textos escritos, quando o autor não conhece seus leitores. Conforme Fowler e Kress (2019), afirmações com a utilização do *nós inclusivo* podem levar leitores críticos a despertar certo desconforto e inquietação em relação ao texto e ao produtor. Vejamos o exemplo dos pesquisadores sobre o uso do *nós inclusivo* em textos jornalísticos:

'What we have, then, is the reality of a coloured population that is likely to grow ... ', 'the children's integration into our education system ... '; 'our obligations under human rights conventions'; 'once we acknowledge to ourselves that ... '.The superficial impression is one of solidarity and involvement - the liberal Observer and its liberal readers sharing generous and humane motives towards the black population in England. But the 'we' and 'our' are not wholly sincere. The obligations spoken of (not to keep a register of immigrants) are' the obligations of the government, not the newspaper or its individual readers. Similarly, in 'once we acknowledge to ourselves that ... there will be no significant reduction in the number of coloured people who are going to live in Britain ... we can get on with the building of a decent multiracial society', the referents of 'we' are mystified: the

critical reader may well ask who is being asked to do what and who is capable of doing it (FOWLER; KRESS, 2019, p. 202)<sup>87</sup>.

A partir dos exemplos de Fowler e Kress (2019), notamos a importância de o produtor do texto conhecer bem seu auditório provável antes de tecer afirmações por meio do *nós inclusivo*. Os pesquisadores observaram, a partir de recortes em jornais, usos do *nós inclusivo* que compreendem o produtor do texto e leitores ingleses que compartilham a ideologia liberal e os direitos humanos. Os autores demonstraram, na sequência, que leitores que não compartilham desses valores podem, em vez de serem persuadidos, questionar ou negar os argumentos do texto, por isso o uso é mencionado pelos autores como “perigoso”.

Também a pesquisa de Miskiw (2021) investigou como produtores mobilizam a PPP com as funções *inclusiva* e *exclusiva* para expressarem opinião em textos da esfera jornalística. Ao analisar textos do jornal *Gazeta do Povo*, a pesquisadora classificou os usos do pronome pessoal *nós* em duas categorias: *Negociação pelo movimento de engajamento* e *Negociação pela explicitação de autoridade*.

Na primeira categoria, na qual foram selecionadas apenas ocorrências de *nós inclusivo*, verificamos que há o envolvimento de um *eu* (articulista) com um *tu* (leitor) que é posto em cena por meio do uso da primeira pessoa do plural, em um movimento que busca engajar articulista e leitor. O engajamento entre os interactantes busca promover um alinhamento do leitor à perspectiva discursivamente construída. Na segunda categoria, há a presença de ocorrências de *nós exclusivo* e do *eu* (primeira pessoa do singular). Nessa categoria, a primeira pessoa é uma estratégia efetiva na construção da imagem de um enunciador competente, o que também contribui para a adesão do leitor à perspectiva do articulista. Desse modo, tanto o recurso ao *nós inclusivo* quanto ao *nós exclusivo* e à primeira pessoa do singular pode ser entendido como tentativa de negociação no artigo de opinião (MISKIW, 2021, p. 7).

---

<sup>87</sup> “O que temos, então, é a realidade de que a população das pessoas de cor está propensa a crescer...” ‘a integração das crianças no nosso sistema educacional...’; ‘nossas obrigações sob as convenções de direitos humanos’ ‘uma vez que reconhecemos que...’ ‘A impressão superficial é de solidariedade e envolvimento - o Observador liberal e o leitor liberal compartilhando motivos generosos e humanos em relação à população preta na Inglaterra. Mas o “nós” e “nosso” não são inteiramente sinceros. As obrigações que são faladas (não manter um registro de imigrantes) são obrigações do governo, não dos jornais ou dos indivíduos leitores. De forma similar, em ‘desde que reconheçamos que... não haverá redução significativa no número de pessoas de cor que vão viver na Grã-Bretanha... nós podemos entrar no desenvolvimento de uma sociedade decente multirracial, os referidos de “nós” são mistificados: o leitor crítico pode perguntar quem está sendo pedido a fazer e quem é capaz de fazer” (FOWLER; KRESS, 2019, p. 202, tradução nossa).

Ainda na esfera jornalística, mas no gênero entrevista, Lage (2015) identificou quatro manifestações da PPD: a *primeira pessoa do relato de experiência*, a *primeira pessoa da co-presença*, a *primeira pessoa de aproximação* e a *primeira pessoa da autoria*. Segundo o autor, os limites entre essas manifestações são, muitas vezes, embaçados, uma vez que os narradores-repórteres transitam por diferentes funcionalidades, concomitantemente, para imprimir nos relatos os efeitos desejados.

Pelo fato de tipologicamente se verificar com frequência, em algumas línguas, um sincretismo entre as formas exclusivas da PPP e a PPS, de acordo com Janner, Costanza e Sutermeister (2015), alguns teóricos tendem a considerar apenas a forma *exclusiva* como primeira pessoa, enquanto o *nós inclusivo* é apresentado em outra categoria. Para exemplificar esse raciocínio, os pesquisadores citam a forma *nosotros*, do espanhol, que deriva da forma exclusiva, ou então de uma forma que indica pertencimento de classe. Ao contrário de outras línguas românicas como o francês, o italiano ou o português, o espanhol conhece uma distinção de gênero não apenas na TP do singular (francês: *il x elle*; italiano: *lui x lei*; português: *ele x ela*), mas também na primeira e na segunda pessoa do plural. Isso se deve pelo fato de que a forma exclusiva *nosotros* (m), respectivamente *nosotras* (f), assumiu a flexão adjetiva de gênero *otros* também na nova construção atestada já no espanhol medieval. Esta distinção é uma peculiaridade do ponto de vista tipológico, já que a diferenciação de gênero raramente é encontrada em pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa.

Além dessas funções, verificamos que nem sempre a PPP indica simplesmente uma pluralidade de referentes, e o *nós* pode ser utilizado de modo generalizado e para construir grupos. Segundo Neves (2018),

O falante usa o pronome *nós* para falar por um grupo ao qual ele pertence:

**A gente** se acostumou a viver numa cidade agitada, televisão, rádio, cinemas, eleições, violência urbana, catástrofes. Como é que vive um índio? Um montanhês, como é que vive um montanhês? Ou um camponês, que só precisa de uma terrinha e das próprias mãos para viver? **Nós temos** de ser iguais a eles!

[*nós* = o grupo de habitantes urbanos]

**Nós devemos** satisfação ao nosso nível social.

[*nós* = o grupo de membros de uma sociedade]

**Nós somos** uma empresa de software.

[*nós* = nossa empresa] (NEVES, 2018, p. 491).

Para a autora, a PPP também pode ser explorada em textos com a intenção de *indeterminação*. Contudo, a indeterminação não é total, já que em *nós/a gente* o falante (o *eu*, que é um referente determinado) está sempre incluído. Vejamos alguns exemplos da autora:

A nossa falta de liberdade consiste sobretudo em que nós gostamos do que escolhemos e não do que deveríamos escolher para alcançar a felicidade que procuramos.

[...] Então, quando **nós** fazemos, por exemplo, uma pesquisa, quando **nós** fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor, eu tenho que dizer que é a rigor, porque normalmente **a gente** tira exatamente o pedaço do livro que [...] **a gente** tira retalhos (NEVES, 2018, p. 499).

Na literatura consultada para o desenvolvimento desta pesquisa, observamos que alguns estudos apontaram equivalência semântica entre o *nós* e o *a gente* na modalidade oral da LP, enquanto outras, como a pesquisa de Lopes (2007), descrevem a forma *a gente* como mais genérica que o *nós*:

O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e ao interlocutor (*não-eu*), ou a *não-pessoa*: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*. Utiliza a *gente* também com o presente do indicativo, o infinitivo e o gerúndio, que são formas verbais características das enumerações de atos cotidianos, freqüentes ou até mesmo atemporais, associados aos discursos descritivo, argumentativo ou expositivo. Com a forma *a gente*, o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares (LOPES, 2007, p. 114).

Encontramos diversos estudos que analisam usos do *nós* e do *a gente* na modalidade oral da língua por meio da sociolinguística. Mendonça (2018), por exemplo, verificou, a partir da análise da fala de acadêmicos sergipanos, uma possível equivalência semântica entre as variantes *nós* e *a gente* e a coocorrência das formas. Já Namiuti e Vieira (2017) observaram a existência de ambientes linguísticos favoráveis ao uso de uma ou outra forma, demonstrando um convívio entre elas<sup>88</sup>.

---

<sup>88</sup> Considerando que o *corpus* desta pesquisa é constituído por recortes textuais da modalidade escrita da LP, e que não foram observadas ocorrências do *a gente* nos textos selecionados para análise, nem no PB, nem no PE, as discussões teóricas desta seção não aprofundam reflexões sobre essas variedades. Uma hipótese possível para a inexistência da forma *a gente* nos textos que

### 3.2.2.1 A primeira pessoa do plural: indeterminações circunscritas e universais

Nesta subseção, apresentamos reflexões teóricas sobre os usos da PPP que se referem a grupos com muitos participantes, como a ideia de nação ou de humanidade. Esses grupos são considerados indeterminações, uma vez que não é possível explicitar com exatidão todos os participantes que os compõem. Um uso do *nós inclusivo* recorrentemente utilizado para incluir múltiplos participantes, segundo Manetti (2015), é o *cognitivo*. Sobre essa função, o autor afirma que é utilizada quando o falante pretende generalizar afirmações, como em: “Siamo tutti soggetti al destino” (MANETTI, 2015, p. 40)<sup>89</sup>.

Na perspectiva de Fiorin (1995), em alguns casos em que há uma generalização do *nós*, não se trata da primeira pessoa do plural propriamente dita, mas sim uma terceira pessoa indeterminada, pois “quem costuma pensar a percepção como um dado puramente natural são as pessoas em geral, entre as quais não se inclui o enunciador” (FIORIN, 1995, p. 95)<sup>90</sup>.

Conforme é demonstrado na seção de análises, uma função retórica recorrente nos dossiês da revista *Nova Águia*, de Portugal, que compõem parte do *corpus* desta pesquisa, é a construção de *ethé* relacionados a sentimentos nacionalistas a partir da função *inclusiva* da PPP<sup>91</sup>. Segundo Screti (2015), o *nós* pode ser utilizado para reproduzir sentimentos nacionalistas, que, na publicidade, são mobilizados com intuito comercial. Para o autor, por meio da PPP, “sujeitos privados reproduzem os sentimentos nacionalistas e depois os exploram para fins

---

compõem o *corpus* é a de que, apesar de se tratar de uma forma presente na modalidade oral-dialogada da língua e constatada inclusive no português culto falado a partir de pesquisas do NURC, ainda há uma preferência entre os produtores por adotar a perspectiva tradicional da linguagem na modalidade escrita da língua. Além disso, essa preferência pode ser maior no perfil dos produtores dos dossiês que, conforme será demonstrado na seção de análises, são, predominantemente, intelectuais e especialistas em literatura e cultura.

<sup>89</sup> “somos todos sujeitos ao destino” (MANETTI, 2015, p. 40, tradução nossa).

<sup>90</sup> Segundo Fiorin (1995, p. 87), “a utilização de uma pessoa por outra é um caso de embreagem, mecanismo que pertence à linguagem humana em seu sentido mais amplo e que atinge os procedimentos de actorialização, espacialização e temporalização”.

<sup>91</sup> Apesar da recorrência desse fenômeno, não foram encontrados estudos sobre o “*nós da nação*” no PB ou no PE, nas plataformas consultadas. Assim, foram observadas, em outros idiomas, pesquisas essenciais para o entendimento do fenômeno. Há que se ressaltar que a consulta a esses estudos não visa estabelecer uma comparação entre línguas, mas sim fundamentar um fenômeno cultural comum, compartilhado em alguns países europeus, e que é explorado com propósitos retóricos ligados ao *ethos* e ao *pathos*.

comerciais, escondendo seus interesses particulares por trás do imaginário de um interesse nacional” (SCRETI, 2015, p. 146)<sup>92</sup>. Segundo o autor,

O *nós*, ao menos nas formas em que o conhecemos nas línguas europeias, é um pronome político, porque é o pronome por excelência da πόλις<sup>93</sup> o da *civitas*<sup>94</sup>, da *comunidade imaginária* burguesa: o *nós* é o pronome preferido da nação e do nacionalismo, porque é o pronome que define, no duplo sentido de descrevê-la e delimitá-la, a nação (SCRETI, 2015, p. 148-149)<sup>95</sup>.

Segundo Scruton (1999, p. 279), que aborda a relação entre comunidade, identidade e nacionalismo, a existência política de uma nação depende da ideia de *nós* em oposição a *eles*, o que pode levar a contrastividade e/ou a fragmentação. Ele afirma que as nações são fenômenos recentes e não são comunidades “naturais”, mas sim criadas por governos e ideologias. O nacionalismo é a ideologia do Estado moderno, que legitima o poder dos governantes e burocratas. Por fim, o autor destaca que as nações são “comunidades imaginadas” baseadas em uma representação de si mesmas, sendo a PPP utilizada amplamente por oradores habilidosos para construir esse *ethos* de homogeneidade.

É importante considerar também que o *nós*, quando mobilizado de modo a convencer por meio de argumentos nacionalistas, tende a transformar os valores sociais de endogrupo e exogrupo com o passar do tempo<sup>96</sup>. Para exemplificar como o *nós* com função retórica de valorização nacionalista pode modicar as opções referenciais e pragmáticas em diferentes contextos históricos, Scheibman (2004) cita que, durante a era soviética, o pronome мы [*nós* – em Russo] referia-se ao Partido

<sup>92</sup> “soggetti privati (ri)producano i sentimenti nazionalisti per poi sfruttarli per fini commerciali, nascondendo i propri interessi particolari dietro un immaginario interesse nazionale” (SCRETI, 2015, p. 146).

<sup>93</sup> πόλις: pólis (grego).

<sup>94</sup> O termo latino *civitas* era usado por Cícero para designar o corpo social dos cidadãos romanos, que são unidos por responsabilidades e direitos.

<sup>95</sup> “il noi, almeno nelle forme in cui lo conosciamo nelle lingue europee, è un pronome politico, perché è il pronome per eccellenza della πόλις o della civitas, della comunità immaginata borghese: il noi è il pronome preferito dalla nazione e dal nazionalismo, perché è il pronome che definisce, nel doppio senso di descriverla e di delimitarla, la nazione” (SCRETI, 2015, p. 148-149).

<sup>96</sup> Yeregui (2015), em um estudo histórico sobre o uso do *nosotros* na Espanha, constatou ser uma estratégia retórica recorrente entre políticos habilidosos, ao abordarem temas delicados como a Guerra Civil Espanhola, ora a mobilizarem o *nosotros inclusivo*, ora o *nosotros exclusivo*, seja para incluir toda a sociedade espanhola em grupos ligados ao imperativo do luto em relação ao período histórico, unindo-os em um sentimento, seja para imprimir o sentido de contraste, que distancia a audiência da responsabilidade sobre o acontecimento histórico. Nota-se que, por meio do sentimento nacionalista, através da contrastividade, é possível, diante da sensibilidade cultural, mobilizar memórias de um povo de modo a persuadi-lo.



Comunista e ao povo; em contraste, atualmente, o coletivo мы é usado por Putin para expressar sentidos ligados à tradicional comunidade russa<sup>97</sup>.

Sobre o uso do *nós* enquanto estratégia para construir um sentimento de nação em Língua Italiana, Screti (2015, 154) afirma que o pronome “include alcuni ed esclude altri: dire ‘noi taliani’ infatti esclude tutti i nonitaliani, anche se resta il problema di stabilire quali criteri definiscano l’italianità e quindi l’inclusione nel o l’esclusione dal gruppo”<sup>98</sup>.

Para demonstrar como o fenômeno denominado *nós da nação* também ocorre em outras línguas europeias, além do italiano, Screti analisou um texto publicitário, veiculado em formato de vídeo em canais da televisão, de uma marca espanhola de massas frescas, Gallo, que explora o sentimento de espanholidade na publicidade para motivar nos espanhóis a preferência pelo produto nacional em detrimento de massas importadas, como as concorrentes italianas. Vejamos a transcrição da publicidade:

(1) Como *aquí* no se come en ningún otro sitio (2) *Nuestro* jamón ibérico (3) *Nuestro* queso manchego (4) *Nuestra* ternera gallega (5) con *nuestra* pasta fresca Gallo (6) Sabores *Nuestros* (7) Gallo rellena su pasta con ingredientes de *aquí*, garantizando su origen (8) Pasta fresca, Sabores *Nuestros* (9) Como en Gallo, en ninguna otra pasta (SCRETI, 2015, p. 159-160)<sup>99</sup>.

Conforme Screti (2015), o texto explora o conceito de que a marca Gallo é plenamente espanhola porque seus produtos não só são feitos na Espanha, mas também utilizam ingredientes tipicamente espanhóis, como o *jamón ibérico* e o *queso manchego*. Para o autor, esse sentimento é construído por elementos extravertais, como o flamenco de fundo, tipicamente espanhol; pela escolha do locutor da publicidade, que é uma personalidade espanhola (Carlos Herrera).

<sup>97</sup> De acordo com Proctor e Su (2011), nas cenas políticas polonesas e russas, a solidariedade é menos importante do que a ênfase nas diferenças. A linguagem política é um choque constante entre *nós* e *eles*. Nesses casos, a escolha pronominal funciona principalmente para mostrar as diferenças ideológicas, não a mesmice. Por outro lado, políticos em países com histórias democráticas longevas tendem a enfatizar a similaridade nas escolhas pronominais. Os pronomes pessoais são usados principalmente para mostrar a solidariedade do falante com uma determinada ideologia, e secundariamente, se necessário, para mostrar a diferença do falante com outro grupo.

<sup>98</sup> il noi della nazione “includi alguns e exclui outros: dizer ‘nós italianos’ de fato exclui todos os não italianos, também resta o problema de estabelecer quais critérios definem a italianidade e, portanto, a inclusão ou a exclusão do grupo” (SCRETI, 2015, p. 154, tradução nossa).

<sup>99</sup> “(1) Como *aquí*, você não come em nenhum outro lugar (2) *Nosso* presunto ibérico (3) *Nosso* queijo Manchego (4) *Nossa* carne galega (5) com *nossa* massa fresca Gallo (6) *Nossos* sabores (7) Gallo enche sua massa com ingredientes *daquí*, garantindo sua origem (8) Massa Fresca, *Nossos* Sabores (9) Como Gallo, nenhuma outra massa” (SCRETI, 2015, p. 159-160, tradução nossa).

Contudo, o sentimento nacionalista é impresso em nível linguístico, como em (1) e (7), em que o *aquí* indica a Espanha, e em (2), (3), (4), (5), (6) e (8), por meio dos pronomes possessivos *nuestro*, *nuestra* e *nuestros*. O autor também ressalta que a marca valoriza aspectos culturais regionais, incluindo povos que possuem movimentos separatistas na Espanha, e não se identificam com a identidade nacionalista espanhola, ou seja,

Usando il *nuestro*, l' emittente si situa all'interno del gruppo dal quale parla e al quale parla: l' emittente ed il ricevente sono parte del medesimo gruppo: l' emittente parla dalla Spagna e in quanto spagnolo, alla Spagna ed agli spagnoli. Ma, cosa più interessante, il valore inclusivo del *noi* rappresenta un'appropriazione [...]. L' emittente include nel *noi* anche cittadini che non si sentono spagnoli (spagnoli baschisti, catalanisti, galizianisti) e, come esempio di questo, definisce *nuestro*, cioè spagnolo, il vitellino galiziano, un prodotto che i galiziani, specie se galizianisti, considerano loro, cioè galiziano e non spagnolo (SCRETI, 2015, p. 160-161)<sup>100</sup>.

Assim, para Screti (2015), o uso do *nós* é fundamental para a construção do sentimento de valorização à identidade nacional, uma vez que, graças a sua intrínseca ambiguidade, permite a construção argumentativa de enunciados em que é possível generalizar o interesse de poucos, integrando todo o grupo. Para o pesquisador, o *nós* do discurso nacionalista é utilizado para esconder a heterogeneidade das nações (classe, origem, religião, língua etc.) e, conseqüentemente, para construir a imagem de uma nação homogênea e sólida.

No caso da publicidade, grupos que possuem identidades próprias e, inclusive, possuem autonomia em relação à Espanha, são incluídos no mesmo grupo por meio do *nós*, com o intuito comercial, para conquistar a preferência dos consumidores, o que revela uma função persuasiva do pronome nesse contexto.

Outra pesquisa que investigou como o *nós* pode ser utilizado para explorar os sentimentos de nacionalismo com propósitos retóricos é a de Desideri (1993). A autora, ao estudar o uso da PPP em um texto publicado no periódico *Lombardia*

---

<sup>100</sup> “Usando o *nosso*, o emissor se insere dentro do grupo do qual fala e para o qual fala: o emissor e o destinatário são parte do mesmo grupo: o emissor fala sobre a Espanha e, enquanto espanhol, para a Espanha e os espanhóis. Mas há uma coisa mais interessante, o valor inclusivo do *nós* representa uma apropriação [...]. O emissor inclui no *nós* também cidadãos que não se sentem espanhóis (Espanhóis bascos, catalães, galegos) e, como exemplo disso, define *nosso*, ou seja, espanhol, o vitelo galego, um produto que os galegos consideram deles, ou seja, galego e não espanhol” (SCRETI, 2015, p. 160-161, tradução nossa).

*Autonomista*, da região italiana Lombardia, publicado em 1992, define essa estratégia como *nós étnico*. Vejamos o exemplo apresentado pela pesquisadora:

Lombardi! Non importa che età avete, che lavoro fate, di che tendenza politica siete. Quello che importa è che siete - e che **siamo** - tutti lombardi. Questo è il fatto realmente importante che è giunto il momento di ricordare dandogli una concretezza politica (DESIDERI, 1993, p. 281)<sup>101</sup>.

Sobre o exemplo apresentado por Desideri (1993), ressaltamos que se trata de um recorte de texto publicado em um periódico que possui uma linha editorial explícita favorável em relação à autonomia da região da Lombardia. No recorte, a autora destaca a importância do uso do *nós étnico*, em “**somos** – todos lombardos”, associado à exaltação de pertencimento regional e aos valores da Lombardia, em oposição aos outros territórios italianos.

A literatura consultada evidenciou que essa estratégia retórica também é amplamente explorada para a conquista da adesão da audiência na cultura asiática, como a pesquisa de Iyer (2022), que avaliou sentidos da PPP mobilizados por falantes de inglês e cantonês, em Hong Kong, e observou que, recorrentemente, a PPP é utilizada para evidenciar a coletividade. Para o autor, a cidade-estado funciona como uma sociedade coletivista, onde a consciência do grupo maior tem precedência sobre os interesses individuais, sendo que Hong Kong cumpre os quatro critérios que moldam maneiras coletivistas de ser: (1) os objetivos do grupo têm precedência sobre os objetivos individuais; (2) a interdependência é de maior valor do que a independência; (3) o comportamento social é enraizado em normas, obrigações e deveres; e (4) a comunidade de um relacionamento é enfatizada mesmo quando representa uma desvantagem.

Segundo Iyer (2022), na sociedade de Hong Kong, a PPP pode funcionar, por exemplo, para incluir o falante e o destinatário dentro de um grupo específico, como no discurso midiático que inclui uma audiência em casa. Um exemplo contemporâneo é o ditado atual “estamos juntos nisso”, propagado pela mídia em Hong Kong para denotar o efeito global da pandemia de coronavírus. Tal uso

---

<sup>101</sup> “Lombardos! Não importa que idade vocês possuem, que trabalho fazem, de qual tendência política são. O que importa é que vocês são – e que **somos** – todos lombardos. Este é o fato realmente importante que é hora de recordar dando-lhe uma concretude política” (DESIDERI, 1993, p. 281, tradução nossa).

inclusivo pode aumentar a solidariedade com a audiência que ouve, mesmo quando o assunto é negativo, ou seja, sobre uma doença.

Na literatura consultada, verificamos que o *nós da nação* é associado, principalmente, à função *inclusiva* da PPP. Outrossim, uma reflexão hipotética sobre o fenômeno demonstra que é possível mobilizar funções similares por meio da PPP *exclusiva*, especificamente, através da exploração de identidades contrastivas. A título de exemplificação, podemos pensar em um contexto no qual um diplomata brasileiro diz, na ONU, “*nós brasileiros*”, de modo a ressaltar seu pertencimento identitário.

Os estudos discutidos nesta seção demonstraram a possibilidade de o produtor explorar sentimentos relacionados ao pertencimento de grupos com múltiplos sujeitos com propósitos retóricos. Por meio de valores nacionalistas ou universais, é possível conquistar a adesão da audiência às teses defendidas a partir de convenções compartilhadas. Neste estudo, consideramos que essa pode ser uma estratégia associada à argumentação ao *ethos* e ao *pathos*.

### 3.2.3 Proeminência e a constituição de *ethos* na primeira pessoa do discurso

Nesta subseção, discutimos a possibilidade de determinadas escolhas linguísticas na PPS e na PPP revelarem maior ou menor proeminência do *ethos*. Para isso, consideramos que os produtores refletem sobre as relações de poder e modulam essa proeminência para adequá-la ao propósito argumentativo, em diferentes contextos. Enquanto a construção de um *ethos* mais proeminente pode revelar maior ancoragem da responsabilidade sobre a informação à imagem do próprio articulista, um *ethos* menos proeminente pode ser uma estratégia de dar mais destaque a outros participantes ou de preservação da imagem<sup>102</sup> diante de uma afirmação polêmica.

---

<sup>102</sup> Para exemplificarmos situações polêmicas que estão associadas à preservação da face por meio da construção da imagem de si na primeira pessoa do discurso, citamos o estudo de Haenninen (2009). Na tese de doutorado intitulada *The Construction of Self in Finnish First-person Supernatural Encounter Narratives*, a pesquisadora analisou a construção do *eu* em narrativas de encontros sobrenaturais na Finlândia, como histórias de experiências pessoais de pessoas encontrando seres como anjos, extraterrestres, espíritos guardiões e fantasmas. A modernidade promove a ideia de um sujeito capaz de autorregularão, autovigilância e autocontrole e possíveis experiências sobrenaturais destoam dessas capacidades. No trabalho de Haenninen (2009), a pesquisadora verifica que pessoas que narram essas experiências constroem na PPS diferentes imagens de si que variam da

Para iniciarmos a discussão sobre como as relações de poder influenciam na construção do *ethos*, refletimos sobre a perspectiva de Foucault sobre o poder. Conforme o filósofo, o poder é “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2008, p. 8). Para Foucault (2009), interessa o jogo e a luta constante em que o sujeito está na condição do desejo de ter a “verdade” e do poder de afirmá-la, buscando a imposição de sentidos “verdadeiros”. Para o autor, as posições nesse jogo são móveis, mas não podemos desconsiderar a correlação assimétrica de forças entre quem fala e quem ouve ou entre quem escreve e quem lê, pois há sempre um polo que se sobrepõe ao outro, mas nunca em uma condição estática.

Há, aqui, à primeira vista, uma incompatibilidade teórica com o campo de estudos da Retórica, uma vez que, conforme abordamos na Seção 1, para a Retórica, a verdade está ligada a valores e crenças que perpassam a verossimilhança, ou seja, provável/aceitável, enquanto para Foucault a verdade é algo indissociável a um acontecimento, espaço e tempo específicos e submetida ao poder: “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2008, p. 11). Apesar das especificidades teóricas, um olhar para o *corpus* e para a literatura científica consultada revela que o “jogo” das relações de poder discutido pelo filósofo influenciam diretamente nas estratégias que um articulista adota para convencer sua audiência. Podemos citar Maingueneau (2020, p. 14), na obra *Variações sobre o ethos*, que afirma que, para além da persuasão por meio de argumentos, a noção de *ethos* “permite refletir sobre a adesão dos sujeitos ao universo configurado pelo locutor. Escolher o *ethos* conveniente, aliás, é decisivo nos gêneros do discurso em que os locutores têm de conquistar um público ainda não ganho para a sua causa”. Além disso, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 26), “o importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige”.

---

negociação e/ou negação de estigmas relacionados ao sobrenatural até a expressão de emoções. Os narradores sabem que experiências sobrenaturais podem ser explicadas como alucinações, ilusões ou sonhos resultantes de intoxicação ou transtornos mentais, então procuram preservar a face por meio de escolhas linguísticas na PPD, negando esses problemas ou explicando-os como eventos sobrenaturais. Além disso, esses narradores oferecem uma entrada para seu mundo interno através do discurso emocional.

Para compreendermos a noção de mobilidade, para Foucault, pensemos em um contexto acadêmico, uma relação entre orientando e orientador no processo de escrita de uma monografia de conclusão de curso de graduação. Institucionalmente, é atribuído ao professor o lugar de decidir o que é correto e o que não é, mas existe o risco de a voz do professor ser desacreditada e de ser colocada em dúvida pelo aluno<sup>103</sup>.

A partir de um olhar sobre o *corpus* selecionado para esta pesquisa e da literatura científica consultada, verificamos que esse jogo de poder influencia a maneira como articulistas adequam as estratégias linguísticas de construção do discurso aos propósitos argumentativos. Pode-se, por meio da PPS ou da PPP, produzir argumentos mais favoráveis em relações de poder distintas, dependendo do propósito argumentativo. Também, por meio dessas marcas de construção de *ethos*, é possível imprimir presenças autoriais mais ou menos poderosas. Assim, observamos dois tipos de relações de poder: as estabelecidas socialmente, como as institucionais, mas que se manifestam no texto, e as construídas, para cumprir um propósito argumentativo. Ambas são importantes para a análise de *ethé* discursivos.

Conforme Posio (2011), que realizou estudo sobre os usos de pronomes pessoais em língua espanhola, o uso desses elementos reflete um maior nível de proeminência dado ao sujeito, enquanto os pronomes são usados com menos frequência quando outro elemento recebe mais atenção na oração. A focalização da atenção explica vários fenômenos ligados ao uso de pronomes na posição de sujeito, como as diferenças atestadas na frequência de determinados elementos na PPD com diferentes funções semânticas, sendo que o uso explícito dos pronomes aumenta o peso pragmático de um dado enunciado.

Para Schmid (2014), utilizar a PPD para demonstrar um pensamento, uma crença, um desejo ou uma intenção é diferente de afirmar que um determinado

---

<sup>103</sup> Foucault (2009, p. 44) discute que até em espaços relacionados à circulação mais aberta dos discursos, como é o caso das universidades, sabe-se que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo”. Já na perspectiva da Retórica, ao refletirmos sobre a evocação de uma relação de poder assimétrica, explicitamente, para o direcionamento da argumentação, podemos considerar Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 350), que afirmam que o espaço do argumento de autoridade na argumentação é considerável, mas se insere entre outros acordos: “de um lado, recorre-se a ele quando o acordo sobre o que se expressa está sujeito a ser contestado; de outro, o próprio argumento de autoridade pode ser contestado. Sobre o primeiro ponto, há que notar a tendência a transformar, para sustentá-las, as normas axiológicas em normas téticas. Sobre o segundo, há que notar que, com muita frequência, o argumento de autoridade não se nos mostra claramente como tal, porque pensamos imediatamente em certas justificações possíveis”.

objeto discursivo tem essa atitude. Segundo o autor, as declarações que utilizam a PPS ou a PPP vêm com alguma forma de autoridade, constituindo compromissos não envolvidos quando o falante não explicita o posicionamento diretamente. Assim, falar em primeira pessoa é comprometer-se publicamente.

### 3.2.3.1 Proeminência e a construção de *ethos* na primeira pessoa do singular

Conforme Tang e John (1999), a PPS é a manifestação mais visível da presença de um escritor em um texto, não sendo uma entidade homogênea. De acordo com os pesquisadores, o *eu* não é uma entidade fixa à linguagem, então os produtores podem ser sensibilizados para a possibilidade de constituir diferentes “*eus*” por meio da escrita. Eles podem se libertar dos moldes reais ou imaginários de comportamento impostos a eles por situações discursivas para ocupar diferentes papéis escolhidos na escrita. Assim, os autores distinguem o *ethos* da persona na escrita, sendo que o *ethos* pode se referir a características pessoais (por exemplo, inteligente, engraçado, responsável etc.), mas apenas às que um leitor atribui ao escritor com base em evidências textuais, e observaram que um produtor pode assumir uma gama de papéis distintos, muitas vezes simultaneamente.

A partir da análise de textos de diferentes gêneros acadêmicos, os pesquisadores apresentaram uma tipologia de seis diferentes categorias relacionadas ao pronome de PPS. Baseados em Tang e John (1999), também Taylor e Goodall (2019) destacam seis funções retóricas associadas à PPS: 1) *eu* como representante, que se refere à utilização do *eu* de forma genérica, similarmente ao *plural de modéstia*; 2) *eu* como guia, quando o produtor utiliza o *eu* como uma estratégia metadiscursiva, assumindo o papel de guia que direciona o leitor sobre aspectos estruturais do texto; 3) *eu* como arquiteto, que se refere aos usos da PPS em que o produtor se coloca em primeiro plano, como responsável pelo conteúdo presente no texto; 4) *eu* como recontagem do processo de pesquisa, quando o produtor utiliza a PPS para explicitar sua responsabilidade direta sobre o processo metodológico (por meio de verbos como entrevistar, coletar, trabalhar); 5) *eu* como formador de opinião, que se refere aos usos da PPS que manifestam opinião ou atitude explícita diante de uma informação (como manifestações de concordância, discordância ou interesse); e 6) *eu* como originador, quando o





O terceiro nível, *Expressando intenções e decisões*, refere-se aos usos da PPS mobilizados para a expressão de objetivos, intenções e decisões futuras, o que torna a presença autoral do articulista mais arriscada que nos dois primeiros níveis. Por exemplo: “I will therefore seek to research the concept employed before the next seminar so that” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 140)<sup>106</sup>.

O quarto nível, *Declarando um propósito*, corresponde a usos da PPS associados a declarações de propósitos discursivos que sintetizam intenções, sendo que, mesmo diante da possibilidade de não utilizar a PPS, o produtor opta por imprimir sua presença autoral no texto, o que significa que esse uso representa um risco maior. Vejamos um exemplo: “In this essay I will first refer to the most important academic models” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 140)<sup>107</sup>.

O quinto nível, *Explicando um procedimento*, refere-se aos usos da PPS que sinalizam a referência explícita autoral associada à capacidade de planejamento e de realização de uma metodologia de pesquisa viável e adequada. Este é um papel de maior risco que os níveis anteriores, uma vez que os produtores assumem a responsabilidade por suas decisões metodológicas. Por exemplo: “I have simulated the problem & calculated production costs” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 140)<sup>108</sup>.

O sexto nível, *Elaborando um argumento*, corresponde à função retórica de explicitar argumentos e opiniões do produtor por meio da PPS, o que, segundo Taylor e Goodall (2019), é um papel de alto risco. Esta função é frequentemente associada a verbos de cognição. Vejamos um exemplo: “At the same time, I support the view that culture is something which needs to be understood from a personal point-of-view” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 141)<sup>109</sup>.

O sétimo nível, *Oferecendo sugestões e recomendações*, refere-se aos usos da PPS em que o produtor assume o papel de especialista, fazendo sugestões ou recomendações com base em suas pesquisas ou no que observou durante sua trajetória. Por exemplo: “To achieve this I suggest that adoption of a steering

---

<sup>106</sup> “*Procurarei*, portanto, pesquisar o conceito empregado antes do próximo seminário para que...” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 140, tradução nossa).

<sup>107</sup> “Neste ensaio, *vou me referir* primeiro aos modelos acadêmicos mais importantes” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 140, tradução nossa).

<sup>108</sup> “*Eu simulei* o problema e *calculei* os custos de produção” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 140, tradução nossa).

<sup>109</sup> “Ao mesmo tempo, *eu apoio* a visão de que a cultura é algo que precisa ser entendido a partir de um ponto de vista pessoal” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 141, tradução nossa).

committee could be used to assist implementation” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 141)<sup>110</sup>.

Já o oitavo nível, *Declarando resultados e reivindicações*, corresponde aos usos da PPS que imprimem o efeito de sentido que direciona a construção de uma interpretação plausível para um fenômeno, estabelecendo, por meio da presença autoral, uma autoridade pessoal baseada na confiança e no comando de seus argumentos. Veja-se um exemplo: “After searching for indicators from the technical analysis similar to those of my trading strategy I discovered that there are analogous technical indicators” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 141)<sup>111</sup>.

Os estudos de Tang e John (1999) e de Taylor e Goodall (2019) apontam para o fato de que os redatores especializados, com carreiras consolidadas, podem empregar pronomes da PPS como uma estratégia retórica utilizada para a autopromoção, enquanto escritores em formação tendem a usar pronomes da PPS apenas em situações de baixo risco, como para explicitar o propósito do texto ou para apresentar agradecimentos pessoais.

### 3.2.3.2 Proeminência e a construção de *ethos* na primeira pessoa do plural

**Noi:** per escludere o per includere, è il più osceno dei pronomi e quello in nome del quale si compiono sempre le peggiori nefandezze (FAUCI, 2000, p. 27)<sup>112</sup>.

Para Fauci e Tronci (2015), Fauci (2016), Manetti (2015), Fowler e Kress (2019), entre outros pesquisadores, o *nós* pode estabelecer relações simétricas ou assimétricas entre os sujeitos envolvidos. Para Stewart (2015), a PPP pode ser usada para imprimir a imagem de poder ou de solidariedade nos falantes, porém, destaca que apesar de esses sentidos serem impressos por meio da PPP, estão no contexto e não nos elementos linguísticos em si:

<sup>110</sup> “Para conseguir isso, *sugiro* que a adoção de um comitê de direção possa ser usada para ajudar na implementação” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 141, tradução nossa).

<sup>111</sup> “Depois de procurar indicadores da análise técnica similares aos da minha estratégia comercial, *descobri* que existem indicadores técnicos análogos” (TAYLOR; GOODALL, 2019, p. 141, tradução nossa).

<sup>112</sup> “**Nós:** para excluir ou para incluir, é o mais obsceno dos pronomes e em nome do qual sempre são cometidas as piores atrocidades” (FAUCI, 2000, p. 27, tradução nossa).

As formas linguísticas não são em si "poderosas" ou "impotentes": são os falantes que desfrutam de poder e é a combinação do poder percebido do falante e o potencial do sistema da língua de implicar poder que conjuntamente contribuem ao poder no falar. Como vimos no caso do *nós*, a mesma forma linguística pode implicar tanto o poder como solidariedade: o contexto é o que favorece uma interpretação em detrimento da outra (STEWART, 2015, p. 188)<sup>113</sup>.

Considerando o uso do *nós inclusivo* e do *nós exclusivo* na modalidade escrita da LP, Soares (2016, p. 118) afirma que o *nós inclusivo* envolve o leitor no conteúdo do discurso, e assim estabelece “uma relação de solidariedade e proximidade entre ele e o leitor”. Por meio do uso do *nós exclusivo*, o escritor refere-se a outras pessoas (editores, acionistas etc.), e assim estabelece outras relações. Na LP, Soares (2016, p. 118-119) afirma que

A relação instituída com o uso desses pronomes (que pode ser na sua forma expressa ou elíptica) pode ser de *simetria* ou de *assimetria*. No primeiro caso, a *simetria* se evidencia quando o escritor inclui o leitor no seu discurso e dialoga com ele, mantendo uma relação de cumplicidade e de intimidade, pois não estabelece diferenças entre quem escreve e quem lê. Nesse tipo de relação, com o uso de ‘*nós inclusivo*’, o poder fica encoberto, mas isso não quer dizer que ele não exista. O escritor pode ‘fingir’ compartilhar das mesmas opiniões do leitor para tornar-se mais persuasivo. Já o uso do ‘*nós exclusivo*’ marca uma relação assimétrica entre quem conhece uma situação, tem o poder de falar sobre ela e o outro que desconhece o assunto e precisa ser informado. Nesse caso, o *nós* inclui a instituição, os editorialistas, os proprietários, os acionistas, porém o leitor não está incluído no discurso.

Se, por um lado, Soares (2016) afirma que a simetria no uso do pronome *nós* ocorre na forma *inclusiva* e a assimetria na forma *exclusiva*, por outro lado, pesquisadores que analisaram o uso do pronome *nós* em outras línguas, como o espanhol, o italiano e o inglês, notaram que, mesmo a forma *inclusiva* pode estabelecer relações de assimetria, conforme explanamos a seguir, por meio da reflexão de estudos essenciais para a compreensão do fenômeno.

De acordo com Stewart (2015), a forma inclusiva do verbo *poder* conjugado na PPP, *podemos*, em alguns contextos, apela para a solidariedade ou para a

---

<sup>113</sup> “Las formas lingüísticas no son de por sí ‘poderosas’ o ‘impotentes’: son los hablantes los que disfrutan de poder y es la combinación del poder percibido del hablante y del potencial del sistema del lenguaje de implicar poder que conjuntamente contribuyen al poder en el hablar. Como vimos en el caso de *nosotros*, una misma forma lingüística puede implicar tanto el poder como la solidaridad: el contexto es lo que hace favorecer a una interpretación sobre otra”.

cortesia<sup>114</sup> positiva, uma vez que imprime o sentido de que o falante e o interlocutor tomam a decisão juntos. Para exemplificar esse uso, Stewart (2015) apresenta um trecho de uma situação comunicativa oral, em que um chefe de um jornal (JB) discute com um jornalista (FF) se colocará uma reportagem na página cinco, que possui mais importância no veículo de comunicação, ou na página oito “yo no sé si el tema tuyo de Fasa puede... *podemos* meterlo en la cinco... yo no sé la importancia que tiene y lo que ha pasado ahí...” (STEWART, 2015, p. 183)<sup>115</sup>. No exemplo de Stewart (2015), notamos que o *nós inclusivo*, em **podemos**, é uma estratégia para diminuir a imagem de assimetria de poder estabelecida socialmente entre chefe/funcionários, o que contribui para construir uma imagem positiva do falante.

Por outro lado, Stewart (2015) demonstra, na sequência, como a ambiguidade da PPP pode imprimir diferentes significados e, conseqüentemente, diferentes estratégias argumentativas. Conforme a autora, caso considerado na forma *exclusiva*, o *podemos*, nesse contexto, imprime o sentido de que o chefe compartilha com o periódico a responsabilidade de escolha sobre a publicação da reportagem e, “al mismo tiempo, apelar a la plena autoridad de la institución en apoyo de cualquier decisión difícil” (STEWART, 2015, p. 184)<sup>116</sup>. Assim, para a autora, o *nós* se converte em uma estratégia que pode ser usada para proteger a imagem pessoal do orador.

[...] está claro que hay por lo menos dos implicaturas presentes, incluyentes y excluyentes, en este tipo de interacción. La utilidad estratégica de esta ambivalencia estriba principalmente en permitir al hablante y también al oyente de ‘salvar la imagen’ y evitar cualquier divergencia de opiniones explícita. [...] JB puede utilizar *podemos* ‘poderosamente’ para implicar tanto un apoyo institucional para sus opiniones como una igualdad ficticia de poder y estatus, y el consentimiento de FF al cumplimiento de sus propias (JB) metas (STEWART, 2015, p. 185)<sup>117</sup>.

<sup>114</sup> Sobre a possibilidade de a PPP imprimir cortesia, Farré (2020) destaca que o *nós de cortesia* realiza uma desfocalização do papel do produtor, para colocar em foco referencial o ouvinte. Dessa forma, contribui pragmaticamente para a proteção da imagem pública do ouvinte, por meio de certa assunção (às vezes empática) da perspectiva do interlocutor, especialmente quando há alguma exortação.

<sup>115</sup> “JB - Não sei se o seu tema Fasa pode... *podemos* colocá-lo na cinco... não sei a importância que tem e o que aconteceu lá...” (STEWART, 2015, p. 183, tradução nossa).

<sup>116</sup> “ao mesmo tempo, apelar para toda a autoridade da instituição em apoio a qualquer decisão difícil” (STEWART, 2015, p. 184, tradução nossa).

<sup>117</sup> “está claro que há pelo menos duas implicaturas presentes, *inclusivas* e *exclusivas*, neste tipo de interação. A utilidade estratégica desta ambivalência reside principalmente em permitir que ao falante e também ao ouvinte ‘salvar a imagem’ e evitar qualquer divergência de opiniões explícitas. [...] JB pode usar o *podemos* “poderosamente” para implicar tanto um apoio institucional para seus pontos de

Essa visão sobre o *nós* é compartilhada por Maurizi (2017), que aponta que a investigação da dinâmica da *inclusividade* e da *exclusividade* da PPP (por meio de diferentes sentidos dessa pessoa do discurso) e seu papel em contextos sociais distintos demonstra que o seu uso pode ajudar a determinar hierarquias e as relações de intercambialidade com o *eu* destinado a expressar poder ou modéstia.

Para compreendermos as relações não simétricas do *nós*, observemos os exemplos de Manetti (2015), de Fowler e Kress (2019) e de Fauci (2016), em que o falante se inclui no *nós*, mas esse *nós* se refere exclusivamente ao *tu* ou ao *ele/ela*:

I. “**We're** going to eat it all up” (pai-filho) (FOWLER; KRESS, 2019, p. 203)<sup>118</sup>.

II. “Come **andiamo** oggi? (detto dal dottore ad uno dei suoi pazienti) (MANETTI, 2015, p. 36)<sup>119</sup>.

III. “Ieri non **abbiamo** fatto i compiti” dice al mattino il genitore alla maestra accompagnando il suo bambino in classe” (o pai fala para a professora pela manhã, acompanhando o filho à aula) (FAUCI, 2016, p. 394)<sup>120</sup>.

Nos exemplos apresentados acima, evidenciamos essa relação de autoridade, responsabilidade e cuidado (I) na relação pai-filho, em que o pai persuade o filho a se alimentar; (II) na relação médico-paciente, em que o médico revela ao paciente cuidado e responsabilidade por sua saúde; e (III) na relação pai-professora, em que o *nós* revela à professora a responsabilidade do pai em relação ao filho.

Se, por um lado, nos exemplos (I) e (II), o *nós* é utilizado para indicar uma relação de poder assimétrica entre *eu-tu*; por outro lado, em (III), o *nós* é usado para indicar uma relação de poder assimétrica entre *eu-ele*. Contudo, o mecanismo linguístico constrói outras imagens do *eu* a partir de outros elementos do contexto. Em (I), o *eu* revela autoridade e deonticidade; em (II), o *eu* demonstra não só cuidado, mas também simpatia e zelo pelo interlocutor; já em (III) o produtor atua

---

vista quanto uma igualdade fictícia de poder e status, e o consentimento da FF em cumprir seus próprios objetivos (JB)” (STEWART, 2015, p. 185, tradução nossa).

<sup>118</sup> “**Nós vamos** comer tudo” (FOWLER; KRESS, 2019, p. 203, tradução nossa).

<sup>119</sup> “Como **estamos** hoje?” (dito por médico a um de seus pacientes)” (MANETTI, 2015, p. 36, tradução nossa).

<sup>120</sup> “Ontem não **fizemos** a tarefa de casa” (FAUCI, 2016, p. 394, tradução nossa).

como porta-voz e protetor do filho (*ele*), o que poderia induzir a professora a compreender o acontecimento.

A partir do estudo de Fiorin (1995), compreendemos que os exemplos acima são mecanismos de embreagem, ou seja, a utilização de uma pessoa por outra. Nesses casos, há a utilização da PPP pela segunda do singular, sendo que afirmações excessivas podem ser corrigidas com um tom de benevolência. De acordo com o autor, este é “um uso coloquial em que o *eu* participa com o *tu* de qualquer coisa que se refere a este” (FIORIN, 1995, p. 102).

Conforme Fauci (2016), o uso do *nós* como equivalente ao *tu* ou ao *ele* revela uma relação de poder assimétrica na qual o falante demonstra, a quem se dirige, que tem autoridade, cuida ou é responsável pela pessoa incluída no *nós*. Para Maurizi (2016), quando o *eu* integra o *nós* apenas como enunciador, uma vez que este *nós* corresponde, na verdade, ao *ele* ou ao *tu*, o produtor reivindica uma relação de superioridade, ou um vínculo de afeto e cuidado. Já Farré (2020, p. 220<sup>121</sup>) classifica esses usos como formas de *nós exculpatório*, quando o produtor “lleva a cabo una desfocalización del papel del enunciador con el propósito de desresponsabilizarlo, a la vez que alude proyectivamente al oyente en este ejercicio de desplazamiento de la culpa”.

Segundo Posio (2012), os usos da PPP que equivalem ao *tu* podem ser considerados como casos especiais da leitura inclusiva, em que a inclusão do falante não é concreta, mas sim simbólica, representando a empatia do falante em relação ao referente pretendido. No estudo, o pesquisador observou que, na modalidade oral, a PPP com leitura dominante do ouvinte é pouco frequente em LP e no espanhol, representando menos de 0,05% de todas as ocorrências.

Mas nem sempre o uso da PPP cujo produtor desempenha papel de autoridade em relação ao grupo revelará assimetria. Há contextos em que o articulista necessita de autorização antecipada do grupo para falar em nome dele, quando o porta-voz é eleito. De acordo com Schmid (2019), a autorização antecipada pode ser apropriada em circunstâncias especiais em que o produtor fala em nome de todos, tanto em contextos formais quanto informais. Há também um tipo de autoridade com base na qual o produtor pode co-afirmar certas atitudes que

---

<sup>121</sup> “realiza uma desfocalização do papel do enunciador com o propósito de desresponsabilizá-lo, ao mesmo tempo em que alude projetivamente ao ouvinte nesse exercício de deslocamento da culpa” (FARRÉ, 2020, p. 2020, tradução nossa).

possui em comum com um grupo, sem que haja a necessidade de um acordo formal. Pensemos em um protesto, realizado em uma via pública, por exemplo. Nesse ambiente, em que um grupo se mobiliza por causas comuns, um militante pode presumir estar autorizado e reivindicar a fala e representar os demais por conhecer a intenção ilocucionária do grupo. Em situações assim, a anuência é virtual e não real: a audiência o assente não devido à mobilização pessoal do articulista, mas sim pelo fato de que outros membros do grupo compartilham a sensação de que poderiam ter dito, mas optaram por não dizer.

### 3.2.3.2.1 Quando o *nós* significa *eu*: do *plural de modéstia* ao *plural de majestade*

A maioria das gramáticas tradicionais apresenta, em relação à PPP, o *plural de majestade*, em que o *eu* se amplia em uma pessoa mais solene e maciça, e o *plural de modéstia*<sup>122</sup>. A Gramática Tradicional apresenta essas duas formas ligadas ao *nós*, e as atrela à linguagem formal. Sobre o *plural de modéstia*, Cunha e Cintra (2017, p. 297) discorrem:

para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento coletivo. A este emprego da 1ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODESTIA.

Comparem-se estes exemplos:

Algumas [cantigas], mas poucas, foram por **nós** colhidas da boca do Povo.

(J. Cortesão, CP, 1 2 .)

As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.

(E A. Varnhagen, CIA, 9.) (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 297-298).

<sup>122</sup> De acordo com Manetti (2015) e Maurizi (2016), estes dois usos contrapostos são muito comuns na maioria das línguas indo-europeias e podem ser compreendidos como *dilatações do eu*. Na perspectiva de Fiorin (1995), esses usos são mecanismos de embreagem, em que há a utilização da PPP pela PPS. “O *eu* dilui-se no anonimato do *nós* ou é amplificado. O que distingue um uso de outro é o tipo de texto em que o *nós* se encontra. Quando aparece, em alocações solenes, que emanam de altíssimas autoridades civis (chefes de governo e de estado) e eclesiásticas (papa e bispos) ou em documentos oficiais, esse plural é majestático. [...] Já no chamado plural de modéstia, o *eu* evita dar realce a sua subjetividade, diluindo-a no *nós*” (FIORIN, 1995, p. 100).

Sobre o *plural de modestia* em LP, ressaltamos que possui seu uso registrado e já consagrado na literatura, como na gramática tradicional e nos estudos na área de Sociolinguística. Lucchesi (2009) afirma que essa forma da PPP se refere ao próprio falante. Além disso, o pesquisador constatou que, nas variedades orais da LP, o *plural de modestia* também se apresenta por meio do uso do *a gente*.

Maurizi (2016) afirma que o *plural de modestia* é utilizado como uma estratégia do plural autoral, com intuito de motivar, nos interlocutores, uma imagem de modestia em relação ao produtor. A autora também ressalta que, em diversas línguas, como o francês e o italiano, na modalidade oral, o uso da PPP pode revelar a intenção dos falantes de aderir impessoalidade à fala, com função similar ao *plural de modestia*. Já Janner, Costanza e Sutermeister (2015), afirmam que o *plural de modestia* pode imprimir sentidos relacionados à covardia, ao respeito, à devoção ou à servidão.

Conforme Maurizi (2016), uma função similar ao *plural de modestia* é o *nós* utilizado na literatura científica, pois, apesar de o *nós* se referir à individualidade autoral, cria uma sensação de pertencimento a um grupo ou filiação teórica. Em relação à utilização do *nós* em textos científicos, Marques e Duarte (2016) afirmam que a PPP é uma estratégia que possibilita a construção de imagem de comunidade científica. Para as autoras, a PPP é usada em textos acadêmicos de modo a aderir credibilidade ao discurso científico “para o fortalecimento da comunidade científica, da qual o autor começa a participar” (MARQUES; DUARTE, 2016, p. 205).

Também Farré (2020) discute sobre os usos da PPP em gêneros acadêmicos, mas opta pela denominação *nós retórico*. Conforme o pesquisador, o *nós retórico* é uma realização da primeira pessoa do plural que aparece frequentemente no discurso acadêmico e, particularmente, nos formatos pedagógicos da comunicação acadêmica. Consiste em certo deslocamento do papel do produtor e em uma focalização da comunicação na posição discursiva de um terceiro, que poderia ser qualquer um (esse não-lugar da perspectiva científica), ao mesmo tempo em que há uma clara alusão persuasiva ao receptor ou ao leitor. Para o autor, “ni el emisor ni el receptor están referencialmente enfocados en este nosotros retórico, aunque ambos aparecen tangencialmente en el espacio discursivo como un enunciador autorizado por terceros y un receptor interpelado por el discurso



del saber” (FARRÉ, 2020, p. 209<sup>123</sup>). Embora concordemos que a PPP pode assumir funções retóricas específicas em textos vinculados à esfera acadêmica, a partir das discussões realizadas nesta pesquisa, verificamos que esses usos, quando não há nem a *inclusão* nem a *exclusão* da audiência, em nível de referencialidade e de construção retórica, tratam-se do *plural de modéstia*.

Diferentemente de usos relacionados ao *plural de modéstia*, que podem conferir ao produtor do texto uma imagem de comedimento, pertencimento a um grupo de especialistas ou de aprendiz, o uso do *plural de majestade* é utilizado para criar um efeito oposto, ou seja, com a função de exaltar o *eu*. Como é possível verificar em Cunha e Cintra (2017), este uso encontra-se em desuso na LP:

O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

**Nós**, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber**...

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE. Observação: De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 298).

Assim, a literatura consultada evidencia que o *plural de modéstia* e o *plural de majestade* se diferenciam do *nós inclusivo* e/ou *exclusivo*, uma vez que trata-se de uma ilusão ou projeção de pluralidade, já que a marca de plural é mantida, mas, em nível referencial, há apenas o *eu*. Os efeitos de sentido movimentados pela ilusão da pluralização são ou a hipérbole do *eu* (*plural de majestade*) ou, ao contrário, a construção de uma personalidade comedida e com ausência de vaidade (*plural de modéstia*). A utilização dessas estratégias retóricas (associadas a outras), em contextos pragmáticos delimitados, pode constituir diferentes realizações de *ethos*.

---

<sup>123</sup> “nem o emissor nem o receptor estão referencialmente focados nesse *nós* retórico, embora ambos apareçam tangencialmente no espaço discursivo como um enunciador autorizado por terceiros e um receptor interpelado pelo discurso do saber” (FARRÉ, 2020, p. 209, tradução nossa).

### 3.2.4 Estratégias retóricas em nível elocucional: a primeira pessoa do discurso e a intersecção com o *logos*

Nesta subsecção, apresentamos usos da PPS e da PPP associados diretamente ao *logos*, em nível elocucional, mas que contribuem para a construção de diferentes *ethé*. Tratam-se de estratégias que os estudos relacionam as funções argumentativas ao léxico dos verbos flexionados. Nesta seção, apresentamos, brevemente pesquisas sobre as funções *diretiva*, *integrativa* e *fáctica*. Também constam reflexões sobre os verbos: *factivos* ou *argumentativos*, de *atitude proposicional* e de *percepção*, *modais deônticos*, *epistêmicos* e *dinâmicos*, *dicendi*, de *evidencialidade*, *estáticos* e verbos que expressam uma *opinião* ou *juízo*, *atividade mental* ou *atividade externa*.

Sobre os usos do *nós* em que o que é dito se refere ao *tu* ou ao *ele*, Manetti (2015) afirma que são usados, principalmente, com a função argumentativa *diretiva*, ou seja, o *nós* é usado para “indicare un soggetto che tende a portare gli altri a compiere un’azione nell’interesse del parlante stesso (e del suo gruppo)”<sup>124</sup> (MANETTI, 2015, p. 38). Vejamos os exemplos do autor:

- (a) Non vogliamo fare tante storie quando è l’ ora di andare a dormire, vero? (detto dalla madre che deve portare il bambino a letto)
- (b) Possiamo andare un po’ avanti, per favore? (contesto didattico)
- (c) Quando facciamo il compito non dobbiamo assolutamente parlare. Chiaro? (contesto di un esame) (MANETTI, 2015, p. 38)<sup>125</sup>.

Acima, constam exemplos de usos de *nós* que revelam relações de assimetria, como os diálogos familiares e os diálogos no contexto educacional ou hospitalar, em que há atenuação dessa assimetria por meio das escolhas linguísticas. De acordo com Fauci (2016), esse recurso, que é classificado pelo autor como *ultra-eu multifuncional assimétrico*, é raro em contextos públicos, como os discursos políticos, em que se evidencia a prevalência de usos simétricos da PPP.

<sup>124</sup> “indicar uma pessoa que tende a levar outros a realizar uma ação no interesse do próprio orador (e de seu grupo)” (MANETTI, 2015, p. 38, tradução nossa).

<sup>125</sup> “(a) Não **queremos** fazer tantas histórias quando é hora de dormir, não é verdade? (dito pela mãe que deve levar o filho para a cama). (b) **Podemos** ir um pouco mais adiante, por favor? (contexto didático). (c) Quando **fazemos** a tarefa, não **devemos**, absolutamente, conversar. Certo? (contexto de uma prova)” (MANETTI, 2015, p. 38, tradução nossa).

Por outro lado, a literatura consultada demonstrou que a função *diretiva* também pode ser explorada em contextos de simetria. Os diretivos, segundo Cavalcante (2009, p. 352), “[...] orientam o leitor a realizar uma ação ou a observar algo de um modo particular”. Bini (2018), com base em Cavalcante (2009), observou que a PPP pode ser mobilizada em textos do gênero dossiê com a função diretiva. Vejamos o exemplo do autor:

O quinto e último eixo diz respeito à formação política associada às lutas concretas de reivindicação política associada às lutas concretas de reivindicação e de enfrentamento. A consciência militante feminista, portanto, não resulta apenas de uma simples reação às opressões. Ela é um continuum que envolve um movimento dialético entre formação política, organização e lutas, que vão da dimensão individual, da ruptura com o “privado” à dimensão coletiva, de organização política voltada para a transformação social. Este continuum **nos convida a avaliarmos** na atualidade as conquistas e os desafios das lutas feministas na conjuntura brasileira (CULT, 2016, p. 35 *apud* BINI, 2018, p. 79-80).

No recorte, observamos, em **nos convida a avaliarmos**, a função diretiva, considerando que o produtor assume engajamento para orientar os interlocutores a observar algo de modo particular. A função é mobilizada não só pela expressão grifada, mas também pelo léxico dos verbos, o contexto do recorte e o histórico da revista. Além disso, verificamos que o produtor mobiliza em **nos** e em **avaliarmos** o *nós inclusivo* (articulista + leitoras), e a produtora constrói uma imagem de relação simétrica em relação às leitoras por meio dos elementos linguísticos.

Outra função do *nós inclusivo*, conforme Manetti (2015), é a *integrativa*, em que o *nós* é usado para enfatizar aspectos do vínculo social para criar uma dimensão de solidariedade. Para o autor, quando o *nós* é utilizado com a função *integrativa*, a argumentação passa a ser centrada no destinatário, por exemplo: “Come **possiamo** risolvere questo problema nel migliore dei modi?” (MANETTI, 2015, p. 39)<sup>126</sup>. O pesquisador destaca que o uso do *nós inclusivo* com função *integrativa* ocorre, principalmente, na publicidade.

Para Manetti (2015), o *nós inclusivo* também pode ser usado com função *fática*, que, de acordo com autor, destina-se a manter o canal de comunicação ou retomá-lo quando este é perdido, sem que o conteúdo real da informação seja

<sup>126</sup> “Como **podemos** resolver este problema da melhor forma?” (MANETTI, 2015, p. 39, tradução nossa).

transmitido. Por exemplo, “**Vogliamo** stare attenti, per favore!?” (detto dal professore indirizzandosi alla classe)” (MANETTI, 2015, p. 40)<sup>127</sup>.

Marques e Duarte (2016, p. 187) denominam como *verbos factivos* ou *argumentativos* os que “pressupõem a verdade do que a seguir se afirma, contribuindo para dar como ponto assente alguns resultados da investigação e como credível o sujeito que os propõe”. Os pesquisadores consideram como *factivos* ou *argumentativos* os verbos *analisar*, *examinar*, *mostrar*, *provar*, *refutar*, *verificar*, *observar* e *concluir*. Vejam-se exemplos de recortes utilizados pelos autores com alguns destes verbos flexionados na PPP:

(1) Pelo supracitado, **concluimos** que os meios de comunicação de massa alteraram a forma de se fazer campanhas eleitorais e contribuíram para a personalização da política.

(2) Dos casos de estudo feitos sobre o ethos, **verificamos** que os autores se baseiam muitas vezes nas biografias dos oradores, as quais não são igualmente conhecidas pelo auditório (MARQUES; DUARTE, 2016, p. 187).

Notamos, em (1) e (2), o uso de *verbos factivos* ou *argumentativos* flexionados na PPP, de modo a orientar discursivamente o conteúdo como verdadeiro e credível. Há que se ressaltar que parte desta credibilidade é mobilizada pelo léxico do verbo, porém, é ancorada à pesquisa científica, uma vez que se tratam de recortes do gênero *Dissertação de Mestrado*. Assim, um efeito semelhante poderia ser mobilizado caso os verbos estivessem conjugados na PPS.

Conforme Marques e Duarte (2016), os *verbos factivos* ou *argumentativos* possuem, sobretudo, dimensão *demonstrativa*, isto é, orientada argumentativamente, “não há (quase) lugar à contra-argumentação, ainda que encontremos uma preocupação com a prevenção de objeções ao trabalho realizado, numa atitude que suporta a imagem de rigor própria da função de investigador” (MARQUES; DUARTE, 2016, p. 187). Entendemos que esse efeito semântico é aplicável também aos textos do gênero dossiê, pois, nesta pesquisa, devido às particularidades do nosso *corpus*, a credibilidade dos produtores dos textos é associada à imagem de pesquisador com alto grau de especialização no assunto e/ou devido à aproximação afetiva do produtor com a personalidade homenageada.

---

<sup>127</sup> “**Queremos** ser cuidados, por favor!?” (dito pelo professor para a classe)” (MANETTI, 2015, p. 40).

Sobre os verbos de *atitude proposicional* e de *percepção*, são utilizados, segundo Marques e Duarte (2016), para descrever representações subjetivas do produtor do texto, como é o caso dos verbos *considerar* e *ver*. Para os autores, a maior parte dos verbos com essa função é usada para estruturar e organizar a exposição textual. Vejam-se exemplos dos pesquisadores:

1. Este fator é exatamente aquele que **consideramos**, na nossa tese, como a potencial causa das dissemelhanças observadas. Desta forma, esperamos que as diferenças nas estratégias argumentativas de Passos Coelho e de Sócrates estejam relacionadas com o posicionamento no espectro político do PSD e do OS.
2. Ao longo do discurso, **veremos** muitas vezes irrupções de outras facetas /imagens dos participantes (MARQUES; DUARTE, 2016, p. 189)

Notamos, em (1) e (2), usos de verbos de *atitude proposicional* e de *percepção* flexionados na PPP. Em relação ao (1), **consideramos**, remete à organização do próprio texto e à construção do raciocínio científico. Já em (2), **veremos**, o verbo também é designado para estruturar a organização do texto, e não se refere à percepção visual ou ao ato de verificar.

Em relação à modalização, segundo Castilho (1994), os elementos modalizadores expressam a avaliação pessoal do produtor a respeito de seu conteúdo; ou seja, por meio desses elementos linguísticos, o produtor do texto realça sua intervenção ou ação de orientar o discurso. Para Corbari (2016), a modalização é utilizada pelo produtor do texto a partir da forma que ele relaciona recursos linguísticos e os manipula para agirem sobre a plateia, orientando a produção de sentidos ao escolher o conteúdo que vai verbalizar e a forma de fazê-lo. Por meio da literatura consultada, como as propostas de Castilho e Castilho (1993), Neves (2006), Corbari (2013, 2016), Peixoto (2015), entendemos que alguns verbos podem imprimir modalizações dos eixos *epistêmico*, *deontico* e *dinâmico*. Segundo Neves (2006, p. 163), “numa visão horizontal, verifica-se que os epistêmicos e os deonticos afetam o mundo do dizer (o crer e o ordenar), enquanto os dinâmicos [...] afetam o mundo do referente, já que o fazer, logicamente, é uma faceta do ser”.

Conforme Neves (2006), a modalidade *dinâmica* representa o modo pelo qual os referentes do sintagma nominal sujeito estão dispostos a um ato, em termos de habilidade ou intenção. Para Dall’Aglio-Hattner (2008, p. 137), a modalidade

dinâmica, também chamada modalidade *facultativa* ou modalidade *inerente*, relaciona-se à expressão de capacidade e de habilidade, sendo “expressa por um número reduzido de itens lexicais”, como o verbo modal poder, a construção “ser capaz” e alguns verbos plenos como “saber” e “conseguir”.

No *corpus* desta pesquisa, foram observados recortes em que a PPS e a PPP são usadas para imprimir modalização dinâmica. Vejamos um exemplo retirado da *Nova Águia*: (I) “sobre o valor epistemológico do mito, muitas afinidades **podemos** hoje encontrar entre ambos, sobretudo nas últimas obras de Fidelino Figueiredo” (*Nova Águia, dossiê Fidelino de Figueiredo*, 2018). Em (I), nota-se que o **podemos** imprime modalização dinâmica, pois a argumentação é centrada na capacidade e na habilidade do produtor. No recorte, a PPP assume valor inclusivo, assim, associado o valor do verbo à inclusividade, ocorre uma atenuação da responsabilidade do produtor com o que é dito, e o auditório é induzido a compartilhar das convicções do produtor.

De acordo com Castilho (1994), os modalizadores *epistêmicos* referem-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento do produtor do texto sobre um estado de coisa. Para esta pesquisa, a modalização epistêmica (do grego *episteme*, que significa “[...] conhecimento”) tem relevância, porque observamos que a utilização da PPS e da PPP pelo produtor pode imprimir no texto sentidos como os aqui discutidos.

Para Pietrandrea (2001), os elementos epistêmicos manifestam a opinião do produtor; já para Koch (2002), se referem ao eixo da crença. Por outro lado, de acordo com Neves (2006, p. 160), este eixo está relacionado “com a necessidade e a possibilidade epistêmica, que são expressas por proposições contingentes, isto é, que dependem de como o mundo é”. Vejamos dois exemplos da autora: (I) “Lá fora, o sol da tarde **pode** estar dourando tudo”; (II) “\_ Esta moça está lá dentro? \_ **Deve** estar. Quer que mande chamá-la?” (NEVES, 2006, p. 160). Nos exemplos, nota-se em (I) uma possibilidade epistêmica e em (II) uma necessidade epistêmica.

Já a modalização deontica (do grego: *deon*, que significa “dever”), de acordo com Neves (2006, p. 160), “está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante ([+] controle) e, de outro lado, implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo”. Vejamos dois exemplos da autora:

- (I) Primeiro eu vou mostrar ao senhor a baixada. Lá eu posso arranjar um animal para Ricardo, com Benedito da Olaria. Almoçamos aqui. Depois do almoço, Ricardo **pode** ir com a gente.  
 (II) Ângela, é preciso tomar cuidado e não exagerar: você não **deve** estragar Mário (NEVES, 2006, p. 160).

Nos exemplos da autora, verificamos que os elementos em negrito imprimem, em (I), uma possibilidade deôntica; e, em II, uma necessidade deôntica. Além disso, Castilho (1994, p. 87) ressalta que, diferentemente dos modalizadores epistêmicos, em que o que está em jogo são valores e crenças, na modalização deôntica, “destaca-se que há um controle humano sobre os eventos e sobre os referentes”.

Sobre a *evidencialidade*, consultamos a proposta de Dall’Aglio-Hattnher e Pezatti (2004). Para os autores, “por meio da evidencialidade o falante indica a evidência que está disponível para assegurar a confiabilidade da informação veiculada” (DALL’AGLIO-HATTNHER; PEZATTI, 2004, p. 03). Para as pesquisadoras, há dois tipos de evidencialidade: evidência direta e evidência indireta. No primeiro caso, podem ser classificados os elementos linguísticos que imprimem no texto o sentido de que o produtor do texto testemunhou uma determinada situação (evidência atestada). No segundo, o produtor do texto relata informações que recebeu de outra pessoa (evidência relatada), ou quando infere a situação a partir do raciocínio lógico (evidência inferida).

Segundo Hengeveld e Dall’Aglio-Hattnher (2015), há quatro subcategorias evidenciais: *reportatividade*, *inferência*, *dedução* e *percepção de um evento*. Em relação à reportatividade, refere-se aos elementos linguísticos que indicam que a fonte de informação que o produtor está transmitindo é externa, ou seja, o conteúdo da mensagem contida em um discurso é transmitido e não originalmente produzido. A *inferência* é a subcategoria que compreende expressões evidenciais que o falante usa para indicar que infere uma determinada informação com base no próprio conhecimento. A *dedução* é utilizada para classificar as distinções evidenciais que são usadas para indicar que a informação apresentada é deduzida com base em evidências perceptivas. Já a subcategoria *percepção de um evento* se refere às expressões evidenciais que indicam que o falante testemunhou ou não o evento descrito no enunciado, diretamente.

De acordo com Aikhenvald (2004), evidencialidade é uma categoria linguística cujo significado primário é fonte de informação. Isso abrange a forma como a informação foi adquirida, sem necessariamente se relacionar com o grau de certeza

do falante sobre a afirmação ou se ela é verdadeira ou não. Um morfema evidencial geralmente cobre várias fontes relacionadas. Por exemplo, uma evidência normalmente se refere a coisas que se *ouve*, *cheira*, *vê* e *sente pelo toque*. Para ser considerado como evidencial, um morfema deve ter “fonte de informação”<sup>128</sup> como seu significado central. Sobre a evidencialidade direta, Bini e Sella (2019) observaram que elementos linguísticos que movimentam sentidos ligados à categoria podem ser utilizados pelo produtor para construir *ethos* centrado na credibilidade do produtor.

Contudo, se, por um lado, em alguns contextos, a participação direta do produtor do texto em um acontecimento adere maior nível de credibilidade ao conteúdo, como em relatos de memórias afetivas, por outro lado, de acordo com Wang e Karimi (2019), a utilização da PPS pode suscitar preocupações na audiência quanto à aplicabilidade das informações a outros, justamente por tratar-se de uma experiência pessoal. Para exemplificar possíveis impactos negativos na mensagem, os pesquisadores mencionam comentários publicados em *sites* de compras, em que, nos textos sem a utilização da PPS, o foco da mensagem torna-se o produto avaliado, enquanto, nas que apresentam a utilização da PPS, a atenção pode centrar-se no aspecto subjetivo, da experiência individual de apenas um cliente com o produto, diminuindo a relevância da informação.

De acordo com Posio (2011), com base em Enríquez (1984), a diferença semântica dos verbos é uma característica que pode influenciar o fato de o pronome na função de sujeito estar explícito ou oculto em um determinado enunciado, mas não é a única. Os dados do autor revelaram que, em língua espanhola, verbos que expressam uma opinião ou julgamento (como *creer*, *considerar* e *acreditar*) tendem a aparecer mais recorrentemente associados ao pronome na função de sujeito explicitamente do que – em segundo lugar – verbos que expressam atividade mental (como *saber*, *querer* e *aprender*), – em terceiro lugar – verbos estáticos que não expressam um processo dinâmico exercido pelo sujeito (como *ser*, *estar*, *tener* e

---

<sup>128</sup> Aikhenvald (2004) destaca que a categoria linguística *evidencialidade* se difere de “evidência” na linguagem comum. Ao consultar a definição no *Oxford English Dictionary*, a autora verificou que ‘evidência’ abrange os fatos disponíveis, circunstâncias etc. indicando se uma coisa é ou não verdadeira ou válida. No discurso jurídico, evidência é informação dada pessoalmente ou extraída de um documento etc., e tende a provar um fato ou proposição’ e ‘declarações ou provas admissíveis como testemunho em um tribunal. Já a noção linguística de evidencialidade difere do uso convencional por um não-linguista. A evidencialidade linguística fornece a fonte da informação. As formas pelas quais a informação é adquirida – vendo, ouvindo ou de qualquer outra forma – é o seu significado central.



*vivir*) e – em quarto lugar – verbos que expressam atividade externa (como *hacer, traer, decir, hablar, ver, oír, ir* e *venir*).

Além disso, por meio de análise estatística, o autor verificou que existe uma correlação extremamente significativa entre o lexema do verbo e a frequência de pronomes pessoais nas amostras, sendo os verbos mais frequentemente mobilizados na PPS, em língua espanhola, *pienso, creo, entiendo* e *soy*, e os menos frequentemente mobilizados na PPS *vengo, voy, doy* e *siento*. Logo, há a possibilidade desses elementos linguísticos constituírem diferentes estratégias retóricas, adaptando-se a diversos contextos a depender dos propósitos do produtor, como na construção de *ethos*.

#### 3.2.4.1 Quando a primeira pessoa estrutura o discurso: as funções *metadiscursiva* e *expositiva*

Marques e Ramos (2015) observaram que, em textos científicos, o *nós* pode assumir as funções *metadiscursiva* e *expositiva*. Conforme os autores, a função *metadiscursiva* “ocorre em contexto de estruturação do discurso, como é o caso da Introdução, ou em momentos de retoma e antecipação de conteúdos discursivos” (MARQUES; RAMOS, 2015, p. 168). Vejamos exemplos dos pesquisadores:

- (1) A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos que **passamos** a resumir...
- (2) Já **referimos** no capítulo anterior que a interacção discursiva... (MARQUES; RAMOS, 2015, p. 168).

Os recortes (1) e (2) foram selecionados por Marques e Ramos (2015) a partir de dissertações de Mestrado desenvolvidas em diferentes áreas do conhecimento, em universidades portuguesas. No recorte 1, a função *metadiscursiva* é acionada em **passamos**, pois o recurso é utilizado pelo produtor do texto para estruturar o discurso por meio de uma síntese do que os interlocutores da dissertação encontrarão a seguir. Já no recorte 2, em **referimos**, a função *metadiscursiva* é um recurso de retomada de conteúdos discursivos.

Apesar de a função *metadiscursiva* ter sido analisada em textos científicos, a reflexão sobre o *corpus* desta pesquisa demonstra que a função *metadiscursiva*

também é explorada de modo a estruturar o gênero dossiê. Para exemplificação, vejamos um recorte:

**Concluimos** com “A arte pede misericórdia”, que traz carta de Graciliano Ramos inédita em livro, descoberta pelos pesquisadores Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla, enviada a Oscar Mendes, em 1935 (*Dossiê O imenso Graça, Revista Cult*).

No recorte acima, há o *plural de modéstia*, uma vez que se refere ao *eu*. Em **concluimos**, por meio do contexto do texto e dos demais elementos do recorte, o verbo na PPP é utilizado com a função *metadiscursiva*, pois é utilizado para a estruturação do discurso.

Já a função *expositiva*, também observada por Marques e Ramos (2015, p. 168) em textos científicos, é usada em “enunciados que têm por função discursivizar/explicitar o processo de investigação”. Vejamos um exemplo dos autores: “**Considerámos** assim três tipos de estratégias...” (MARQUES; RAMOS, 2015, p. 168). No exemplo, que se trata de um recorte de dissertação de Mestrado, verifica-se a função *expositiva* em **considerámos**, que, no texto, é utilizado para explicitar procedimentos metodológicos da pesquisa.

Apesar de as funções *metadiscursiva* e *expositiva* serem associadas à PPP no Estado da Arte desenvolvido, as análises desenvolvidas nesta pesquisa evidenciam que, em textos do gênero dossiê, também algumas ocorrências da PPS tornam-se mecanismos utilizados pelos produtores para estruturar seus discursos de modo a explicitarem a presença autoral.

### 3.3 SÍNTESE CONCLUSIVA

O embasamento teórico apresentado nesta Seção, que considerou perspectivas transdisciplinares da Linguística, possibilita um olhar aprofundado sobre fenômenos linguísticos pouco estudados na Retórica, mas que constituem importantes estratégias de convencimento da audiência.

Demonstramos que os pronomes pessoais do caso reto *eu* e *nós*, e outros termos que materializam a PPD – na PPS, os verbos flexionados, os pronomes oblíquos *me* (átono), *mim* e *comigo* (tônicos) e os possessivos *meu(s)* e *minha(s)*; e,

na PPP, os verbos flexionados, os pronomes oblíquos *nos* (átono), *nós* e *conosco* (tônicos) e os possessivos *nosso(s)* e *nossa(s)* – movimentam sentidos que podem ser observados por meio de marcas linguísticas, semânticas, pragmáticas e retóricas. Além disso, verificamos a importância das relações de poder hierárquicas entre o produtor, os interlocutores e outrem, que interferem na construção da imagem de si.

Sobre a PPS, verificamos que pode ser associada a diferentes estratégias linguísticas, que mobilizam efeitos retóricos, dependendo do contexto em que são utilizadas. A partir de escolhas lexicais na PPS, o produtor pode direcionar a audiência a perceber um fenômeno de modo particular, a compartilhar uma determinada crença e, até mesmo, a realizar uma ação, à medida que argumentos são ancorados à credibilidade que o produtor enuncia de forma explícita na PPS.

As pesquisas consultadas costumam apontar para a PPP como um recurso retórico multifuncional, diferentemente da PPS. Contudo, um olhar para o nosso *corpus* aliado à reflexão sobre o Estado da Arte evidencia que também a PPS é um recurso multifuncional, uma vez que pode encenar diferentes máscaras sociais e tornar-se uma ferramenta argumentativa eficaz.

Em relação à PPP, tecemos um panorama teórico geral que evidenciou que se trata de uma estratégia linguística que vai muito além de uma simples pluralização, uma vez que pode incluir ou excluir a audiência, imprimir modéstia ou poder, além de refletir simetria ou assimetria em grupos determinados pelo contexto.

Sobre a estratégia de constituição de grupos, notamos que, quando aplicada ao contexto ideal, é eficaz para conquistar a adesão da audiência às teses defendidas, já que possibilita que os interlocutores se identifiquem com valores comuns e, da mesma forma, oponham-se a grupos que compartilhem valores culturais opostos.

Se, por um lado, o Estado da Arte possibilitou uma ampla fundamentação e descrição de fenômenos argumentativos relacionados à PPS e à PPP, por outro lado, deixa claro que os usos da PPD são expressões específicas de cada língua, de cada cultura e de cada contexto. Assim, a fundamentação teórica aponta para a necessidade de observar especificidades dos usos da primeira pessoa gramatical dentro de contextos culturais e linguísticos determinados.

Consideramos que as pesquisas discutidas nesta seção contribuem para a descrição de realizações de *ethos*, por meio da PPS e da PPP, especificamente, a

partir de duas etapas. A primeira tem caráter identitário e orienta a construção do *ethos*, seja por meio da PPS ou de diferentes tipos da PPP. Se considerarmos o gênero dossiê, por exemplo, um articulista pode manifestar seu *ethos* individualmente, na PPS, ou ligando-o a diversos grupos, como por meio da PPP com função *inclusiva*, colocando-se como integrante do grupo da audiência, ou da PPP com função *exclusiva*, de modo a ancorar sua credibilidade à revista, à personalidade homenageada, entre outras possíveis constituições. Classificamos, nesta etapa, as *marcas de construção de ethos*, que são identificáveis no cotexto.

A segunda etapa tem caráter circunstancial e está relacionada à maneira como o produtor gerencia a imagem produzida de si, adequando-a à audiência, aos propósitos argumentativos e ao contexto. Entendemos que correspondem a essa etapa a mobilização de estratégias elocucionais do *logos* e o gerenciamento das relações de poder e expectativas da audiência. Classificamos, nessa etapa, *propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de ethos*, que são identificáveis também no cotexto, mas cujo sucesso retórico está diretamente ligado ao conhecimento que o produtor possui sobre a doxa comum e às particularidades de cada audiência.

Sobre as *marcas de construção de ethos*, a conceituação teórica da PPS e da PPP com as funções *inclusiva* e *exclusiva*, bem como os diferentes tipos de *indeterminação*, é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que o produtor pode explorar esses fenômenos, em diferentes contextos pragmáticos, como uma das etapas de construção da imagem de si.

A reflexão teórica aliada às análises evidenciou a necessidade de adaptação de nomenclaturas de algumas categorias linguísticas, para evitar interpretações equivocadas, uma vez que não foram pensadas enquanto categorias retóricas. A título de exemplificação, consideremos a classificação de Benveniste, que definiu o *nós inclusivo* como “a junção da *pessoa não subjetiva* com o *eu* implícito” e o *nós exclusivo* como a junção do *eu* com a “*não-pessoa*” (BENVENISTE, 1991, p. 257). Logo, o *nós inclusivo*, para Benveniste, e para outros linguistas que o sucederam, trata-se de inúmeras possibilidades que envolvem o *eu + tu*, como *eu + vós*; *eu + tu + ele*; *eu + tu + elas*; *eu + vós + eles* etc., enquanto o *nós exclusivo* corresponde a inúmeros grupos em que o *tu* não é incluído, como *eu + ele*; *eu + eles*; *eu + elas* etc., tratando-se, portanto, de descrições dêiticas.

Em um primeiro momento, essa classificação foi-nos essencial, pois guiou a descrição inicial de como a PPP foi mobilizada nos recortes selecionados para análise. No entanto, o propósito da nossa pesquisa foi a descrição de funções retóricas e não de funções dêiticas. Considerando que avaliamos textos construídos em países distintos, Brasil e Portugal, a construção dêitica da PPP é diferente quando produtores brasileiros dizem *nós brasileiros* e quando produtores portugueses dizem *nós portugueses*, mas a função retórica é similar. Seguindo a classificação de Benveniste, para o leitor brasileiro, o *nós brasileiros* seria classificado como a PPP com função *inclusiva* e o *nós portugueses* como a PPP com função *exclusiva*, e o inverso vale para leitores portugueses. Contudo, tanto o *nós brasileiros* quanto o *nós portugueses*, dependendo do propósito argumentativo do produtor, podem ser mobilizados para a construção de um *ethos* ancorado a valores nacionalistas.

Sobre as *propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de ethos*, também constatamos a necessidade de adaptação das nomenclaturas, considerando particularidades do *corpus*. As categorias linguísticas associadas a esta etapa, apresentadas na Seção 3, também foram fundamentais nas fases iniciais da pesquisa (houve a testagem das categorias, em todo o *corpus*, cinco vezes). A título de exemplificação, observamos que alguns verbos de *evidencialidade* ora eram explorados por produtores apenas para assumirem a escritura do texto, ora para atestarem evidência sobre determinados fatos ou para direcionarem a audiência a interpretar um determinado fato conforme o interesse do articulista. Da mesma forma, alguns modalizadores dos eixos *epistêmico*, *deôntico* e *dinâmico* eram utilizados ora apenas para explicitar a presença autoral no texto, ora para registrarem avaliações negativas, positivas ou para direcionarem a audiência. Diante dessa observação, propomos a classificação de *mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP*, utilizados para construção de *ethos*, em uma escala retórica, que ancora, gradativamente, a credibilidade sobre o dito ao *ethos*, e que também pode explicitar diferentes níveis das relações de poder entre o produtor e a audiência ou entre o produtor e *outrem*.

Assim, para descrevermos as funções retóricas da PPD presentes no dossiê, com base na orientação das propostas teóricas desta Seção, apresentamos, na Seção 5.1, as *Marcas de construção de ethos na PPS e na PPP*; e as *Propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de ethos*.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*SPEED — Por quem Vossa Senhoria está apaixonado?*

*VALENTINO — Ora essa! Como sabes que estou apaixonado?*

*SPEED — Ora, pelos seguintes sinais, muito característicos: primeiro, como o senhor **Proteu**, aprendestes a cruzar os braços, no jeito das pessoas descontentes; a achar gosto em uma canção de amor, como o fazem os pintarroxos; a passear sozinho, como quem está afetado de peste; a suspirar como um colegial que houvesse perdido o A B C; a chorar como uma donzela que acabasse de enterrar a avó; a jejuar como quem está de dieta; a ficar de vigília como quem tem medo de ladrões; a falar em tom plangente, como mendigo em dia de Todos os Santos. Antes, vossa risada era como o cantar dos galos; vossas passadas lembravam o andar dos leões; só jejuáveis depois do jantar, se ficáveis triste era por falta de dinheiro. Presentemente, vos encontrais de tal modo metamorfoseado por vossa namorada, que, ao vos contemplar, custa-me crer que sois, de fato, o meu patrão (SHAKESPEARE, 2010, s.p.)<sup>129</sup>.*

Nesta Seção, descrevemos os procedimentos metodológicos desta pesquisa descritiva, de caráter exploratório, que analisa as funções retóricas ligadas à PPS e à PPP na construção de diferentes *ethé*, especificamente, em dossiês da revista *Cult* (Brasil) e *Nova Águia* (Portugal). Para as reflexões, discutimos o percurso metodológico e contextualizamos e descrevemos o *corpus*.

---

<sup>129</sup> Na epígrafe que introduz esta Seção, vemos um trecho da obra *Os dois cavalheiros de Verona* (*The Two Gentlemen of Verona*, 1598), de William Shakespeare, tradução de Ridendo Castigat Mores, disponível em domínio público (Ato II, Cena I, 2011). De acordo com Willis (2017), o próprio nome de Proteu, na obra de Shakespeare, sugere sua propensão metamórfica, pois Proteu é o nome de um deus marinho que é capaz de tomar muitas formas, mas se mantido até que ele tome sua verdadeira forma, ele responderia a perguntas. Na obra de Shakespeare, essa homonímia é um prelúdio de mudança da personagem. No decorrer da narrativa, o jovem Proteu demonstra uma série de formas emocionais, desde um homem leal, amado e amigo até um imaturo, idiota e irresponsável.

#### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O desenvolvimento desta pesquisa foi motivado pela constatação de Bini (2018) de que a PPP pode ser utilizada como um recurso linguístico que movimenta diferentes realizações de *ethos* e modalizações em um dossiê da revista *Cult* de 2017. A pesquisa demonstrou necessidade de ampliação e motivou inquietações se esses fenômenos também se estenderiam, na modalidade escrita da LP, à PPS; e de que forma a PPS e a PPP exerceriam funções retóricas para a realização de *ethos* em um *corpus* ampliado.

Assim, para observar as funções retóricas da PPS e da PPP, inicialmente, foram selecionados periódicos que possuem proximidade de conteúdos, um no Brasil e outro em Portugal. A busca evidenciou que tanto a *Cult* (Brasil) quanto a *Nova Águia* (Portugal) apresentam textos do gênero dossiê, sobre filosofia, cultura, literatura, entre outros temas relacionados à área de ciências humanas. Para uma investigação inicial, selecionamos todos os dossiês publicados na revista *Cult* e na *Nova Águia* em 2018.

Segundo Melo (2016), o dossiê pode ser considerado um gênero jornalístico interpretativo, veiculado, principalmente, em periódicos especializados e com segmentação de público específica. Os dossiês, comuns em revistas científicas, objetivam reunir documentos, conservar e registrar fontes de informação. De acordo com texto elaborado por pesquisadores da Universidade de Évora (UEVORA, 2017, p. 01), os dossiês podem ser constituídos por "textos escritos, notícias de imprensa, gráficos, artigos científicos, fotografias ou outros".

Considerando a circulação do gênero na esfera jornalística, Kucinski (2002) aponta que o dossiê se confunde com o jornalismo investigativo devido ao conteúdo ser resultado de um considerável investimento de tempo à pesquisa e ao aprofundamento de determinada temática.

Conforme Albé (2018), os textos da esfera jornalística devem ser considerados em uma escala de complexidade que vai do artigo simples ao dossiê de muitas páginas, sendo estruturas intermediárias o artigo composto e a hiperestrutura elementar ou complexa (que relaciona artigos a infografias e/ou

fotografias com legenda). Com base em estudos sobre o gênero dossiê em periódicos franceses<sup>130</sup>, a pesquisadora chega a seguinte definição:

o dossiê é um elemento de estruturação da informação, intermediário e opcional, situado entre o jornal e o artigo. Ele consiste em um regrupamento de artigos e imagens semanticamente relacionadas, mas excedendo a página dupla. Esse reagrupamento é o resultado de um processo de empilhamento da informação, desenvolvido na medida da importância atribuída a um acontecimento ou a um assunto (ALBÉ, 2018, p. 102).

Considerando essas características, especialmente o número extenso de páginas, o que possibilita amplas discussões sobre um determinado tema relevante, o gênero dossiê foi escolhido por tratar-se de um espaço fértil para a construção de *ethos*. Segundo Albé (2018, p. 102), a hiperestrutura do gênero dossiê é “uma entidade flexível e suscetível de variações; suas fronteiras, em relação à edição complexa, são vagas”, assim, notamos que assume características próprias em cada veículo jornalístico.

Devido às características dos veículos de comunicação selecionados, do gênero dossiê e dos temas abordados nos textos investigados, verificamos a possibilidade de evidenciar a audiência possível/provável (virtual, à medida que é projetada/inferida pelo articulista durante o processo de escrita). Também é possível descrever as relações de poder de simetria e assimetria que influenciam na imagem que os articulistas projetam de si. Verificamos que influenciam nesse processo tanto as relações de poder socialmente e culturalmente impostas no contexto, quanto as estabelecidas a partir das escolhas linguísticas dos produtores.

Sobre as relações de poder estabelecidas no contexto, podemos citar que os dossiês possuem organizadores, que são responsáveis pelo convite dos demais produtores que integram a equipe de seus respectivos dossiês. Logo, apenas a partir desse breve exemplo, já vemos relação de assimetria em três níveis: 1) os editores das revistas, que selecionam o tema do dossiê da próxima edição e convidam um organizador, além de editarem todo o conteúdo e estabelecerem regras que limitam o espaço destinado e possibilidades de pautas conforme a linha-

---

<sup>130</sup> A autora consultou duas pesquisas de Adam e Lugin: 1) ADAM, Jean-Michel; LUGRIN, Gilles. Effacement énonciatif et diffraction co-textuelle de la prise en charge des énoncés dans les hyperstructures journalistiques. **Semen**, [S.l.], n. 22, 2006.; 2) ADAM, Jean-Michel; LUGRIN, Gilles. L'hyperstructure: un mode privilégié de présentation des événements scientifiques? **Les Carnets du Cediscor**, [S.l.], n. 6, p. 133-149, 2000.



editorial de cada veículo; 2) O organizador, que não só é articulista, mas também seleciona outros produtores e organiza os subtítulos apresentados de modo a estabelecer uma unidade/continuidade no dossiê; 3) demais produtores, que adequam seus propósitos retóricos aos interesses dos organizadores dos dossiês e dos editores das revistas.

Essa compreensão é importante, pois os articulistas deixam marcas linguísticas, no cotexto<sup>131</sup>, que atestam essas relações de poder, por meio da PPD. A título de exemplificação, observemos dois recortes de um dos dossiês que compõem o *corpus* desta pesquisa: *Recorte 15*: “Foi com muita emoção, muita honra, que **aceitei** a proposta de Dayse Bregantini para organizar este dossiê”. Na sequência, o mesmo produtor, que é organizador de seu respectivo dossiê, no *Recorte 16*, explicita: “De **minha** parte, era também a oportunidade de convocar a “prata da casa” para participar junto comigo dessa empreitada”.

Sobre as relações de poder estabelecidas a partir das escolhas linguísticas dos produtores, verificamos que são graduais e que podem ser aferidas a partir de mobilizadores de ocorrências da PPS e da PPP. Para isso, propomos categorias de análise que são apresentadas no início da seção de análises.

Os dossiês são escritos por especialistas da área em que os temas são tratados, cuja audiência, geralmente, também possui conhecimento nas áreas. Com isso, os produtores dos dossiês exploram elementos externos para dar conta da elaboração, e assim conseguindo a adesão de seus leitores às suas teses, de forma fundamentada. Contudo, nesta pesquisa, não se pretende realizar uma análise de todos os recursos explorados pelos produtores para a construção dos *ethé*, mas sim avaliar as estratégias relacionadas à PPD. Portanto, o *corpus* restringe-se ao *logos*, e foram considerados apenas os aspectos extralinguísticos que se relacionam diretamente às ocorrências da PPS e da PPP.

---

<sup>131</sup> Ao separarmos as noções de **cotexto** e **contexto**, concordamos com Paschoal e Ayres (2020, p. 244) que há elementos que operam na produção textual que “podem ser de natureza intralinguística, ou seja, marcados dentro do texto, ou de natureza extralinguística (elementos que orbitam no contexto do texto)”. Nesta pesquisa, entendemos que o nível cotextual compreende a materialidade linguística, portanto, intralinguístico. Já o contexto se refere à “gama de aspectos extralinguísticos envolvidos no contrato significativo estabelecido entre o autor e o leitor de um texto” (PASCHOAL; AYRES, 2020, p. 244). Os aspectos envolvidos no universo que orbita o texto são a intertextualidade, a intencionalidade, a situacionalidade, a informatividade e a aceitabilidade.

#### 4.1.1 Sobre a revista *Nova Águia*

A *Nova Águia: revista de cultura para o século XXI* possui periodicidade semestral e é publicada pela editora Zéfiro, de Portugal. A *Nova Águia* foi criada para homenagear a revista *A Águia*, uma importante revista de cultura portuguesa do século XX, que teve a colaboração de autores como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Carneiro, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva (ZÉFIRO, 2020).

Sobre *A Águia*, de acordo com Amaro (2018, p. 129), “foi um dos periódicos mais profícuos no período de sua existência”. Para o pesquisador, *A Águia* (1910-1932) estava vinculada a uma ideologia política bem explícita: “o Republicanismo, que tem na Renascença a sua maior bandeira, a qual, oficialmente, surgiu como movimento cultural em 1912 e possui como defensor Teixeira de Pascoaes” (AMARO, 2018, p. 134).

Conforme o pesquisador, *A Águia* está atrelada à reconstrução do *ethos* português, no qual Camões teve importante colaboração. Assim, a revista propôs-se a reconstruir o sentimento de nacionalismo nos intelectuais portugueses do século XX, e foi responsável pelo nascimento de duas famosas teorias: “o Saudosismo Metafísico de Pascoaes e a Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada, de ninguém menos que Fernando Pessoa” (AMARO, 2018, p. 131). Outro fator importante que pode ser ressaltado em relação à revista do século XX é a simbologia do nome *A Águia*:

A simbologia da águia é deveras elucidadora das intenções que a movem. O senso comum permite-nos vislumbrar uma significação, mas esse senso não dará conta da grandeza do símbolo, no caso do nosso estudo, pois ele se traduz como a expressão metafórica duma crença entendida como elevação, como comunhão com o Alto. Não é tão somente “voar, erguer-se, estar por cima”, que é a natureza do animal, é Alto, com letra maiúscula, referindo-se a uma extensão oracular, profética, espiritual, divinizante. Nesse sentido, a *Águia* voa para dentro da alma portuguesa, ela remete o ser a um estado metafísico, tal qual na teoria de Pascoaes (AMARO, 2018, 136).

Diante desse cenário, podemos voltar o olhar para a *Nova Águia*, revista que surge em 2008 com o intuito não só de homenagear *A Águia*, mas também de retomar alguns ideais culturais que emergiram no século XX, como a valorização do

nacionalismo português. Segundo Manso (2018), a *Nova Águia* é continuadora de uma antiga tradição especulativa ligada a Portugal e aos portugueses que ressurgiu em dez pontos, que podem ser sintetizados no manifesto publicado na primeira edição da revista:

- Recriar uma revista e um movimento de transformação das mentalidades e das vidas;
- A profunda crise de Portugal e a aspiração a algo de novo;
- Morte e refundação de Portugal;
- O sentido de Portugal como busca de uma fraterna comunidade humana e vital, alternativa ao esgotamento da civilização dominante;
- As virtualidades e o universalismo da comunidade lusófona;
- Promover as ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona como contributo para um outro paradigma e uma outra globalização;
- Uma pátria alternativa mundial;
- Libertação de complexos de superioridade e inferioridade;
- MIL: Movimento Internacional Lusófono: um movimento cultural cívico e pedagógico na linha da 'Renascença Portuguesa';
- Unir céu e terra: É a Hora! (NOVA ÁGUIA, 1, 1º semestre, 2008, p. 7-13).

De acordo com Manso (2018), a *Nova Águia* tenta materializar o esforço de Camões, Vieira e Pessoa, para contribuir com a divulgação da cultura da comunidade lusófona. Assim, para Zúquete (2012), a revista apresenta também conteúdos ligados à cultura de outros países que possuem como língua oficial o português. Para o autor, na *Nova Águia*, “o imaginário lusófono surge em todo o seu esplendor, intensidade e expansionismo” (ZÚQUETE, 2012, s.p.)

Conforme Zúquete (2015), que estudou o nacionalismo e a política externa de Portugal, a *Nova Águia* atua como órgão principal de divulgação das manifestações culturais lusitanas, e apresenta pensamento ligado ao Movimento Internacional Lusófono (MIL)<sup>132</sup>. Para o autor, na revista, “o imaginário lusófono surge em toda a sua intensidade e expansionismo; até abranger, para os militantes da Lusofonia redentora, o mundo inteiro” (ZÚQUETE, 2015, p. 88).

De acordo com o autor, o MIL propõe um modelo alternativo de globalização, por meio da criação de um grupo civilizacional lusófono, que sirva de contrapeso ao

---

<sup>132</sup> De acordo com Epifânio (2019, p. 01), o MIL: Movimento Internacional Lusófono nasceu no início de 2008, e é “a maior instituição da sociedade civil no que se refere ao reforço dos laços entre os países e regiões do espaço lusófono – a todos os níveis: cultural, social, económico e político –, assim procurando cumprir o sonho de Agostinho da Silva: a criação de uma verdadeira comunidade lusófona, numa base de liberdade e fraternidade. Sendo a *Nova Águia* uma das expressões maiores desse nosso horizonte” (EPIFÂNIO, 2019, p. 01).

modelo anglo-saxónico. Também, para Zúquete (2015), esse movimento tem o apoio de membros de todos os países falantes de LP, incluindo muitos brasileiros.

Conforme Epifânio (2018, p. 510), a *Nova Águia* é a revista que mais defende e difunde a filosofia lusófona e a cultura da LP, nas mais diversas áreas da cultura “da filosofia à poesia, do romance ao cinema, do teatro à música, da pintura à arquitectura”. Também, segundo o autor, a revista é plural e estabelece pontes entre a cultura portuguesa e a cultura de outros países de LP, como a ponte Brasil-Portugal estabelecida por meio da contribuição de António Braz Teixeira.

A *Nova Águia* apresenta-se como “a única revista portuguesa de qualidade que, sem se envergonhar nem pedir desculpa, continua a reflectir sobre o pensamento português. Em tempos de globalização, esta qualidade – a de evidenciar o pensamento nacional – deve ser exaltada” (ZÉFIRO, 2020, s.p.).

#### 4.1.2 Sobre a revista *Cult*

A *Cult* tem periodicidade mensal voltada às áreas da Arte, Cultura, Filosofia, Literatura e Ciências Humanas, com uma circulação impressa e digital, em âmbito nacional. Cada edição chega às bancas com um dossiê sobre determinado tema, por meio de amplo debate de ideias de interesse público (CULT, 2023, s.p.). De acordo com Rossetti (2015, p. 108),

Atualmente, a Revista *Cult* lidera o segmento cultural no Brasil. Criada no ano de 1997 pela Lemos Editorial, voltava-se principalmente à literatura mas, em 2002, a publicação foi adquirida pela Editora Bregantini que ampliou suas pautas e passou a abordar também outros temas em suas páginas, como artes, filosofia e ciências humanas. Com sede na cidade de São Paulo – SP, a Revista *Cult* é a mais longeva publicação cultural do país e está sob direção da jornalista Daysi Bregantini. Sua periodicidade é mensal, com 35 mil exemplares de, em média, 66 páginas cada, e seu quadro de funcionários e colaboradores é variável. A escolha dos temas abordados respeita o critério editorial da revista que é especializada em jornalismo cultural com foco no conhecimento e na educação.

A Revista *Cult* apresenta o gênero dossiê como uma seção fixa do periódico. De acordo com Rêgo e Moura (2012, p. 116), “a cada exemplar além do dossiê normalmente voltado para temas filosóficos encontramos uma grande entrevista realizada com personagens destacados em suas áreas de atuação”.

Considerando nosso *corpus*, observamos que o gênero apresenta não só características estruturais e estilísticas da esfera jornalística, mas também vocabulário e elementos mais comuns em artigos científicos. De acordo com a *Cult* (2017), pesquisadores e especialistas de diversas áreas do conhecimento, como de Arte, Cultura, Filosofia, Literatura e Ciências Humanas, contribuem na construção das edições da revista.

Conforme Bini (2018), a *Cult* possui um público-alvo específico e intelectualmente elitizado, composto, majoritariamente, não apenas por pessoas com afinidade pelas temáticas veiculadas no periódico, mas também por leitores que possuem conhecimento de mundo necessário para compreender textos complexos, mais extensos do que os publicados em revistas populares. Os textos da revista possuem um certo grau de cientificidade, uma vez que o conteúdo está, de certo modo, alinhado a estudos/teorias na área das Ciências Humanas.

Segundo Tarapanoff (2010), o público-alvo da *Cult* é composto por acadêmicos com interesses em autores estudados em cursos de ciências humanas. Para a autora, na revista, há uma preocupação com a formalidade acadêmica, no entanto, procura-se facilitar a linguagem para que o conhecimento científico chegue ao maior número possível de pessoas.

#### 4.2 SELEÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DOSSIÊS

Após a verificação inicial dos dossiês, como recorte de pesquisa, optamos pela seleção de seis dossiês sobre personalidades da literatura e da cultura brasileira e portuguesa, sendo três da *Cult* sobre personalidades brasileiras e três da *Nova Águia* sobre personalidades portuguesas, todos publicados em 2018, a saber: *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (*Cult*, Ed. 231); *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (*Cult*, Ed. 233); *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (*Cult*, Ed. 239); *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (*Nova Águia*, Ed. 21); *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (*Nova Águia*, Ed. 21); e *Dalila Pereira da Costa, 100 anos depois* (*Nova Águia*, Ed. 22).

A obra literária das personalidades homenageadas resulta em ecos nos *logos* analisados por meio da intertextualidade. Assim, o pesquisador buscou conhecer, à medida do possível, produções de Benedito Nunes, Hilda Hilst, Graciliano Ramos,

Fidelino de Figueiredo, António Nobre, Raul Brandão e Dalila Pereira da Costa, não só por meio da consulta das respectivas biografias, que resumidamente são apresentadas na sequência, mas também através da leitura de textos das personalidades homenageadas nos dossiês e da participação como ouvinte em eventos remotos sobre os autores.

Também consultamos pesquisas desenvolvidas sobre as revistas *Cult* e *Nova Águia*, além da biografia e do currículo dos produtores dos textos analisados<sup>133</sup>. Verificamos que o *locus* de alguns produtores resulta em ecos na escrita, como a utilização de léxico técnico-científico de áreas especializadas por parte de críticos literários, médicos, diplomatas, juristas e filósofos.

#### **4.2.1 Sobre as personalidades homenageadas, a composição e a contextualização dos dossiês**

##### 4.2.1.1 Benedito Nunes

*O homem, que deixou de ser escravo da natureza tampouco é o senhor que nela impera, deveria ser seu vigilante guardião*  
(Benedito Nunes)<sup>134</sup>.

Conforme Nascimento (2012), Benedito José Viana da Costa Nunes, nasceu em 1929, em Belém do Pará, no Brasil, e faleceu em 2011. Benedito Nunes iniciou seu trabalho de crítico de literatura na imprensa escrita de Belém do Pará, no jornal Folha do Norte, no período de 1946 a 1951. No magistério, de acordo com Sanjad e Sanjad (2011), Benedito colaborou com diversas unidades da UFPA, em cursos de treinamento, graduação, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado. Após sua aposentadoria, em 1992, continuou atuando como professor no curso de Mestrado em Letras, lecionando a disciplina Teoria da Crítica. Também foi professor em outras instituições, como a Universidade Estadual de Campinas, em 1977 e 1979; a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1982; a Universidade de

---

<sup>133</sup> Uma lista com a indicação de referências para acesso à biografia dos autores está disponibilizada no Apêndice 2, p. 353.

<sup>134</sup> Frase gravada, em a homenagem a Benedito Nunes, em um mural do Parque Mangal das Garças, Belém do Pará.

Brasília, em 1986; a Universidade Federal da Paraíba, em 1988; a Escola Superior de Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, em 1992, 1993 e 1994; e a Universidade Federal do Ceará, em 1993. Também ministrou cursos em diversas universidades no exterior.

Além da atuação como crítico literário e professor, Benedito organizou antologias e edições críticas de vários escritores, “como Raimundo de Farias Brito, Mário Faustino, Platão, Clarice Lispector, Haroldo Maranhão, Dalcídio Jurandir e o livro de homenagens a Francisco Paulo Mendes” (SANJAD; SANJAD, 2011, p. 351). O professor também publicou uma centena de artigos em periódicos brasileiros e estrangeiros; quase cinquenta capítulos de livros; traduções; ensaios; e 12 livros, com estudos literários e filosóficos. Segundo Sanjad e Sanjad (2011, p. 352), essa obra, “extensa e diversificada, que toca vários campos do conhecimento, como filosofia, literatura, artes e ciências sociais, é lida e valorizada, é mesmo saudada com unanimidade”.

O dossiê *Benedito Nunes: filósofo da poesia* foi publicado na edição 231, em fevereiro de 2018, pela revista *Cult*. A edição está disposta em 24 páginas e conta com a colaboração de jornalistas e pesquisadores que, na escrita, oscilam o uso da TP, da PPS e da PPP a depender da intencionalidade argumentativa almejada em cada situação.

O dossiê está organizado em seis subtítulos, a saber: *O mestre que ria*; *Benedito Nunes e o teatro*; *A crítica de Guimarães Rosa*; *Intérprete de Heidegger*; *Trocando de papéis*; e *Ausência e presença de um filósofo*. Além disso, o dossiê é finalizado com a *Bibliografia indicada*, que apresenta aos leitores da revista *Cult* as principais obras de Benedito e, na sequência, uma poesia em homenagem a Benedito Nunes, intitulada “Tríptico Beneziano”, que, por tratar-se de um texto literário, não será alvo de análises desta pesquisa. Por meio do Quadro 05, apresentamos uma síntese do perfil dos produtores do dossiê em homenagem a Benedito Nunes.

#### **Quadro 05 – Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Benedito Nunes**

<b>D1: Benedito Nunes: o filósofo da poesia (Cult, Ed. 231)</b>			
<b>Ident.</b>	<b>Texto</b>	<b>Produtores</b>	<b>Atuação profissional e/ou acadêmica</b>
D1T1	<i>O mestre que ria</i>	Ernani Chaves (org.)	Professor Titular da Faculdade de Filosofia UFPA, professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da

			Universidade Federal de Sergipe (UFS). É graduado em Administração, mestre e doutor em Filosofia. Coursou quatro Pós-Doutorados na área de Ciências Humanas, sendo três na Alemanha e um na França.
D1T2	<i>Benedito Nunes e o teatro</i>	José Denis de Oliveira Bezerra	Artista, ator, diretor teatral, performer, professor e pesquisador de teatro. É professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA e atua no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA e no Mestrado Profissional em Artes/PROFARTES/UFPA. Possui Graduação e Mestrado em Letras e Doutorado em História.
D1T3	<i>A crítica de Guimarães Rosa</i>	Sílvia Holanda	Professor associado IV da UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras e Pós-Doutorado em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa.
D1T4	<i>Intérprete de Heidegger</i>	Marco Aurélio Werle	Professor titular no Departamento de Filosofia da USP. É Graduado, Mestre e Doutor em Filosofia.
D1T5	<i>Trocando papéis</i>	Lília Silvestre Chaves	Professora associada IV da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas, do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. Graduada e Mestre em Letras, Especialista em Linguística Aplicada e Doutora em Estudos Literários.
D1T6	<i>Ausência e presença de um filósofo</i>	Henry Burnett	Professor livre-docente do Departamento de Filosofia da EFLCH/UNIFESP e docente dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP e do PPGFIL da UFPA. Graduado, Mestre e Doutor em Filosofia e cursou três Pós-Doutorados: um em Linguística, Letras e Artes, no Brasil; e dois em Ciências Humanas, em Portugal e na Alemanha.

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D1T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 1, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas no *corpus* e por meio de consulta ao currículo dos articulistas.

#### 4.2.1.2 Hilda Hilst

*A poesia tem a ver com tudo o que não entendo. Tem a ver com a solenidade diante do mundo* (HILST, 2017, p. 565).

Segundo Alves (2012), Hilda Hilst nasceu em Jaú, no centro-oeste Paulista, no Brasil, em 1930, e faleceu em Campinas, em 2004. A poeta passou os anos de



sua formação, incluindo o momento da passagem pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, na cidade de São Paulo.

Para Rebechi-Junior (2018), a apresentação da poeta se faz, principalmente, sob dois polos: “(1) naquilo que representa o seu momento de formação inicial, representado pelo seu livro de estreia *Presságio* (1950), em que temas de interesse ali gestados seriam amplamente explorados pela poeta em obras posteriores”; e “(2) seu interesse em dialogar com os modelos clássicos da tradição lírica, que foi objeto de pesquisa e produção de poemas ao longo de sua jornada como poeta” (REBECHI-JUNIOR, 2018, p. 165). Conforme Alves (2012, p. 133),

Hilda Hilst nasceu em um mundo em crise. Muito cedo já tinha presenciado esfacelamentos, como perdas de propriedades da família decorrentes de 1929 e a separação de seus pais. Logo poria a poesia e a loucura, juntas, em um patamar superior, tal como via seu pai, o belo e culto poeta afastado do convívio social pela esquizofrenia. A juventude requisitada nos salões da alta sociedade – Carlos Drummond de Andrade aos 50 anos diria dela, então com 22 anos: “Hilda girando em boates/ Hilda fazendo chacinha/ Hilda dos outros, não minha...” – Hilda deixaria para trás, em um momento de iluminação, de caráter metafísico, religioso e de mudança. Sem arrependimento, decidiria sair do grande centro para se dedicar à sua missão, escrever poesia. Envoltura de paisagem natural, desenharia na sua obra literária bichos, formigas, árvores, sóis, nuvens, águas, flores, rios, a súbita escuridão, buracos, estacas, entes, falas de outras dimensões e sombras nas paredes roídas de seu templo-masmorra. Assim, construiria um universo próprio, de sensações que somente a perplexidade de lê-la pode delinear.

De acordo com Rebechi-Junior (2018), a exploração de formas e modelos fixados na tradição lírica clássica tornou Hilda Hilst uma poeta de singular importância na literatura brasileira, devido a uma característica da poeta: ao explorar a forma clássica, “ela consegue trazer de volta certa dicção, por assim dizer, solene à poesia – seja no seu nível formal, seja em seu nível temático – e, ao mesmo tempo, parece renovar-se e renovar o campo da poesia brasileira” (REBECHI-JUNIOR, 2018, p. 176).

O dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na Literatura Brasileira* foi publicado na edição 233, em abril de 2018, pela revista *Cult*. A edição está disposta em 26 páginas e conta com a colaboração de jornalistas e pesquisadores que, na escrita, oscilam o uso da TP, da PPS e da PPP a depender da intencionalidade argumentativa almejada em cada situação. Conforme o editorial da edição 233 da

*Cult*, o dossiê foi publicado com a colaboração de pesquisadores da literatura brasileira e jornalistas que conviveram e trabalharam com Hilda Hilst.

O dossiê está organizado em oito subtítulos, a saber: *As faces espelhadas de Eros*; *Sob o signo da imaginação cênica*; *Uma prosa do tempo*; *umasómúltiplamatéria*; *O jardineiro da casa*; *A gestão de um legado*; *O que vem por aí*; e *Traços de lirismo*. Considerando que esta pesquisa investiga, especificamente, as ocorrências da PPD, e que os textos *Sob o signo da imaginação cênica*, de Eliane Robert Moraes; *O que vem por aí*, de Amanda Massuela; e *Traços de lirismo*, de Helô D'Angelo, são escritos em TP, são tecidas análises apenas em relação aos textos que utilizam a PPS e/ou a PPP. Por meio do Quadro 06, apresentamos uma síntese do perfil dos produtores do dossiê em homenagem a Hilda Hilst.

**Quadro 06 – Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Hilda Hilst**

<b>D2: Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira (Cult, Ed. 233)</b>			
<b>Ident.</b>	<b>Texto</b>	<b>Produtores</b>	<b>Atuação profissional e/ou acadêmica</b>
D2T1	<i>As faces espelhadas de Eros</i>	Eliane Robert Moraes (org.)	Professora de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH da USP e bolsista Produtividade 1B do CNPq. É Graduada em Ciências Sociais, Mestre e Doutora em Filosofia e cursou Pós-doutorado em Literatura Comparada, na França.
D2T2	<i>Uma prosa do tempo</i>	Bruno Zeni	Professor da pós-graduação em Formação de Escritores do Instituto Superior de Educação Vera Cruz. Zeni é Jornalista e Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Letras.
D2T3	<i>umasómúltiplamatéria</i>	Leusa Araujo	Jornalista, escritora, editora de livros e pesquisadora do núcleo de teledramaturgia da TV Globo.
D2T4	<i>O jardineiro da casa</i>	Leandro Carlos Esteves	Jornalista, pesquisador e roteirista.
D2T5	<i>A gestão de um legado</i>	Daniel Fuentes	Gestor Cultural e presidente do Instituto Hilda Hilst. Fuentes é Graduado em Ciências Sociais e Especialista em Ciência Política.

**Legenda:** D corresponde a Dossiê e T a Texto. Assim, D2T1 refere-se ao primeiro texto do Dossiê 2, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas no *corpus* e por meio de consulta ao currículo dos articulistas.

#### 4.2.1.3 Graciliano Ramos

*Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrerá na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal* (RAMOS, 2013, p. 6).

De acordo com Amaral (2017), Graciliano Ramos, escritor clássico da literatura brasileira, nasceu em Alagoas, em 1892. Sem acusações formais, o escritor foi preso em 1936, e foi mantido em cadeias de Maceió, Recife e Rio de Janeiro durante nove meses. Em 1937, foi libertado e passou a residir no Rio de Janeiro, onde faleceu, em 1953. Para Marques (2017, p. 07), Graciliano é fonte de permanente fascínio: “Graciliano é cada dia mais lido e admirado, em especial pelas novas gerações. Não é só um monumento de pedra das letras nacionais, mas uma força viva, incômoda, áspera como um sol estridente, que toca de maneira profunda os leitores”.

Ramos possui quatro romances, publicados na década de 1930, muito diferentes entre si, a saber: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), época de efervescência cultural e política. Nos romances, segundo Marques (2017, p. 22), Ramos misturou tendências aparentemente antagônicas: “o romance regional — social, proletário, de esquerda — e o romance psicológico — intimista e injustamente tachado de conservador”.

De acordo com Marques (2017, p. 21), a partir da década de 1940, a atividade literária do autor se dispersou por outros gêneros e “acabou por se concentrar no memorialismo, com a produção de dois livros fundamentais: *Infância* (1945) e *Memórias do cárcere* (1953)”. Segundo Amaral (2017), Graciliano Ramos vivenciou um período marcado por revoluções e transições da política brasileira, já que, quando nasceu, a República tinha sido proclamada somente há três anos, em 1889. De acordo com a pesquisadora,

A situação do Brasil era um resultado de muitas crises econômicas e disputas políticas que geravam muitas incertezas para o futuro dos brasileiros. Com o surgimento dessa nova forma de governo, desencadeou-se uma descentralização econômica e financeira que foi propícia para a imersão do capitalismo no país, beneficiando principalmente as oligarquias cafeeiras (AMARAL, 2017, p. 34).

Conforme Marques (2017), o fato de dominar técnicas e explorar temas universais não torna a obra de Graciliano menos enraizada no Brasil, sendo o escritor nordestino apontado como brasileiro tanto no espírito quanto na forma. Ressalta-se que o autor não só contribuiu para a literatura regionalista, realizando pesquisas de linguagem, incorporando à escrita clássica particularidades da coloquialidade, mas também “se preocupou, enquanto escritor realista e engajado, em investigar criticamente, longe de qualquer concessão patriótica, a matéria social de seu país” (MARQUES, 2017, p. 9).

O dossiê *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* foi publicado na edição 239, em outubro de 2018, pela revista *Cult*. A edição está disposta em 26 páginas e conta com a colaboração de jornalistas e pesquisadores que, na escrita, oscilam o uso da TP, da PPS e da PPP, a depender da intencionalidade argumentativa almejada em cada situação.

A edição foi lançada em comemoração aos 80 anos do livro *Vidas secas*. O dossiê foi organizado pelo professor Benjamin Abdala Junior e conta com a colaboração de jornalistas e de pesquisadores do Grupo de Estudos Graciliano Ramos da USP.

O dossiê está organizado em sete subtítulos, a saber: *Sem procuração; Linguagem literária e vida sociocultural; Graciliano e o cinema; Heróis subestimados; Vida, literatura e engajamento; 80 anos de Vidas secas; e A arte pede misericórdia*. Considerando que esta pesquisa investiga, especificamente, as ocorrências da PPD, e que os textos *Graciliano e o cinema*, de Randal Johnson; e *80 anos de Vidas secas*, de Adilma Secundo Alencar e Luciana Araujo Marques, são escritos em TP, são tecidas análises apenas em relação aos textos que utilizam a PPS e/ou a PPP. Por meio do Quadro 07, apresentamos uma síntese do perfil dos produtores do dossiê em homenagem a Graciliano Ramos.

**Quadro 07 – Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Graciliano Ramos**

<b>D3: O imenso Graça: vidas secas, 80 anos (Cult, Ed. 239)</b>			
<b>Ident.</b>	<b>Texto</b>	<b>Produtores</b>	<b>Atuação profissional e/ou acadêmica</b>
D3T1	<i>Sem procuração</i>	Ricardo Ramos Filho	Escritor, roteirista de cinema e Professor de Literatura na FMU. Graduado em Matemática e Mestre e Doutor em Letras. Neto de Graciliano Ramos.
D3T2	<i>Linguagem literária e vida sociocultural</i>	Benjamin Abdala Junior (org.) e Luzia Barros	Abdala-Junior é professor titular da FFLCH da Usp, e é Graduado, Mestre e Doutor em Letras e possui dois Pós-Doutorados na área de Letras: um realizado no Brasil e outro em Portugal. Já Barros é Graduada em Letras e Mestre e Doutora em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa.
D3T3	<i>Heróis subestimados</i>	Lilliân Alves Borges e Edmar Monteiro Filho	Borges é Graduada e Mestre em Letras, Especialista em Crítica Literária e Ensino de Literatura e Doutora em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Já Monteiro Filho é Graduado em Ciências Biológicas Modalidade Médica e em História, Especialista em História Sociocultural, e Mestre e Doutorando em Teoria e História Literária.
D3T4	<i>Vida, literatura e engajamento</i>	Jean Pierre Chauvin e Rodrigo Jorge Ribeiro Neves	Chauvin é Professor na Escola de Comunicações e Artes (USP) e na Pós-Graduação da FFLCH. Jean é Graduado, Mestre e Doutor em Letras e possui dois cursos de Pós-Doutorado em Letras, realizados no Brasil. Já Neves é Graduado em Artes Cênicas, Mestre em Letras e Doutor em Estudos de Literatura. Também possui dois cursos de Pós-Doutorado: um em Letras, realizado no Brasil, e outro em Ciências Humanas, realizado na Espanha.
D3T5	<i>A arte pede misericórdia</i>	Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla	Lebensztayn é Graduada e Mestre em Letras, Doutora em Literatura Brasileira e realizou dois cursos de Pós-Doutorado, com estudos na área de Literatura. Já Salla é professor da Escola de Comunicações e Artes. Salla é Graduado em Letras e Linguística e em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e Doutor em Ciências da Comunicação e em Letras (Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa).

**Legenda:** D corresponde a Dossiê e T a Texto. Assim, D3T1 refere-se ao primeiro texto do Dossiê 3, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas no *corpus* e por meio de consulta ao currículo dos articulistas.

#### 4.2.1.4 Fidelino de Figueiredo

*Aprendemos a realidade em nós com todas as mutilações e deformações a que obrigam os limites da nossa inteligência e o poder modelador da condição humana, que a tudo humaniza ou tinge de carácter humano (FIGUEIREDO, 1960, p. 123).*

Conforme Lourinho (2014), Fidelino de Figueiredo nasceu em 1889 e faleceu em 1967. Foi um historiador, filósofo, professor e ensaísta, que marcou a vida política e social de Portugal. O intelectual português estudou Ciências histórico-geográficas na Faculdade de Letras de Lisboa e, após a formação, dedicou-se a estudos sobre a cultura portuguesa e a integração na vanguarda da cultura europeia. Essas pesquisas resultaram em uma série de importantes publicações realizadas entre 1912 e 1928.

De acordo com Lourinho (2014) Fidelino também atuou como deputado e diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1918. Em 1926, envolveu-se em um movimento de oposição ao governo, o que desencadeou em sua prisão e deportação para Angola. Com o advento do Estado Novo em Portugal, em 1933-1934, Fidelino dedicou-se a cursos, conferências e à obra literária, além de viagens aos Estados Unidos e ao Brasil, onde também atuou como professor, na USP, durante mais de uma década (DIMAS, 2011). Para Lourinho (2014, p. 9),

A sua obra literária é vasta compreendendo vários períodos de intensidade intelectual e científica, que decorrem entre o período de 1930 a 1950. Podemos distinguir quatro diferentes direções no seu trabalho. No primeiro, encontramos uma escrita em ensaio onde interpreta os mais importantes aspectos da contemporaneidade. No segundo, encontramos escritos sobre a história literária de Portugal. No terceiro, monografias sobre grandes autores portugueses. No quarto, uma autobiografia espiritual.

Segundo Dimas (2011), Fidelino de Figueiredo se dedicou à interpretação de fatos históricos com muita sensibilidade. Já para Lourinho (2014, p. 9), Fidelino também demonstrava “aguda sensibilidade literária” e “espírito filosófico”. A preocupação de Figueiredo com o desenvolvimento dos fatos históricos é evidenciada nas obras *Ideias de Paz* e *Entre Dois Universos*. O gênero literário que melhor identifica Fidelino de Figueiredo é o ensaio.

O dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* foi publicado na edição 21, no primeiro semestre de 2018, pela revista *Nova Águia*. A edição está disposta em 19 páginas e conta com a colaboração de pesquisadores e personalidades portuguesas que, na escrita, oscilam o uso da TP, da PPS e da PPP, a depender da intencionalidade argumentativa almejada em cada situação.

Os textos que homenageiam Fidelino de Figueiredo referem-se aos 50 anos de seu falecimento, em 2017, quando o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira promoveu um Colóquio sobre a Obra do autor. O dossiê está organizado em cinco subtítulos, a saber: *Contribuição de Fidelino de Figueiredo para a historiografia da filosofia portuguesa*; *Breves considerações acerca de uma onto-po(i)ética em Fidelino de Figueiredo: in memoriam de um coleccionador de angústias*; *Filosofia e mito: Eudoro de Sousa, leitor de Fidelino Figueiredo*; *Fidelino de Figueiredo: o traço essencial do seu humanismo*; e *Pertinências do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo*. Além desses textos, o dossiê é finalizado com a publicação dos poemas “As mãos de Van Gogh”, de Adília César, e “As pontes” e “Viagem”, de António José Queiroz. Por meio do Quadro 08, apresentamos uma síntese do perfil dos produtores do dossiê em homenagem a Fidelino de Figueiredo.

**Quadro 08 – Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Fidelino de Figueiredo**

<b>D4: Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois (Nova Águia, Ed. 21)</b>			
<b>Ident.</b>	<b>Texto</b>	<b>Produtores</b>	<b>Atuação profissional e/ou acadêmica</b>
D4T1	<i>Contribuição de Fidelino de Figueiredo para a historiografia da filosofia portuguesa</i>	António Braz Teixeira	Escritor, docente universitário e tradutor. Teixeira ocupou importantes cargos na administração pública Portugal, como os cargos de Secretário de Estado da presidência do Conselho de Ministros, em 1980, Secretário de Estado da Cultura, Diretor do Teatro Dona Maria II, em Lisboa, Vice-presidente do Conselho de Gerência da Radiotelevisão Portuguesa (RTP), e Presidente da Imprensa Nacional Casa da Moeda. Graduado em Direito (RODRIGUEZ, 2001).
D4T2	<i>Breves considerações acerca de uma onto-po(i)ética em Fidelino de Figueiredo: in memoriam de um coleccionador de angústias</i>	Joaquim Pinto	Licenciado e Doutor em Filosofia e atua como pesquisador na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa (CENTRO DE ESTUDOS DE FILOSOFIA, 2021).
D4T3	<i>Filosofia e mito: Eudoro de Sousa,</i>	Luís Lóia	Lóia atua como pesquisador e professor da Universidade Católica Portuguesa, em

	<i>leitor de Fidelino Figueiredo</i>		Lisboa. É graduado em Filosofia, Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais e Doutor em Filosofia.
D4T4	<i>Fidelino de Figueiredo: o traço essencial do seu humanismo</i>	Manuel Ferreira Patrício	Professor catedrático aposentado da Universidade de Évora e Doutor <i>Honoris Causa</i> pela Universidade do Porto. Patrício é Graduado em Filosofia e Doutor em Ciências da Educação (UNIVERSIDADE DO PORTO, 2021).
D4T5	<i>Pertinências do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo</i>	Mário Carneiro	Investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, e autor de obras na área de Filosofia (WOOK, 2021).

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D4T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 4, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas no *corpus* e por meio de consulta ao currículo dos articulistas.

Sobre a organização do dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois*, diferentemente dos anteriores, da revista *Cult*, em que um produtor foi classificado explicitamente como organizador, o dossiê da *Nova Águia* classifica como organizador o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. De acordo com a *Nova Águia*, trata-se de uma homenagem a uma grande figura da cultura lusófona, tais as pontes que criou: entre Portugal e o Brasil, entre Filosofia, História e Literatura.

#### 4.2.1.5 António Nobre e Raul Brandão

*“Deus castigou-me. Quando era feliz e apenas tinha arranhaduras dos 19 anos, escrevia os Males de Anto, exagerando tudo. Agora é que eu os sinto, depois de ter expresso em literatura”* (trecho de uma carta de António Nobre, enviada a um amigo pouco antes de seu falecimento) (NOVA ÁGUIA, 2018, p. 59).

*A vida está tão feita adiante de nós como atrás de nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega* (BRANDÃO, 2013, p. 11)<sup>135</sup>.

<sup>135</sup> Trecho da obra *Húmus*, obra prima de Raul Brandão, que teve a primeira edição publicada em 1917. Conforme Reynaud (2013), *Húmus* está no seletto conjunto dos 12 melhores livros portugueses dos últimos 100 anos.



Conforme Fernandes (1996), António Pereira Nobre nasceu no Porto, Portugal, em 1867, e faleceu com apenas trinta e três anos, em 1900, vítima de tuberculose. Aos 21 anos, em 1888, Nobre mudou-se para Coimbra, onde iniciou os estudos na área de Direito. Deixou Coimbra em 1890 e, em Paris, passou a estudar na Universidade de Sorbonne, onde compôs a maior parte dos poemas que constituem o *Só*, obra que se tornou um clássico da literatura portuguesa.

Segundo Martins (2012), os temas mais recorrentes na obra de António Nobre são a solidão, a angústia e a morte. Além disso,

*Só* apresenta-se, entre outras possibilidades, como a expressão da história de fracassos e de fadigas do povo lusitano que cultiva o sentimento amargo da saudade, uma obra que dá a ver o retrato de Portugal do século XIX e, assim, a identidade do povo que vê Portugal decair (MARTINS, 2012, p. 6).

António obteve seu diploma de bacharel em 1894 e o de licenciatura em 1895. No mesmo ano, Nobre foi aprovado em um concurso para cônsul no posto de Pretória, mas a nomeação foi retardada pelos entraves burocráticos e, enquanto esperava, a tuberculose manifestou-se de forma intensa, adiando projetos do poeta, e realizou tratamentos médicos na Suíça (FERNANDES, 1996).

Em 1897, de volta a Portugal, António Nobre realizou um sonho antigo: realizou um estágio como docente na Secretaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros, “mas o esforço físico que as deslocções diárias em cumprimento das atividades exigiam acabaram por comprometer ainda mais a sua já debilitada saúde e, como conseqüência, teve que abandonar o tirocínio” (FERNANDES, 1996, p. 11).

Já Raul Brandão, que também nasceu em 1867, e faleceu em 1930, de acordo com Reynaud (2017, p. 11), “rompeu com as concepções literárias vigentes no seu tempo, em nome da liberdade reclamada pela vocação indagadora de uma arte singularmente atenta à crise de valores que então se vive e à injustiça social”, sendo considerado um escritor de desinência pós-naturalista. Segundo a pesquisadora,

Raul Brandão legou-nos uma obra excepcional, inquietante e profundamente crítica, repartida por diversos géneros, por vezes indelimitáveis (romance, memórias, crónica de viagem, ensaio histórico, teatro...). Escritor da condição humana e inquiridor do sentido do Universo e da História, a sua intuição estética leva-o a seguir o caminho de contestação e de revolta aberto pelos decadentistas e simbolistas franceses, sob cuja influência se

desenham os movimentos de rotura do nosso fim do século; e a conjugar uma mundividência agónica e paradoxal com aquela capacidade de reflexão prospetiva que traduz a cada passo a forte originalidade de um pensamento antiautoritário e invulgarmente criativo, marcado, desde os primeiros livros, pelo estigma da divergência (REYNAUD, 2017, p. 12).

Para Rios (2013, p. 19), o escritor era apreciador das temáticas crepusculares e figurou como “uma das mais importantes personalidades das letras e da cultura portuguesas das primeiras décadas do século passado”. A obra de Raul Brandão é importante não só pela quantidade de títulos publicados (cerca de duas dezenas, sem contar os textos em periódicos), mas também pela diversidade de gêneros textuais em que se constrói, como crônicas jornalísticas, livro de memórias, teatro e romances.

O dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* foi publicado e organizado, na edição 21, no primeiro semestre de 2018, pela revista *Nova Águia*. A edição está disposta em 43 páginas e conta com a colaboração de pesquisadores e personalidades portuguesas que, na escrita, oscilam o uso da TP, da PPS e da PPP, a depender da intencionalidade argumentativa almejada em cada situação.

Os textos homenageiam António Nobre e Raul Brandão, duas importantes personalidades da literatura e da cultura portuguesa, nascidas em 1867. O dossiê é organizado em seis subtítulos, a saber: *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre*; *António Nobre: peregrinações de um poeta só* (que não utiliza a PPS ou a PPP, não sendo, portanto, analisado); *Efeitos de Leça da Palmeira: “a deliciosa hipnotizadora” no poeta António Nobre*; *António Nobre: temática e verso na sua obra – mito e realidade*; *O ouvir e o escutar de Raul Brandão, ou HÚMUS enquanto música*; e *El-REI JUNOT de Raul Brandão: uma narrativa sobre o sentido na história*.

Por meio do Quadro 09, apresentamos uma síntese do perfil dos produtores do dossiê em homenagem a António Nobre e Raul Brandão.

**Quadro 09** – Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre António Nobre e Raul Brandão

<b>D5: Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão (Nova Águia, Ed. 21)</b>			
<b>Ident.</b>	<b>Texto</b>	<b>Produtores</b>	<b>Atuação profissional e/ou acadêmica</b>
D5T1	<i>Nos 150 anos de nascimento de</i>	José Lança-Coelho	Publicou diversos livros de literatura infanto-juvenil, em Portugal.

	<i>António Nobre</i>		
D5T2	<i>Efeitos de Leça da Palmeira: “a deliciosa hipnotizadora” no poeta António Nobre</i>	J. Alberto de Oliveira	Musicista, poeta e escritor de obras sobre religiosidade.
D5T3	<i>António Nobre: temática e verso na sua obra – mito e realidade</i>	Júlio Amorim de Carvalho	Genealogista, jurista e diplomata aposentado. Atuou como Secretário de Estado de Negócios Estrangeiros (República Francesa), e é fundador da Casa Amorim de Carvalho, Porto, Portugal (DO LIVRO PT, 2022).
D5T4	<i>O ouvir e o escutar de Raul Brandão, ou húmus enquanto música</i>	Edward Ayres de Abreu	Compositor e musicólogo sul-africano e membro fundador e Presidente da Direcção do MPMP, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa. Abreu cursou Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, Mestrado em Ciências Musicais — Musicologia Histórica pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Doutoramento em Ciências Musicais Históricas (CESEM, 2022).
D5T5	<i>El-rei Junot de Raul Brandão: uma narrativa sobre o sentido na história</i>	Mendo Castro Henriques	Professor da Faculdade de Ciências Humanas e membro da Direcção do CEFi-Centro de Estudos de Filosofia, da Universidade Católica Portuguesa. Sobre a formação académica, Henriques é Licenciado e Mestre em Filosofia pela Universidade de Lisboa e Doutor em Filosofia Política e Universidade Católica (CEFI, 2022).

**Legenda:** D corresponde a *Dossiê* e T a *Texto*. Assim, D5T1 refere-se ao primeiro texto do Dossiê 5, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas no *corpus* e por meio de consulta ao currículo dos articulistas.

#### 4.2.1.6 Dalila Pereira da Costa

*No Ocidente moderno, só os santos e os místicos, abriram e seguiram esta vida de despojamento e anulação do eu, os demais pensaram alcançar a realização pessoal, a plenitude de ser pela expansão, aumentando as imagens que o distanciam da verdadeira fonte da vida, resultando assim um ser desfigurado com uma imagem aberrante (COSTA, 1972, p. 62).*

De acordo com Lopo (2018), Dalila Pereira da Costa foi uma escritora, ensaísta e poeta portuguesa. Nasceu na cidade de Porto, em 1918, e faleceu em

2012, na mesma cidade. Em 1944, formou-se em Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Universidade de Coimbra. Segundo o autor, a inspiração da linguagem poética de Dalila residia nos mestres pré-socráticos, como Parmênides; em pensadores do Renascimento, hermetistas e neoplatônicos, como Giordano Bruno, Nicolau de Cusa e Marsilio Ficino; em poetas metafísicos ingleses e em místicos e românticos alemães, como Bohme e Swedenborg a Tieck, Holderlin e Novalis.

Para Teixeira (2000), a vasta produção editorial abrange uma enorme variedade de temas, que evidenciam a vasta cultura de Dalila:

Desde a história à filosofia, da poesia ao ensaio, da mitologia à mística... são temáticas que vão tecendo as suas obras. Os conhecimentos feitos experiência e sabedoria pessoalizados, aliados à sensibilidade intuitiva e mística, permitem-lhe estabelecer magistralmente pontes entre várias áreas do saber: poesia e filosofia, história e escatologia, filosofia e religião, tradições místicas, mitos e lendas, símbolos religiosos e pátrios, antropologia e arqueologia... tudo ganha unidade desde a perspectiva mística vivida por Dalila. Todos estes domínios do saber estabelecem laços de união, desde uma vivência interior intensa. Também as diferentes correntes de pensamento como o esoterismo, saudosismo, providencialismo messiânico e profético... se entrecruzam nas suas obras: unificando estas diferentes temáticas no objectivo imperioso de comunicar a sua experiência mística incontível (TEIXEIRA, 2000, p. 89).

Dalila publicou 29 obras, em que se destacam reflexões filosóficas, a explicação de símbolos e mitos da cultura portuguesa, o esoterismo, a religiosidade e estruturas não conscientes de relação com o sagrado e os grandes arquétipos da tradição mito-poética mundial, segundo Teixeira (2000), com uma forte vertente ecumênica. Entre as obras literárias, Lopo (2018, p. 32) ressalta a relevância de

*Encontro na noite* (1973); *Os Jardins da Alvorada* (1981); *Elegias de Terra-Mãe* (1983); *A Cidade e o Rio* (publicado em 1982, colige textos breves redigidos desde 1950); *Hora de Prima* (1993); *O Novo Argonauta* (1996); *D. Sebastião, El-rei Ungido – Rei Eleito* (1996); *Mensagens do Anjo da Aurora* (2000) e grande parte de *Portugal Renascido* (publicado em 2001, que inclui textos dispersamente publicados desde 1979, pensados entre Portugal e Brasil).

Lopo (2018) destaca que os locais por onde Dalila passou são latentes em suas obras literárias, sendo o Porto um eixo recorrente, mas também Sintra, Charleroi e diversos locais do Brasil (Dalila viveu no Brasil de 1959 a 1965 e depois

na Bélgica). O Brasil, além de objeto de reflexão poética e ensaística, inspira a obra *Duas Epopeias das Américas* (1974), dedicada ao *Moby Dick* de Herman Melville e a *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa.

O dossiê *Dalila Pereira da Costa, 100 anos depois* foi publicado na edição 22, no segundo semestre de 2018, pela revista *Nova Águia*. A edição está disposta em 47 páginas e conta com a colaboração de pesquisadores e personalidades portuguesas que, na escrita, oscilam o uso da TP, da PPS e da PPP a depender da intencionalidade argumentativa almejada em cada situação.

Epifânio (2019, p. 01) ressaltou a importância dessa publicação que retrata o centenário de nascimento de Dalila Pereira da Costa. Conforme o autor, Dalila é uma das maiores figuras da cultura lusófona. No entanto, outras revistas culturais portuguesas classificadas pelo autor como “mais estrangeiradas” não apresentaram o merecido destaque que Dalila mereceria.

O dossiê é organizado em dez subtítulos, a saber: *Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica*; *In Vocação*; *Dalila Pereira da Costa e a mitologia portuguesa*; *Dalila Pereira da Costa e a natureza matriarcal de Portugal*; *A coreografia sagrada na obra de Dalila Pereira da Costa*; *Encontro na noite: acerca do onirismo mítico de Dalila Pereira da Costa*; *Com Dalila no Reega...gaço de ATAEE...GINA*; *Da sublimação da mulher no pensamento de Dalila Pereira da Costa*; *Dalila: o pano de fundo ou uma premissa interpretativa essencial*; e *Lembrança de uma tese de Dalila*. Por meio do Quadro 10, apresentamos uma síntese do perfil dos produtores do dossiê em homenagem a António Nobre e Raul Brandão.

**Quadro 10** – Síntese do perfil dos produtores do dossiê sobre Dalila Pereira da Costa

<b>D6: Dossiê Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois (Nova Águia, Ed. 22)</b>			
<b>Ident.</b>	<b>Texto</b>	<b>Produtores</b>	<b>Atuação profissional e/ou acadêmica</b>
D6T1	<i>Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica</i>	Rui Lopo	Pesquisador e tradutor de ensaios nas línguas inglesa e francesa. Lopo é Licenciado e Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
D6T2	<i>In vocação</i>	Alexandre Teixeira Mendes	Poeta, escritor e jornalista. Mendes estudou nas Universidades do Porto e Católica de Braga.
D6T3	<i>Dalila Pereira da Costa e a mitologia portuguesa</i>	António Braz Teixeira	Escritor, docente universitário e tradutor. Teixeira ocupou importantes cargos na administração pública Portugal, como os

		(Org.)	cargos de Secretário de Estado da presidência do Conselho de Ministros em 1980, Secretário de Estado da Cultura, Diretor do Teatro Dona Maria II em Lisboa, Vice-presidente do Conselho de Gerência da Radiotelevisão Portuguesa (RTP), e Presidente da Imprensa Nacional Casa da Moeda. Graduado em Direito.
D6T4	<i>Dalila Pereira da Costa e a natureza matriarcal de Portugal</i>	Artur Manso	Professor no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Manso é Licenciado em Filosofia e Mestre em Educação.
D6T5	<i>A corografia sagrada na obra de Dalila Pereira da Costa</i>	Joaquim Domingues	Pesquisador e professor universitário.
D6T6	<i>Encontro na noite: acerca do onirismo místico de Dalila Pereira da Costa</i>	José Rui Teixeira	Professor, pesquisador, diretor e presidente do Conselho Científico da Cátedra Poesia e Transcendência, na Universidade Católica Portuguesa, também atua no Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains da Université Paris-Sorbonne, no Instituto de Pensamiento Iberoamericano da Universidad Pontificia de Salamanca e no Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da UCP. Teixeira possui Licenciatura em Teologia, Mestrado em Filosofia, Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas e Pós-Doutorado em Filosofia e Ciências Sociais.
D6T7	<i>Com Dalila no reaga...gaço de atae...gina</i>	Maria José Leal	Atua como chefe de Serviço de Cirurgia Pediátrica da carreira Médica Hospitalar e foi Diretora de Serviço no Hospital de Dona Estefânia em Lisboa. Leal é autora premiada de textos literários e é membro da Direção da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos SOPEAM.
D6T8	<i>Da sublimação da mulher no pensamento de Dalila Pereira da Costa</i>	Maria Luísa de Castro Soares	Doutora em Literatura Portuguesa e atua como professora e pesquisadora na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
D6T9	<i>Dalila: o pano de fundo ou uma premissa interpretativa essencial</i>	Pedro Sinde	Escritor e bibliotecário. Sinde é Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
D6T10	<i>Lembrança de uma tese de Dalila</i>	Pinharanda Gomes ( <i>in memoriam</i> )	Gomes foi ensaísta, pensador, escritor, filósofo, historiador e investigador. Publicou livros sobre Filosofia, Teologia, Pensamento Português, Etnografia, Filosofia Hebraico-Portuguesa e História. Traduziu Platão e Descartes e a sua obra encontra-se referida entre as principais publicações portuguesas. Cofundador do Instituto de Filosofia Luso-

			Brasileira e eleito Sócio correspondente da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, bem como da Academia Portuguesa de História.
--	--	--	--

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D6T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 6, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas no *corpus* e por meio de consulta ao currículo dos articulistas.

#### 4.3 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Após a etapa de seleção dos dossiês, foram selecionadas todas as ocorrências das seguintes marcas linguísticas: na PPS, pronome pessoal do caso reto *eu*, verbos flexionados na PPS, pronomes oblíquos *me* (átono), *mim* e *comigo* (tônicos) e possessivos *meu(s)* e *minha(s)*; e, na PPP, pronome pessoal do caso reto *nós*, verbos flexionados na PPP, pronomes oblíquos *nos* (átono), *nós* e *conosco* (tônicos) e possessivos *nosso(s)* e *nossa(s)*, em que essas marcas linguísticas são utilizadas para mobilizar a adesão da audiência por meio da construção de diferentes *ethé*.

Na sequência, houve a tabulação de recortes textuais com ocorrências da PPS e da PPP, organizados a partir dos subtítulos apresentados nos dossiês selecionados. Assim, esta pesquisa não pretende realizar uma análise exaustiva da presença do produtor do texto no *corpus*, uma vez que outras estruturas que evidenciam a atuação do produtor do texto não foram consideradas.

Para a utilização do termo *produtor do texto*, partimos do conceito de Koch (2003, p. 19), que define o “produtor/planejador”<sup>136</sup> como aquele que “procura viabilizar o seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de

<sup>136</sup> Não se trata, no entanto, de uma escolha aleatória. Em diversas pesquisas linguísticas encontramos, por exemplo, os termos *locutor* e *enunciador*. Também a leitura de obras clássicas, como Platão (2015) e Aristóteles, (2017) e até de textos inseridos na Nova Retórica, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) evidenciaram que o termo mais utilizado na Retórica é *orador*, sendo o termo *produtor* utilizado, com menor recorrência, como sinônimo, em alguns textos de Mosca (2001, 2016, 2020). Na análise do discurso, também o termo *orador* é o mais recorrente, como em Maingueneau (2016, 2020) e Amossy (2020). Já o termo *articulista* é muito mais utilizado em pesquisas da área de Jornalismo e em pesquisas da Linguística que investigam textos jornalísticos, como Silveira (2015); enquanto o termo *produtor* é mais utilizado em pesquisas da Pragmática, como Silva (2019). Assim, entendemos que os termos *produtor do texto* e *articulista* são os mais adequados para este estudo devido às características do gênero dossiê, que exige um tipo especializado de articulista, da audiência, que é delimitada e composta por leitores que possuem afinidade com as temáticas e as linhas-editoriais dos veículos, e do tipo de pesquisa, que investiga a construção de *ethos* a partir de marcas e mobilizadores linguísticos.

organização textual e orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais (indícios, marcas, pistas), para a construção dos (possíveis) sentidos”. Por vezes, como sinônimos, utilizamos os termos *articulista* e *produtor*, pois, nesta tese, compreendemos ambos como mais neutros com relação à perspectiva de uma argumentação em uma arena discursiva em que esses termos representam as formas como são acionadas a PPS e a PPP para demonstrar a origem do uso, presença autoral e sua relação na construção do *ethos*.

Para a utilização do termo *recorte*<sup>137</sup>, consultamos Guimarães (2014, p. 50), que define recorte textual como “um fragmento do acontecimento da enunciação”. Ainda, segundo o autor, os recortes não são simples sequências, mas “formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência” (GUIMARÃES, 2014, p. 50).

No total, o *corpus* apresentou 387 recortes textuais com ocorrências da PPS e da PPP, sendo 141 da *Cult* e 246 da *Nova Águia*. Sobre as ocorrências, verificamos que um recorte pode apresentar mais de uma ocorrência, e até mesmo a flutuação entre a PPS e a PPP, dependendo da intencionalidade do produtor do texto. Assim, nas análises, demonstramos os efeitos retóricos mobilizados por essas flutuações.

Para a análise das ocorrências, adotamos, principalmente, a perspectiva qualitativa, no entanto, dimensões quantitativas não foram desconsideradas. As análises são orientadas por uma perspectiva descritivo-interpretativa, sendo sustentadas em revisão bibliográfica e centradas em métodos e procedimentos que visam a “descrever e interpretar o fenômeno do mundo em uma tentativa de compartilhar significados com outros” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 61).

Em um primeiro momento, realizamos a análise descritiva dos recortes. Para não prejudicar a progressão textual das análises, optamos por apresentá-los em quadros, com a totalidade de recortes, no Apêndice 1 (p. 297). Há, nos quadros, não só os recortes, mas também a classificação das ocorrências da PPS e da PPP analisadas nesta tese. Assim, na Seção 5, são discutidos recortes representativos da variedade de funções retóricas da PPD mobilizadas nos textos dos dossiês.

---

<sup>137</sup> Destacamos que adotamos a definição de Guimarães, pois, na literatura científica, o termo *recorte* também é utilizado em outras áreas associado a outros significados. Na Análise do Discurso de vertente francesa, por exemplo, o recorte é compreendido no “contexto (de interlocução) menos imediato: o da Ideologia” (BECK; FONSECA; SANTOS, 2019, p. 163).



Considerando a recorrência de alguns fenômenos, em um segundo momento, com base em Reis e Reis (2002), realizamos a análise estatística descritiva para organizar, resumir e descrever os aspectos importantes que se manifestam quantitativamente em nosso *corpus*, como aproximações e distanciamentos entre a construção de *ethos* na *Cult* e na *Nova Águia* e entre estratégias vinculadas à PPS e à PPP.

#### 4.4 SOBRE A COMPOSIÇÃO DO ESTADO DA ARTE

Após a seleção do objeto de estudo, seguimos a proposta de Eco (2008) em relação ao percurso inicial da tese. Conforme o autor, para desenvolver uma tese, é necessário que o pesquisador conheça a fundo tudo o que foi dito sobre o argumento pelos estudiosos e, na sequência, descubra algo que ainda não foi dito por eles e apresente avanços para “a disciplina a que se dedica” (ECO, 2008, p. 02).

Assim, após a delimitação do tema, além da consulta à bibliografia clássica, realizamos a pesquisa do Estado da Arte a partir das plataformas de pesquisa *Portal de Periódicos Capes*, *Catálogo de Teses e Dissertações*, da Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal* (RCAAP), utilizando como palavras-chave primeira pessoa do plural; primeira pessoa do singular; retórica; *ethos*; dossiê; revista *Cult*; e revista *Nova Águia*.

Essa consulta inicial demonstrou a existência de poucas pesquisas que se dedicam, especificamente, à análise do funcionamento argumentativo ligado aos diferentes sentidos da PPS e da PPP em língua portuguesa. Vejamos o Quadro 11, que sintetiza as pesquisas relacionadas à PPD, publicadas entre 2011 e 2021<sup>138</sup>.

---

<sup>138</sup> Também consultamos pesquisas anteriores a este período selecionado. As pesquisas aqui apresentadas são apenas uma demonstração de possíveis aproximações com investigações realizadas na última década. Verificamos que a maior parte de estudos sobre a PPD são sociolinguísticos, como investigações sobre usos do *a gente*, e não constam no Quadro acima devido ao amplo distanciamento em relação aos propósitos desta pesquisa. Mas também as referências destas pesquisas sociolinguísticas foram, à medida do possível, consultadas, para o mapeamento de bibliografias clássicas que pudessem colaborar com a nossa pesquisa. Ressaltamos as limitações deste Estado da arte, uma vez que se limitou às pesquisas digitalizadas, disponíveis nas plataformas de pesquisa *online*. Assim, é possível que existam estudos anteriores não encontrados por não estarem disponíveis nos repositórios consultados.

**Quadro 11** – Algumas pesquisas relacionadas à PPD

<b>Tipo de pesquisa/ Título/ Ano</b>	<b>Pesquisador(a)/ Orientador(a)/ Instituição e/ ou Periódico/Livro</b>	<b>Objetivo da pesquisa</b>
Tese: Duas trajetórias políticas, duas personas: o emprego de dêixis de primeira pessoa em discurso de palanque. 2011.	Pesquisadora: Sandra Batista da Costa Orientadora: Anna Christina Bentes Universidade Estadual de Campinas	Investigar o modo de fala de Luiz Inácio Lula da Silva e de Roberto Requião em discursos de palanque e examinar o emprego de pronomes pessoais de primeira pessoa presentes nesses discursos.
Capítulo de livro: Marcas deíticas da presença do locutor no discurso científico. Dissertações de mestrado apresentados na Universidade do Minho. 2015.	Autores: Maria Aldina Marques e Rui Ramos. Universidade do Minho Livro: As Ciências da Linguagem no espaço galego-português – diversidade e convergência	Analisar as marcas deíticas da presença do locutor no seu discurso em dissertações de mestrado.
Dissertação: Os pronomes pessoais de primeira pessoa: uma análise a partir das produções escritas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. 2015.	Pesquisador: Marcos Antonio Travelló Rennó Orientadora: Maria Isabel Borges Universidade Estadual de Londrina (2015).	Identificar e sistematizar as ocorrências dos pronomes pessoais de 1ª pessoa nas produções escritas dos alunos de 9º ano, para verificar o modo como essas formas se apresentam e se organizam nessas produções.
Dissertação: Eu, repórter: narradores em primeira pessoa nas reportagens de Trip, Tpm e Rolling Stone. 2015.	Pesquisador: Igor Lage Araújo Orientador: Bruno Souza Lea Universidade Federal de Minas Gerais	Analisar os usos do narrador em primeira pessoa nas reportagens Jornalísticas contemporâneas.
Dissertação: Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação e polidez. 2016.	Pesquisadora: Josilene de Jesus Mendonça Orientadora: Raquel Meister Ko. Freitag Universidade Federal de Sergipe.	Correlacionar o uso da 1ª pessoa do plural como recurso de generalização da referência a variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez linguística.
Capítulo de livro: Dêixis e valores enunciativo-pragmáticos dos predicados verbais no discurso acadêmico. 2016.	Autoras: Maria Aldina Marques e Isabel Margarida Duarte. Universidade do Minho e Universidade do Porto. Livro: As Ciências da Linguagem no espaço galego-português – diversidade e convergência.	Analisar a presença do investigador-iniciante no seu próprio discurso, nas marcas verbais de primeira pessoa do plural, em cinco dissertações de mestrado de diferentes áreas de investigação das ciências sociais e humanas.
Artigo científico: “Então eu posso dizer ‘eu’ na redação?”: da subjetividade na linguagem à autoria na	Giovane Fernandes Oliveira Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Revista Eletrônica De	Analisar em que medida o uso da primeira pessoa do discurso e a prática do plágio permitem falar em

argumentação escrita". 2017.	Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação.	subjetividade na linguagem e autoria na argumentação escrita.
Dissertação: A articulação entre ethos e efeitos de sentido: uma visão enunciativa sobre articuladores textuais, pronomes e verbos em textos de vestibular da UFSM. 2017.	Pesquisadora: Luciane Carlan da Silveira Orientadora: Ivani Cristina Fernandes Universidade Federal de Santa Maria	Identificar as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos em textos do gênero artigo de opinião e analisar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do emprego dessas categorias.
Dissertação: Primeira pessoa do plural em dossiê da Revista Cult: traços de modalização. 2018.	Pesquisador: Renan Paulo Bini Orientadora: Aparecida Feola Sella. Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Verificar o funcionamento da primeira pessoa do plural, como elemento modalizador e como marca retórica, no texto Consciência e lutas feministas: conquistas e desafios no Brasil, do dossiê Percepções do Feminino e Ações Feministas, da Revista Cult.
Dissertação: A primeira pessoa como estratégia de negociação em artigos de opinião. 2021.	Pesquisadora: Alice Andrade Miskiw. Orientadora: Alcione Tereza Corbari Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Analisar a função discursivo-pragmática do uso da primeira pessoa no movimento de negociação instaurado em artigos de opinião produzidos por articulistas, a partir da perspectiva da Pragmática.

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir de dados disponíveis em repositórios de pesquisa.

Entre as pesquisas no Quadro 12, ressaltamos a importância das contribuições dos estudos de Marques e Ramos (2015) e Marques e Duarte (2016), pois demonstraram a relevância dos traços dêiticos dos elementos linguísticos na PPD. A partir desses estudos, observamos a possibilidade de a PPP constituir determinados grupos de modo a colaborar para os propósitos argumentativos dos autores, o que evidencia que a argumentação está presente em vários níveis linguísticos. Também são importantes os estudos de Silveira (2017) e de Bini (2018), por demonstrarem anteriormente que pronomes e verbos flexionados podem ser mobilizados como estratégias retóricas de constituição de *ethos*.

Diante da complexidade dos fenômenos analisados no *corpus*, observamos a necessidade de ampliação do Estado da arte. Assim, também foram consultadas pesquisas sobre os usos argumentativos da PPS e da PPP em línguas como o espanhol, o italiano e o inglês. Ressaltamos a importância das plataformas de pesquisa *ScienceDirect* (Elsevier), que possibilitou encontrarmos os estudos de

Tang e John (1999), Posio (2011) e Taylor e Goodall (2019); *Padua Thesis and Dissertation Archive*, que possibilitou encontrarmos a tese de Maurizi (2017), além da obra *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios românicos*, organizada por Janner, Costanza e Sutermeister (2015), que reúne uma coletânea de estudos sobre a PPP, no espanhol, no italiano e no francês, em textos de diferentes gêneros, na perspectiva da Pragmática.

Também foram consultados os repositórios de pesquisa *Trove* (Austrália), *Theses Canada* (Canadá), *DART-Europe* (União Europeia), *Bielefeld Academic Search Engine* (internacional), *Ohio Electronic Theses & Dissertations Center* (EUA), *University of Michigan Library* (EUA), *Biblioteca Digital de la Universidad de Chile* (Chile), que possibilitou encontrarmos estudos complementares.

#### 4.5 SOBRE A ETAPA DE PROPOSIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após a reflexão sobre o Estado da Arte, com base na orientação teórica discutida nas Seções 2 e 3, realizamos cinco testes em todos os recortes que compõem o *corpus* desta pesquisa (Apêndice 1). Os dois primeiros testes foram realizados, respectivamente, na preparação da pesquisa para as etapas do Seminário de Tese e do Exame de Qualificação, e consideraram todas as categorias mencionadas nas seções teóricas.

Após a constatação da recorrência de alguns fenômenos, observamos a necessidade de adaptação das propostas teóricas. Após a realização de mais três testes, consideramos que as realizações linguísticas da PPD, neste *corpus*, possuem sete marcas de construção de *ethos*, sendo uma na PPS e seis na PPP, que são apresentadas no início da próxima Seção.

Por meio dessas marcas de construção de *ethos*, o produtor reivindica, de forma implícita ou explícita, uma relação de engajamento, comprometimento e responsabilidade sobre o dito, de forma gradativa, por meio de mobilizadores de ocorrência. Assim, também com base na orientação teórica das Seções 2 e 3, e após a realização de diversos testes em todos os recortes do *corpus*, propomos a aferição desses mobilizadores de ocorrência a partir de 10 tipos, apresentados na Seção 5.1.

Embora o foco das análises seja a descrição de funções retóricas associadas a marcas linguísticas específicas, ressaltamos que as análises desta pesquisa não consideram apenas o nível linguístico, uma vez que observamos como essas marcas de construção de *ethos* e mobilizadores de ocorrência atuam retoricamente, por isso a análise se insere dentro da Retórica. Para analisarmos como a manipulação desses recursos linguísticos pode ser utilizada de acordo com os interesses do produtor do texto para direcionar a argumentação, são consideradas pesquisas na área da Retórica, com foco nas categorias *ethos*, *pathos* e *logos*. Na perspectiva clássica, são consideradas reflexões de Platão (2015), Aristóteles (2017), Cícero (2009), Quintiliano (2015), entre outros autores, e pesquisadores contemporâneos, como Adam (2016), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) e Mateus (2018), entre outras pesquisas.

Uma abordagem que associe teorias linguísticas à Retórica é defendida por pesquisas como a de Cavalcante (2016). A autora observou interfaces entre a Semântica, os estudos que seguem a Análise Textual dos Discursos, os estudos que adotam os critérios da Semiologia, os estudos que lançam mão dos postulados da Retórica e da Nova Retórica e a Linguística Textual. Assim, Cavalcante (2016) demonstrou que categorias de análise de texto podem ser consideradas como critérios analíticos na interpretação das escolhas linguísticas que realizam a orientação argumentativa nos textos:

Muitos dos recursos de textualização podem ser fundamentais para a construção do *ethos* e para a manipulação do *pathos* dos interlocutores. Creio que os recursos de mobilização do *logos* devam, pois, incluir o modo como as unidades de análise do texto são selecionadas e organizadas para a constante negociação e reelaboração dos sentidos (CAVALCANTE, 2016, p. 121).

As mobilizações das marcas linguísticas são analisadas enquanto integrantes de funções retóricas. Logo, ao considerarmos os propósitos argumentativos dos produtores, consideramos a audiência possível/provável de cada dossiê para a classificação desses mecanismos. Assim, justificamos o fato de que, nas análises desta pesquisa, adaptamos algumas nomenclaturas teóricas discutidas na Seção 3, uma vez que analisamos esses mecanismos linguísticos, em um gênero específico, e com foco nas funções retóricas que esses usos imprimem.

## 5 A PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE *ETHOS* NAS REVISTAS *CULT* E *NOVA ÁGUIA*

*Nenhum que use de seu poder bastante  
Para servir a seu desejo feio,  
E que, por comprazer ao vulgo errante,  
Se muda em mais figuras que **Proteio**.  
Nem, Camenas, também cuideis que cante  
Quem, com hábito honesto e grave, veio,  
Por contentar o Rei, no ofício novo,  
A despir e roubar o pobre povo!* (CAMÕES, 2013, p. 240).<sup>139</sup>

### 5.1 MARCAS E MOBILIZADORES DE CONSTRUÇÃO DE *ETHOS*

Nos dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia*, analisados nesta Seção, a PPD se desdobra em marcas (PPS e PPP) que evidenciam a construção da imagem do produtor ou uma imagem coletiva. Com base na orientação teórica nas propostas de Benveniste (1991), Fiorin (1996, 2001), Lucchesi (2009), Manetti (2015), Fauci (2016), Fowler e Kress (2019) e Bini e Sella (2019), entendemos que as realizações linguísticas da PPD ocorrem conforme as marcas de construção de *ethos* dos Quadros 12 e 13.

#### Quadro 12 – Marca de construção de *ethos* na PPS

<b>Singular Exclusividade</b>	<b>de</b>	Refere-se unicamente ao <i>produtor</i> .
-----------------------------------	-----------	---

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

#### Quadro 13 – Marcas de construção de *ethos* na PPP

<b>Plural de modéstia</b>	Refere-se unicamente ao <i>produtor</i> , embora na marca do plural.
<b>Plural de inclusão</b>	Refere-se a <i>produtor + audiência</i> .
<b>Plural de exclusão</b>	Refere-se à exclusão da audiência com relação à junção do produtor + participantes virtuais.

<sup>139</sup> Na epígrafe que introduz esta seção, vemos um trecho da obra *Os Lusíadas*, poesia épica de Luís Vaz de Camões, que teve a primeira edição publicada em 1572. No trecho, verificamos uma variação de **Proteu** para **Proteio**, que representa uma estratégia de Camões para manter a rima com os termos “feio” e “veio”. Além deste trecho, Proteu é citado em *Os Lusíadas* em quatro passagens. Na edição da Companhia Portuguesa Editora, de 1916, disponível em domínio público, essa substituição é explícita em nota de rodapé: “Proteio] por » Proteu» (vi 20, 36; X 7), por causa da rima. Proteu tinha o dom de transformar-se de mil modos” (CAMÕES, 1916, p. 461). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5716105/mod\\_resource/content/1/CAM%C3%95ES.%20Os%20Lus%C3%ADadas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5716105/mod_resource/content/1/CAM%C3%95ES.%20Os%20Lus%C3%ADadas.pdf).

<b><i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão</i></b>	Refere-se a <i>produtor + audiência + participantes indeterminados circunscritos.</i>
<b><i>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão</i></b>	Refere-se a <i>produtor + participantes indeterminados circunscritos.</i>
<b><i>Plural de Indeterminação universal</i></b>	Refere-se a <i>produtor + generalizações + audiência.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

As marcas analisadas representam estratégias que indicam a construção da categoria retórica *ethos*. As análises ficam circunscritas ao gênero dossiê das revistas sob análise e, somente nesse sentido, representam propósitos argumentativos dos produtores, no intuito de criarem uma imagem positiva no ambiente que os dossiês em questão proporcionam.

Notamos que, no *corpus*, o *Plural de inclusão*, o *Plural de exclusão*, o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, o *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e o *Plural de Indeterminação universal* são grupos virtuais projetados pelo articulista. A expressão “grupo virtual” é utilizada, nesta tese, para indicar a estratégia retórica do produtor de integrar-se em diferentes grupos, para conquistar a adesão da audiência por meio da associação da própria imagem à imagem de um grupo inferido pelo articulista.

No caso das marcas de construção de *ethos Plural de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* e *Plural de Indeterminação universal*, os grupos são virtuais à medida que, no *corpus*, a audiência é especulada. No caso das marcas de construção do *ethos Plural de exclusão* e *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, há também a possibilidade da construção de grupos virtuais, uma vez que o produtor pode associar a própria imagem à imagem de não participantes da audiência.

Por meio dessas marcas, o produtor reivindica, de forma implícita ou explícita, uma relação de engajamento, comprometimento e responsabilidade sobre o dito, de forma gradativa. Notamos, no *corpus*, que aspectos pragmáticos relacionados ao *logos* e ao *pathos* mobilizam a construção de diferentes *ethé*, os quais classificamos como *mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para a construção de ethos*.

Com base na orientação teórica das propostas de Tang e John (1999), Posio (2011), Screti (2015), Stewart (2015), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Marques e Duarte (2016), Soares (2016), Fauci (2016), Maurizi (2017), Fowler e

Kress (2019) e Taylor e Goodall (2019), propomos a aferição a partir de 10 *mobilizadores* de ocorrência, em que o 1 imprime uma presença autoral menos poderosa e o 10 imprime uma presença autoral mais poderosa, conforme o Quadro 14.

**Quadro 14** – Propostas de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de *ethos*

(1) <i>Delimitação de autoria</i>	Assumir a escritura do texto.
(2) <i>Indicação de deferência</i>	Registrar deferência.
(3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais</i>	Atestar evidência sobre fatos pessoais, que podem ou não expressar afetividade.
(4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem</i>	Atestar evidência sobre fatos vinculados a pessoas externas à interação textual, que podem ou não expressar afetividade.
(5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações</i>	Registrar o protagonismo pessoal de intenções, decisões, propósitos e ações não relacionadas à escritura do texto.
(6) <i>Indicação de expressões integrativas</i>	Criar uma dimensão didática e de solidariedade entre o produtor e os leitores.
(7) <i>Indicação de argumento elogioso</i>	Registrar avaliações de cunho positivo.
(8) <i>Indicação de argumento depreciativo</i>	Registrar avaliações de cunho depreciativo.
(9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos</i>	Direcionar a audiência a realizar uma ação ou a interpretar um determinado fenômeno conforme o interesse do produtor.
(10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade</i>	Assegurar a credibilidade das afirmações e percepções sobre fenômenos por meio da reivindicação da responsabilidade pessoal.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor

No Quadro 14, constam 10 propostas, possíveis de serem aferidas em recortes com ocorrências da PPS e da PPP. Sobre as propostas de mobilizadores de ocorrência, ressaltamos que se trata de uma adaptação das categorias linguísticas discutidas na Seção 3, mas adaptadas à perspectiva da Retórica. Assim, após a realização de vários testes sobre a totalidade de recortes do *corpus*, constatamos a necessidade de adaptação das nomenclaturas, considerando particularidades do *corpus* e dos fenômenos argumentativos analisados<sup>140</sup>.

<sup>140</sup> A título de exemplificação, observamos que alguns verbos de *evidencialidade* ora eram explorados por produtores apenas para assumirem a escritura do texto, ora para atestarem evidência sobre determinados fatos ou para direcionarem a audiência a interpretar um determinado fato conforme o



Verificamos que esses mobilizadores podem, ao mesmo tempo, acionar determinadas marcas linguísticas da PPS e da PPP e ancorar diferentes *ethé*. Conforme demonstramos nas seções teóricas, as diferentes mobilizações da PPD são influenciadas por diferentes relações de poder, presentes em qualquer interação discursiva. As posições, em textos do gênero dossiê, são móveis, mas não podemos desconsiderar a correlação assimétrica de forças entre quem escreve e quem lê, pois há sempre um polo que se sobrepõe ao outro, mas nunca em uma condição estática.

Também consideramos que uma presença autoral mais poderosa não significa necessariamente maior sucesso retórico. Para projetar sua imagem, o produtor de um texto do gênero dossiê considera as expectativas da audiência possível/provável e alia seus propósitos argumentativos às estratégias retóricas possivelmente mais eficazes naquele gênero.

A realização de *ethos* a partir das marcas *Singular de Exclusividade*, *Plural de modéstia*, *Plural de inclusão*, *Plural de exclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e *Plural de Indeterminação universal*, vinculadas aos mobilizadores do Quadro 14, ocorre conforme os propósitos argumentativos do articulista, imprimindo diferentes funções retóricas. Essas propostas não correspondem à descrição de possíveis *ethé*, mas de marcas de construção de *ethos* e de mobilizadores que, quando combinados e adequados aos propósitos argumentativos do produtor, em um contexto delimitado (textos dos dossiês), constituem funções retóricas e imagens de si.

As funções retóricas, conforme Ramos (2011, p. 23), concernem às funções comunicativas “que um trecho textual cumpre num determinado gênero”. Segundo o autor, “a análise dos expedientes linguísticos permite a identificação de padrões gramaticais e lexicais que podem ser utilizados para cumprir a mesma Função Retórica em um novo texto do mesmo gênero”. Isto posto, nesta pesquisa, analisamos funções retóricas em um gênero específico: o dossiê.

Segundo Santos e Ramos (2021, p. 11), é possível identificar a função retórica que um determinado trecho textual realiza a partir de “certos expedientes

---

interesse do articulista. Da mesma forma, alguns modalizadores dos eixos epistêmico, deôntico e dinâmico eram utilizados ora apenas para explicitar a presença autoral no texto, ora para registrarem avaliações negativas, positivas ou para direcionarem a audiência. Diante dessa observação, propomos a classificação de mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP, utilizados para construção de *ethos*, com foco nos fatores pragmáticos que mobilizam a construção de *ethos* e não na descrição linguística dos elementos.

linguísticos característicos que sinalizam o tipo de informação que está sendo expressa”. Ainda, segundo os autores, a descrição de funções retóricas permite a identificação de parâmetros, em determinados excertos, associados a expedientes linguísticos específicos de um determinado gênero, o que permite a compreensão da lógica interna do gênero, “levando-se em conta suas semelhanças e discrepâncias nos planos léxico-gramatical e textual”.

Assim, nesta pesquisa, a descrição de funções retóricas da PPS e da PPP se refere à descrição da forma como é instigada a adesão da audiência, por meio de marcas de construção de *ethos* vinculadas a determinados mobilizadores, os quais podem estar vinculados ao gênero, ao estilo, ao contexto etc., mas que são identificáveis no cotexto, nos recortes que compõem o *corpus*.

No *corpus*, verificamos que cada ocorrência da PPS ou da PPP está vinculada a apenas uma única marca de construção de *ethos*, mas que pode estar associada a mais do que um mobilizador. Nos recortes analisados (Apêndice 1), verificamos que as diferentes vinculações de *marcas de construção de ethos* a *mobilizadores* de ocorrência da PPS e da PPP imprimem diferentes funções retóricas, que, no texto, constroem progressivamente realizações de *ethé*. A análise das funções retóricas, por meio da identificação, no *corpus*, das classificações propostas nos Quadros 13 e 14, possibilita a compreensão da construção da imagem de si ligada à PPD em nível cotextual.

## 5.2 A REVISTA *CULT*

### 5.2.1 Dossiê *Benedito Nunes: filósofo da poesia*

#### ***O mestre que ria***

No texto *O mestre que ria* (D1T1), o produtor não só introduz e oferece aos leitores um panorama geral sobre o dossiê, mas também defende a tese<sup>141</sup> de que a

---

<sup>141</sup> Conforme demonstrado na Seção 2, um produtor defende uma tese para alcançar a adesão de uma audiência específica e, para isso, apresenta argumentos e mobiliza estratégias de forma singular. Para a identificação da tese de cada texto dos dossiês, consideramos a proposta de Dittrich (2003, p. 116), ao demonstrar que os textos jornalísticos, em nível macroestrutural, apresentam a seguinte organização textual: “o título como palavra-chave, o subtítulo como tese e cada um dos

obra de Benedito Nunes ocupa um lugar imprescindível no cenário cultural brasileiro, tornando o crítico um interlocutor fundamental no campo dos estudos de estética e filosofia da arte.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD. Verificamos que o produtor constrói uma imagem de si de forma progressiva e sequencial, de modo a imprimir no texto o sentido de modéstia e reverência diante da personalidade homenageada, Benedito Nunes.

A totalidade das marcas de construção de *ethos* e de mobilizadores de ocorrência, que manifestam diferentes realizações da PPS e da PPP e funções retóricas, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D1T1*, do Apêndice 1 (p. 297). Considerando que muitos recortes textuais apresentam elementos linguísticos que direcionam para mobilizações argumentativas similares, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

O articulista optou, como principal estratégia para introduzir o texto *O mestre que ria*, pelo relato de memórias afetivas relacionadas ao período de interação com Benedito. Assim, a maioria dos recortes foi classificada nos mobilizadores de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais* e (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, que representam baixo risco ao articulista. Essa estratégia retórica amplia a credibilidade do produtor sobre o dito, uma vez que a veracidade sobre memórias afetivas não é questionada pela audiência.

Há, no texto, intercalada às memórias pessoais e afetivas, a construção gradual do *ethos* de pesquisador, que perpassa desde a função de estudante da graduação até a de professor universitário em uma prestigiada instituição de ensino. Essa construção é realizada pelo articulista não só por meio da PPD, mas também por meio do contexto, das demais escolhas lexicais, de diferentes modos e tempos verbais e da organização sintática dos enunciados. Vejamos o *Recorte 10*:

*Recorte 10: Curioso, demasiado curioso e desde a infância um leitor obsessivo, eu tinha diante de mim alguém que acolheu uma demanda por saber (Dossiê Benedito Nunes, Revista Cult).*

---

parágrafos como afirmação subsidiada por documentações (provas)". Ressaltamos que não é o propósito desta pesquisa aprofundar aspectos relativos ao *logos*, portanto, abordamos nesta Seção as teses defendidas nos diferentes textos de modo contextual, uma vez que o enfoque das análises é a construção do *ethos* por meio de determinadas marcas linguísticas da PPS e da PPP vinculadas a mobilizadores, o que representa funções retóricas.

Notamos que o *Singular de Exclusividade*, nos pronomes em negrito, é aliado à caracterização do articulista, por meio da estrutura acessória à oração, sublinhada, que, na perspectiva da Retórica, pode ser classificada como o *ethos dito de si mesmo*. Essas marcas de construção de *ethos* no *Singular de Exclusividade* materializam sentidos do mobilizador de ocorrência (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*. Contudo, é nítido que o pronome pessoal do caso reto **eu** imprime maior proeminência ao articulista, enquanto outros mecanismos do *Singular de Exclusividade* estabelecem um nível intermediário de focalização entre a argumentação de um modo geral e o *ethos*.

Conforme demonstrado na fundamentação teórica desta pesquisa, geralmente, o *ethos dito de si mesmo* pode projetar uma imagem de si percebida pela audiência como arrogante. Contudo, o produtor do texto utiliza essa estratégia para construir modéstia, não só por meio dos adjetivos escolhidos, que imprimem o sentido de ingenuidade do produtor (inferência possível a partir de todos os recortes anteriores 01-10), mas, principalmente, por apresentar-se, sutilmente, de modo assimétrico (abaixo) em relação à personalidade homenageada. Como pode ser verificado no trecho em itálico do Recorte 10, Benedito é narrado como acolhedor das demandas por saber do produtor.

A transição para uma nova estratégia de construção de *ethos* ocorre no Recorte 11, momento em que o produtor passa a utilizar também a PPP, oscilando-a com o *Singular de Exclusividade*. Vejamos o Recorte 11:

*Recorte 11: E a acolheu [demanda por saber do articulista – sequência do recorte 10], desde sempre e sem que acerca disso eu tivesse qualquer suspeita, de certa forma praticando um exercício de maestria muito próximo daquele que, numa passagem de Assim falou Zaratustra, o personagem Zaratustra nos fala da sua relação com seus discípulos, aqueles a quem pensava ensinar, transmitir a sua doutrina: contra Sócrates e contra Jesus, Zaratustra dizia que retribui-se mal a um mestre simplesmente repetindo o que ele diz; ao contrário, é preciso que o mestre permita que seu discípulo o negue, o renegue, quantas vezes for necessário (não apenas três, como o fez o apóstolo Pedro, em célebre passagem bíblica), para que possa entre eles se firmar uma relação na qual a busca e o domínio do saber e da verdade já não estejam estabelecidos de antemão (Dossiê Benedito Nunes, Revista Cult).*

Observamos que, para ocupar um lugar de sapiência, com credibilidade suficiente para avaliar a personalidade homenageada e estabelecer comparações entre Benedito e personalidades da religiosidade (Jesus/ Zaratustra) e da filosofia (Sócrates/ Zaratustra), o produtor abandona a estratégia *ethos dito de si mesmo*, que poderia construir uma imagem de pedância caso adotada neste novo contexto<sup>142</sup>. Verificamos o *ethos discursivo*, mas não a partir da descrição de si mesmo e sim por meio das relações de poder e de comparação apresentadas pelo produtor, além dos direcionamentos de determinados sentidos e das avaliações.

Em relação ao trecho sublinhado do Recorte 11, classificamos o **eu** nos mobilizadores de ocorrência (2) *Indicação de deferência* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. Notamos que o pronome no *Singular de Exclusividade* materializa o sentido de modéstia do articulista diante de Benedito, classificado, na sequência, como alguém que exerce a maestria de modo próximo a Zaratustra. A personagem nietzschiana, para o produtor, é mais eficaz em suas estratégias de transmissão da doutrina do que Sócrates e Jesus, por ser um líder mais receptivo à negação e não se colocar no papel de domínio do saber. Ao tecer essas comparações, o produtor opta pelo *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* vinculada ao mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas*, incluindo não só os interlocutores da revista *Cult* no grupo virtual referente ao “**nos**”, mas também outros sujeitos não explícitos, porém, centrado em leitores de Nietzsche. Assim, no recorte, observamos que o produtor do texto constrói um *ethos* altivo e modesto, apresentado em simetria com seus interlocutores.

Na sequência, os Recortes 15 e 16 são representativos para a avaliação da estratégia de transição de *ethos* do produtor do texto, centrada na PPD:

*Recorte 15:* Foi com muita emoção, muita honra, que **aceitei** a proposta de Dayse Bregantini para organizar este dossiê.

---

<sup>142</sup> Ao construir a própria imagem, o produtor realiza inferências das expectativas da audiência e modula a proeminência da própria imagem, entre a deferência e a imposição, para proteger seu *ethos* diante de possíveis afirmações polêmicas, que significariam possíveis riscos. Ao tecer comparações entre Benedito Nunes e Zaratustra, e ao ressaltar as ações de Zaratustra como superiores às de Sócrates e Jesus no que concerne à orientação de discípulos, o articulista se coloca em uma posição de risco, dada à credibilidade das personalidades comparadas. Anteriormente, no cotexto, o produtor explicita ter credibilidade suficiente para avaliar Zaratustra, uma vez que é um especialista na obra de Nietzsche (ver recortes anteriores do Apêndice). Contudo, realizar comparações à personalidade de Jesus pode imprimir diversos riscos ao *ethos* do produtor, considerando que o texto é publicado em um país majoritariamente cristão.

*Recorte 16:* De **minha** parte, era também a oportunidade de convocar a “prata da casa” para participar junto comigo dessa empreitada (*Dossiê Benedito Nunes, Revista Cult*).

Notamos novos elementos cotextuais, que explicitam relações de poder entre participantes do dossiê, adicionados ao texto pelo articulista, e que fornecem pistas aos leitores, que passam a gerar novas expectativas sobre a revista *Cult* e os envolvidos no projeto. A partir do Recorte 15, o produtor do texto assume o papel de convidado da editora-chefe da revista a organizar o dossiê sobre Benedito Nunes e, no Recorte 16, afirma que convocou a “prata da casa”, pesquisadores da Universidade Federal do Pará, para comporem os textos do dossiê. No Recorte 15, identificamos os mobilizadores de ocorrência (2) *Indicação de deferência*; (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*; e (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*. Já no Recorte 16, observamos que o *Singular de Exclusividade* está relacionado ao mobilizador (5).

Assim, todo o *logos*, ou seja, a tessitura textual, aliada a aspectos morfossintáticos, semântico-pragmáticos, contribui para a construção do *ethos* do articulista, que fornece aos seus leitores diferentes pistas de sua imagem. No caso do texto *O mestre que ria*, o produtor, primeiramente, constrói o *ethos* de pesquisador aprendiz, lapidado pela personalidade homenageada, e apresenta, na sequência, a transição para professor em uma universidade conceituada, até assumir o papel de voz autorizada e o *ethos* de organizador do dossiê. Essa construção permite que, nos recortes a seguir, o produtor assumira um *ethos* impositivo, como no Recorte 17:

*Recorte 17:* O importante, e disso não **devemos** nunca **nos** esquecer, é que a obra de Benedito Nunes, **queiramos** ou não, **concordemos** ou não com seus pressupostos teóricos e filosóficos, com suas escolhas no campo da filosofia e da literatura, ocupa um lugar imprescindível no cenário cultural brasileiro, de tal modo que ele se tornou um interlocutor fundamental no campo dos estudos de estética e filosofia da arte, por exemplo (*CULT, Dossiê Benedito Nunes, 2018*).

As marcas de construção de *ethos* em “**notamos**” e “**nos**” são centrais para a construção dos mobilizadores (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* e (16) *Declaração de resultados e reivindicações centradas na credibilidade e na imagem de rigor técnico do articulista*. Constatamos, também, que

outros sentidos ligados à PPP são utilizados pelo produtor para convencer os leitores sobre a importância da personalidade homenageada.

Inicialmente, o *Plural de inclusão* mobiliza os interlocutores a fazerem parte deste *nós* e o operador argumentativo “nunca” potencializa a proibição da expressão “não **devemos**”. Na sequência, por meio dos verbos “**queiramos**” e “**concordemos**”, o produtor aponta para uma hipotética *indeterminação circunscrita*, constituída por um grupo que talvez não concorde com os pressupostos teóricos de Benedito, mas que ainda deve reconhecer o “lugar imprescindível” do filósofo. Classificamos esses elementos nos mobilizadores de ocorrência (7) *Indicação de argumento elogioso* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que, à medida que imprimem maior engajamento, oferecem maior risco à imagem do produtor, por isso o articulista relativiza a opinião da audiência. Ciente desse risco, os modos verbais são essenciais ao produtor para a construção de sentidos que sejam mais adequados aos propósitos argumentativos.

A modalização deôntica “**não devemos**”, que nessa pesquisa é classificada no mobilizador de ocorrência (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, é ancorada ao modo indicativo, que imprime maior grau de certeza, enquanto as expressões “**queiramos**” e “**concordemos**” são ancoradas ao modo subjuntivo, que adere maior grau de dúvida e incerteza, e preserva a imagem do articulista diante de uma possível audiência que discorde desse posicionamento. Ao final do recorte, o produtor volta a utilizar o modo indicativo, o que imprime maior credibilidade à afirmação da importância do pensador no campo dos estudos de estética e filosofia da arte.

Ao considerar o recorte todo, constatamos que a argumentação é centrada na imagem de rigor própria da função do produtor enquanto pesquisador da área. Ao assumir uma função de maior engajamento e maior comprometimento com o dito, o articulista constrói discursivamente uma relação de assimetria em relação à audiência e projeta um *ethos* de especialista com alto grau de certeza e voz autorizada em um determinado campo de estudos.

Em relação ao *pathos*, observamos, no recorte, que o produtor tenta convencer a audiência a partir de dois públicos possíveis: leitores da *Cult* que podem não concordar com os pressupostos teóricos e filosóficos da personalidade homenageada e os que compartilham integralmente da opinião do produtor. Essa distinção é materializada por meio da flutuação do *Plural de inclusão* para o *Plural*

*de indeterminação circunscrita de inclusão*. Já em relação ao *logos*, entendemos que fazem parte a organização da tessitura textual, as escolhas lexicais e a manipulação de diferentes sentidos vinculados à PPS e à PPP.

Após apresentar seu posicionamento de modo enfático, o articulista, entre os recortes 18 e 23, opta, majoritariamente, pelo *Plural de inclusão*, ao inserir os leitores da *Cult* no grupo virtual do *nós*, por meio de marcas de construção de *ethos* que classificamos no mobilizador de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas*, ao centrar nos leitores, enfatizando aspectos do vínculo social entre ambos. Ao concluir a apresentação, entre os recortes 23 e 31, a argumentação fica, novamente, centrada no *pathos*, ou seja, a partir da mobilização dos sentimentos e das convenções sociais/culturais dos leitores. Também o articulista convence os leitores, principalmente, a partir de marcas de construção de *ethos* que classificamos como (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, centrando a credibilidade do *ethos* na relação pessoal do articulista com a personalidade homenageada.

A título de sintetização das análises do primeiro texto do dossiê, observamos que o articulista utilizou, principalmente, o *Singular de Exclusividade* (40 ocorrências) como estratégia de construção do *ethos* ligado às memórias pessoais e afetivas em relação a Benedito Nunes, o que aderiu credibilidade à imagem do produtor. A PPP (17 ocorrências), por outro lado, foi utilizada, principalmente, como *Plural de inclusão*, seja para organizar a tessitura do texto, seja para direcionar os leitores a determinados posicionamentos, e *Plural de exclusão*, como estratégia de construir grupos virtuais que não incluem os leitores, como 1) produtor + personalidade homenageada e 2) produtor + equipe de pesquisadores e produtores do dossiê.

### ***Benedito Nunes e o teatro***

No texto *Benedito Nunes e o teatro* (D1T2), o produtor defende a tese de que Benedito Nunes foi um dos principais articuladores do movimento teatral amador paraense, considerando que a presença do crítico e professor no teatro do estado significou potência tanto para a produção da época quanto para os estudos posteriores sobre a história do teatro na região norte do país.



O produtor ressalta que o envolvimento de Benedito Nunes com o teatro se deu no trabalho de tradução de textos como *Édipo Rei* (1959), de Sófocles, e *Biedermann e os incendiários*, de Max Frisch (1962), inéditos, na época, nos palcos brasileiros. Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o produtor utiliza diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD.

A totalidade das marcas de construção de *ethos* e mobilizadores de ocorrência cotextual, que manifestam diferentes realizações da PPS e da PPP e constituem funções retóricas, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D1T2, do Apêndice 1 (p. 301). Considerando que muitos recortes textuais apresentam marcas linguísticas que acionam funções retóricas similares, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

O produtor do texto *Benedito Nunes e o teatro* assume estratégias retóricas muito diferentes de seu antecessor. Observamos, entre os Recortes 32 e 41, distanciamento do articulista tanto da personalidade homenageada quanto dos leitores, o que mobiliza o sentido de maior formalidade e menor afetividade com os objetos discursivos. Em relação à PPD, o *Singular de Exclusividade* é utilizado pelo produtor em apenas dois recortes, totalizando três ocorrências:

*Recorte 33:* Nesse universo de possibilidades de leitura, as relações entre cultura e pensamento, entre práticas sociais e arte, **destaco** a importância de grupos de teatro e de intelectuais ligados ao setor, para, nesse caso especial, elucidar questões importantes para a história e a cultura amazônica/paraense.

*Recorte 35:* Em **minhas** pesquisas sobre a história do teatro paraense, **considero** que o movimento teatral amador em Belém do Pará, durante três décadas, foi articulado por um grupo de artistas e intelectuais envolvidos com o projeto de modernização da cultura (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

As ocorrências foram classificadas nos mobilizadores (7) *Indicação de argumento elogioso* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, pois verificamos que as marcas de construção de *ethos* possuem uma dimensão semântica demonstrativa e de direcionamento para que os leitores concordem com os argumentos do articulista, baseados principalmente na credibilidade do produtor.

Há que se ressaltar que o texto deve ser analisado considerando sua ligação com o restante do dossiê, logo, o *ethos* de credibilidade do articulista, nesse

contexto, dá-se não só pelas marcas de construção de *ethos* no *Singular de Exclusividade*, mas também através de outras pistas linguísticas no cotexto, como a informação apresentada no início do dossiê que revela aos leitores que o produtor é doutor em História Social da Amazônia e professor do Instituto de Artes na UFP, além da experiência, informada no *logos*, enquanto diretor teatral e pesquisador. Ademais, a credibilidade do articulista é avaliada positivamente e reconhecida pelo organizador do dossiê e pela revista *Cult*.

A PPP, utilizada majoritariamente no texto (10 ocorrências), é utilizada pelo produtor, predominantemente, como *Plural de modéstia*, em que a PPP atua para atenuar o alto nível de engajamento dos argumentos. Vejamos um exemplo:

*Recorte 36:* Nesse fragmento citado, **percebemos** o destaque alcançado pelo seu grupo de teatro, devido à participação nos festivais nacionais promovidos por Paschoal Carlos Magno (1958, em Recife, e, em 1959, em Santos); e a ponderação de que, mesmo com a fama conseguida, o Norte Teatro Escola do Pará ainda era uma ação muito restrita, “uma ilha”, ou seja, **notamos** a percepção de que muito se precisava fazer para transformar a produção cênica em Belém (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

As ocorrências da PPP destacadas foram classificadas nos mobilizadores (7) *Indicação de argumento elogioso* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que imprimem uma presença autoral poderosa. Devido ao alto grau de certeza associado às afirmações, caso optasse pelo *Singular de Exclusividade*, nesse contexto, o produtor poderia construir uma imagem de si percebida como arrogante pela audiência, o que torna o *Plural de modéstia* uma escolha eficaz de atenuação dos sentidos.

A partir dessas escolhas linguísticas, o articulista constrói um *ethos* de pesquisador e especialista técnico-científico na área de teatro, centrada no *logos* e sem apelo a elementos afetivos (*pathos*), divergindo do articulista anterior. A divergência pode ser explicada não só pela singularidade estilística de cada produtor, mas, principalmente, pela diferente proximidade entre os produtores e a personalidade homenageada.

## ***A crítica de Guimarães Rosa***

No texto *A crítica de Guimarães Rosa* (D1T3), o produtor defende a tese de que Benedito Nunes, apoiado em seu sentido humanístico de ampla formação acadêmica, contribuiu para a elucidação crítica de nomes importantes da cultura brasileira, em especial, Guimarães Rosa, uma vez que os estudos de Benedito, segundo o produtor, mudaram definitivamente a leitura do romancista. O articulista ressalta que o professor paraense trouxe interpretação original à obra de Guimarães, cujos contornos se desenham entre a dimensão imagético-poética e o nível conceitual de especulações filosóficas à luz de Heidegger e Sartre.

O produtor afirma que, antecipando tanto leituras sociológicas quanto esotéricas da obra rosiana, Benedito Nunes postulou uma interpretação “espiritual” da terra e do povo que nela vive; e que o filósofo mostrou que a tematização do amor na obra de Guimarães remonta ao platonismo, porém numa perspectiva mística heterodoxa.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o produtor utiliza diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD com funções retóricas. A totalidade dessas marcas cotextuais, que manifestam diferentes realizações da PPD, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D1T3*, do Apêndice 1 (p. 303). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados, com o intuito de facilitar a observação da progressão das estratégias selecionadas.

No texto, o produtor, assim como o antecessor, possui também um distanciamento com a personalidade homenageada. O articulista não utilizou o *Singular de Exclusividade* e mobilizou apenas três ocorrências da PPP, sendo um *Plural de inclusão*, uma ocorrência de *Plural de modéstia* e outra de *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*. Vejamos um recorte ilustrativo dos fenômenos:

*Recorte 42:* Sintetizar tais textos, cuja dimensão material supera, em muito, o artigo dos **nossos** dias, levando em consideração sua base teórico-crítica, é uma tarefa que aqui não é possível, contudo **salientamos** suas linhas de força, centradas em temas fundamentais como a concepção erótica da vida e as relações entre poesia e filosofia (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

No Recorte, há, em “**nossos**”, o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* que, por meio do cotexto, notamos que se refere a um grupo virtual que contempla o *produtor + a audiência da revista Cult + pessoas contemporâneas*, que vivem na mesma época em que o texto foi publicado, mesmo as que nunca terão acesso ao texto. Já em “**salientamos**”, a PPP pode ser classificada como *Plural de modéstia*, uma vez que se refere apenas ao produtor. As marcas de construção de *ethos* associam-se aos mobilizadores de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais* e (7) *Indicação de argumento elogioso*.

Assim como no texto anterior, verificamos que o produtor assume um *ethos* de formalidade acadêmica e modéstia, com a imagem de um pesquisador e especialista técnico-científico, porém, não na área de teatro e sim no campo de estudos da literatura.

### ***Intérprete de Heidegger***

No texto *Intérprete de Heidegger* (D1T4), o produtor defende a tese de que ser heideggeriano, para Benedito Nunes, representou mover-se num certo espaço de jogo entre a trama da existência e a emergência da lógica. Segundo o articulista, o grande destaque da relação de Nunes com Heidegger é *Passagem para o poético*, de 1986, que marcou época e uma determinada leitura do filósofo alemão no Brasil. Além disso, o produtor defende que a obra de Benedito deve ser lida na atualidade, uma vez que apresenta atividade intelectual necessária para as novas gerações, principalmente àquelas que estão presas ao produtivismo das publicações rápidas.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas, que manifestam diferentes realizações da PPS e da PPP e funções retóricas, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D1T4, do Apêndice 1 (p. 303). Aqui, discutimos alguns recortes representativos dos fenômenos analisados.

No texto, há uma oscilação entre a PPS (8 ocorrências) e a PPP (11 ocorrências), em que se evidenciam diferentes estratégias retóricas. Sobre a utilização do *Singular de Exclusividade*, observamos que está ligado, principalmente, às memórias do produtor para atestar sua credibilidade, que, à medida que é

construída no discurso, torna-se âncora para os argumentos que direcionam a audiência, de forma demonstrativa, a concordarem com pressupostos a partir do rigor metodológico e da credibilidade do articulista.

Constatamos que o recurso *ethos* dito de si mesmo é explorado pelo produtor, mas de modo sutil, pois informações que podem ser observadas pela audiência para aderir credibilidade ao pesquisador são apresentadas de modo contextual. Vejamos o Recorte 48:

*Recorte 48:* Naquela ocasião **eu** estava terminando **meu** mestrado sobre Heidegger e Hölderlin (*CULT, Dossiê Benedito Nunes, 2018*).

As marcas no *Singular de Exclusividade* mobilizam funções retóricas associadas ao mobilizador de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, ou seja, expressam ganho ou crescimento pessoal, com um baixo risco ao produtor.

Ao informar aos leitores que desenvolveu uma pesquisa na Pós-Graduação sobre Heidegger, o articulista demonstra que possui capacidade técnico-científica para avaliar contribuições dos estudos desenvolvidos por Benedito Nunes sobre Heidegger, o que, aliado às informações do dossiê de que o filósofo atua como professor em uma renomada universidade, contribui para a construção de um *ethos* ligado à credibilidade acadêmica.

Ao informar explicitamente especificidades de seu currículo acadêmico, o articulista poderia contribuir para a audiência observá-lo como alguém sem modéstia. Contudo, a informação é apresentada aos leitores como uma estratégia de localização temporal, pois, no texto, a informação de maior relevância é o encontro entre o articulista, que na época era um pesquisador em formação, e a personalidade homenageada, que contribuiu para a formação do produtor do texto. Assim, ao mesmo tempo em que evidencia o conhecimento sobre o tema em discussão, também reverencia Benedito Nunes.

A proximidade entre o articulista e a personagem homenageada é explorada na construção do *ethos* do produtor do texto, principalmente, por meio do *Plural de exclusão*, compondo um grupo virtual que não inclui os leitores da *Cult*, como no Recorte 50:

*Recorte 50: Lembro-me* de que ambos **concordamos** que o ensaio introdutório (“Poética do sinal”) era ainda mais interessante do que as traduções, a despeito do excelente trabalho de Medina (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

No recorte, o produtor oscila entre a PPS e a PPP, sendo que o *Singular de Exclusividade* ancora e amplia a credibilidade da marca de construção do *ethos Plural de exclusão*, que indica um *nós* que agrupa o *produtor + a personalidade homenageada*. Ambos as marcas linguísticas exercem funções retóricas decorrentes do vínculo ao mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, pois expressam ganho ou crescimento pessoal a partir da ancoragem do *ethos* do produtor ao *ethos* de Benedito Nunes.

Após inserir-se em um grupo virtual em que ambos, personalidade homenageada e produtor do texto, possuem visões convergentes sobre determinados textos literários e filosóficos, e após explicitar no cotexto a credibilidade acadêmica, o articulista adota outras estratégias argumentativas e assume um *ethos* impositivo. Vejamos o Recorte 52:

*Recorte 52: Por que ler e como ler Benedito Nunes hoje? Sua obra **nos** mostra um tipo de atividade intelectual que **nos** é necessária, necessária para as novas gerações, principalmente aquelas que estão presas a um certo produtivismo das publicações rápidas* (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

As ocorrências da PPP, em negrito, referem-se ao *produtor do texto + os leitores da revista Cult*, o que permite a classificação dos elementos linguísticos como o *Plural de inclusão*, uma vez que inclui a audiência. Em “**nos mostra**”, verificamos que o produtor realiza (6) *Indicação de expressões integrativas*, uma vez que a argumentação é centrada na audiência e usada para enfatizar aspectos do vínculo social, para criar uma dimensão de solidariedade entre o produtor e os leitores. Já em “**nos é necessária**”, constatamos os mobilizadores de ocorrência (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*; e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Por meio dessas escolhas lexicais, que imprimem alto nível de engajamento do produtor e, portanto, ligam-se a sentidos mais arriscados para o articulista, constrói-se *assimetria* entre o produtor e a audiência em relação ao tema de discussão, assumindo um *ethos* de voz autorizada sobre o dito.

A título de sintetização das análises do texto *Intérprete de Heidegger*, ressaltamos que o produtor explorou diferentes estratégias retóricas relacionadas à PPD para a construção do *ethos*. Assim como em textos anteriores do dossiê, verificamos que a verossimilhança das memórias é a principal estratégia relacionada ao *Singular de Exclusividade*. Constatamos, também, que a multifuncionalidade da PPP é explorada com proficiência pelo produtor do texto, que oscilou entre o *Plural de inclusão* e o *Plural de exclusão*, além de mobilizar sentidos relacionados à *simetria* e *assimetria*, e diferentes funções retóricas que, por meio do *logos*, conferiram ao articulista o *ethos* de credibilidade acadêmica e modéstia.

### ***Trocando de papéis***

No texto *Trocando de papéis* (D1T5), a produtora defende a tese de que, na fraternidade de ideias entre Mário Faustino e Benedito Nunes, é possível chamá-los, respectivamente, de poeta e de filósofo da Poesia, ressaltando a importância de Mário para que a trajetória de Benedito ganhasse notoriedade nacional.

Segundo a produtora, Faustino e Nunes se encontraram pela primeira vez, em 1947, durante a instalação da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), em Belém, a qual todos os intelectuais paraenses foram convocados. O papel de divulgador que Benedito representava foi assumido por Mário no ano seguinte, quando o poeta se mudou para o Rio de Janeiro e começou a publicar os ensaios do crítico paraense, que, segundo ele, ao insistir em ficar morando em Belém, corria o risco de permanecer para sempre desconhecido no restante do Brasil.

Para a defesa desse propósito argumentativo e a conquista da audiência, a produtora mobilizou diversas estratégias retóricas. Entre elas, algumas associadas a marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas, que manifestam diferentes realizações da PPD e funções retóricas, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D1T5, do Apêndice 1 (p. 304). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Diferentemente dos textos antecedentes no dossiê *Benedito Nunes*, que são percorridos sem o uso de subtítulos, *Trocando de papéis* apresenta dois subtítulos: *O suplemento da Folha do Norte* e *O suplemento do Jornal do Brasil*. Além disso, a produtora opta pela utilização da PPD apenas na última parte do texto.

A articulista opta por um maior distanciamento da audiência ao utilizar, na maior parte do texto, a TP do discurso. Enquanto a PPS não é utilizada, há três ocorrências da PPP, sendo uma de *Plural de modéstia*, em que a articulista direciona a audiência a uma determinada interpretação centrada na própria credibilidade acadêmica; e duas como *Plural de inclusão*.

O cotexto dos recortes permite a classificação do *Plural de inclusão*, neste texto, como *assimétrico*, pois a produtora, ao mesmo tempo em que integra os leitores em seu grupo virtual, coloca-se no papel de direcionadora, devido ao notório conhecimento demonstrado anteriormente. Vejamos o Recorte 58:

*Recorte 58:* Nessa ‘troca de papéis’, no entrelaçamento de biografias, na fraternidade de ideias entre o poeta e o filósofo, **podemos** chamar Mário Faustino e Benedito Nunes, respectivamente, de poeta e de filósofo da Poesia (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

Observamos que a marca de construção de *ethos* aciona o mobilizador de ocorrência (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. A assimetria entre a articulista e os leitores é explicitada na utilização da marca que imprime, concomitantemente, e devido ao *ethos* de credibilidade do articulista, os sentidos de *possibilidade* e *permissão*, ao direcionar a audiência a utilizar a sua classificação de “filósofo da poesia” para designar Benedito Nunes. Por meio das marcas linguísticas observadas no texto, constatamos que a articulista constrói, por meio do *logos*, um *ethos* de credibilidade acadêmica na área de literatura.

### ***Ausência e presença de um filósofo***

No texto *Ausência e presença de um filósofo* (D1T6), o produtor defende a tese de que poesia e filosofia se moviam conjuntamente na obra de Benedito Nunes, com sutilidade e transgressão. Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são utilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas cotextuais, da PPS e da PPP, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D1T6, do Apêndice 1 (p. 306). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.



Verificamos, predominantemente, a utilização da PPS. As 22 ocorrências do *Singular de Exclusividade* desempenham, no texto, a função semântico-pragmática de atestar credibilidade a um relato de memórias. O texto segue uma sequência temporal, iniciada no ingresso do produtor no curso de Filosofia da UFPA, perpassando o período de contato entre o articulista e a personalidade homenageada até a atualidade, em que o produtor atua como pesquisador e professor universitário.

No relato, apesar de demonstrar sua notoriedade técnico-científica na discussão de textos literários e filosóficos, o produtor também demonstra sua modéstia e reverência à personalidade homenageada. Vejamos o Recorte 64:

*Recorte 64:* Hoje **tento** oferecer aos **meus** alunos acesso à obra deste crítico e filósofo, apontando traços de sua atuação intelectual que **me** parecem fundamentais, como a interpretação da obra de Oswald de Andrade em seu pequeno e notável *Oswald canibal* (Perspectiva, 1979), para **ficarmos** em um exemplo paradigmático (*CULT, Dossiê Benedito Nunes*, 2018).

Os mecanismos no *Singular de Exclusividade* foram classificados no mobilizador de ocorrência (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*, cujo vínculo entre a marca e o mobilizador desempenham a função retórica de expressão de objetivos, intenções e decisões futuras, com credibilidade centrada no *ethos*. Já o mecanismo na PPP refere-se ao mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas*, por ser a argumentação centrada na audiência e usada para enfatizar aspectos do vínculo social. Ressaltamos, principalmente, o sentido mobilizado pelo *Singular de Exclusividade* + o léxico do verbo em “**tento**”, que confere ao produtor modéstia, diante da trajetória ilustre construída pelo articulista. As ocorrências no *Singular de Exclusividade*, no recorte, aderem credibilidade ao *ethos* do produtor e acionam sentidos ligados aos sentimentos do articulista com relação aos alunos e à produção intelectual de Benedito. A argumentação do recorte é centrada, portanto, no *pathos*.

Em relação à PPP, foram observadas, em todo o texto, apenas três ocorrências, com *Plural de inclusão*, de modo a aderir a audiência no grupo virtual do articulista. A oscilação entre a PPS e a PPP é utilizada pelo produtor para convencer, principalmente, por meio do *pathos*, como no Recorte 68:

*Recorte 68:* Ao atestar aquele vínculo remoto entre **minha** tia e **nosso** professor, **fui** tomado de um orgulho profundo, um bairrismo distinto – logo **eu**, que tantas vezes **senti** a distância da terra natal na pele –, em todo caso um bairrismo que **me** soa ainda hoje digno, 20 anos depois de deixar Belém para trás, trazendo a saudade e o exemplo de Benedito Nunes na mala (*CULT, Dossiê Benedito Nunes, 2018*).

As marcas de construção de *ethos* foram classificadas nos mobilizadores de ocorrência (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem* e (6) *Indicação de expressões integrativas*. No recorte, todos os elementos na PPD, em negrito, aliados às demais escolhas lexicais e ao contexto, mobilizam sentidos ligados aos sentimentos do produtor do texto, que perpassam uma doxa comum da audiência, como o vínculo familiar e a saudade da terra natal. Ao ressaltar argumentos que envolvem emoções, o produtor se aproxima dos leitores e materializa essa aproximação no pronome possessivo “**nosso**”, compartilhando o professor Benedito, por meio do *Plural de inclusão*, com a audiência da *Cult*.

Nesse sentido, o produtor constrói um *ethos* não só ligado à credibilidade acadêmica na área de Filosofia, por meio do *logos*, mas principalmente uma imagem de si sensível, de um professor modesto, saudosista, próximo e atencioso com seus alunos e leitores.

### 5.2.2 Dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na Literatura Brasileira*

#### ***As faces espelhadas de Eros***

No texto *As faces espelhadas de Eros* (D2T1), a produtora não só introduz e oferece aos leitores um panorama geral sobre o dossiê, mas também defende a tese de que o desejo de se arriscar em projetos textuais mais ousados norteou a fase final da escrita hilstiana. Segundo a articulista, durante quase 20 anos, desde a publicação de *Presságio* (1950), a arte poética de Hilda Hilst se voltou para formas puras e sublimadas. Depois, lado a lado da poesia erótico-metafísica de Hilst, o escandaloso *O caderno de Lory Lamby* excede a intenção obscena para revelar a notável capacidade da poeta de jogar com os limites da linguagem.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo e a conquista da adesão da audiência, a produtora mobiliza diversas estratégias retóricas. Entre elas, uma única ocorrência da PPD, utilizada apenas no último parágrafo. Ao optar por desenvolver a tessitura, predominantemente, na TP, constatamos que a articulista constrói uma imagem de si com um distanciamento não só entre si e a personalidade homenageada, mas também entre si e a audiência. A estratégia é comumente utilizada, na academia, com o intuito de construir um *ethos* ligado à objetividade e imparcialidade, o que é reforçado pelo histórico da produtora, que atua como pesquisadora e professora universitária.

Considerando que se trata do texto introdutório do dossiê, verificamos que *As faces espelhadas de Eros* cumpre o papel de apresentar brevemente Hilda Hilst a leitores da *Cult* que, possivelmente, ainda não conheçam a poeta homenageada. Vejamos o recorte com ocorrência da PPP:

*Recorte 69: Cabe a nós, hoje, abordar a magnitude desse prisma obscuro que arromba a entrada das casas, para então poder divisar, entre as novidades propostas pela escrita hilstiana, as incontornáveis faces espelhadas de Eros (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).*

Há, no último parágrafo, a mobilização do *nós* como *Plural de exclusão*, ou seja, sem incluir no grupo virtual a audiência de leitores, restringindo o referente à *produtora + outros escritores que colaboraram com o dossiê*, o que contribui para aderir o efeito semântico de distanciamento entre a articulista e os leitores do periódico. No recorte, a PPP está associada aos mobilizadores de ocorrência (1) *Delimitação de autoria* e (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*.

### ***Uma prosa do tempo***

No texto *Uma prosa do tempo (D2T2)*, o produtor defende a tese de que as perguntas recorrentes na obra de Hilda Hilst são as fundamentais: a vida, a solidão, o envelhecimento, o corpo e o desejo. Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o produtor mobiliza diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência, como a utilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas cotextuais, da PPS e da PPP, foi classificada, analisada

e apresentada no Quadro *D2T2*, do Apêndice 1 (p. 308). Considerando que muitos recortes textuais apresentam marcas linguísticas que direcionam funções retóricas similares, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

O texto apresenta dois subtítulos: *Encontro com a obra* e *Conversa de 20 anos*. A escrita é, predominantemente, no *Singular de Exclusividade* (9 ocorrências), estratégia que contribui para aderir credibilidade às memórias do jornalista. Observamos um relato, com progressão temporal, que perpassa desde a entrada do articulista no ensino superior (1993), incluindo seu desenvolvimento profissional e o contato com Hilda Hilst, em uma entrevista para a revista *Cult* (2000), até o período em que integrou a equipe que desenvolveu o dossiê (2018).

No texto, o produtor constrói o *ethos dito de si mesmo* ao apresentar aos leitores detalhes do ingresso à academia e da trajetória profissional, como repórter, editor e professor. Notamos que as informações são apresentadas de modo a localizar, temporalmente, o contato com a personalidade homenageada, o que adere ao texto também uma argumentação centrada em memórias afetivas. Já a PPP é utilizada apenas duas vezes pelo produtor, ambas como *Plural de exclusão*, ou seja, incluindo no grupo virtual apenas o produtor + Hilda Hilst. Vejamos o Recorte 74:

*Recorte 74:* Na conversa, regada a muitos copos de vinho do Porto, rodeados por seus muitos cachorros, **falamos** do Baixíssimo, e ela afirmou não buscar um Deus material: “Não conheço esse senhor. Eu sempre dizia que ele *estava* até no escarro, no mijo, não que ele fosse esse escarro e esse mijo” (*CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018*).

A ocorrência da PPP é uma realização do mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*. Por meio do recorte, o produtor humaniza a entrevistada ao expor aos leitores aspectos não apenas centrados na produção literária de Hilda, como em textos anteriores do dossiê, focados na análise crítica de suas poesias.

Através dessa estratégia, o produtor adere complexidade psicológica à personalidade homenageada, que foi abordada, nos textos anteriores, com distanciamento acadêmico, e constrói um *ethos* ligado ao *pathos*, uma vez que mobiliza convenções culturais e sociais para projetar uma imagem de si ligada à informalidade, à simpatia, à humanização da profissão e ao apreço pela leitura.

### ***Umasómúltiplamatéria***

No texto *umasómúltiplamatéria* (D2T3), a produtora defende a tese de que o erotismo, a escatologia, o grotesco e o humor desconcertante e cruel sempre estiveram presentes na ficção, no teatro e nas crônicas de Hilda Hilst. Para a articulista, poucos escritores deixaram tão revelados nos versos e na ficção as intenções, percursos, ideias sobre o mundo e angústias existenciais como Hilda Hilst.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, e, conseqüentemente, para conquistar a adesão da audiência, a produtora mobiliza diversas estratégias retóricas. Entre elas, a utilização de marcas de construção de *ethos* na PPD vinculadas a mobilizadores. Considerando que muitos recortes textuais apresentam elementos linguísticos que direcionam funções retóricas similares, aqui, discutimos recortes representativos. Assim, a totalidade dos mobilizadores de ocorrência cotextual e de marcas de construção de *ethos*, por meio da PPS e da PPP, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D2T3*, do Apêndice 1 (p. 308).

Como no texto anterior, *umasómúltiplamatéria* também é escrito, predominantemente, na PPS (14 ocorrências), frente a uma minoria de ocorrências da PPP (quatro). Observamos, novamente, que o *Singular de Exclusividade* é utilizado para aderir credibilidade a memórias afetivas ligadas à personalidade homenageada. No caso da produtora, em específico, a narração é iniciada a partir do primeiro contato com Hilda, em 1985, e é seguida por descrições de como se interessou cada vez mais pelo trabalho da poeta. A articulista relata que, concomitantemente ao desenvolvimento profissional, enquanto jornalista e pesquisadora, também se tornou “agente literária” informal e ativa assessora de imprensa” de Hilda (Recorte 82).

Diante dessas afirmações, a produtora projeta de si não só um *ethos* de conhecimento técnico, ligado ao jornalismo e à pesquisa, mas também de fã e admiradora de Hilda e da vasta produção literária da poeta. Além disso, verificamos que essa admiração foi ampliada devido à oportunidade da produtora de se aproximar de Hilst e de se tornar sua divulgadora, o que adere ao texto um tom afetivo. Ainda no início do texto, no Recorte 78, a construção do *ethos* da produtora mobiliza estratégias retóricas ao *pathos*:

*Recorte 78:* Para os que, como **eu**, tiveram a alegria de estar perto dela e de compreender as razões de tanto ressentimento acumulado com a falta de recepção de seus livros, ainda fica uma ponta de desconfiança no ar (*CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018*).

Notamos, no recorte, uma realização do *Singular de Exclusividade* vinculada ao mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*. Ao mesmo tempo em que demonstra uma nova face da personalidade homenageada, considerando o ressentimento em relação à falta da recepção de seus livros em vida, também revela pistas aos leitores para a construção da imagem de si, como a habilidade de análise da produtora sobre o contexto, além de sua propriedade e alegria em relação ao tema devido ao convívio com Hilda. A proximidade entre ambas pode ser constatada no Recorte 85:

*Recorte 85:* Na intimidade, **lembro** que chorou ao ver na contracapa da primeira edição francesa de *A obscena senhora D* mais uma confusão entre autora e obra que reverberaria a crítica (*CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018*).

No recorte, ressaltamos não só o verbo “**lembro**” no *Singular de Exclusividade*, classificado no mobilizador de ocorrência (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, que adere credibilidade ao relato, mas também a organização sintática e as demais informações presentes no recorte, que mobilizam funções retóricas.

O termo “na intimidade”, no início, cumpre a função semântico-pragmática de evidenciar a relação de confiança e aproximação entre a produtora do texto e Hilda Hilst. Sobre as demais informações presentes no recorte, cumpre ressaltar que *A obscena senhora D* trata-se do título de um livro, sob autoria de Hilst, que mescla dramaturgia, filosofia e poesia. A tristeza da autora referiu-se ao fato de ter lido uma resenha de *L’obscène madame D*, no jornal francês *Libération* e ser chamada no periódico de “*la cochonne hystérique*” (porca histérica) (*CULT, 2018, p. 233*).

Em relação à PPP, notamos que é utilizada uma vez no texto como *Plural de exclusão*, de modo a incluir no grupo virtual do referente a *produtora + a personalidade homenageada*, o que, juntamente com as ocorrências do *Singular de Exclusividade*, adere credibilidade ao relato. Já o *Plural de inclusão* é utilizado pela articulista em três ocorrências, que oscilam com o *Singular de Exclusividade*. Vejamos o Recorte 86:

*Recorte 86: Sou leitora, não sou crítica literária. Mas tenho certeza de que quanto mais lermos Hilda, mais **encontraremos** exemplos de seu pensamento libertário, na vanguarda de seu tempo – pois ora **vemos** parentesco de sua prosa com o existencialismo, com os “barrocos da latino-américa” – como o chileno José Donoso; assim como elementos do expressionismo alemão no seu teatro (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).*

As marcas de construção de *ethos* no *Singular de Exclusividade* imprimem o mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que adere alto nível de engajamento. No início do recorte, a produtora utiliza o recurso retórico *ethos dito de si mesmo* ao enquadrar-se em uma “leitora” e não uma “crítica literária”.

A recepção do *ethos*, por parte da audiência, não depende apenas dessa estratégia, pois os leitores consideram outras informações disponíveis sobre a produtora ao longo do dossiê, além de a associarem à credibilidade da própria revista *Cult*. Nesse sentido, apesar de não se definir como crítica literária, já há no imaginário dos leitores o amplo conhecimento técnico da articulista, o que contribui para a construção da imagem de modéstia.

Na sequência, a produtora utiliza o *Plural de inclusão*, ou seja, incluindo em seu grupo virtual a si e aos leitores da *Cult*. Os elementos da PPP correspondem aos mobilizadores (7) *Indicação de argumento elogioso* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, também com elevado índice de engajamento. Por meio dessas estratégias linguísticas, aliadas ao contexto e às demais informações do recorte, o texto direciona os leitores a aderirem às teses da produtora.

### **O jardineiro da casa**

O texto *O jardineiro da casa* (D2T4) é apresentado em dois subtítulos: *Da amizade* e *A abadia e os escritos de Mora*, e marca uma transição de estratégia argumentativa, em nível macro, no dossiê. Os textos anteriores foram redigidos por articulistas que possuem experiência não só na escrita de textos jornalísticos, mas também em pesquisa e crítica literária, seja ela na esfera social acadêmica ou

jornalística. Já o texto *O jardineiro da casa* diferencia-se à medida que fornece aos leitores curiosidades de bastidores, possíveis apenas de serem relatadas por aqueles que foram muito próximos da personalidade homenageada no dossiê.

O produtor defende a tese de que a relação entre Hilda Hilst e Mora Fuentes transcendeu o corpo e fecundou a literatura de ambos. Conforme o articulista, Hilda dedicava-se a ler durante a metade exata do seu dia e na outra escrevia, enquanto Mora escrevia à noite, dedicando contos e novelas à resistência e às ditaduras, e plantou o jardim durante as tardes.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o produtor utiliza diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, a mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas cotextuais, que manifestam diferentes realizações de *ethos* por meio da PPS e da PPP, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D2T4*, do Apêndice 1 (p. 310). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados. A proximidade entre o produtor e os escritores homenageados no texto pode ser exemplificada com o Recorte 91:

Recorte 91: Imagine, leitor apaixonado por literatura, que **meu** amigo Zé namorou HH e Clarice, as melhores e mais lindas escritoras: Hilda era estonteante, e os olhos de Olenska até hoje me assombam (*CULT, Dossiê Hilda Hilst*, 2018).

Verificamos que o recorte aciona sentidos relacionados ao mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*. No recorte, a argumentação do texto é centrada no *pathos*, não só a partir do possessivo destacado, mas também pelas demais escolhas lexicais, pelo contexto e pela organização sintática. Ao utilizar o vocativo “leitor apaixonado por literatura”, o articulista cria o efeito de sentido de proximidade com a audiência e aciona os sentimentos dos leitores. Na sequência, por meio da utilização do possessivo no *Singular de Exclusividade*, instiga a curiosidade e o imaginário da audiência ao afirmar que o amigo foi namorado tanto de Clarice Lispector quanto de Hilda Hilst. Além disso, também conquista os admiradores de Hilda ao descrevê-la como uma das “melhores e mais lindas escritoras” e “estonteante”, o que contribui para a construção de um *ethos* ligado a valores como gentileza e amizade. Como evidencia-se no Recorte 92, o principal objeto discursivo do texto é o escritor Mora Fuentes e não Hilda Hilst:



Recorte 92: “**Nosso** escritor cultuou o chamado “gênero epistolar”, esmerava-se em cartas como se fossem seus contos” (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).

O cotexto permite a identificação dêitica do pronome possessivo “**nosso**”, no qual o *Plural de exclusão* se refere ao grupo virtual composto pelo *produtor do texto* + *Hilda Hilst*, sem a inclusão da audiência. Mora Fuentes foi namorado de Hilda, por um breve período, amigo da escritora durante 30 anos e presidente do instituto Centro de Estudos Casa Sol após a morte da personalidade homenageada. Não só no recorte 92, mas também nos recortes 91, 94, 96 e 98, há, nas escolhas lexicais, evidência da proximidade afetiva entre o produtor do texto e o amigo, o que contribui para aderir credibilidade ao *ethos* e sensibilidade ao relato e às percepções do articulista.

O produtor utiliza, predominantemente, a PPS (14 ocorrências), sendo a PPP mobilizada apenas em três ocorrências. A proximidade entre o produtor, a personalidade homenageada e Mora Fuentes confere ao articulista a credibilidade necessária para a percepção de que o amigo possui influência na obra de Hilda, como no Recorte 88:

*Recorte 88: Durante anos **julguei** escutar a voz sarcástica de Osmo como sendo a de Mora Fuentes, cheia de ironias e piadas com o espírito pequeno-burguês (Ah! O que o Mora não diria dos apoiadores do golpe de 2016? Quanta risada **eu** perdi)* (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).

Notamos que o *Singular de Exclusividade* + as demais escolhas lexicais norteiam a audiência a considerar que *Osmo*, importante texto da obra de Hilda, que também intitula um espetáculo, possui características da personalidade de Mora Fuentes. Por isso, classificamos nos mobilizadores de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. Na sequência, verificamos que o último subtítulo dialoga com o texto *A gestão de um legado*, o que adere uma progressão coerente e argumentativa à organização do dossiê.

### ***A gestão de um legado***

No texto *A gestão de um legado* (D2T5), o produtor defende a tese de que a ampliação do público leitor e a manutenção da Casa Sol são dois grandes desafios para a preservação da memória de Hilda Hilst. Conforme o articulista, Hilda amplia seu público entre os jovens, uma vez que 50% dos leitores dela têm menos de 34 anos, e 70% são mulheres.

Diferentemente dos demais textos, que apresentam informações e análises referentes à obra literária de Hilda Hilst ou à vida pessoal da personalidade homenageada, *A gestão de um legado* versa, principalmente, acerca de acontecimentos após a morte da autora, como a administração e divulgação do patrimônio cultural.

Além disso, a credibilidade das informações é centrada no *ethos prévio* do produtor, Daniel Fuentes, que é apresentado no dossiê como filho de Mora Fuentes (homenageado no texto anterior). Na atualidade, o articulista é Gestor Cultural e presidente do Instituto Hilda Hilst, e apresenta informações sobre sua trajetória profissional no texto.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o produtor utiliza diversas estratégias retóricas, como a mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas cotextuais, que manifestam diferentes realizações da PPS e da PPP e funções retóricas, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D2T5*, do Apêndice 1 (p. 311). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Entre os recortes 99 e 103, classificados no mobilizador (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, verificamos que o articulista apresenta aos leitores memórias da infância e da adolescência, que informam à audiência que cresceu atento às responsabilidades que teria enquanto administrador do legado de Hilda Hilst, porém, constrói nesses recortes uma imagem de si de alguém que observou à distância as decisões do pai. Somente a partir do Recorte 104 há a transição de um *ethos* observador para um *ethos* de liderança e o empoderamento do produtor, como a reação à fatalidade da perda do pai:

*Recorte 104:* Essas diferentes dinâmicas de gerir a cultura se colocaram para **mim** a partir de 2009 quando, com a morte de meu

pai, **decidi** assumir a presidência do Instituto Hilda Hilst e **encarei**, por um lado, um universo de amplas potencialidades para a obra e, por outro, um bem cultural físico com quase 10 mil metros quadrados na cidade de Campinas que não tinha um modelo claro de como progredir e vencer seus desafios a ponto de realmente cumprir sua vocação cultural (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).

No Recorte 104, o *Singular de Exclusividade*, quando aliado às escolhas lexicais (léxico dos verbos **decidi** e **encarei**) e à utilização do modo indicativo, torna-se um recurso retórico essencial para a construção do *ethos dito de si mesmo* com valores relacionados à força, à certeza e à liderança. Assim, classificamos as ocorrências nos mobilizadores de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Verificamos, em todo o texto, o predomínio da utilização do *Singular de Exclusividade* (22 ocorrências), e a única ocorrência da PPP, no texto, mobiliza o *Plural de exclusão*, com o efeito de sentido de assimetria. Vejamos o Recorte 107:

*Recorte 107*: Isso tudo se realizou apenas no final de 2012 e, por isso, **considero** que 2013 é o “ano 1” real do Instituto Hilda Hilst, pois só depois disso **começamos** a realmente trabalhar com cultura de forma efetiva, repovoando de vida a Casa através de diversas ações bem-sucedidas como nosso Programa de Residência, que já superou a marca de 200 participantes, ou então as muitas temporadas teatrais e, é claro, o trabalho com o acervo pessoal de Hilda, já desdobrado em diversas outras realizações (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).

No Recorte 107, a expressão “isso tudo” se refere aos avanços na administração do Instituto Hilda Hilst, como o tombamento da casa onde a autora morou e a eliminação das dívidas que a instituição possuía, o que permitiu que a equipe do instituto pudesse dedicar maior tempo às atividades culturais relacionadas à obra artística da personalidade homenageada. Em “**considero**”, por meio do *Singular de Exclusividade*, o produtor projeta um *ethos* de credibilidade, o que norteia a audiência a concordar com as impressões apresentadas. Assim, o mobilizador de ocorrência foi classificado como (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Já em “**começamos**”, há um *Plural de exclusão* que significa o produtor + equipe do IHH. Aliada ao modalizador epistêmico asseverativo “realmente”, essa estratégia retórica adere não só credibilidade, mas também a construção de um

*ethos* de liderança, uma vez que o articulista se coloca no papel social de voz autorizada para representar e liderar o grupo.

Há que se ressaltar que o relato do produtor, por meio do *Singular de Exclusividade*, adere ao texto credibilidade, não só pela mobilização da PPD, mas também pela progressão sequencial temporal dos acontecimentos, cercada de detalhes. Nesse contexto, a principal função retórica mobilizada pelo *Singular de Exclusividade* é a construção do *ethos* de liderança, uma vez que o recurso linguístico permite que o produtor se apresente como agente atuante em todas as ações relatadas.

### 5.2.3 Dossiê *O Imenso Graça: Vidas Secas, 80 ANOS*

#### ***Sem procuração***

No texto *Sem procuração* (D3T1), o produtor não só introduz e oferece aos leitores um panorama geral sobre o dossiê, mas também defende a tese de que Graciliano Ramos foi um escritor cuja fome sempre foi de justiça. O produtor explicita no texto que é neto da personalidade homenageada, e utiliza argumentos que aderem ao texto um tom afetivo e de deferência. Diante da relevância do avô para a cultura brasileira, o neto projeta uma imagem de si modesta: assume já no título que não possui “procuração” para falar em nome do avô e mantém esse posicionamento no decorrer do texto ao abordar que muitos o questionam qual seria o posicionamento de Graciliano diante de acontecimentos contemporâneos.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência, e oscila entre a PPP (21 ocorrências) e a PPS (13 ocorrências). A totalidade das marcas e mobilizadores de ocorrência, que constroem diferentes *ethos* e acionam funções retóricas associadas à PPS e à PPP, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D3T1, do Apêndice 1 (p. 313). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados. Vejamos os Recortes 111, 112 e 113:

*Recorte 111: Por alguma razão **gostamos** de efemérides.*

*Recorte 112:* Talvez por **sermos** tão impressionáveis quando se trata de tempo.

*Recorte 113:* Desde que **nascemos acostumamo-nos** a acompanhar o passar das horas, acúmulo delas em anos (CULT, Dossiê *O imenso Graça*, 2018).

Por meio dos termos em negrito, nos Recortes 111, 112 e 113, o produtor do texto mobiliza o *Plural de Indeterminação universal*, ou seja, inclui-se não só a audiência em seu grupo virtual, mas também toda a humanidade, generalizando informações e características humanas. Notamos que essa estratégia retórica é centrada no *pathos*, uma vez que o foco argumentativo não é o convencimento por meio da construção de uma imagem de credibilidade ou a partir de dados ou análises. Também se constrói um *ethos* reflexivo, contemplativo e afetivo, sendo uma estratégia argumentativa paralela. Quanto aos mobilizadores de ocorrência, há, no Recorte 111, a (8) *Indicação de argumento depreciativo*, enquanto verificamos, em 112 e 113, (6) *Indicação de expressões integrativas*.

No Recorte 115, observamos outra função associada à *inclusividade* da PPP:

*Recorte 115:* Muita gente **me** pergunta, ante a atual conjuntura, conturbado momento político em que **vivemos**, qual seria o posicionamento de Graciliano, como ele veria o cenário triste em que estamos mergulhados (CULT, Dossiê *O imenso Graça*, 2018).

Inicialmente, e de modo sutil, por meio do *Singular de Exclusividade*, o produtor adere credibilidade às reflexões e ao *ethos*, uma vez que utiliza, pela primeira vez, seu papel social e afetivo de neto de Graciliano Ramos para construir as afirmações.

Na sequência, em “**vivemos**” e “**estamos**”, verificamos que a PPP tem o sentido de *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, ou seja, inclui-se no grupo virtual do produtor a audiência e outros sujeitos, porém, sem ficar exatamente claro quais participantes o compõem. Notamos que também se trata de uma estratégia ligada ao *pathos*, uma vez que é necessário que a audiência se sinta pertencente à doxa comum do produtor para concordar com seus argumentos. O contexto temporal, 2018, permite a interpretação de que o produtor tece críticas políticas ao Brasil, delimitando-se o grupo virtual a brasileiros, porém, fazem parte do grupo apenas aqueles que consideram a conjuntura “conturbada”.

A construção de grupos virtuais de indeterminação é uma estratégia que precisa ser ponderada pelo articulista e aplicada apenas a audiências que compartilham de um determinado grupo de sentimentos e percepções. Caso contrário, pode-se mobilizar sentimentos negativos, como a rejeição por parte do público em relação ao *ethos*, quando a audiência é incluída em um grupo virtual em que não concorda com o posicionamento levantado.

No caso de “**vivemos**” e “**estamos**”, observamos ainda que a construção de um sentimento de brasilidade é explorada pelo produtor ao considerar a premissa de que o auditório compartilha da sua doxa comum, neste caso, ligado à tristeza devido ao cenário considerado conturbado pelo produtor. Nesse caso, os mobilizadores de ocorrência foram classificados como (8) *Indicação de argumento depreciativo*. Há que se considerar também as relações de poder envolvidas na produção e na publicação do dossiê. A revista *Cult* possui uma determinada linha editorial, e sua equipe escolhe temas e organizadores de dossiês coerentes com o público-alvo da revista. Além disso, o material produzido passa pela edição e aprovação de representantes do veículo de comunicação, o que permite a inferência de que a audiência da revista compartilha, pelo menos, da maior parte das percepções do produtor.

Em relação ao *Singular de Exclusividade*, o produtor oscila entre a construção de imagens de si ligadas a poder e à modéstia, como nos recortes 116 e 120. Vejamos o Recorte 116:

*Recorte 116: “Recuso-me a responder, o velho Graça não deixou procuração para falarem por ele depois de morto” (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).*

Verificamos que o articulista projeta uma imagem de si ligada à modéstia e à afetividade, ao afirmar que não pode falar em nome do avô, e, ao mesmo tempo, diante de sua proximidade com a personalidade homenageada, também atesta que nenhuma outra pessoa recebeu tal procuração, deslegitimando outros que hipoteticamente adotem a postura. Assim, o mobilizador de ocorrência foi classificado como (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*. No Recorte 120, notamos uma estratégia retórica diferente:

Recorte 120: “Hoje, quando **me** procuram pedindo autorização para remakes, sempre **me pergunto** se conseguirão ser tão felizes como Nelson Pereira dos Santos e Leon Hirszman foram em suas realizações” (CULT, Dossiê *O imenso Graça*, 2018).

O produtor, por meio do *Singular de Exclusividade*, destaca o seu poder de autorização sobre o patrimônio cultural da personalidade homenageada. Ao mesmo tempo, elogia uma adaptação da obra do avô em detrimento de possíveis *remakes*. Assim, notamos que os mobilizadores de ocorrência se referem aos sentidos de (5) *Indicação de intenções, decisões e ações* e (7) *Indicação de argumento elogioso*.

Entre os recortes 118 e 127, o produtor apresenta os textos que fazem parte do dossiê e, brevemente, os autores que contribuíram para a realização do projeto. Nesses recortes, evidenciamos, por exemplo, o mobilizador (1) *Delimitação de autoria*, em que o articulista utiliza a PPD para explicitar sua presença autoral na estruturação metadiscursiva. Também verificamos a construção de *ethos* ligado à academia e à pesquisa, como no Recorte 121.

*Recorte 121:* Em “Heróis subestimados”, Lilliân Alves Borges e Edmar Monteiro Filho **nos** mostram que Graciliano, em sua literatura para crianças e jovens – tão pouco conhecida e considerada, como sempre são os livros para tal público; infelizmente **desconsideramos, tratamos** mal o que se escreve para a garotada –, “aproveita-se desse espaço (o do texto infantil e juvenil) para inserir uma dura crítica às condições de penúria do Nordeste brasileiro, às voltas com a decadência e a miséria promovidas pela seca e pelo descaso governamental” (CULT, Dossiê *O imenso Graça*, 2018).

Em “**nos**”, o produtor mobiliza o *Plural de inclusão*, ou seja, inclui-se no grupo virtual com sua audiência. O mobilizador de ocorrência imprime (1) *Delimitação de autoria* e (6) *Indicação de expressões integrativas*, uma vez que é utilizado para a estruturação do texto e que a argumentação é centrada nos leitores e usada para enfatizar vínculo social com a audiência, criando uma dimensão de solidariedade. Já em “**desconsideramos**” e “**tratamos**”, as marcas de construção de *ethos* acionam o *Plural de exclusão*, e evidencia-se um grupo virtual composto pelo produtor + especialistas/ críticos literários. Ao construir a sensação de que há uma generalização, entre seus pares acadêmicos, de desvalorização da literatura infantil e, ao criticar esse comportamento de forma sutil, os mobilizadores de ocorrência imprimem sentidos vinculados a (8) *Indicação de argumento depreciativo* e (10)

*Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que pressupõem um consenso (na audiência não especializada) sobre o que é afirmado, e possuem dimensão demonstrativa, sendo orientada na imagem de rigor do *ethos* de especialista e acadêmico do próprio produtor.

Após o Recorte 128, notamos que a argumentação deixa de ser centrada na apresentação do dossiê, que exige o *ethos* acadêmico-científico do produtor do texto, e o produtor finaliza a apresentação, entre os recortes 128 e 132, com argumentação centrada no *pathos*, e o *ethos* de neto da personalidade homenageada.

### ***Linguagem literária e vida sociocultural***

No texto *Linguagem literária e vida sociocultural* (D3T2), os produtores defendem a tese de que há, na obra de Graciliano Ramos, a ideia de que a consciência da realidade (referencial e literária) depende de conexões que se articulam com as tensões da vida social. Para os articulistas, a escrita de Graciliano procura transformar-se em um fato social ativo pelo desempenho de uma dupla função histórica: 1) através da práxis e da metalinguagem dos narradores, a escrita define a si mesma; 2) contribui para o processo do conhecimento sociocultural, como forma articulatória capaz de entrar em tensão com articulações culturais dos leitores.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Uma vez que é desenvolvido, predominantemente, em TP, há mobilização de apenas duas marcas de construção de *ethos* na PPD, por meio do *Plural de modéstia*, ambas com a mesma função retórica. Vejamos o Recorte 133:

*Recorte 133: Carlos de Oliveira, escritor neorrealista português que nos serve de epígrafe, foi um assíduo leitor de Graciliano Ramos (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).*

No texto, os mobilizadores de ocorrência foram classificados como (1) *Delimitação de autoria*, ou seja, para assumir a escritura do texto, mas com um baixo nível de engajamento, que não representa risco ao *ethos*. Diferentemente do



produtor anterior, que cria o efeito de sentido de aproximação tanto da audiência quanto da personalidade homenageada, observamos que os articulistas do *Linguagem literária e vida sociocultural* projetam um *ethos* de uma dupla ligada a valores como a formalidade e objetividade científica, com um distanciamento da audiência e de Graciliano.

### ***Heróis subestimados***

No texto *Heróis subestimados* (D3T3), os produtores defendem a tese de que a literatura infantil de Graciliano Ramos dá continuidade às reflexões de um autor sempre incomodado com a desigualdade. Assim como no texto anterior, os articulistas também optam pela construção de um *ethos* técnico-científico, e estabelecem uma relação de formalidade e distanciamento tanto com a audiência quanto com a personalidade homenageada.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Uma vez que é desenvolvido, predominantemente, em TP, há mobilização de apenas uma marca de construção de *ethos* na PPD, por meio do *Plural de inclusão*, em que os articulistas pertencem ao grupo virtual dos leitores da revista *Cult*. Vejamos o Recorte:

*Recorte 135*: “Em Histórias de Alexandre, **temos** a narrativa das façanhas de um sertanejo velho, pobre, com um olho torto, que desfia histórias para uma plateia fiel, contando com a cumplicidade de sua mulher, Cesária” (CULT, *Dossiê O imenso Graça*, 2018).

Em “**temos**”, há o mobilizador de ocorrência (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, uma vez que os articulistas norteiam a audiência para um determinado entendimento, utilizando como base a credibilidade do *ethos* dos produtores, ancorado ao rigor científico.

### ***Vida, literatura e engajamento***

No texto *Vida, literatura e engajamento* (D3T4), os produtores defendem a tese de que a literatura de Graciliano ecoa as experiências pessoais do escritor. Para tanto, análises sobre a obra da personalidade homenageada são intercaladas com a apresentação de parte de sua vasta biografia. Para o cumprimento desse propósito argumentativo e para a conquista da adesão da audiência, são mobilizadas diversas estratégias retóricas, como marcas de construção de *ethos* na PPP.

A totalidade das marcas de construção de *ethos* e mobilizadores de ocorrência, que manifestam diferentes funções retóricas da PPP, foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D3T4, do Apêndice 1 (p. 317). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados. No texto, verificamos que se posicionam conjuntamente, através do *Plural de exclusão*, constituído pela equipe que desenvolveu o texto, direcionando a audiência a concordar com as teses defendidas pelos produtores, principalmente, devido ao *ethos* de credibilidade da dupla. Vejamos o Recorte 136:

*Recorte 136: Haveria relações entre a trajetória do homem e sua obra? Sem cairmos em biografismo estreito ou no perigoso mecanicismo entre vida e ficção, pode-se conjecturar, em parte, que sim (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).*

No recorte, notamos o mobilizador de ocorrência (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que representa alto nível de engajamento e, conseqüentemente, risco aos produtores, mas que é assegurado diante da construção da imagem de credibilidade dos articulistas.

Apesar de a audiência ter a consciência de que o texto foi elaborado por dois produtores, não é possível, por meio da leitura, projetar dois *ethé*, dissociados, uma vez que não é explícita a participação de cada um dos articulistas na elaboração do texto, construindo-se o *ethos* de uma equipe de especialistas com a capacidade técnico-científica de avaliar a obra da personalidade homenageada. Cumpre ressaltar também a característica da *Cult* em exibir, no início do dossiê, um resumo da biografia acadêmica dos produtores convidados, o que contribui para a construção da relação de confiabilidade da audiência em relação aos produtores.

Para além dos recortes apresentados no Apêndice 1, notamos que o texto também apresenta a TP, em fragmentos que os produtores preferem projetar o efeito de imparcialidade e distanciamento. Já a PPP (cinco ocorrências) é evidenciada em recortes em que os produtores optam por explicitar o posicionamento, ancorando-o à imagem de si. Nos recortes 138 e 139, observamos a utilização da PPP com função *inclusiva*, ou seja, projeta-se um grupo virtual em que a audiência é inserida juntamente aos produtores, porém, associadas a diferentes marcas de construção de *ethos*:

*Recorte 138:* A fragmentação, o delírio e a incompletude experimentados pelos personagens dos contos apontam para o dilaceramento do sujeito, a impossibilidade de se ajustar em uma sociedade desajustada e a tragicidade da **nossa** condição que parecem não indicar qualquer saída, submetidos que **estamos** aos percursos labirínticos e aniquiladores das instituições e do progresso (CULT, *Dossiê O imenso Graça*, 2018).

No Recorte 138, o pronome possessivo “**nossa**” e o verbo “**estamos**” são marcas de construção de *ethos* com o sentido de *Plural de Indeterminação universal*, incluindo, além da audiência, toda a humanidade e apresentando reflexões sobre temas universais. Notamos, também, o mobilizador de ocorrência (8) *Indicação de argumento depreciativo*, que, por ser realizado em uma generalização tão ampla (um grupo que envolve toda a humanidade), diminui o nível de responsabilidade dos produtores sobre a afirmação, por não particulariza-la, tornando-a mais genérica. Já no Recorte 139 o grupo virtual é outro:

*Recorte 139:* Na abertura e na conclusão da narrativa, o escritor **nos** revela que fora o seu ‘primeiro contato com a justiça’, ou seja, há indicação de continuidade do arbítrio e da opressão (CULT, *Dossiê O imenso Graça*, 2018).

No recorte, o “**nos**” não abarca outros sujeitos fora da interação *produtores + audiência*, constituindo o *Plural de inclusão*. O mobilizador de ocorrência corresponde a (6) *Indicação de expressões integrativas*, devido ao caráter didático adotado pelos articulistas na construção da imagem de si.

Evidenciamos, nos recortes 138 e 139, estratégias retóricas diferentes ligadas à PPP centradas no *pathos*: no Recorte 138, a argumentação depende da aceitabilidade e do compartilhamento de valores e percepções da audiência; já no

Recorte 139, projeta-se um *ethos* de solidariedade, possível também a partir de um conjunto de valores compartilhados pela audiência.

### ***A arte pede misericórdia***

No texto *A arte pede misericórdia* (D3T5), os produtores apresentam reflexões sobre uma carta inédita de Graciliano Ramos, em que o escritor mostra inquietude sobre as possibilidades e os limites da arte e da realidade. Para o cumprimento desse propósito argumentativo e para a conquista da adesão da audiência, são mobilizadas diversas estratégias retóricas. Entre elas, duas marcas de construção de *ethos* na PPP. Na primeira marca de construção de *ethos*, no Recorte 140, há o *Plural de inclusão*, em um grupo virtual que significa a junção do *produtor + a audiência da Cult*:

*Recorte 140*: E agora todos **poderemos** ler esta missiva de Graciliano e Oscar Mendes, enviada de Maceió, a 5 de abril de 1935, e ficar com tal inquietude sobre as possibilidades e limites da arte e da realidade (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).

No recorte, verificamos o mobilizador de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas*, usado para enfatizar aspectos do vínculo social, para criar uma dimensão de solidariedade entre o produtor e os leitores.

Diferentemente, na segunda marca de construção de *ethos*, no Recorte 141, há o *Plural de exclusão*, que corresponde aos produtores, que idealizaram o texto e um livro com cartas inéditas da personalidade homenageada:

*Recorte 141*: Aqui um aperitivo para o volume de cartas inéditas de Graciliano Ramos que **estamos** organizando, a ser em breve publicado pela editora Record (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).

No recorte, o mobilizador de ocorrência (5) *Indicação de intenções, decisões e ações* se manifesta, imprimindo sentidos ligados à expressão de objetivos, intenções e decisões futuras. Uma vez que o texto também possui dois articulistas, não sendo possível a dissociação de ambos em duas *ethé*, projeta-se apenas um

*ethos*, por meio do discurso, composto por uma dupla de pesquisadores com a capacidade técnico-científica de avaliar a obra de Graciliano Ramos.

### 5.3 REVISTA NOVA ÁGUIA

#### 5.3.1 Dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois*

##### ***Contribuição de Fidelino de Figueiredo para a historiografia da filosofia portuguesa***

No texto *Contribuição de Fidelino de Figueiredo para a historiografia da filosofia portuguesa* (D4T1), o produtor introduz e oferece aos leitores um panorama geral sobre a relevância da personalidade homenageada. Segundo o articulista, a contribuição de Fidelino singulariza-se por três aspectos fundamentais: 1) Por ser a primeira tentativa de levantamento sistemático da bibliografia filosófica portuguesa e da bibliografia estrangeira sobre a filosofia portuguesa; 2) Pela atenção nela conferida, pela primeira vez, à reflexão filosófica portuguesa das duas primeiras décadas do século XX; 3) Pela atenção dada à filosofia brasileira e a algumas das suas relações mais significativas com a filosofia portuguesa.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, duas marcas de construção de *ethos* na PPD. Vejamos a primeira:

*Recorte 142*: A exclusão ou a não consideração dos pensadores cristãos e árabes anteriores à formação de Portugal como Estado independente, atitude que se manterá, na **nossa** historiografia filosófica, até meados do séc. XX, quando Mário Martins e Garcia Domingues, respectivamente, deles virão a ocupar-se (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

No Recorte 142, em “**nossa**”, há o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em que o grupo virtual inclui não só *produtor + audiência*, mas também todos os portugueses, o que é perceptível por meio do cotexto. Devido ao caráter didático, classificamos o mobilizador de ocorrência na proposta (6) *Indicação de expressões integrativas*. Assim, mobiliza-se a estratégia *nós da nação*, que exalta o

sentimento de pertencimento ao território lusitano e seus valores, neste caso, em específico, a filosofia portuguesa. Ao mesmo tempo, verificamos que o uso do pronome possessivo adere um tom afetivo, sendo a argumentação do recorte centrada em um *ethos* que explora um *pathos* ligado ao sentimento nacionalista. Na sequência, verificamos que a segunda ocorrência da PPP é associada a outras estratégias retóricas:

*Recorte 143:* A este propósito, note-se que, como durante muito tempo se pensou e, vinte anos depois, Cabral de Moncada ainda sustentava, Fidelino afirmava ter Krausismo obtido escassa influência entre **nós**, limitadado que esteve ao ensino filosófico-jurídico, não deixando, igualmente, de fazer menção das Noções de Filosofia acomodadas ao sistema de Krause (1877), da autoria do professor paulista Galvão Bueno.

No Recorte 143, por meio do “**nós**”, o produtor utiliza a marca de construção do *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, e explicita à audiência seu *locus* de sapiência. A ocorrência da PPP foi classificada nos mobilizadores (4) *Reflexões positivas e memórias afetivas ligadas a uma personalidade de credibilidade consolidada* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*. Ao declarar que Fidelino, a personalidade homenageada, afirmou que o sistema filosófico Krausismo influenciou os intelectuais da época e ao incluir-se nesse grupo virtual por meio da PPP, o articulista constrói um *ethos* de si mesmo ligado ao conhecimento técnico-científico na área de filosofia.

### ***Breves considerações acerca de uma onto-po(i)ética em Fidelino de Figueiredo: in memoriam de um colecionador de angústias***

No texto *Breves considerações acerca de uma onto-po(i)ética em Fidelino de Figueiredo: in memoriam de um colecionador de angústias* (D4T2), o produtor defende a tese de que Fidelino de Figueiredo é uma personagem multifacetada das letras portuguesas e talvez uma das mais ricas no que se refere à expressão escrita, à investigação, ao ensino e à divulgação da cultura portuguesa aquém e além-mar.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, a

mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPP, em 18 ocorrências. A totalidade das marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D4T2*, do Apêndice 1 (p. 318). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados, com o intuito de facilitar a observação da progressão das estratégias selecionadas.

Apesar de o *Singular de Exclusividade* não ser utilizado nenhuma vez, constatamos que o articulista explora, em quatro ocorrências (recortes 144, 145, 149 e 151), o *Plural de modéstia*, que possui como referente apenas o *eu*. Vejamos o Recorte 149:

Recorte 149: A vida e a obra de Fidelino Figueiredo espelham bem, exemplarmente **diríamos**, a situação das Ciências Humanas na transição do século XIX para os séculos XX-XXI [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

No recorte, verificamos o mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que imprime alto grau de engajamento, mas de forma atenuada pela PPP. Ao analisar a vida e a obra da personalidade homenageada, comparando-a à situação das Ciências Humanas em um período histórico delimitado, o produtor demonstra seu conhecimento técnico-científico e constrói um *ethos* ancorado à credibilidade acadêmica. Caso mobilizasse o *Singular de Exclusividade*, afirmando explicitamente ser detentor desse conhecimento, poderia ser percebido como arrogante pela audiência, o que não ocorre com a utilização do *Plural de modéstia*. Por meio da PPP, em “**diríamos**” (aliado ao advérbio modalizador “exemplarmente”), o articulista também direciona os leitores a concordarem com seu posicionamento, e esse norteamto é ancorado à credibilidade científica do *ethos*.

O *locus* acadêmico do produtor é explicitado por meio da PPP em outros trechos do texto, como no Recorte 147:

Recorte 147: A pergunta que radicalmente [**nos**] coloca é esta: *Qual a função da inteligência? Qual o dever dos intelectuais?* (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

O “[**nos**]” é utilizado, no texto, entre colchetes, sinal gráfico que explicita ainda mais o efeito de sentido construído pelo restante do texto: que a responsabilidade de

reflexão sobre as questões levantadas cabe aos filósofos e não a toda a audiência da revista *Nova Águia*, o que constrói um grupo virtual composto pelo produtor + outros intelectuais (*Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*). Quanto ao mobilizador de ocorrência, foi classificado como (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. O recorte reforça o *ethos* ligado à sapiência e adere também outros valores, como a responsabilidade e o poder.

Além disso, por meio da PPP, o produtor mobiliza diversas outras estratégias retóricas que não são focadas apenas no *ethos* de filósofo. Vejamos o Recorte 145:

*Recorte 145:* Fidelino de Figueiredo é uma personagem ímpar da **nossa** cultura lusa ou lusófona, pois encarna, de forma exemplarmente dramática e catártica, o drama que poderá ter sido a condição pretérita e que, porventura, ainda poderá ser a condição hodierna do *intelectual* português no mundo, a saber: a de um *coleccionador de angústias*, que **passaremos**, sinteticamente a enumerar (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

No Recorte 145, há, em “**nossa**”, o *nós da nação*, que mobiliza um *pathos* de exaltação da cultura portuguesa, e o produtor coloca-se nesse grupo virtual, por meio do *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, construindo um *ethos* ancorado ao sentimento nacionalista. Verificamos, na ocorrência, os mobilizadores (6) *Indicação de expressões integrativas* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. A partir dessa estratégia, o produtor convence a parcela da audiência que poderia ter uma determinada resistência ao academicismo do articulista, mas que não possui resistência ao enaltecimento da singularidade de sua cultura. Já em “**passaremos**”, notamos mais uma vez o *Plural de modéstia* vinculado ao mobilizador de ocorrência de (1) *Delimitação de autoria*, uma vez que atua apenas para discursivizar/explicitar a organização textual.

O *Plural de inclusão* também é uma marca de construção de *ethos* no texto. Vejamos o Recorte 146:

*Recorte 146:* Ao mesmo tempo, a obra e a vida de Fidelino de Figueiredo **dão-nos** conta da sua imensa preocupação política [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Em “**dão-nos**”, há um grupo virtual composto pelo produtor + a audiência. Verificamos, na ocorrência, os mobilizadores (6) *Indicação de expressões integrativas* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, uma



vez que o produtor direciona a audiência a concordar com um determinado posicionamento, sendo que esse norteamento é ancorado à credibilidade acadêmica do *ethos*. Estratégias similares são utilizadas nos recortes 144, 149, 151 e 152. Além disso, neste contexto, o *Plural de inclusão* constrói o efeito de sentido de solidariedade, em que o produtor centra o discurso no melhor entendimento dos destinatários.

Ao final do texto, nos últimos dois recortes do Quadro D6T2, do Apêndice 1, observamos que o produtor utiliza outras estratégias retóricas ligadas à PPP. Vejamos o Recorte 152:

*Recorte 152:* Fidelino de Figueiredo **legou-nos**, de igual modo, uma meditação acerca do que significa o termo utopia e deixou bem sublinhada nesta reflexão a relação de oposição que se inscreve entre o termo utopia e o termo escola, **advertindo-nos** para a necessidade de **repensarmos** não só o que **entendemos** por estas duas noções, como qual o papel que nelas ou em relação a elas **atribuímos** ao termo – profissão de professor ou de intelectual (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Em “**legou-nos**”, a PPP possui como marca de construção de *ethos* o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, pois o grupo virtual é composto pelo produtor + leitores da *Nova Águia* + leitores de Fidelino de Figueiredo, não sendo possível precisar todos os indivíduos que fazem parte do grupo. A marca linguística destacada foi classificada no mobilizador (7) *Indicação de argumento elogioso*, e a audiência é direcionada a concordar com esse posicionamento devido ao *ethos* de credibilidade acadêmica construído pelo produtor durante todo o texto.

Já em “**advertindo-nos**”, “**repensarmos**”, “**entendermos**” e “**atribuímos**”, a PPP trata-se de um *Plural de inclusão*, porém, com caráter *assimétrico* no que tange à relação de poder entre a audiência e o produtor. Durante todo o texto, o articulista consolidou um *ethos* de autoridade e de intelectual, nesse sentido, apesar de incluir-se no grupo virtual, o contexto evidencia que se trata de uma estratégia de direcionamento para mobilizar a audiência a verificar algo de modo particular. E assim classificamos as ocorrências nos mobilizadores (8) *Indicação de argumento depreciativo* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, centrados na credibilidade do *ethos*.

Já no Recorte 153, verificamos que o produtor optou pela conclusão do texto por meio da mobilização da PPP de forma generalizada:

Recorte 153: “[...] possibilidade aberta pela **nossa** condição humana, condição mesma da **nossa** arqui-passibilidade e possibilidade ... aqui no mundo e, quem sabe, talvez aquém e para além dele” (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Nas duas ocorrências destacadas, há o *Plural de Indeterminação universal*, ou seja, quando a marca de construção de *ethos* corresponde a um grupo virtual que engloba toda a humanidade; e as ocorrências correspondem ao mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas*, por centrarem-se no vínculo entre o articulista e a audiência. Por meio da combinação dessas estratégias, convence-se por meio do *pathos*, a partir de uma doxa comum de valores universais.

### **Filosofia e mito: Eudoro de Sousa, leitor de Fidelino Figueiredo**

No texto *Filosofia e mito: Eudoro de Sousa, leitor de Fidelino Figueiredo* (D4T3), o produtor defende a tese de que há uma aproximação entre as obras de Eudoro e Fidelino, em especial em relação a mitos e símbolos, por meio de duas subseções: *Os últimos dois cantos d’os Lusíadas* e *A mitologia*. Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o articulista mobiliza diversas estratégias retóricas. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPP (26 ocorrências). A totalidade das marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D4T3*, do Apêndice 1 (p. 320). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Em comparação aos textos anteriores, verificamos que o articulista utiliza com muito mais frequência a construção de grupos virtuais em que não é possível precisar todos os inseridos, por meio das marcas de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* e *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*.

No cotexto, identificamos que as marcas de construção de *ethos* do *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* se referem a grupos virtuais distintos, construídos de acordo com os propósitos argumentativos dos articulistas. Há vários recortes em que essa marca corresponde ao *nós da nação*, em que a audiência é conquistada a partir da valorização de sentimentos nacionalistas, como nos

exemplos explorados em textos anteriores. Neste, o produtor cria grupos de indeterminação ainda mais amplos. Vejamos os Recortes 165 e 168:

*Recorte 165:* O Diabo é o separador e faz com que o homem acredite que seja ele o próprio autor da separação; a ilusão vai ao ponto de **trocarmos** a Criação pela construção de um mundo que se sobrepõe ao que foi dado gratuitamente – um mundo coisificado em que erradamente **cremos** que as coisas estão ao nosso dispor quando somos **nós** que **somos** escravos das coisas por obra do mesmo Diabo (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

*Recorte 168:* Esta categorização e objetivação do mundo não é mais do que um reflexo de toda a cultura ocidental que se desenvolve a partir daí até aos **nossos** dias – um afastamento progressivo que vai do deicídio ao homicídio, um apartamento descente, conducente a um encarceramento ou “encavernamento” obscurante e, por último, à aniquilação do próprio homem (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

No Recorte 165, o produtor fornece pistas linguísticas (sublinhadas) de que está pautado em valores e crenças religiosas judaico-cristãs; enquanto, no Recorte 168, notamos novas pistas, que delimitam o grupo à cultura ocidental. Assim, por meio do cotexto, considerando não só os recortes 165 e 168, mas também outros apresentados no Apêndice, constatamos que as marcas de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* em “**trocarmos**”, “**cremos**”, “**nós**”, “**somos**” e “**nossos**” constroem um grupo que engloba a cultura ocidental judaico-cristã, de forma generalizada.

Em relação aos mobilizadores de ocorrência, foram classificados como (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que imprimem alto nível de engajamento e, conseqüentemente, risco ao articulista caso a audiência discorde da argumentação. Assim, a ambigüidade estabelecida pelo *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, além de servir de base para o convencimento daqueles que compartilham os valores do produtor, também protege a face do articulista, ao explicitar que o conteúdo é pautado em crenças religiosas e culturais, que não necessariamente devem se aplicar a todos os leitores da *Nova Águia*.

Nos recortes em que o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* é empregado, observamos que a argumentação é centrada no *pathos* e que o articulista parte de uma doxa comum, de valores compartilhados, para convencer

sua audiência sobre as reflexões apontadas. Esse direcionamento argumentativo só é possível devido ao *ethos* de credibilidade construído previamente pelo filósofo, uma vez que o produtor assume o papel de voz autorizada após a discussão da obra de Fidelino, de Camões e de outras personalidades ilustres de Portugal.

Já as marcas de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* são ligadas, no texto, a convenções acadêmicas, como no Recorte 157:

*Recorte 157:* Essa dimensão especulativa pode não ser tão sistemática como aquilo que **encontramos** noutras tradições, mas o assistematismo que em alguns autores portugueses se pode encontrar não impede que **reconheçamos** neles a densidade e profundidade filosóficas que permitem uma expressão da verdade, na mostraçãõ de um Todo ou num acesso ao Ser que não são menores ou inferiores (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Em “**encontramos**” e “**reconheçamos**”, não é possível especificar exatamente quem faz parte do grupo virtual além do produtor. Novamente, ressaltamos que o contexto, por meio de pistas linguísticas apresentadas em outros recortes, colaboram para a construção desse sentido para a PPP. Imprime-se, aqui, o sentido de generalização ou de compartilhamento de uma determinada convenção por especialistas da área, o que contribui para a construção de um *ethos* ligado ao conhecimento técnico-científico, uma vez que as discussões filosóficas apresentadas no recorte exigem um conhecimento específico. Quanto aos mobilizadores de ocorrência, relacionam-se à (7) *Indicação de argumento elogioso*.

Outra marca de construção de *ethos* associada à PPP, mobilizada pelo produtor na construção do *ethos* acadêmico, é o *Plural de modéstia*. Sobre essa marca, observamos que, quando o produtor apresenta análises, seja sobre a obra da personalidade homenageada, seja sobre correntes teóricas da filosofia, quando há a necessidade de posicionamento, opta pelo *Plural de modéstia*, como uma estratégia retórica de construir um *ethos* comedido. Constatamos, também, que o *Plural de modéstia* é constantemente associado ao mobilizador de ocorrência (1) *Delimitação de autoria*, com baixo nível de engajamento, como uma forma de estruturar o discurso.

Assim, entre as principais estratégias retóricas adotadas pelo articulista no texto *Filosofia e mito: Eudoro de Sousa, leitor de Fidelino Figueiredo*, verificamos serem fundamentais as oscilações de grupos virtuais; além da construção de *ethos*

em que revela o conhecimento do produtor sobre o tema; a credibilidade sobre a afirmação ancorada ao *ethos* acadêmico do articulista; movimentos argumentativos mobilizados para enfatizar o vínculo entre o produtor e a audiência, por meio de um *ethos* solidário.

### ***Fidelino de Figueiredo: o traço essencial do seu humanismo***

O texto *Fidelino de Figueiredo: o traço essencial do seu humanismo* (D4T4) foi escrito, predominantemente, na PPS (40 ocorrências), sendo a PPP utilizada em apenas quatro ocorrências. O produtor descreve como o pensamento de Fidelino de Figueiredo, grande expoente da cultura portuguesa, de cerne humanístico e de inspiração paidêutica, influenciou em sua atividade pedagógica.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD, cuja totalidade foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D4T4*, do Apêndice 1 (p. 323). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados. Verificamos que o *Singular de Exclusividade* é utilizado pelo produtor para atestar a credibilidade ao relato de memórias, narrado com sequência temporal, em que se inicia no primeiro contato do articulista com um livro de Fidelino de Figueiredo, em uma livraria.

Todo o relato apresenta memórias afetivas ligadas ao histórico profissional e acadêmico do articulista. O produtor narra a relevância da obra da personalidade homenageada na própria trajetória, desde a formação no curso de Filosofia até a atuação enquanto professor universitário. Vejamos o Recorte 185:

*Recorte 185:* Na Biblioteca **encontrei** algumas obras de Fidelino de Figueiredo, de História de Portugal e História da Literatura Portuguesa, as quais foram de utilidade relevante para organizar as aulas que me competia ministrar aos meus alunos (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Por meio do *Singular de Exclusividade*, o produtor adere credibilidade ao relato e explicita o processo que o levou a defender as teses em seu texto. Assim, o mobilizador de ocorrência corresponde à (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*.

O produtor constrói o *ethos dito de si mesmo* de modo que a audiência perceba o amadurecimento na narrativa e o processo de desenvolvimento profissional e acadêmico. Notamos que essa construção é realizada de forma paralela, uma vez que o objetivo central do texto é a descrição de contribuições dos livros de Fidelino nas diferentes fases da vida do produtor. Nesse sentido, constrói-se um *ethos* com capacidade técnico-científica de análise da obra da personalidade homenageada, mas com foco na reverência daquele que contribuiu para o seu aperfeiçoamento.

Em relação à PPP, verificamos que é mobilizada pelo produtor ligada a dois propósitos retóricos. Vejamos o Recorte 183:

*Recorte 183: “Dispúnhamos* ainda todos **nós** de uma Biblioteca excepcional, rica no âmbito das Humanidades, [...], pondo à **nossa** disposição um acervo de mais de onze mil volumes” (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Em “**dispúnhamos**”, “**nós**” e “**nossa**”, há a marca de construção de *ethos Plural de exclusão*, uma vez que o produtor constrói um grupo virtual que integra o produtor + professores/acadêmicos do Liceu. A informação é utilizada no texto não só para evidenciar o prestígio da instituição em que trabalhou, a partir de 1967, mas também para destacar a relevância dos livros produzidos pela personalidade homenageada, que serviram como base teórica para a preparação das aulas do articulista. No penúltimo recorte do texto, a PPP é mobilizada de forma intercalada à PPS:

*Recorte 192: Neste singelo texto comemorativo da obra e do pensamento de Fidelino de Figueiredo – um grande esquecido da **nossa** cultura –, **quero** deixar apenas este sinal do cerne humanístico do seu pensamento e da inspiração paidêutica que nele **colhi**, nos primeiros anos da **minha** atividade pedagógica (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).*

Em “**nossa**”, há a marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, com sentido vinculado ao *nós da nação*, pois exalta a personalidade como alguém muito importante na cultura portuguesa. A estratégia é mobilizada no final do texto, após diversos argumentos técnico-científicos e afetivos a favor de Fidelino. Assim, por meio dessa estratégia, o produtor busca o convencimento da audiência que valoriza a cultura portuguesa e que talvez não

tenha sido convencida através das estratégias retóricas anteriores. Notam-se, no recorte, os mobilizadores de ocorrência (8) *Indicação de argumento depreciativo*, na PPP, uma vez que o produtor critica o fato de Fidelino não receber o destaque merecido; e (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, na PPS.

### ***Pertinências do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo***

No texto *Pertinências do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo* (D4T5), o produtor apresenta discussões sobre possíveis interpelações que o pensamento de Fidelino, hoje, pode nos dirigir, com foco na filosofia da cultura e na filosofia da literatura. Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o articulista mobiliza muitas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD.

Diferentemente do articulista anterior, optou pela escrita, predominantemente, na PPP (31 ocorrências), sendo a PPS utilizada apenas em cinco ocorrências. A totalidade das marcas de construção de *ethos* e de mobilizadores de ocorrência foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D4T5, do Apêndice 1 (p. 326). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados, com o intuito de facilitar a observação da progressão das estratégias selecionadas. Vejamos o Recorte 194:

*Recorte 194:* Na evocação dos 50 anos do falecimento de Fidelino de Figueiredo, **proponho** uma reflexão sobre o que **poderemos** designar de pertinências do seu pensamento filosófico ou, dito de outro modo, uma reflexão sobre possíveis interpelações que o pensamento de Fidelino, hoje, **nos** pode dirigir (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Em “**proponho**”, o *Singular de Exclusividade* é vinculado ao mobilizador de ocorrência (1) *Delimitação de autoria*, utilizado para a estruturação do discurso. Já em “**poderemos**”, o produtor opta pela utilização do *Plural de modéstia*, estratégia comumente utilizada para atenuar a presença autoral do articulista, e o mobilizador (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. Além disso, em “**nos**”, notamos o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em que o grupo virtual é composto pelo produtor + os leitores da *Nova Águia* + leitores da obra de

Fidelino de Figueiredo, e o mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas*, centrado no vínculo entre o articulista e a audiência.

O *Plural de inclusão* é uma marca de construção de *ethos* mobilizada com recorrência pelo produtor no decorrer do texto, que, no grupo virtual em que se coloca com a audiência, explora a relação de poder com os leitores, ora imprimindo *simetria* ora *assimetria*. Vejamos o Recorte 197:

*Recorte 197: “Se **tivermos** presente grande parte dos conceitos de cultura que a literatura **nos** oferece, **vemos** que Fidelino introduz uma redução na sua extensão comum” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Fidelino de Figueiredo, 2018).*

Notamos, em “se **tivermos**”, a utilização do modo subjuntivo, no campo semântico da possibilidade, e, em “**nos**” e “**vemos**”, o modo indicativo, que imprime certeza. Apesar de utilizar o modo subjuntivo no início e de se incluir neste grupo virtual com a audiência, o produtor domina os conceitos de cultura que a literatura de Fidelino fornece, no entanto, utiliza a *Plural de inclusão* de modo a construir um *ethos* de modéstia. Além disso, o articulista evidencia em todo o texto que possui o domínio técnico-científico necessário para as análises que realiza. Quanto aos mobilizadores de ocorrência, foram classificados em (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que estabelecem, por meio da presença autoral, uma autoridade pessoal baseada na confiança e no comando de argumentos do articulista. Assim, ao incluir-se no grupo virtual com a audiência, coloca-se em posição assimétrica, para convencer os leitores a partir da credibilidade do *ethos*.

No que se refere à construção de uma imagem de simetria na mobilização da PPP, podemos ilustrar por meio do Recorte 198:

*Recorte 198: “Pelo contrário, o **nosso** autor vê a história da cultura, ou, talvez melhor, das culturas, como um processo essencialmente conflituante entre ideias, valores, imagens do mundo, concepções da humanidade e entre projectos de acção futura” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Fidelino de Figueiredo, 2018).*

Em “**nosso**”, verificamos o mobilizador de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas*. O produtor se coloca no grupo virtual referente ao



possessivo com *Plural de inclusão*. Além disso, a estratégia constrói um tom afetivo no texto e aproxima o produtor de sua audiência. Outra marca de construção de *ethos* utilizada no texto é o *Plural de indeterminação universal*. Vejamos o Recorte 210:

*Recorte 210*: “Este enunciado faz-**nos**, pois, regressar quase circularmente ao início destas considerações, isto é, regressar à humana necessidade de uma cultura que oriente a **nossa** perplexidade” (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, 2018).

Em “faz-**nos**” e em “**nossa**”, verificamos que o produtor cria uma dimensão de solidariedade à medida que o articulista centra e direciona a argumentação na audiência, com foco em funções retóricas associadas ao *páthos*, mas, ao mesmo tempo, a credibilidade dos argumentos é centrada na imagem do próprio produtor. Assim, os mobilizadores de ocorrência foram classificados em (6) *Indicação de expressões integrativas* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Neste texto, observamos que o *ethos* construído pelo produtor perpassa diferentes valores, como a modéstia e a solidariedade, mas se solidifica, principalmente, na credibilidade ligada ao conhecimento técnico-científico do articulista.

### 5.3.2 Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*

#### ***Nos 150 anos de nascimento de António Nobre***

No texto *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre* (D5T1), o produtor não só introduz e oferece aos leitores um panorama geral sobre António Nobre, mas também defende a tese de que o autor foi influenciado pela paisagem das terras do Douro e pelas praias nortenhas que frequentou durante a juventude. Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, uma marca de construção de *ethos* na PPP. O *Plural de inclusão* é mobilizado pelo articulista em apenas uma ocorrência, no Recorte 214:

*Recorte 214:* “O *Só* ganha mais consistência se **lermos** os outros livros de António Nobre, como *Despedidas* de onde se destaca o herói sebastianista “Anrique” do poema “O Desejado”, ou na elegância na escrita de *Correspondência*” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).

No recorte, o produtor discute *Só*, a obra mais importante de António Nobre, considerada um clássico da literatura portuguesa. Há, em “**lermos**”, um grupo que inclui o produtor + a audiência da *Nova Águia*, e os mobilizadores de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, uma vez que projeta, ao mesmo tempo, um tom didático, de fortalecimento de vínculo, e de direcionamento, para que a audiência interprete um determinado fenômeno conforme o interesse do produtor.

O texto possui caráter biográfico. Assim, o articulista demonstra conhecer profundamente os livros da personalidade homenageada. A baixa utilização da PPD cria um efeito de sentido de distanciamento entre o articulista e a audiência. Consequentemente, constrói-se um *ethos* técnico e a argumentação é centrada, principalmente, no *logos*.

### ***Efeitos de Leça da Palmeira: “a deliciosa hipnotizadora” no poeta António Nobre***

No texto *Efeitos de Leça da Palmeira: “a deliciosa hipnotizadora” no poeta António Nobre* (D5T2), o produtor discute a importância de “Leça da Palmeira” na composição de *Só*, de António Nobre. Leça da Palmeira é uma freguesia (menor divisão administrativa em Portugal) do concelho de Matosinhos. Segundo o produtor, Coimbra e Paris também marcaram Nobre profundamente, mas centra-se em discutir a presença do litoral português nos textos do poeta.

O articulista mobiliza muitas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência, como marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas e dos mobilizadores de ocorrência foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D5T2*, do Apêndice 1 (p. 330). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Diferentemente do produtor anterior, que mobilizou argumentação centrada, principalmente, no *logos*, o articulista desse texto opta pelo convencimento da audiência por meio do *pathos*, como fica explícito no final do texto, no Recorte 226, em que há a única ocorrência do *Singular de Exclusividade*:

*Recorte 226*: “Antes de concluir essa viagem pelos mapas e sentimentos de António Nobre nos 150 anos do seu nascimento, **vou** ler um monólogo do próprio Poeta, imaginado por Mário Cláudio na obra *Noites de Antó*” (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

Conforme sublinhado no recorte, o produtor classifica seu texto como uma viagem pelos mapas e sentimentos da personalidade homenageada. Em todo o texto, são apresentadas e analisadas poesias de *António Nobre*, e o produtor convence a audiência a partir de uma doxa comum, relacionada a sentimentos afetivos, universais ou nacionalistas. Sobre o *Singular de Exclusividade*, verificamos que está relacionado ao mobilizador de ocorrência (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*.

Os posicionamentos argumentativos do articulista são realizados, principalmente, por meio de marcas de construção de *ethos* na PPP (17 ocorrências), sendo a principal estratégia a inclusão em grupos virtuais generalizados, como no Recorte 219:

*Recorte 219*: Todos **somos** lidos e **nos** lemos no fundo do branco da alma através do sentimento e dos próprios *olhos que a terra nos há de comer* (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

Nas marcas linguísticas em negrito, há a *Indeterminação universal*, uma vez que o produtor argumenta a partir de valores universais como o sentimento e a inexorabilidade da morte. Quanto ao mobilizador de ocorrência, verificamos que corresponde à (6) *Indicação de expressões integrativas*. O produtor também mobiliza a PPP para a construção de grupos mais restritos, porém, ainda generalizados, como no Recorte 220:

*Recorte 220*: “**Nós**, Portugueses ou Lusíadas, **fomos** vistos, retratados e lidos por dois grandes poetas, muito próximos na sensibilidade, ainda que distantes no tempo [...]” (NOVA ÁGUIA,

Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

O aposto “Portugueses ou Lusíadas”, materializa, em “**nós**” e “**fomos**”, a função retórica *nós da nação*, que centra a argumentação no pertencimento a uma localidade e aos seus valores, em oposição aos outros territórios. Portanto, há na PPP, a marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* e os mobilizadores de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*.

A mobilização da PPP para a construção de grupos virtuais compostos apenas pelo produtor + a audiência também ocorre. Vejamos o Recorte 122:

*Recorte 122: “Mas também **estejamos** atentos a alguns pormenores ilustrativos” (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).*

Em “**estejamos**”, há a marca de construção de *ethos Plural de inclusão* e os mobilizadores de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, pois a argumentação é centrada em reforçar o vínculo com os leitores, além de direcionar a audiência a observar o conteúdo de um modo particular. Através dessas estratégias retóricas, que também são mobilizadas em vários outros recortes desse texto do dossiê apresentados no Apêndice 1, o articulista projeta o *ethos discursivo* de um escritor que se preocupa com a audiência e que a convence a partir da credibilidade demonstrada no decorrer do texto.

### ***António Nobre: temática e verso na sua obra – mito e realidade***

No texto *António Nobre: temática e verso na sua obra – mito e realidade* (D5T3), o produtor defende a tese de que a obra de António Nobre trouxe uma valorizadora novidade à lírica da literatura portuguesa. Segundo o articulista, no meio lusitano, massificado, veio a medrar uma admiração mística por António Nobre.

O produtor utilizou diversas estratégias retóricas para o cumprimento desse propósito argumentativo, como a mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no

Quadro *D5T3*, do Apêndice 1 (p. 331). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

O articulista desse texto aciona não só o *ethos dito de si mesmo*, ao ressaltar seu histórico de exposições sobre o tema, mas também o *ethos prévio*, ou seja, a memória da audiência em relação ao produtor, uma vez que é um intelectual com credibilidade nas esferas jurídica, acadêmica e diplomática. Conforme demonstrado na seção de metodologia, Júlio Amorim de Carvalho, produtor do texto, é um genealogista, jurista e diplomata aposentado, e também atuou como Secretário de Estado de Negócios Estrangeiros (República Francesa), e é fundador da Casa Amorim de Carvalho, Porto, Portugal. Assim, evidenciamos que toda a estruturação do discurso argumentativo é ancorada ao próprio *ethos* de credibilidade.

Há o predomínio da PPS (35 ocorrências), sendo a PPP mobilizada 10 vezes. Em relação ao *Singular de Exclusividade*, um mobilizador de ocorrência importante é (1) *Delimitação de autoria*, que corresponde aos usos da PPS em que o produtor expressa baixo nível de engajamento, utilizando a PPD apenas para discursivizar/explicitar a organização textual. A título de exemplificação, podemos citar o Recorte 227, que corresponde à parte introdutória do texto:

*Recorte 227: Referindo-me as ideias já noutras ocasiões expostas por mim, resumi-las-ei, agora, no seguinte (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).*

Notamos que os elementos linguísticos destacados são mobilizados para a estruturação do discurso, portanto há o mobilizador (1). Também notamos o mobilizador de ocorrência (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*, que possui dimensão demonstrativa.

No decorrer de todo o texto, o produtor demonstra seu amplo conhecimento técnico-científico sobre a literatura portuguesa e francesa, e apresenta comparações entre diferentes autores, de modo a direcionar a interpretação da audiência. Vejamos o Recorte 248:

*Recorte 248: Ora temos de reconhecer que nem Hugo nem Baudelaire, nem qualquer simbolista ou decadentista francês exerceu a mínima influência ou sugestão em António Nobre (com exceção duma única poesia de Moréas, como já se viu, cuja ideia foi logo composta por Nobre no ritmo dolente, bem junqueiriano, do*

octossílabo acentuado na 4ª sílaba, ainda que fizesse imperfeitamente) (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

Em “**temos**”, o *Plural de inclusão* é mobilizado em um grupo virtual no qual o produtor se projeta de forma *assimétrica* em relação à audiência, e utiliza o *ethos* de credibilidade para convencê-la sobre suas teses, a partir do *locus* de especialista sobre o tema. Em relação ao mobilizador de ocorrência do elemento destacado, notamos (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, pois os leitores são direcionados a observarem algo de modo particular.

Há que se ressaltar que toda a construção do recorte pode provocar, na audiência, efeito similar a uma *modalização deôntica*, no campo semântico da ordem. Contudo, caso fosse empregada neste contexto direcionada apenas à audiência, poderia motivar antipatia entre os leitores em relação ao *ethos*. Diferentemente, ao optar por um item lexical no *Plural de inclusão*, como um direcionamento, atenua-se o possível sentido de “ordem” e cria-se uma dimensão semântica de solidariedade e conselho (porém, um conselho de um *ethos* com capacidade técnico-científica assimétrica em relação à audiência).

Sentidos similares também são empregados pelo articulista por meio do *Singular de Exclusividade*. Vejamos um trecho do Recorte 242:

*Recorte 242: eu devo*, no entanto, chamar a atenção para o facto do estudo amoriniano se apresentar como uma obra-prima de análise e síntese (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

Verificamos, no recorte, o mobilizador de ocorrência (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, pois o produtor assume o papel de especialista ou de voz autorizada a direcionar as reflexões da audiência.

No texto, também há recortes em que o articulista emprega estratégias retóricas associando sentidos da PPS e da PPP. A título de ilustração, observemos um trecho do Recorte 229:

*Recorte 229: [...] refiro-me* aos estudos de Amorim de Carvalho que (como **sabemos**) é o maior arcabouço crítico português – *crítico* no sentido nobre de avaliação estética (ou filosófica) fundamentada numa axiologia (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

No recorte, há duas marcas de construção de *ethos*: *Singular de Exclusividade*, em “**refiro-me**”, e *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em “**sabemos**”, que constrói um grupo virtual composto pelo *produtor + audiência da Nova Águia + conhecedores da obra de Amorim de Carvalho*. Sobre os mobilizadores de ocorrência, notamos, no recorte, (1) *Delimitação de autoria* (na PPS) e (7) *Indicação de argumento elogioso* (na PPP). Por meio da combinação desses recursos, o produtor amplia a credibilidade do *ethos*, de modo a convencer a audiência sobre os argumentos defendidos.

### **O ouvir e o escutar de Raul Brandão, ou húmus enquanto música**

No texto *O ouvir e o escutar de Raul Brandão, ou húmus enquanto música* (D5T4), o produtor apresenta e discute o repertório musical ou músico-dramático propositadamente escrito a partir de textos de Raul Brandão. Para conquistar a adesão da audiência, o articulista mobiliza diversas estratégias retóricas, como marcas de construção de *ethos* na PPD.

No texto, o produtor oscila entre a PPS (10 ocorrências) e a PPP (14 ocorrências). Essa totalidade das marcas de construção de *ethos* foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D5T4*, do Apêndice 1 (p. 335). Aqui, discutimos alguns recortes representativos dos fenômenos analisados.

A análise do modo como o articulista mobiliza a PPD associada a diferentes estratégias retóricas permite a observação do texto em três partes. Na primeira parte, entre os recortes 256 e 260, notamos a predominância da utilização do *Singular de Exclusividade* e a argumentação é centrada no *ethos*. Vejamos o Recorte 256:

*Recorte 256*: Quando **recebi** o convite para apresentar uma comunicação no Colóquio Primavera Eterna, evento comemorativo das Efeméridas do nascimento de Raul Brandão e da publicação de *Húmus*, **pensei** imediatamente em procurar repertório musical ou músico-dramático propositadamente escrito a partir de textos deste autor (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão*, 2018).

Evidenciamos, em “**recebi**” e “**pensei**”, que o produtor, por meio do *Singular de Exclusividade* + as demais escolhas lexicais do recorte, adere credibilidade ao *ethos* ligado ao conhecimento técnico-científico sobre a obra da personalidade homenageada. Notamos o mobilizador de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, pois pressupõe a veracidade sobre o que é afirmado, contribuindo para dar base sobre as análises do produtor e para tornar credível o que é dito pelo articulista.

Ainda, na primeira parte do texto, verificamos que os principais mobilizadores de ocorrência adotados pelo produtor para a construção de *ethos* são (1) *Delimitação de autoria* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*. Vejamos o Recorte 260:

*Recorte 260: Por outras palavras, **procurarei** reflectir sobre o imaginário sonoro do escritor, **debruçando-me** mais sobre as referências textuais à cultura da escuta [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).*

Notamos que, assim como no produtor anterior, o mobilizador (1) representa mais do que uma simples estratégia de estruturação do texto. Em “**procurarei**” e “**debruçando-me**”, notamos, ao mesmo tempo, a estruturação do texto e a explicitação do processo de investigação e análises, que são organicamente ligadas à credibilidade do articulista, que possui repertório acadêmico e empírico sobre música e cultura. Assim, há também, no recorte, o mobilizador (10), pois reforça-se a imagem de rigor científico sobre as percepções do articulista.

Na segunda parte, entre os recortes 261 e 269, o produtor mobiliza apenas a PPP, por meio da construção de grupos virtuais ora compostos apenas pelo articulista + os leitores da *Nova Águia*, portanto, o *Plural de inclusão*, ora compostos por diferentes tipos de *indeterminações*, sendo que em todos há a relação de simetria entre os participantes. Por meio dessa estratégia, convence-se, principalmente, por meio do *pathos*, quando há a mobilização de aspectos pragmáticos de uma doxa comum, relacionada à sensibilidade musical, e por meio do *logos*, a partir de argumentos técnico-científicos, do repertório acadêmico do produtor. Já o *ethos* está ligado a uma dimensão de solidariedade e modéstia, pois, apesar de sua notória sapiência, não utiliza seu *locus* para produzir efeito de



assimetria. A título de exemplificação dessas estratégias retóricas, vejamos o Recorte 262:

*Recorte 262: O que se poderia ter como uma ‘música da natureza’ afigura-se, em *Húmus*, relativamente residual, mas especialmente significante porque quase sempre associável ao elemento *água*, que é, como **sabemos**, imprescindível à vida (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).*

Notamos, em “**sabemos**”, que o grupo virtual referente à PPP trata-se da marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação universal*, pois inclui o produtor + os leitores da *Nova Águia* + todas as pessoas que sabem da imprescindibilidade da água à vida. Além disso, verificamos o mobilizador de ocorrência (7) *Indicação de argumento elogioso*, pois o produtor explicita avaliações de cunho positivo, incluindo a audiência e compartilhando a responsabilidade sobre o dito.

Já na terceira parte, que no Apêndice é apresentada nos recortes 270 e 271, o produtor oscila entre as marcas de construção de *ethos Singular de Exclusividade* (três ocorrências) e *Plural de modéstia* (uma ocorrência), sendo que ambas as formas se referem ao produtor. Verificamos que após a apresentação de vários argumentos vinculados ao *pathos* e ao *logos*, na segunda parte, o produtor opta pela conclusão do texto ancorada à credibilidade do *ethos*. Vejamos o Recorte 270:

*Recorte 270: [...] **concluo** esta divagação regressando à fonte com que **abri** em epígrafe este texto, lembrando os últimos segundos cinematográfico-testamentários de Federico Fellini, o derradeiro manifesto de Ivo Salvini (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).*

Notamos, em “**concluo**” e “**abri**”, o mobilizador de ocorrência (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, pois o articulista convence a audiência sobre a veracidade do dito por meio da ancoragem das premissas à credibilidade do *ethos*.

### ***El-rei Junot de Raul Brandão: uma narrativa sobre o sentido na história***

O texto *El-rei Junot de Raul Brandão: uma narrativa sobre o sentido na história* (D5T5) foi escrito, predominantemente, na TP. A argumentação do texto é centrada no *logos*, a partir de argumentos técnico-científicos da área de Filosofia sobre a obra de Raul Brandão. Assim, projeta-se, no decorrer de todo o texto, um *ethos* ligado ao papel social de pesquisador e professor universitário, com credibilidade e conhecimento necessários para avaliar a obra da personalidade homenageada.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, duas marcas de construção de *ethos* na PPP, com diferentes sentidos. Vejamos o Recorte 272:

*Recorte 272: El-rei Junot fala-nos do desembarque britânico na foz do Mondego, e os confrontos entre os exércitos britânicos e francês na Roliça e no Vimeiro e a sua consequência: A convenção de Sintra (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).*

Há, em “**fala-nos**”, o *Plural de inclusão*, composto pelo produtor + a audiência. Quanto aos mobilizadores de ocorrência, referem-se a (6) *Indicação de expressões integrativas* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, ao ancorar a veracidade sobre o dito à credibilidade do *ethos*. A seguir, o articulista constrói outro tipo de grupo virtual:

*Recorte 273: A obsessão dos mortos e da morte revela-se motor do devir histórico, pois é com seres do passado que **construímos** o presente: “o homem tem atrás de si uma infundável cadeia de mortos a impeli-lo, e todos os gritos que se soltaram no mundo desde tempos e memoriais se lhe repercutem na alma” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).*

Em “**construímos**”, no Recorte 273, a PPP é mobilizada como uma marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação universal*, já que percepções universais, como a inexorabilidade da morte e a valorização dos antepassados e das memórias, são exploradas pelo produtor na argumentação. Além disso, imprime o

mobilizador de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas*, uma vez que argumentação é apresentada de forma didática e centrada na audiência. Assim, o produtor opta por encerrar o texto com a argumentação ao *pathos*, adicionando ao *ethos* o sentido de igualdade perante a audiência.

### 5.3.3 Dossiê *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois*

#### ***Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica***

O texto *Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica* possui as funções de introduzir o dossiê e de apresentar a personalidade homenageada à audiência. Para isso, expõe aos leitores da *Nova Águia* fatos marcantes relacionados à vida e à obra literária de Dalila, com progressão temporal, do nascimento ao falecimento da personalidade, além da indicação dos textos mais relevantes da autora.

O texto é desenvolvido, em sua maior parte, na TP, o que contribui para a construção de um *ethos* formal e ligado ao rigor técnico-científico. A PPP é mobilizada em apenas duas ocorrências. Vejamos um trecho do Recorte 274:

*Recorte 274:* Entre esses textos literários **destacamos** especificamente *Encontro na noite* (1973); *Os Jardins da Alvorada* (1981); *Elegias da Terra-Mãe* (1983) [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Em “**destacamos**”, notamos a marca de construção de *ethos Plural de modéstia*, ou seja, o referente equivale ao *eu*, mas opta pela PPP para aderir modéstia ao *ethos*. O *Plural de modéstia* imprime o sentido de atenuação ao recorte. Caso optasse pela forma “destaco”, o nível de engajamento e comprometimento sobre o dito, por parte do produtor, seria maior.

Em relação aos mobilizadores de ocorrência, observamos, no Recorte 274, (1) *Delimitação de autoria* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, pois o “**destacamos**” é utilizado, ao mesmo tempo, para a estruturação do discurso do produtor e para imprimir força argumentativa, já que o elemento linguístico é ancorado à credibilidade do *ethos*, construída anteriormente no cotexto. A seguir, o produtor utiliza a PPP vinculada a outro sentido:

*Recorte 275*: Além das referências poéticas a esses locais, **notemos** como eles ecoam nessa obra: Ao Brasil voltará mais tarde como conferencista (o opúsculo: Orfeu, Portugal e o Homem do Futuro tem como base uma intervenção oral em 1977, em São Paulo) publica ensaios e contacta com autores como Santiago Naud, Almir Brunett e Dora Ferreira da Silva (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018)

Em “**notemos**”, no Recorte 275, há o *Plural de inclusão*, em que o grupo virtual é composto pelo produtor + a audiência da *Nova Águia*. O elemento linguístico destacado é associado aos mobilizadores (6) *Indicação de expressões integrativas* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, já que a força argumentativa do enunciado é ancorada ao *ethos* do produtor e que verificamos uma dimensão de solidariedade entre o produtor e a audiência através da *inclusividade*. As estratégias retóricas dos recortes aqui analisados são relacionadas, principalmente, à construção do *ethos* ligado ao *pathos*.

### ***In vocação***

No texto *In vocação* (D6T2), o produtor defende a tese de que Dalila Pereira da Costa, refugiada no mundo interior, era um ser eleito, intelectual e livre, acima da situacionalidade. Conforme o articulista, Dalila foi uma pensadora em vinculação com o profetismo advindo da tradição portuguesa – soteriológica – em confronto com a história ordinária ou história-crônica, manejando o influxo de um verbo peculiar (no sentido lato do termo) – no registro da palavra surpreendentemente celebrada.

Além disso, por meio do texto, o produtor apresenta à audiência memórias relacionadas à personalidade homenageada e sua opinião sobre a obra literária de Dalila. Diferentemente do produtor anterior, que projetou um *ethos* ligado à esfera acadêmica, nota-se um articulista que aciona brevemente um *ethos* relacionado à credibilidade jornalística, contudo, centra os argumentos no *pathos*.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, são mobilizadas diversas estratégias retóricas como a mobilização de marcas de construção de *ethos*. O

produtor oscila entre a PPP (sete ocorrências, sendo duas *Plural de modéstia* [eu]) e a *Singular de Exclusividade* (quatro ocorrências). A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D6T2, do Apêndice 1 (p. 335). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados, com o intuito de facilitar a observação da progressão das estratégias selecionadas. Vejamos um trecho do Recorte 276, que introduz o texto:

Recorte 276: [...] **mencionamos** este texto como ilustração da coerência e da inteireza hermenêutica não ultrapassados da **nossa** amiga – a mais respeitável pensadora e erudita portuense – e para fazer notar – já lá vão 25 anos – que **convidámo-la** a escrever [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Em “**mencionamos**”, evidenciamos que o articulista utiliza a marca de construção de *ethos Plural de modéstia*, que, nesse contexto, está associada ao mobilizador de ocorrência (1) *Delimitação de autoria*, para a estruturação do discurso. Na sequência, em “**nossa** amiga” e “**convidámo-la**”, o produtor mobiliza duas marcas de construção de *ethos de Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*: 1) Amigos de Dalila; 2) Equipe de jornalistas do Primeiro de Janeiro. Além disso, evidenciam-se estratégias retóricas similares nos recortes seguintes (277 e 278). Quanto aos mobilizadores de ocorrência, verificamos que correspondem a (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*.

A marca de construção de *ethos Singular de Exclusividade* é utilizada pelo produtor apenas no Recorte 279. Vejamos um trecho do recorte:

Recorte 279: [...] a impressão extraordinária que **me** causou, revelação pessoal bastante inesperada, como um encontro que **me** pareceu único e que se apropriou do coração dos **meus** pensamentos herméticos (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Notamos que o *Singular de Exclusividade* é mobilizada pelo produtor de modo a aderir sentidos relacionados ao mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*. Em todo o texto, o produtor constrói um *ethos* modesto, elogioso (ao ressaltar características de Dalila) e afetivo (ao evidenciar sua amizade com Dalila e com a equipe de jornalistas do Primeiro de Janeiro), valores ligados ao *pathos*.

### ***Dalila Pereira da Costa e a mitologia portuguesa***

No texto *Dalila Pereira da Costa e a mitologia portuguesa* (D6T3), o produtor discute que, apesar de um dos núcleos essenciais da obra, vasta e plural, de Dalila Pereira da Costa ser constituído pela perscrutação do sentido metafísico e profético da história sagrada de Portugal, a partir da hermenêutica dos *mitos* fundamentais de que, em seu entender, aquela seria a construção no tempo, não se acha nos seus escritos um tratamento sistemático e acabado da noção de *mito*, que aparece dispersa, fragmentária e implícita na obra da personalidade homenageada.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o articulista mobiliza diversas estratégias retóricas para conquistar a adesão da audiência. Entre elas, marcas de construção de *ethos* na PPD. Verificamos que a maior parte do texto é desenvolvida na TP, sendo a PPP mobilizada em duas ocorrências e a PPS em três. A totalidade das marcas de construção de *ethos* foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D6T3*, do Apêndice 1 (p. 340). Aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados. Vejamos o Recorte 281:

*Recorte 281: Tendo me ocupado, já, noutra oportunidade da teoria do mito subjacente ou pressuposta no estudo da mitologia portuguesa levado a cabo pela autora de A nova Atlântida, limitar-me-ei, agora, a referir os elementos do seu conceito de mito que reputo mais relevantes para a adequada compreensão do modo como Dalila Pereira da Costa entendeu aquele complexo mítico, começando por notar ser ele concebido como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Dalila Pereira da Costa, 2018).*

Os elementos linguísticos da PPS, no Recorte 281, são marcas de construção de *ethos Singular de Exclusividade*. Notamos, em “**me**”, que o articulista explora a marca de construção de *ethos* para aderir credibilidade ao relato sobre o seu histórico de atuação em outros trabalhos relacionados à personalidade homenageada. Portanto, notamos o mobilizador de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, que contribui para a construção de um *ethos* de credibilidade relacionado ao conhecimento técnico-científico necessário para analisar a obra de Dalila.

Na sequência, em “**limitar-me-ei**”, tem-se o mobilizador de ocorrência (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*, uma vez que o articulista declara

propósitos que sintetizam intenções por meio da presença autoral. Já em “**reputo**”, o produtor explicita o próprio posicionamento, ancorando a credibilidade do argumento ao *ethos*, sendo classificado, portanto, no mobilizador de ocorrência (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Todas as ocorrências da PPP, no texto, são marcas de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em que o articulista constrói o *nós da nação*. Por meio do *pathos*, são exaltados valores da cultura portuguesa, especificamente, os relacionados à mitologia. Vejamos o Recorte 283:

*Recorte 283: Neste mito cosmogónico, que encontrava eco num dos hinos homéricos e na Teogonia, de Hesíodo a Deusa-Mãe aparece, desde sempre, entre nós, com ‘toda a amplitude e profundidade de uma força criadora primordial’ (NOVA ÁGUIA, Dossiê Dalila Pereira da Costa, 2018).*

Verificamos, em “**nós**”, os mobilizadores de ocorrência (7) *Indicação de argumento elogioso* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*. Ressaltamos, no entanto, que esses efeitos são possíveis devido à consolidação da imagem de credibilidade construída pelo produtor durante todo o texto, que ampliam a força argumentativa das estratégias retóricas observadas no Recorte 283. Essas estratégias são mobilizadas para convencer a audiência sobre a importância da obra de Dalila, que reverencia os valores exaltados pelo produtor. Ao incluir-se no grupo virtual do *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, restrito aos portugueses, o articulista encena de si uma imagem que enaltece a mitologia portuguesa.

### ***Dalila Pereira da Costa e a natureza matriarcal de Portugal***

No texto *Dalila Pereira da Costa e a natureza matriarcal de Portugal* (D6T4), o produtor defende a tese de que Dalila Pereira da Costa é uma das mais eruditas e de pensamento mais original em trazer ao conhecimento de um público mais vasto o processo de mitificação da nação portuguesa. Segundo o articulista, Dalila se debruçou sobre aspectos particulares do país e das suas regiões, considerando os simbolismos míticos.

Para conquistar a adesão da audiência, o produtor utiliza diversas estratégias retóricas. Entre elas, a mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D6T4*, do Apêndice 1 (p. 341). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Constatamos a predominante utilização da PPP (20 ocorrências), sendo o *Singular de Exclusividade* mobilizado apenas uma vez, no Recorte 287:

*Recorte 287:* Aqui **porei** em destaque a originalidade de Dalila Pereira da Costa na defesa do cariz matriarcal da Pátria portuguesa (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

No recorte, notamos os mobilizadores de ocorrência (5) *Indicação de intenções, decisões e ações* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, uma vez que a ocorrência, além de explicitar a presença do produtor no texto, declara os propósitos argumentativos, sintetiza intenções do articulista e norteia a audiência a interpretar um determinado fenômeno conforme o interesse do produtor.

Em relação à PPP, a principal estratégia retórica é a mobilização de marcas de construção de *ethos* de *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em que o grupo virtual corresponde não só ao produtor + a audiência, mas também toda a nação portuguesa, ou seja, o *nós da nação*. Vejamos o Recorte 293:

*Recorte 293:* É por isso que Dalila, na melhor tradição portuguesa, defende que a alma do **nosso** povo se encontra na **nossa** poesia e religião e não em qualquer pensamento especulativo, analítico, científico ou filosófico (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Em “**nosso** povo” e “**nossa** poesia”, além dos demais itens lexicais do recorte, há a exaltação de pertencimento a Portugal, aos valores, à cultura e à identidade, que ressaltam a singularidade e contrastes entre Portugal e outros territórios. Além disso, notamos os mobilizadores de ocorrência (7) *Indicação de argumento elogioso* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*. O *nós da nação* é mobilizado na maior parte do texto (está presente em sete de um total de 11 recortes). Por meio da exaltação de valores relacionados a uma doxa comum nacionalista, centra-se a argumentação no *pathos*



e constrói-se um *ethos* que assume o papel de voz autorizada para analisar os aspectos da cultura lusitana presentes na obra de Dalila.

Outra estratégia recorrente no texto, relacionada à PPP, é o convencimento da audiência por meio de valores universais, como no Recorte 289:

*Recorte 289.* O grifo **lembra-nos** a **nossa** precariedade enquanto indivíduos e a **nossa** necessidade de transcendência ou de nos transcendermos pela (re)ligação à natureza de onde viemos (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Nos elementos grifados, há marcas de construção de *ethos* de *Plural de inclusão*, em “**lembra-nos**”, que corresponde ao produtor + audiência da *Nova Águia*, e de *Plural de Indeterminação universal*, por meio da construção de um grupo virtual que engloba toda a humanidade, nas ocorrências de “**nossa**”.

Nas marcas linguísticas grifadas, no Recorte 289, notamos os mobilizadores de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas*, já que há uma dimensão de solidariedade, em que o produtor centra sua argumentação na valorização da relação com os leitores; e (8) *Indicação de argumento depreciativo* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, estratégias de alto nível de engajamento, mas que são atenuadas pela generalização da marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação universal*. Em “**nossa** precariedade enquanto indivíduos”, o produtor ressalta as limitações humanas, e parte dessa premissa, colocando-se também nesse *locus* de falhas, para ancorar o argumento apresentado na sequência: “a necessidade de transcendência ou de **nos transcendermos** pela (re)ligação à natureza de onde **viemos**”. Notamos que todo o bloco linguístico sublinhado manifesta as crenças e o posicionamento do articulista, e direciona a audiência a observar um fenômeno de um modo particular. Novamente, notamos uma argumentação centrada no *pathos* e a construção do *ethos* ancorada aos valores simbólicos compartilhados com a audiência.

### ***A corografia sagrada na obra de Dalila Pereira da Costa***

No texto *A corografia sagrada na obra de Dalila Pereira da Costa* (D6T5), o produtor defende a tese de que o perfil de Dalila Pereira da Costa definiu-se no

âmbito de um clima espiritual, cujo magistério genial não obedece às normas comuns e resulta num pensamento irreduzível aos esquemas acadêmicos.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, o produtor utiliza muitas estratégias retóricas, incluindo a mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. Observamos a predominante utilização da PPP (11 ocorrências), sendo a PPS utilizada quatro vezes. A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D6T5*, do Apêndice 1 (p. 343). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Sobre o *Singular de Exclusividade*, verificamos que explicita o posicionamento do produtor e promove argumentos ancorados à credibilidade do *ethos*. Vejamos o Recorte 295:

*Recorte 295:* O traço por ventura mais vincado, seja da pessoa, seja da obra, da Dra. Dalila Pereira da Costa **julgo** ser o da sua singularidade, razão pela qual é tão difícil classificá-la dentro dos moldes habituais (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Em “**julgo**”, notamos os mobilizadores de ocorrência (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, pois o produtor explicita crenças, norteia a audiência a concordar com a opinião e com a veracidade da avaliação a partir da credibilidade que o *ethos* impõe.

A marca de construção de *ethos Singular de Exclusividade* em “**julgo**” também é mobilizada pelo articulista em outros dois recortes (298 e 307) e o verbo “**creio**” assume função similar no Recorte 303. Em todas as ocorrências do *Singular de Exclusividade*, evidenciamos que o articulista explicita sua certeza diante do que é afirmado. Esses efeitos de sentido são acionados não só pelo *Singular de Exclusividade*, mas também pelas escolhas lexicais realizadas pelo produtor, que evidenciam o conhecimento técnico-científico do articulista sobre história, filosofia, cultura e a obra literária da personalidade homenageada. Contudo, constatamos que o *Singular de Exclusividade* possui papel central em explicitar maior posicionamento do produtor ao texto.

Observamos, também, que outras duas marcas de construção de *ethos* são utilizadas pelo produtor como estratégias de posicionamento de forma mais atenuada e com menor comprometimento sobre o dito. Vejamos o Recorte 304:

*Recorte 304:* A própria estrutura dos escritos, em grande parte constituída por textos de vária extensão e muitas vezes datados, sugere terem sido escritos em circunstâncias precisas, mas cuja real natureza **nos** escapa; razão pela qual evitava pronunciar-se sobre eles (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Manifesta-se, em “**nos**”, o *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, em que o produtor realiza um grupo virtual com a junção de pesquisadores que compartilham convenções acadêmicas sobre a obra de Dalila. Caso optasse pelo *Singular de Exclusividade*, o produtor se comprometeria mais com o dito. Assim, encena de si uma imagem de integração à esfera científica e adere maior credibilidade ao *ethos*. Quanto aos mobilizadores de ocorrência, notamos, no Recorte 304, (8) *Indicação de argumento depreciativo* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*.

Outra marca de construção de *ethos* que se evidencia nesse texto é o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*. Vejamos o Recorte 299:

*Recorte 299:* O equilíbrio que a originária feição matriarcal das sociedades deste extremo da Europa e da Península assegurara foi, no entanto, posto em causa pela colonização romana e, mais tarde, pelo Renascimento e a subsequente modernidade, cujos efeitos nefastos **continuamos** a sofrer; explicando-se assim o ascendente do culto mariano nas manifestações da religiosidade popular, salvaguardando a índole mais autêntica da **noossa** espiritualidade (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

No recorte, há uma interessante gradação de diferentes grupos virtuais relacionados à PPP. Em “**continuamos**”, notamos que o articulista se inclui em um grupo que ultrapassa o nível da nacionalidade. Similarmente ao *nós da nação*, vemos a construção de um grupo que ressalta valores compartilhados em um continente, que compartilha não só aspectos históricos, mas também sociais e culturais. Há, portanto, o produtor + a audiência + todos os cidadãos europeus, ressaltando-se o passado de colonização romana da Europa. Ao ressaltar a continuidade de efeitos considerados pelo produtor como “nefastos”, verificamos que o produtor argumenta considerando que a aceitabilidade da audiência é ancorada à credibilidade do *ethos*. Assim, constatamos os mobilizadores de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Já em “**nossa** espiritualidade”, mobiliza-se o *nós da nação*, pois a espiritualidade ressaltada se refere, especificamente, à portuguesa. Esse sentido é explicitado em informações que extrapolam o Recorte 299. Em outros trechos do texto, o produtor ressalta a ampla tradição de cultos marianos em Portugal e a devoção a outras divindades femininas anteriormente à colonização romana da região. Observamos que os argumentos relacionados ao *nós da nação*, neste texto, exploram uma doxa comum de valores culturais portugueses (*pathos*), principalmente acerca da religiosidade relacionada ao culto do sagrado feminino, temática importante na obra literária de Dalila Pereira da Costa.

### ***Encontro na noite: acerca do onirismo místico de Dalila Pereira da Costa***

No texto *Encontro na noite: acerca do onirismo místico de Dalila Pereira da Costa* (D6T6), o produtor defende a tese de que Dalila assegura a continuidade com uma tradição de poetas místicos, ocasionalmente sincréticos e esotéricos, para os quais sempre foram pouco definidas as fronteiras entre literatura, pensamento filosófico e experiência religiosa.

Para o convencimento da audiência, o produtor mobiliza diversas estratégias retóricas, incluindo marcas de construção de *ethos* na PPD. O produtor oscila entre usos da PPS (16 ocorrências) e da PPP (11 ocorrências). A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D6T6*, do Apêndice 1 (p. 345). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

O cotexto evidencia que o texto pode ser dividido em duas partes, que realizam estratégias retóricas, em nível macro, distintas. Na primeira parte, entre os recortes 308 e 320, o produtor mobiliza apenas o *Singular de Exclusividade* e apresenta à audiência memórias relacionadas à leitura de textos de Dalila durante o início de sua trajetória acadêmica, bem como lamentações pelo fato de não ter conhecido a personalidade homenageada. Vejamos o Recorte 317:

*Recorte 317: Tanto queria tê-la conhecido pessoalmente e não a **conheci**, e disso só **eu sou** culpado (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).*

Notamos que os elementos no *Singular de Exclusividade* são mobilizadores de ocorrência de (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, uma vez que aderem credibilidade às memórias do articulista. Em toda a primeira parte, a argumentação é centrada no *pathos*, à medida que o produtor adere aspectos sentimentais ao texto para o convencimento da audiência, e ao *ethos*, por meio do posicionamento e do relato de memórias pessoais e afetivas através do *Singular de Exclusividade*.

Na segunda parte, entre os recortes 321 e 329, notamos o uso predominante do *Plural de inclusão*, sendo que a PPS é utilizada novamente apenas como fechamento do texto, no último recorte. Vejamos o Recorte 325:

*Recorte 325*: Entre o PRIMEIRO AVISO (Id., *ibid.*, p. 16) e A LOUCURA (Id., *ibid.*, pp. 17-18), **encontramos** esse “antepassado com rosto de séculos” (Id., *ibid.*, p. 16) – que anuncia a vinda iminente dos outros – e **aprendemos** que se cai na loucura como na morte: “por querer” (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Notamos que o articulista utiliza o recurso gráfico “caixa alta” para citar títulos de textos da personalidade homenageada, e apresenta breves comentários sobre os textos. Logo, há uma mudança no perfil do *ethos*: de argumentos ligados ao relato de memórias afetivas e pessoais (na primeira parte), passa-se (na segunda parte) para a realização de reflexões técnico-científicas, em que a argumentação é centrada no *logos*. Assim, constrói-se um *ethos* ligado ao conhecimento que o produtor apresenta e à trajetória enquanto pesquisador e professor universitário.

Observamos, nos elementos grifados, o *Plural de inclusão*, que se refere a um grupo virtual composto pelo produtor + a audiência da *Nova Águia*. Em “**encontramos**” e “**aprendemos**”, verificamos os mobilizadores de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, pois o produtor não só organiza sua exposição de modo a criar uma dimensão de solidariedade, com foco na clareza de ideias para o melhor entendimento dos leitores, mas também direciona a audiência a observar as obras de Dalila a partir de um modo particular, e ancora esse posicionamento ao *ethos* de credibilidade técnico-científica. Estratégias linguístico-retóricas similares são evidenciadas em toda a segunda parte do texto.

### ***Com Dalila no reega...gaço de atae...gina***

No texto *Com Dalila no reega...gaço de atae...gina* (D6T7), a produtora narra memórias pessoais ligadas à personalidade homenageada, ressaltando a importância de Dalila enquanto amiga, crítica e conselheira em sua trajetória pessoal de conciliação da medicina com a escrita literária. Após o falecimento de Dalila, a articulista narra que finalmente conseguiu publicar uma seleção de poemas apresentados a Dalila ainda em 2004, que permaneceram guardados por muitos anos.

Para o cumprimento desse propósito argumentativo, a produtora utiliza muitas estratégias retóricas, como a mobilização de marcas de construção de *ethos* na PPD. No texto, observamos a oscilação entre usos da PPP (48 ocorrências) e da PPS (25 ocorrências). A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D6T7*, do Apêndice 1 (p. 348). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Em relação à PPP, há quatro marcas de construção de *ethos*: 1) *Plural de exclusão*, em que o grupo virtual é composto pela produtora + Dalila Pereira da Costa; 2) *Plural de Indeterminação universal*, centrado nas mulheres leitoras e não leitoras do dossiê; 3) *Plural de modéstia*, que corresponde à produtora (recortes 346 e 347); e 4) *Plural de inclusão*, que se refere à articulista + a audiência da *Nova Águia*.

Verificamos que tanto os usos do *Singular de Exclusividade* quanto do *Plural de exclusão* são mobilizados no texto de modo a aderir credibilidade e um tom afetivo às memórias da produtora, entre 2004 e 2012, sobre sua amizade com a personalidade homenageada. Vejamos o Recorte 330:

*Recorte 330*: Foi numa tarde de Sábado do Outono de 2004, que finalmente **mostrei** à Dalila os poemas que estavam *de salmoura* há mais de uma década [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Não apenas no Recorte 330, em “**mostrei**”, mas em todo o texto, por meio das escolhas lexicais no *Singular de Exclusividade*, a produtora demonstra sua intimidade com Dalila, ilustre amiga com quem compartilhava assuntos literários,

filosóficos e da esfera particular. Assim, projetam-se *ethé* (da articulista e de Dalila) humanizados e ligados a valores como a amizade, por meio do *pathos*. Portanto, notamos o mobilizador de ocorrência (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*. Estratégias retóricas similares são observadas por meio do *Plural de exclusão*, como no Recorte 341:

*Recorte 341: Demos* as mãos, com sorriso contido, **fizemo-las** subir até aos cotovelos uma da outra, direita na esquerda, esquerda na direita à laia do cumprimento romano ou talvez lusitano, ou talvez acádico, aramaico ou nabateu, **sabíamos** bem da **nossa** comum disfemia, a contração descontrolada do **nosso** aparelho fonador, essa maravilhosa peça orquestral de comunicação sonora, sem pretenciosismo, a **nossa** gagueira (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Notamos, novamente, o mobilizador de ocorrência (4) e a argumentação centrada no *pathos*, a partir de valores de uma doxa comum compartilhada com a audiência, como o afeto, a lealdade e a confiança. O recorte oferece pistas aos leitores sobre a motivação do título do texto “*Com Dalila no reega...gaço de atae...gina*”: a disfemia, distúrbio comum à produtora e à personalidade homenageada, explicitado em “**nossa** gagueira”. Os elementos no *Plural de exclusão*, grifados, no recorte, remetem a um grupo virtual composto pela produtora + Dalila. Além disso, a articulista utiliza com propriedade, em todo o texto, léxico técnico-científico relacionado à área médica, o que reforça o *ethos* profissional.

A título de ilustração de como a produtora constrói diferentes grupos virtuais ligados à PPD em um mesmo parágrafo, vejamos o Recorte 338:

*Recorte 338: Dalila* leu com atenção misericordiosa – *com ela*, e – *com vós*, acordou que – *com nós*, não era assim tão horrível como a imagem que **eu** lhe pintara, porque realmente **nós**, à imagem da Grande Mãe, **devemos** tender para perfeição e infelizmente **traímos** esse mister e há que denunciar as traições (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Para a compreensão do recorte, ressaltamos que “*com ela*”, “*com vós*” e “*com nós*” intitulam poemas de autoria de Maria José Leal, a produtora, e, “*com nós*”, especificamente, aborda sobre a divindade feminina, tema caro à Dalila. Verificamos que a produtora constrói um *ethos* de si ligado à modéstia, e que evidencia receio em relação à escrita literária.

Assim, no primeiro elemento destacado, tem-se, em “**eu**”, a marca de construção de *ethos Singular de exclusividade* e o mobilizador de ocorrência (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*. Na sequência, em “**nós**” (itálico no original), trata-se de intertextualidade explícita ao poema “*com nós*”, de Leal, o que mobiliza a marca de construção de *ethos Plural de indeterminação universal*, em que se constrói um grupo virtual composto por todas as mulheres, não só a produtora, a personalidade e a audiência. Também em “**devemos**” e “**traímos**” o grupo engloba todas as mulheres. As ocorrências da PPP são acionadas pelos mobilizadores (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*. Mecanismos linguísticos que constroem efeitos de sentidos similares, com estratégias retóricas centradas no *pathos*, são verificadas em todo o texto.

### ***Da sublimação da mulher no pensamento de Dalila Pereira da Costa***

No texto *Da sublimação da mulher no pensamento de Dalila Pereira da Costa* (D6T8), a produtora defende a tese de que a obra de Dalila, de integral singularidade, assume-se em duas vertentes: a de uma literatura puramente visionária e mística, e a de uma decifração de signos, símbolos e mitos da cultura portuguesa, sendo uma das linhas de seu sentimento pensante a da ideia de Portugal e da cultura portuguesa.

Para conquistar a adesão da audiência, a produtora mobiliza diversas estratégias retóricas, incluindo marcas de construção de *ethos* na PPP (10 ocorrências). A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro *D6T8*, do Apêndice 1 (p. 352). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Para proferir análises sobre a obra literária da personalidade homenageada, a produtora opta por posicionar-se através da TP. Assim, notamos que os usos da PPP estão ligados, principalmente, à mobilização de valores de uma doxa comum, portanto, a argumentação é centrada no *pathos*.

Entre os recortes 361 e 363, os elementos linguísticos da PPP acionam a marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, que constrói o *nós da nação*. Como exemplo, vejamos o Recorte 362:



*Recorte 362:* Devem ser compreendidos como imagens psicodinâmicas, como cenários pessoais e sociais, como um sistema de valores tribal que aponta caminhos para **nos tornarmos** conscientes da **nossa** identidade (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

No recorte, notamos os mobilizadores de ocorrência (7) *Indicação de argumento elogioso* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, pois a produtora norteia a audiência a tornar-se consciente da própria identidade (portuguesa), e o norteamento mobilizado pela produtora é ancorado ao *ethos*. Há, no texto, um tom afetivo, associado à exaltação de pertencimento de Portugal e de compartilhamento de um conjunto de valores simbólicos relacionados à nação portuguesa. Assim, a produtora encena um *ethos* de voz autorizada, diante de sua credibilidade e conhecimento técnico científico, para exaltar a cultura e a literatura portuguesas.

Ao final do texto, no recorte 365, notamos a marca de construção de *ethos Plural de modéstia*: “Em face do exposto, **restam-nos** algumas reflexões”, uma vez que a PPP se refere à produtora apenas. Verificamos o mobilizador de ocorrência (1) *Delimitação de autoria*, pois a articulista explicita sua presença autoral, com baixo engajamento, na estruturação metadiscursiva do texto. Há, portanto, um *ethos* que se compromete menos com o dito. Por meio da PPP, ora a produtora constrói uma imagem de si que se aproxima da audiência, ao debater aspectos nacionalistas (*Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*), ora se afasta dos leitores, à medida que apresenta o posicionamento pessoal (*Plural de modéstia*).

### ***Dalila: o pano de fundo ou uma premissa interpretativa essencial***

No texto *Dalila: o pano de fundo ou uma premissa interpretativa essencial* (D6T9), o produtor discute que muitos realizam uma leitura errônea da obra de Dalila, ao projetarem nela estereótipos como “sacerdotisa”, “pagã” ou “sibila”. Para o articulista, o fio condutor da vida da personalidade homenageada foi a vivência do catolicismo. Assim, notamos que o propósito argumentativo do articulista é apresentar discussões sobre o tema da espiritualidade, nas obras da poeta, considerando os livros escritos pela autora após os 80 anos.

Para isso, o produtor mobiliza diversas estratégias retóricas, incluindo marcas de construção de *ethos* na PPP (31 ocorrências). A totalidade dessas marcas foi classificada, analisada e apresentada no Quadro D6T9, do Apêndice 1 (p. 358). Assim, aqui, discutimos recortes representativos dos fenômenos analisados.

Observamos serem dois os principais tipos de marcas de construção de *ethos*: 1) *Plural de inclusão*, presente em 14 recortes; e 2) *Plural de modéstia*, presente em sete recortes. Também há uma marca de *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*. Em relação ao *Plural de modéstia*, notamos que é utilizado pelo produtor para explicitar seu posicionamento pessoal, porém, de forma atenuada. Vejamos o Recorte 372:

*Recorte 372: Aqui **devemos** destacar vários importantíssimos elementos: para já, **vemos** que *todas* as experiências espirituais de Dalila [...] (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).*

Em “**devemos**” e “**vemos**”, notamos os mobilizadores de ocorrência (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, uma vez que, na construção dos argumentos o produtor explicita que ele próprio é o encarregado de cumprir o comando que aplica diante da necessidade “importantíssima” da temática, sendo a veracidade sobre essa importância e a obrigação ancoradas à credibilidade do *ethos*. Estratégias semelhantes também são relacionadas ao *Plural de inclusão*, como pode ser observado no Recorte 378:

*Recorte 378: Agora que **ficámos** a saber que **podemos** contar com a teologia, a escatologia e a mística católica para **interpretarmos** as suas experiências visionárias e místicas, **podemos** dar um exemplo da hermenêutica aplicada às suas experiências espirituais (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).*

No recorte, as três primeiras marcas linguísticas destacadas, “**ficámos**”, “**podemos**” e “**interpretarmos**”, imprimem o *Plural de Inclusão*, em que o grupo virtual corresponde ao produtor + os leitores da *Nova Águia*. Percebemos que os elementos da PPP acionam os mobilizadores (5) *Indicação de intenções, decisões e ações* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, uma vez que o produtor já havia ressaltado anteriormente que poderia contar com a teologia, a escatologia e a mística católica para interpretar a obra literária de Dalila. Assim, ao

inserir-se no grupo virtual com a audiência, não só expõe seu processo de investigação e análises, mas também direciona a audiência a compartilhar de sua interpretação.

Ao final do recorte, notamos que o segundo “**podemos**” realiza um grupo virtual diferente do primeiro: tem-se o *Plural de modéstia*, já que se trata do articulista em si, que ancora o dito à credibilidade do *ethos*. Funções similares são utilizadas pelo produtor em todo o texto e constroem um *ethos* ligado à sapiência, à modéstia e à solidariedade.

### ***Lembrança de uma tese de Dalila***

No texto *Lembrança de uma tese de Dalila* (D6T10), o produtor cumpre a função de apresentar um texto de Dalila sobre mitos e símbolos da vida portuguesa, que é inserido no fechamento do dossiê. Trata-se da descrição de uma palestra proferida pela personalidade homenageada, em 1988, no *Seminário de Literatura e Filosofia Portuguesas*, organizado pela Fundação Lusíada em colaboração com a Universidade da Misericórdia de Friburgo (Suíça). Assim, o articulista cumpre o propósito argumentativo de ressaltar a relevância do texto de Dalila, apresentado a seguir.

Para isso, o produtor mobiliza diversas estratégias retóricas, incluindo marcas de construção de *ethos* na PPP (4 ocorrências). Vejamos o Recorte 386:

*Recorte 386: O que **nos** move agora é a lembrança da tese de Dalila, que se acha compilada no volume Seminário de Literatura e Filosofia Portuguesas (Actas) (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).*

Há, em “**nos**”, a marca de construção de *ethos Plural de modéstia*, que explicita o posicionamento do produtor e adere credibilidade e um tom afetivo ao relato. Já no Recorte 387, que encerra não só o texto, mas também o dossiê sobre Dalila Pereira da Costa, o produtor evidencia outra estratégia:

**Ignoramos** se Dalila repetiu o texto em algumas das suas publicações posteriores, contudo, **achámos** por bem calar a **nossa** voz e ouvir, na íntegra, como nova notícia, a lição que Dalila proferiu

em Friburgo, em apologia de Portugal, como “Arca da Tradição” para a nova Europa (NOVA ÁGUIA, Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, 2018).

Em “**ignoramos**”, “**achámos**” e “**nossa voz**”, verificamos marcas de construção de *ethos* de *Plural de exclusão*, em que o grupo virtual é composto pelo produtor + todos os colaboradores do dossiê. As ocorrências estão relacionadas ao mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, pois a veracidade sobre o dito é ancorada ao *ethos* do articulista. Por meio dessa estratégia, constrói-se um *ethos* de união e credibilidade para a equipe que desenvolveu o dossiê e, ao mesmo tempo, centra-se a argumentação do recorte no *pathos*.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vem o velho **Proteu**, que vaticina  
 (Se fé damos à velha antiguidade)  
 Os males a que a sorte nos destina,  
 Nascidos da mortal temeridade.  
 Vem numa e noutra forma peregrina,  
 Mudando a natural propriedade.  
 Não troque a forma, venha confiado,  
 Se não quer de Aristeu ser sojigado  
 (TEIXEIRA, 2010, p. 13)<sup>143</sup>

### 6.1 MARCAS DE CONSTRUÇÃO DE *ETHOS* NA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO UTILIZADAS NOS DOSSIÊS

Na Seção 5, realizamos a análise de recortes representativos com ocorrências da PPS e da PPP associadas a diferentes funções retóricas em dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia*. As análises demonstraram que a PPS e a PPP são marcas linguísticas que indicam uma certa postura do produtor do texto, uma vez que representam o *ethos* que está sendo construído; por isso, são recursos linguísticos multifuncionais que se adequam aos propósitos argumentativos do produtor do texto e encenam imagens de si ora impositivas ora modestas.

Constatamos que a PPD possui característica proteana, uma vez que permite, aos articulistas, disfarces, que podem ser classificados e avaliados no cotexto, e se presta a diversos usos argumentativos. Enquanto alguns produtores explicitam a responsabilidade sobre o posicionamento por meio da PPS, com a marca de construção de *ethos Singular de exclusividade*, outros se recusam a assumir a responsabilidade do dizer *eu* (e dizem *nós*). Nos textos analisados, são seis as possibilidades retóricas vinculadas à PPP para a construção de *ethos*: *Plural de modéstia*, *Plural de inclusão*, *Plural de exclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e *Plural de Indeterminação universal*.

A seguir, apresentamos, em síntese, o número dessas marcas, em função da localização nos textos analisados, que permitem constatações e algumas

---

<sup>143</sup> Na epígrafe que introduz esta Seção, vemos um trecho da obra *Prosopopeia*, poema épico do escritor luso-brasileiro Bento Teixeira, que teve a primeira edição publicada em 1601 e marca o início do Barroco, na literatura brasileira.

comparações entre as diferentes marcas de construção de *ethos* e entre as produções brasileiras e portuguesas. Vejamos os Quadros:

**Quadro 15** – Totalidade das marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP registradas no dossiê *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Cult, Ed. 231)

Texto	Singular de exclusividade	Total PPP	Plural de modéstia	Plural de inclusão	Plural de exclusão	Plural de Indet. circunscrita de inclusão	Plural de Indet. circunscrita de exclusão	Plural de Indet. universal
D1T1	41	18	-	8	7	3	-	-
D1T2	3	10	9	1	-	-	-	-
D1T3	-	3	1	1	-	1	-	-
D1T4	8	10	1	4	4	-	-	1
D1T5	-	3	1	2	-	-	-	-
D1T6	22	2	-	2	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>46</b>	<b>12</b>	<b>18</b>	<b>11</b>	<b>4</b>	<b>-</b>	<b>1</b>
<b>Total em %</b>	<b>61,7%</b>	<b>38,3%</b>	<b>10%</b>	<b>15%</b>	<b>9,2%</b>	<b>3,3%</b>	<b>0%</b>	<b>0,8%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D1T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 1, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

O *Singular de Exclusividade* corresponde a 61,7% das marcas de construção de *ethos* na PPD mobilizadas no *Dossiê Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Cult, Ed. 231), enquanto a PPP corresponde a 38,3%. As marcas de *Plural de modéstia*, que equivalem ao *eu*, correspondem a 10% do total das ocorrências; o *Plural de inclusão* equivale a 15%; o *Plural de exclusão* a 9,2%; o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* a 3,3%; e o *Plural de Indeterminação universal* equivale a 0,8% da totalidade. Não há marcas de *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*.

**Quadro 16** – Totalidade das marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP registradas no dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Cult, Ed. 233)

Texto	Singular de exclusividade	Total PPP	Plural de modéstia	Plural de inclusão	Plural de exclusão	Plural de Indet. circunscrita de inclusão	Plural de Indet. circunscrita de exclusão	Plural de Indet. universal
D2T1	-	1	-	-	1	-	-	-
D2T2	9	2	-	-	2	-	-	-
D2T3	12	4	-	3	1	-	-	-
D2T4	14	3	-	1	1	1	-	-
D2T5	23	1	-	-	1	-	-	-
<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>11</b>	<b>-</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total em %</b>	<b>84,1%</b>	<b>15,9%</b>	<b>0%</b>	<b>5,8%</b>	<b>8,7%</b>	<b>1,4%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D2T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 2, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

O *Singular de Exclusividade* corresponde a 84,1% das marcas de construção de *ethos* na PPD mobilizadas no *Dossiê Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Cult, Ed. 233), enquanto a PPP corresponde a 15,9% dos usos. Os usos do *Plural de inclusão* equivalem a 5,8% das ocorrências; o *Plural de exclusão* a 8,7%; e o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* equivale a 1,4%. Não há ocorrências de *Plural de modéstia*, *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e *Plural de indeterminação universal* no dossiê.

**Quadro 17** – Totalidade das marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP registradas no dossiê *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Cult, Ed. 239)

Texto	Singular de exclusividade	Total PPP	Plural de modéstia	Plural de inclusão	Plural de exclusão	Plural de Indet. circunscrita de inclusão	Plural de Indet. circunscrita de exclusão	Plural de Indet. universal
D3T1	13	21	2	7	3	6	-	6
D3T2	-	2	2	-	-	-	-	-
D3T3	-	1	-	1	-	-	-	-
D3T4	-	5	-	1	2	-	-	2
D3T5	-	2	-	1	1	-	-	-
<b>Total</b>	13	34	4	10	6	6	-	8
<b>Total em %</b>	27,7%	72,3%	8,5%	21,2%	12,8%	12,8%	0%	17%

**Legenda:** D corresponde a *Dossiê* e T a *Texto*. Assim, D3T1 refere-se ao primeiro texto do Dossiê 3, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

A PPP corresponde a 72,3% das marcas linguísticas da PPD mobilizadas no *Dossiê O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Cult, Ed. 239), enquanto o *Singular de Exclusividade* corresponde a 27,7% dos usos. Os usos do *Plural de inclusão* equivalem a 21,2% das ocorrências; o *Plural de exclusão* a 12,8%; o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* equivale a 12,8%; o *Plural de indeterminação universal* a 17%; e o *Plural de modéstia* corresponde a 8,5% dos usos. Não há ocorrências de *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* no dossiê.

**Quadro 18** – Totalidade das marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP registradas no dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Nova Águia, Ed. 21)

Texto	Singular de exclusividade	Total PPP	Plural de modéstia	Plural de inclusão	Plural de exclusão	Plural de Indet. circunscrita de inclusão	Plural de Indet. circunscrita de exclusão	Plural de Indet. universal
D4T1	-	2	-	-	1	1	-	-
D4T2	-	17	4	8	-	3	1	1
D4T3	-	28	3	8	3	13	1	-
D4T4	40	1	-	-	-	1	-	-
D4T5	6	30	3	18	-	3	3	3
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>78</b>	<b>10</b>	<b>34</b>	<b>4</b>	<b>21</b>	<b>5</b>	<b>4</b>
<b>Total em %</b>	<b>37,2%</b>	<b>62,8%</b>	<b>8,1%</b>	<b>27,4%</b>	<b>3,2%</b>	<b>16,9%</b>	<b>4%</b>	<b>3,2%</b>

**Legenda:** D corresponde a Dossiê e T a Texto. Assim, D4T1 refere-se ao primeiro texto do Dossiê 4, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

A PPP corresponde a 62,8% das marcas linguísticas da PPD mobilizadas no Dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Nova Águia, Ed. 21), enquanto o Singular de Exclusividade corresponde a 37,2% dos usos. Os usos de Plural de modéstia, que equivalem ao *eu*, correspondem a 8,1% do total das ocorrências; o Plural de inclusão equivale a 27,4%; o Plural de exclusão a 3,2%; o Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão a 16,9%; o Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão a 4%; e o Plural de indeterminação universal a 3,2%.

**Quadro 19** – Totalidade das marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP registradas no dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21)

Texto	Singular de exclusividade	Total PPP	Plural de modéstia	Plural de inclusão	Plural de exclusão	Plural de Indet. circunscrita de inclusão	Plural de Indet. circunscrita de exclusão	Plural de Indet. universal
D5T1	-	1	-	1	-	-	-	-
D5T2	1	18	1	4	1	6	-	6
D5T3	35	10	-	7	-	1	2	-
D5T4	9	13	1	9	-	1	1	1
D5T5	-	2	-	1	-	-	-	1
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>44</b>	<b>2</b>	<b>22</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>8</b>
<b>Total em %</b>	<b>50,6%</b>	<b>49,4%</b>	<b>2,2%</b>	<b>24,7%</b>	<b>1,1%</b>	<b>9%</b>	<b>3,4%</b>	<b>9%</b>

**Legenda:** D corresponde a Dossiê e T a Texto. Assim, D5T1 refere-se ao primeiro texto do Dossiê 5, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

O Singular de Exclusividade corresponde a 50,6% das marcas de construção de *ethos* na PPD mobilizados no Dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21), enquanto a PPP corresponde a 49,4% dos usos. Os usos de Plural de modéstia, que equivalem ao *eu*, correspondem a



2,2% do total das ocorrências; o *Plural de inclusão* equivale a 24,7% das ocorrências; o *Plural de exclusão* a 1,1%; o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* a 9%; o *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* a 3,4%; e o *Plural de Indeterminação universal* a 9%.

**Quadro 20** – Totalidade das marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP registradas no dossiê *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois* (Nova Águia, Ed. 22)

Texto	Singular de exclusividade	Total PPP	Plural de modéstia	Plural de inclusão	Plural de exclusão	Plural de Indet. circ. de inclusão	Plural de Indet. circ. de exclusão	Plural de Indet. universal
D6T1	-	2	1	1	-	-	-	-
D6T2	5	7	2	-	1	-	4	-
D6T3	3	2	-	-	-	2	-	-
D6T4	1	19	-	2	-	12	-	5
D6T5	4	11	4	-	1	5	1	-
D6T6	16	11	-	11	-	-	-	-
D6T7	25	47	2	2	32	1	-	10
D6T8	-	11	1	-	-	10	-	-
D6T9	-	31	8	22	-	1	-	-
D6T10	-	4	1	-	3	-	-	-
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>145</b>	<b>19</b>	<b>38</b>	<b>37</b>	<b>31</b>	<b>5</b>	<b>15</b>
<b>Total em %</b>	<b>27,1%</b>	<b>72,9 %</b>	<b>9,6%</b>	<b>19,1%</b>	<b>18,6%</b>	<b>15,6%</b>	<b>2,5%</b>	<b>7,5%</b>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

A PPP corresponde a 72,9% das marcas linguísticas da PPD mobilizadas no *Dossiê Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21), enquanto o *Singular de Exclusividade* corresponde a 27,1% dos usos. Os usos de *Plural de modéstia*, que equivalem ao *eu*, correspondem a 9,6% do total das ocorrências; o *Plural de inclusão* equivale a 19,1% das ocorrências; o *Plural de exclusão* a 18,6%; o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* a 15,6%; o *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* a 2,5%; e o *Plural de indeterminação universal* a 7,5%.

A comparação entre os dossiês da *Cult* e da *Nova Águia* evidencia que a maior parte das marcas de construção de *ethos* está presente, em maior ou menor número, nas revistas portuguesas e brasileiras. A exceção é a marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, presente em todos os dossiês da *Nova Águia*, mas em nenhum da *Cult*. A marca presente apenas nos dossiês portugueses se refere às marcas linguísticas da PPP que constroem um *ethos* associado a um grupo virtual composto pelo produtor do texto + um determinado grupo em que não é possível explicitar seus participantes (sem a inclusão da audiência).

### 6.1.1 Singular de exclusividade

No total, no *corpus*, notamos que 20 produtores utilizam a marca de construção de *ethos Singular de exclusividade*, sendo 9 na *Cult* (D1T1, D1T2, D1T4, D1T6, D2T2, D2T3, D2T4, D2T5 e D3T1) e 11 na *Nova Águia* (D4T4, D4T5, D5T2, D5T3, D5T4, D6T2, D6T3, D6T4, D6T5 e D6T7). A marca, vinculada aos mobilizadores, é utilizada para a construção de diferentes *ethé* e se refere exclusivamente ao produtor.

### 6.1.2 Plural de modéstia

No total, no *corpus*, notamos que 18 produtores utilizam a marca de construção de *ethos Plural de modéstia*, sendo 6 na *Cult* (D1T2, D1T3, D1T4, D1T5, D3T1 e D3T2) e 12 na *Nova Águia* (D4T2, D4T3, D4T5, D5T2, D5T4, D6T1, D6T2, D6T5, D6T7, D6T8, D6T9 e D6T10). A marca, que se refere exclusivamente ao produtor, vinculada aos mobilizadores, é utilizada para a construção de diferentes *ethé*.

### 6.1.3 Grupos virtuais observados nas marcas de construção de *ethos* na primeira pessoa do plural nos dossiês

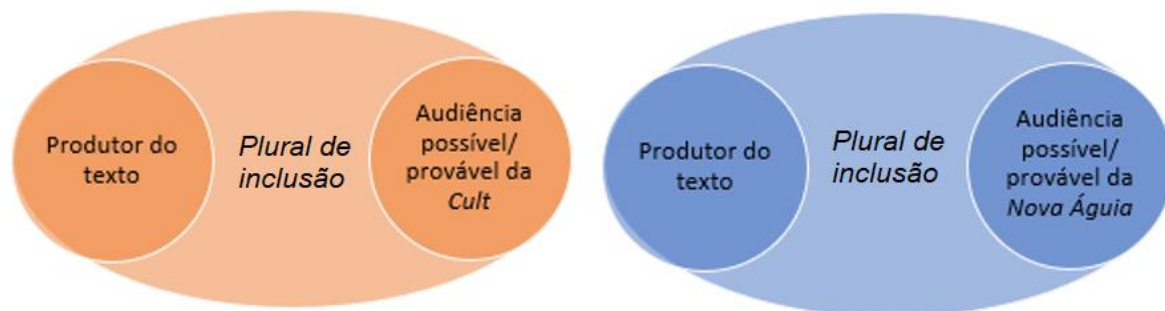
As marcas de construção de *ethos* na PPP *Plural de inclusão*, *Plural de exclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e *Plural de Indeterminação universal* se desdobram e constituem diferentes tipos de grupos virtuais, conforme descrevemos a seguir.

#### 6.1.3.1 *Plural de inclusão*

No total, o *corpus* apresenta 25 diferentes grupos virtuais constituídos por meio de marcas de construção de *ethos* na PPP que significam a junção *produtor +*

*audiência*, 13 relativos à *Nova Águia* (D4T2, D4T3, D4T5, D5T1, D5T2, D5T3, D5T4, D5T5, D6T1, D6T4, D6T6, D6T7 e D6T9) e 12 relativos à *Cult* (D1T1, D1T2, D1T3, D1T4, D1T5, D1T6, D2T4, D3T1, D3T3, D3T4 e D3T5). Na Figura 3, esquematizamos as duas possibilidades de construção de grupos virtuais de *Plural de inclusão* presentes no *corpus*.

**Figura 3** – Realizações do *Plural de inclusão* no *corpus*



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

#### 6.1.3.2 *Plural de exclusão*

No *corpus*, o cotexto permitiu a identificação de cinco tipos de grupos virtuais constituídos por meio de marcas de construção de *ethos* na PPP que significam a exclusão da audiência com relação à junção do *produtor + participantes virtuais*:

- 1) *Produtor + personalidade homenageada* (ex.: produtor do texto D1T1 + Benedito Nunes; produtor D2T1 + Hilda Hilst);
- 2) *Produtor + pesquisadores/ especialistas específicos, mencionados no texto*;
- 3) *Produtor + equipe especificada no texto* (ex.: produtor + funcionários do Instituto Hilda Hilst);
- 4) *Produtor + demais articulistas do dossiê*;
- 5) *Produtor + ao menos um amigo da personalidade homenageada* (ex.: produtor + grupo de amigos de Dalila Pereira da Costa).

Todos os cinco tipos de grupos virtuais apresentados acima ocorrem nos dossiês tanto da *Nova Águia* quanto da *Cult*.

### 6.1.3.3 *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*

No *corpus*, o contexto permitiu a identificação de seis tipos de grupos virtuais constituídos por meio de marcas de construção de *ethos* na PPP que significam: *produtor + audiência + participantes indeterminados circunscritos*:

- 1) *Produtor + audiência + conhecedores de obras/ propostas teóricas específicas* (ex.: produtor do texto + audiência da *Cult* + conhecedores da obra *Assim Falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche);
- 2) *Produtor + audiência com demarcação temporal*: os textos do gênero dossiê, por discutirem, com profundidade, temáticas específicas e relevantes, não possuem a perecibilidade do jornalismo diário, factual. Portanto, a relevância extrapola o período temporal do ano de publicação. Contudo, em alguns textos, os articulistas podem explicitar que os argumentos apresentados são direcionados a leitores de um período temporal específico, como uma estratégia retórica de preservação da face diante de leitores futuros;
- 3) *Produtor + audiência + leitores da personalidade homenageada não presentes na interação* (ex.: produtor do texto + audiência da *Nova Águia* + leitores de Dalila Pereira da Costa);
- 4) *Produtor + audiência + compatriotas*: equivale à nomenclatura “*nós da nação*”, que se refere à valorização de sentimentos nacionalistas por meio de argumentos na PPP. Neste tipo de *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, são considerados todos os grupos virtuais ancorados ao compartilhamento de uma cultura em um espaço geográfico, ligados tanto a argumentos positivos quanto negativos. No *corpus*, há dois tipos desse grupo virtual: “*nós brasileiros*” e “*nós portugueses*”.
- 5) *Produtor + audiência + europeus*: equivale à construção de grupos virtuais, por meio da PPP, que integram toda a comunidade europeia, de modo a ressaltar, aos leitores da *Nova Águia*, bases culturais e valores compartilhados por todos os europeus.
- 6) *Produtor + audiência + membros que integram as civilizações ocidentais fundamentadas em valores culturais e morais judaico-cristãos*: equivale à construção de grupos virtuais, por meio da PPP, que integram um grupo de

civilizações que compartilham uma relação de valores, de modo a ressaltar, aos leitores da *Nova Águia*, bases culturais e valores compartilhados por esses povos.

De um modo geral, o *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* ocorre com muito maior proeminência no português europeu. Somando-se todas as ocorrências dos seis tipos (71), 84,5% ocorrem na *Nova Águia*, enquanto 15,5% dessas marcas de construção de *ethos* são mobilizadas na *Cult*.

Os quatro primeiros tipos de *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* elencados acima ocorrem tanto na *Cult* quanto na *Nova Águia*, já os dois últimos ocorrem apenas na revista de Portugal. Sobre o quarto grupo, verificamos que a nomenclatura “*nós da nação*” é adequada às marcas de construção de *ethos* mobilizadas na *Nova Águia*, uma vez que ressaltam a história e a cultura portuguesa, mas não às ocorrências da *Cult*, pois 100% delas são utilizadas para ressaltar aspectos negativos. Vejamos, no Quadro 21, exemplificação das diferenças de sentidos para a construção de grupos relacionados à nacionalidade.

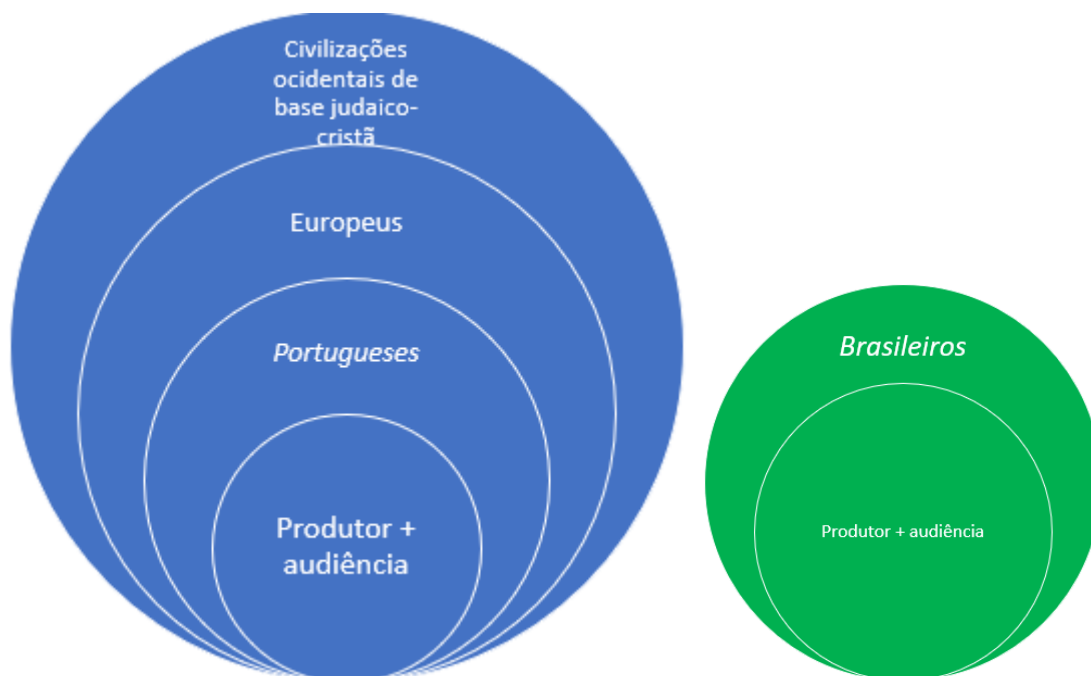
**Quadro 21** – Diferenças dos sentidos dos grupos virtuais ligados à nacionalidade por meio da PPP

<b>Brasileiros</b>	<b>Portugueses</b>
Mas nada me impede de imaginar, não seria difícil supor com quais palavras, sempre tão precisas no caso dele [Graciliano Ramos], descreveria <b>nosso golpeado país</b> (Recorte 117, <i>Cult</i> ).	O que escreve é consonante com a <b>nossa alma lusíada</b> , o <b>nosso</b> engenho e arte de vida (Recorte 225, <i>Nova Águia</i> ).

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Além da dissemelhança semântica (positividade/negatividade) e dos propósitos argumentativos associados à construção desses grupos virtuais de nacionalidade por meio da PPP, também contrasta o número de incidências. Enquanto a construção de *ethos* ligada à nacionalidade ocorre, na variedade brasileira, em apenas 6 ocorrências, verificamos, na variedade portuguesa, 30 ocorrências do *nós da nação*. Portanto, 83,3% das ocorrências de PPP que constituem grupos virtuais ligados à nacionalidade estão na *Nova Águia* e 16,7% estão na *Cult*. Já as ocorrências da PPP que constroem grupos virtuais que ampliam os laços da territorialidade para uma inclusão cultural mais ampla (5 e 6) são realizadas 100% na *Nova Águia*.

**Figura 4** – Realizações do *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* específicas no Brasil e em Portugal no *corpus* analisado



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Consideramos que essas dissemelhanças ocorrem, no *corpus*, provavelmente, devido a singularidades culturais entre brasileiros e portugueses. Se, por um lado, não encontramos pesquisas que abordem essa função retórica em língua portuguesa, a literatura científica consultada para o desenvolvimento desta tese, discutida nas seções teóricas, revelou que o fenômeno denominado “*nós da nação*” é comum na Europa, como em textos do italiano, do espanhol e do inglês.

Uma possibilidade para esse culto à nacionalidade e aos valores europeus e ocidentais nos dossiês portugueses ser recorrente é a herança cultural, compartilhada pelos povos europeus, das civilizações clássicas grega (πόλις: pólis) e romana (*civitas*: corpo social dos cidadãos romanos). Por meio de marcas de construção de *ethos* no *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, neste *corpus*, alguns produtores tentam generalizar o interesse de poucos, integrando todo o grupo, de forma a esconder a heterogeneidade (classe, origem, religião, língua etc.) e, conseqüentemente, construir a imagem de um grupo virtual homogêneo e sólido.

#### 6.1.3.4 *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*

No *corpus*, o cotexto permitiu a identificação de três tipos de *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, que correspondem aos grupos virtuais, constituídos por meio de marcas de construção de *ethos* na PPP, que significam o *produtor do texto + um determinado grupo em que não é possível explicitar seus participantes* (sem a inclusão da audiência).

- 1) *produtor + intelectuais* (de forma generalizada);
- 2) *produtor + críticos literários* (de forma generalizada);
- 3) *produtor + todos os que conhecem em profundidade as obras literárias da personalidade homenageada*.

Todos os três tipos de grupos virtuais apresentados acima ocorrem apenas nos dossiês da *Nova Águia*, em situações em que o produtor projeta uma imagem de si ligada à credibilidade de um grupo não específico.

#### 6.1.3.5 *Plural de Indeterminação universal*

No *corpus*, o cotexto permitiu a identificação de três tipos de *Indeterminação universal*, também denominada de *função cognitiva* na literatura científica, que é utilizada quando o produtor pretende generalizar afirmações e inclui um grupo muito grande de indivíduos, por meio de marcas de construção de *ethos* na primeira pessoa do plural.

- 1) *Toda a humanidade* (sem estabelecer nenhum tipo de recorte);
- 2) *Toda a humanidade em uma época específica*: o produtor oferece pistas linguísticas no texto que evidenciam que o grupo, apesar de universal, é datado, preservando sua face caso as afirmações sejam interpretadas inadequadamente se forem aplicadas de forma generalizada a um grupo de outra época;
- 3) *Generalização universal com recorte de gênero* (ex.: todas as mulheres, de todas as épocas).

Os dados do *corpus* evidenciam que *Indeterminação universal* é muito mais recorrente no português europeu: 71,9% das ocorrências são realizadas na *Nova Águia*, enquanto 28,1% são mobilizadas na *Cult*.

#### **6.1.4 Sobre a proximidade histórica e/ou afetiva entre produtores e as personalidades homenageadas**

Observamos que há um padrão nos dossiês brasileiros: entre os produtores dos textos que possuem proximidade histórica e/ou afetiva com as personalidades homenageadas, há uma tendência pela utilização do *Singular de Exclusividade*, do *Plural de exclusão* ou do *Plural de modéstia*, o que pode aderir maior grau de credibilidade ao conteúdo e ao *ethos*. Também se verificou que, diante de um maior afastamento histórico e/ou afetivo da personalidade, os produtores dos textos tendem a optar pela utilização do *Plural de inclusão*, o que confere ao texto um determinado grau de compartilhamento da responsabilidade sobre o dito com a audiência.

Constatamos que há maior número de ocorrências do *Singular de Exclusividade* nos dossiês 1 – *Benedito Nunes: filósofo da poesia* e 2 – *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira*, nos quais os produtores são contemporâneos históricos das personalidades homenageadas, sendo que alguns possuíam, inclusive, proximidade afetiva com as personalidades. Benedito Nunes, por exemplo, faleceu em 2011 e Hilda Hilst faleceu em 2004. Já no dossiê 3 – *O imenso Graça: Vidas Secas, 80 anos*, há maior prevalência de usos da PPP, e verificamos maior distanciamento histórico dos produtores dos textos inseridos no dossiê, uma vez que Graciliano Ramos faleceu em 1953<sup>144</sup>.

Entre os textos dos dossiês portugueses, por outro lado, verificamos maior diversidade de estratégias para a construção de *ethos*. Observamos que essa

---

<sup>144</sup> No *corpus*, os textos dos dossiês sobre personalidades que faleceram nas últimas décadas, em parte, foram escritos por produtores que conheceram as personalidades homenageadas. Portanto, essa proximidade física em um período temporal torna-se um argumento de evidência por parte dos produtores, o que se reflete em escolhas específicas da PPD, como o *Plural de exclusão* e o *Singular de exclusividade*, em que o foco dos relatos perpassa memórias pessoais dos articulistas. Nos casos em que os produtores não conheceram as personalidades, o que se dá com maior recorrência em dossiês cujos homenageados faleceram há muitos anos, as estratégias adotadas pelos articulistas são outras, como o *Plural de inclusão*, para o compartilhamento virtual da responsabilidade sobre as teses defendidas.



relação de proximidade histórica e/ou afetiva também influencia os produtores dos textos a optarem ora por marcas de construção de *ethos* na PPS, ora na PPP, e isso é evidenciado no dossiê 4 – *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois*. Esse dossiê homenageia uma personalidade da cultura portuguesa que faleceu em 1967, e observamos uma tendência entre os produtores a optarem pela utilização do *Plural de inclusão* e *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, uma vez que há um distanciamento histórico e afetivo com a personalidade.

Ademais, foram verificados outros fatores relevantes que podem influenciar os produtores portugueses na construção do *ethos*. No dossiê 6 – *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois*, considerando que a personalidade homenageada faleceu em 2012, evidenciamos que a proximidade histórica e afetiva de alguns produtores os motiva a optar pela utilização do *Singular de Exclusividade* ou pelo *Plural de exclusão*, como é o caso da produtora **D6T7**. Porém, verificamos que a tradição filosófica e cultural da escritora, que em seus livros enaltecia aspectos milenares da cultura europeia e portuguesa, como mitos e símbolos, além do enaltecimento à feminilidade, leva os produtores que a homenageiam a ressaltar o conteúdo da obra de Dalila, o que faz com que a PPP seja utilizada também como uma estratégia de construir credibilidade por meio da valorização de sentimentos nacionalistas ou generalizações, como a construção de grupos virtuais ligados ao gênero feminino.

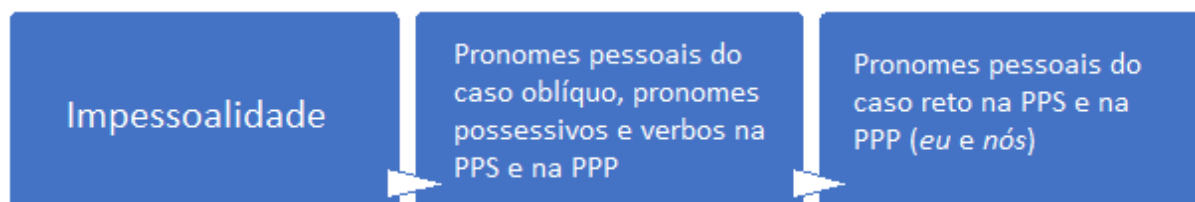
#### **6.1.5 Marcas linguísticas e a proeminência do produtor nas realizações da primeira pessoa do discurso**

Por meio dos Quadros da Seção 6.1, contabilizamos, conjuntamente, todos os tipos de marcas de construção de *ethos* que realizam a PPD (verbos flexionados e pronomes), no singular e no plural, para viabilizar um panorama geral sobre as realizações da PPD nos dossiês analisados.

Apesar de serem contabilizados conjuntamente nos quadros, constatamos que, quando os sujeitos pronominais são explícitos nos recortes, tanto o *eu* quanto o *nós*, o uso desses elementos reflete um maior nível de destaque dado ao articulista, enquanto os pronomes pessoais do caso reto são usados com menos frequência quando os argumentos apresentados recebem mais atenção na oração do que a

imagem do produtor. Assim, o nível de ancoragem do argumento à imagem do produtor pode ser esquematizado conforme a seguir:

**Figura 5** – Nível de ancoragem do argumento à imagem do produtor



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A mobilização de diferentes tipos de marcas de construção de *ethos* possibilita aos produtores dos dossiês imprimirem maior destaque ora à tese defendida ora à imagem construída de si. Observamos que, nos dossiês, quando a impessoalidade é utilizada, o enfoque principal está centrado no argumento, enquanto os pronomes pessoais do caso reto imprimem maior proeminência ao articulista. Assim, os demais mecanismos na PPD estabelecem um nível intermediário de focalização entre o argumento e o *ethos*.

No *corpus*, há 32 ocorrências do pronome pessoal *eu*, sendo 15 mobilizadas na *Cult* e 17 na *Nova Águia*; enquanto o *nós* é realizado por meio do pronome pessoal em 23 ocorrências, sendo 5 na *Cult* e 18 na *Nova Águia*. Considerando que a PPP é classificada, em nossa pesquisa, em 6 tipos diferentes de marcas de construção de *ethos*, identificáveis no cotexto, ou seja, internamente aos textos do gênero dossiê, verificamos também a necessidade de mapear em quais dessas marcas a construção por meio do pronome pessoal *nós* ocorre.

Na revista *Cult*, 100% das ocorrências do pronome pessoal *nós* ocorrem por meio do *Plural de exclusão*, ou seja, quando o cotexto identifica que o grupo virtual correspondente ao pronome equivale ao produtor + ao menos um integrante não participante da interação (sem a inclusão da audiência). Na *Nova Águia*, as ocorrências do *nós* foram classificadas como *Plural de exclusão* em 26,1% das ocorrências; *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em 17,4%; *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, em 13%; e *Plural de indeterminação universal* em 39,1%. Constatamos que, apesar de uma diversificação maior de marcas nos dossiês do português europeu, em ambas as modalidades da língua,

nenhuma ocorrência do *nós* explícito por meio do pronome pessoal corresponde ao *Plural de modéstia* ou ao *Plural de inclusão* (equivalente ao *produtor* + a *audiência*).

Sobre a ausência de ocorrências do pronome pessoal do caso reto *nós* que correspondam ao *Plural de modéstia*, constatamos que evidencia quantitativamente o caráter de embreagem desse mecanismo, que se refere ao *Singular de Exclusividade*, mas que, para evitar um tom impositivo ou muito pessoal ao texto, o produtor opta pela PPP. Caso optasse por explicitar o *nós* com a função de sujeito pronominal expreso, na PPP, os argumentos seriam ancorados, com maior proeminência, à imagem do articulista, quando o propósito argumentativo dessa marca de construção de *ethos* é de atenuar a presença autoral do articulista.

Já a ausência de ocorrências do pronome pessoal do caso reto *nós* que correspondam ao *Plural de inclusão* (produtor + audiência da revista) refere-se ao fato de que leitores que não compartilham da opinião dos produtores, quando incluídos na argumentação, em vez de serem persuadidos, podem questionar ou negar os argumentos do texto. Por isso, o uso do *Plural de inclusão*, explícito por meio do pronome pessoal, adere maior risco ao articulista, já que a utilização do *nós inclusivo* pode levar leitores críticos a despertar desconforto e inquietação em relação ao texto e ao produtor. Os dados do *corpus* evidenciam, contudo, que quando a função é mobilizada a partir de outras marcas linguísticas da PPP, ocorre com menor proeminência da imagem do articulista, com maior ambiguidade e com menor risco ao produtor.

Assim, a focalização da atenção explica fenômenos ligados ao uso de pronomes pessoais na PPD, como as diferenças atestadas na frequência de determinadas marcas de construção de *ethos* na PPP com diferentes funções retóricas, sendo que o uso explícito dos pronomes aumenta o peso argumentativo de um dado enunciado.

## 6.2 AFERIÇÃO DAS PROPOSTAS DE MOBILIZADORES DE OCORRÊNCIA DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO UTILIZADOS PARA CONSTRUÇÃO DE *ETHOS* NOS DOSSIÊS

Após a etapa de classificação, contabilização e descrição dos mobilizadores de ocorrência cotextual da PPD, aferimos como os produtores reivindicam, de forma



### 6.2.1 Aferição das Propostas de mobilizadores de ocorrência da Primeira Pessoa do Singular utilizados para construção de *ethos* nos Dossiês

Nesta subseção, sintetizamos os dados relativos à aferição dos mobilizadores de ocorrência utilizados para a construção de *ethos* relacionados à marca *Singular de exclusividade*.

**Quadro 23** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Cult, Ed. 231)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D1T1	1	2	11	22	6	-	-	-	1	-
D1T2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1
D1T3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D1T4	1	-	2	3	1	-	-	-	1	2
D1T5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D1T6	-	-	14	1	2	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>27</b>	<b>26</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<b>Total em %</b>	<b>2,7%</b>	<b>2,7%</b>	<b>37%</b>	<b>35,6%</b>	<b>12,4%</b>	<b>0%</b>	<b>2,7%</b>	<b>0%</b>	<b>2,7%</b>	<b>4,2%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D1T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 1, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No Dossiê *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Cult, Ed. 231), os mobilizadores de ocorrência mais associados ao *Singular de Exclusividade* são (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, com 37%; seguido por (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, com 35,6%, portanto, estratégias que oferecem baixo risco ao produtor. A seguir, aparece o mobilizador (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*, que representa 12,4% das ocorrências associadas ao *Singular de Exclusividade*. Notamos, portanto, um perfil de articulistas que evita estabelecer, por meio da presença autoral, uma autoridade pessoal baseada na confiança e no comando de seus argumentos explicitamente no *Singular de Exclusividade*.

**Quadro 24** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Cult, Ed. 233)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D2T1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D2T2	-	-	7	2	3	-	-	-	-	-
D2T3	-	-	4	6	-	-	-	-	-	3

D2T4	-	-	2	8	3	-	1	-	2	-
D2T5	-	-	16	-	7	-	2	-	-	8
<b>Total</b>	0	0	29	16	13	0	3	0	2	11
<b>Total em %</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>39,2%</b>	<b>21,6%</b>	<b>17,6%</b>	<b>0%</b>	<b>4%</b>	<b>0%</b>	<b>2,7%</b>	<b>14,9%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D2T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 2, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No Dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Cult, Ed. 233), os mobilizadores de ocorrência mais associados ao *Singular de Exclusividade* são (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, com 39,2%; seguido por (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, com 21,6%; e por (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*, que representa 17,6% das ocorrências associadas ao *Singular de Exclusividade*, portanto, estratégias que oferecem baixo risco ao produtor. Diferentemente do primeiro dossiê, notamos, neste, a significativa presença autoral, por meio da autoridade pessoal baseada na confiança e no comando de argumentos, uma vez que o mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade* é o quarto mais recorrente no dossiê, com 14,9%.

**Quadro 25** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* no dossiê *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Cult, Ed. 239)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D3T1	-	-	-	2	2	-	3	-	5	2
D3T2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D3T3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D3T4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D3T5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	0	0	0	2	2	0	3	0	5	2
<b>Total em %</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>14,3%</b>	<b>14,3%</b>	<b>0%</b>	<b>21,4%</b>	<b>0%</b>	<b>35,7%</b>	<b>14,3%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D3T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 3, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Cult, Ed. 239), os mobilizadores de ocorrência mais associados ao *Singular de Exclusividade* são (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, com 35,7%; seguido por (7) *Indicação de argumento elogioso*, com 21,4%, portanto, estratégias de alto risco para os produtores, relacionadas a sugestões ou recomendações com base em pesquisas ou no que esses articulistas observaram durante a trajetória pessoal. A

seguir, aparecem os mobilizadores (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*; (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*; e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, respectivamente, com 14,3%.

Apesar desse maior nível de engajamento aferido por meio das ocorrências do *Singular de Exclusividade*, não podemos, contudo, afirmar que há maior proeminência de estratégias de alto risco nesse dossiê, uma vez que o número de ocorrências do *Singular de Exclusividade* é baixo, sendo essas marcas utilizadas apenas por um articulista, que explicita no texto ser neto de Graciliano Ramos e possuir conhecimento técnico na área. Diante de seu histórico pessoal, ao prestar homenagens ao avô, observamos que o produtor possui maior segurança para construir uma imagem de si mais poderosa por meio de marcas do *Singular de Exclusividade*.

**Quadro 26** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Nova Águia, Ed. 21)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D4T1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D4T2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D4T3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D4T4	-	2	35	-	3	-	-	-	-	2
D4T5	4	-	-	-	-	-	2	-	-	-
<b>Total</b>	4	2	35	0	3	0	2	0	0	2
<b>Total em %</b>	<b>8,3%</b>	<b>4,2%</b>	<b>72,9%</b>	<b>0%</b>	<b>6,2%</b>	<b>0%</b>	<b>4,2%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>4,2%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D4T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 4, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Nova Águia, Ed. 21), os mobilizadores de ocorrência mais associados ao *Singular de Exclusividade* são (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, com 72,9%; seguido por (1) *Delimitação de autoria*, com 8,3%, portanto, estratégias que oferecem baixo risco aos produtores. Na sequência, aparece a categoria (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*, com 6,2%, que representa uma estratégia retórica de construção de imagem com nível intermediário de engajamento.

**Quadro 27** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D5T1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D5T2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
D5T3	20	2	-	-	6	-	-	-	7	18
D5T4	5	-	1	-	-	-	-	-	-	7
D5T5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	26	2	1	0	7	0	0	0	7	25
<b>Total em %</b>	<b>38,2%</b>	<b>2,9%</b>	<b>1,5%</b>	<b>0%</b>	<b>10,3%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>10,3%</b>	<b>36,8%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D5T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 5, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21), o mobilizador mais utilizado é (1) *Delimitação de autoria*, com 38,2%; seguido por (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, com 36,8%. Os mobilizadores mais utilizados representam, respectivamente, o menor e o maior níveis de engajamento possíveis em nosso parâmetro de aferição. Na sequência, aparecem os mobilizadores (5) *Indicação de intenções, decisões e ações* e (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, respectivamente, com 10,3%.

**Quadro 28** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois* (Nova Águia, Ed. 22)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D6T1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D6T2	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-
D6T3	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1
D6T4	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-
D6T5	-	-	-	-	-	-	-	-	3	4
D6T6	1	1	12	2	-	-	-	-	-	1
D6T7	-	-	22	4	-	-	-	-	-	-
D6T8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D6T9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D6T10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	1	1	35	11	2	0	0	0	4	6
<b>Total em %</b>	<b>1,7%</b>	<b>1,7%</b>	<b>58,3%</b>	<b>18,3%</b>	<b>3,4%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>6,6%</b>	<b>10%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D6T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 6, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.



No dossiê *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois* (Nova Águia, Ed. 22), os mobilizadores mais associados ao *Singular de Exclusividade* são (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, com 58,3%; seguido por (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, com 18,3%, portanto, estratégias que oferecem baixo risco ao produtor. Na sequência, aparece o mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, com 10%.

Para verificarmos proximidades e distanciamentos entre os mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para a construção de *ethos* no português brasileiro e no português europeu, vejamos o Quadro 29, que sintetiza os dados de todos os dossiês:

**Quadro 29** – Comparação da aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS utilizados para construção de *ethos* nos dossiês da *Cult* e da *Nova Águia*

Dossiê	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
1 <i>Cult</i>	2	2	27	26	9	0	2	0	2	3
2 <i>Cult</i>	0	0	29	16	13	0	3	0	2	11
3 <i>Cult</i>	0	0	0	2	2	0	3	0	5	2
<b>Total <i>Cult</i></b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>56</b>	<b>44</b>	<b>24</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>16</b>
<b>Total <i>Cult</i> em %</b>	<b>1,2%</b>	<b>1,2%</b>	<b>34,8%</b>	<b>27,3%</b>	<b>14,9%</b>	<b>0%</b>	<b>5%</b>	<b>0%</b>	<b>5,6%</b>	<b>10%</b>
1 <i>Nova Águia</i>	4	2	35	0	3	0	2	0	0	2
2 <i>Nova Águia</i>	26	2	1	0	7	0	0	0	7	25
3 <i>Nova Águia</i>	1	1	35	11	2	0	0	0	4	6
<b>Total <i>Nova Águia</i></b>	<b>31</b>	<b>5</b>	<b>71</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>11</b>	<b>33</b>
<b>Total <i>Nova Águia</i> em %</b>	<b>17,6%</b>	<b>2,9%</b>	<b>40,3%</b>	<b>6,2%</b>	<b>6,9%</b>	<b>0%</b>	<b>1,1%</b>	<b>0%</b>	<b>6,2%</b>	<b>18,8%</b>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Um olhar sobre as similaridades entre os dossiês brasileiros e portugueses revela que a estratégia retórica mais utilizada, em ambos os dossiês, é o mobilizador (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*, com 34,8% na *Cult* e 40,3% na *Nova Águia*. As marcas de construção de *ethos* no *Singular de Exclusividade* mobilizadas nesta categoria associam-se ao propósito argumentativo

de ganho ou crescimento pessoal, por meio de vocábulos que expressam afetividade e avaliação positiva, ou seja, que oferecem baixo risco aos produtores.

Outra proximidade é que os mobilizadores (6) *Indicação de expressões integrativas*, que possui um nível de engajamento médio, e (8) *Indicação de argumento depreciativo*, que é um papel de alto risco, não ocorrem nas revistas *Cult* e *Nova Águia* associadas ao *Singular de Exclusividade*.

Em relação às diferenças, a observação dos indicadores revela que os articulistas da *Nova Águia* têm maior tendência a construir imagens de si mais poderosas por meio do *Singular de Exclusividade*, o que fica explícito na diferença percentual de ocorrências classificadas com (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, 10% na *Cult* e 18,8% na *Nova Águia*, sendo que na revista portuguesa a função é a segunda mais mobilizada entre os produtores.

Observamos também que não faz parte dos propósitos argumentativos dos articulistas portugueses a construção de uma imagem de si ligada à “objetividade”. Enquanto no português brasileiro observamos uma tendência recorrente de articulistas, sempre que possível, evitarem o uso do *Singular de Exclusividade* na estruturação do discurso, para imprimirem menor subjetividade ao texto, nos textos analisados do português europeu essa tendência não se aplica. Assim, a categoria (1) *Delimitação de autoria* está relacionada 17,6% das ocorrências de *Singular de Exclusividade* na *Nova Águia*, enquanto na *Cult* as ocorrências de *Singular de Exclusividade* na categoria correspondem apenas a 1,2%.

### **6.2.2 Aferição das Propostas de mobilizadores de ocorrência da Primeira Pessoa do Plural utilizados para construção de *ethos* nos Dossiês**

Nesta subseção, sintetizamos os dados relativos à aferição dos mobilizadores de ocorrência utilizados para a construção de *ethos* relacionada às marcas *Plural de modéstia*, *Plural de inclusão*, *Plural de exclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* e *Plural de Indeterminação universal*.

**Quadro 30** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Cult, Ed. 231)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D1T1	-	-	-	7	-	6	2	-	2	4
D1T2	-	-	-	-	1	1	7	-	-	6
D1T3	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-
D1T4	-	-	1	3	-	3	2	1	3	1
D1T5	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
D1T6	-	-	-	2	-	3	-	-	-	-
<b>Total</b>	0	0	2	12	1	14	12	1	7	13
<b>Total em %</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>3,2%</b>	<b>19,4%</b>	<b>1,6%</b>	<b>22,6%</b>	<b>19,3%</b>	<b>1,6%</b>	<b>11,3%</b>	<b>21%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D1T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 1, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Benedito Nunes: o filósofo da poesia* (Cult, Ed. 231), os mobilizadores mais associados à PPP são (6) *Indicação de expressões integrativas*, com 22,6% das ocorrências, e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, com 21%. Na sequência, aparece o mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, com 19,4%, que oferece baixo risco aos produtores.

**Quadro 31** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da primeira pessoa do plural utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Cult, Ed. 233)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D2T1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-
D2T2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-
D2T3	-	-	-	1	-	-	3	-	-	3
D2T4	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-
D2T5	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	1	0	0	4	2	1	3	1	-	3
<b>Total em %</b>	<b>6,7%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>26,6%</b>	<b>13,3%</b>	<b>6,7%</b>	<b>20%</b>	<b>6,7%</b>	<b>0%</b>	<b>20%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D2T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 2, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira* (Cult, Ed. 233), três mobilizadores são mais associados à PPP. São eles: (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*, que representa baixo risco aos produtores, com 26,6% das ocorrências; (7) *Indicação de argumento elogioso*; e (10) *Indicação de resultados*

*e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que imprimem maior nível de engajamento, com 20% cada.

**Quadro 32** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da primeira pessoa do plural utilizados para construção de *ethos* no dossiê *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Cult, Ed. 239)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D3T1	7	-	-	-	-	4	2	8	3	2
D3T2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D3T3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
D3T4	-	-	-	-	-	2	-	2	-	1
D3T5	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-
<b>Total</b>	9	0	0	0	1	7	2	10	3	4
<b>Total em %</b>	<b>25%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>2,8%</b>	<b>19,5%</b>	<b>5,5%</b>	<b>27,8%</b>	<b>8,3%</b>	<b>11,1%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D3T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 3, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *O imenso Graça: vidas secas, 80 anos* (Cult, Ed. 239), dois mobilizadores são mais associados à PPP: (8) *Indicação de argumento depreciativo*, que imprime alto nível de engajamento, com 27,8% das ocorrências; e (1) *Delimitação de autoria*, que representa baixo risco aos produtores, com 25% das ocorrências. Na sequência, aparece o mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas*, com 19,5%.

**Quadro 33** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Nova Águia, Ed. 21)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D4T1	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1
D4T2	1	-	-	-	-	6	2	4	6	3
D4T3	4	-	-	-	-	2	1	10	14	6
D4T4	-	-	3	-	-	-	-	1	-	-
D4T5	-	-	-	-	-	19	1	-	12	14
<b>Total</b>	5	0	3	1	0	28	4	15	32	24
<b>Total em %</b>	<b>4,5%</b>	<b>0%</b>	<b>2,7%</b>	<b>0,9%</b>	<b>0%</b>	<b>25%</b>	<b>3,6%</b>	<b>13,4%</b>	<b>28,5%</b>	<b>21,4%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D4T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 4, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois* (Nova Águia, Ed. 21), o mobilizador mais associado à PPP é (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, que exige dos articulistas um alto risco, com 28,5% das

ocorrências. Com percentuais aproximados, aparecem, na sequência, os mobilizadores (6) *Indicação de expressões integrativas*, com 25%; e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, com 21,4%, que também imprime alto nível de engajamento e associação do argumento à imagem do articulista.

**Quadro 34** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D4T1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
D4T2	2	-	-	-	-	12	2	-	6	2
D4T3	-	-	-	-	-	5	1	-	4	2
D4T4	1	-	-	-	-	8	1	-	3	5
D4T5	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>27</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>10</b>
<b>Total em %</b>	<b>5,2%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>46,6%</b>	<b>6,9%</b>	<b>0%</b>	<b>24,1%</b>	<b>17,2%</b>

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D5T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 5, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão* (Nova Águia, Ed. 21), o mobilizador mais associado à PPP é o (6) *Indicação de expressões integrativas*, com 46,6% das ocorrências. Na sequência, aparecem os mobilizadores (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, com 24,1%; e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, com 17,2%, que imprimem alto nível de engajamento.

**Quadro 35** – Aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de *ethos* no dossiê *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois* (Nova Águia, Ed. 22)

Texto	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
D6T1	1	-	-	-	-	1	-	-	1	1
D6T2	-	-	-	4	3	-	-	-	3	-
D6T3	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2
D6T4	-	-	-	-	-	10	9	6	9	7
D6T5	-	-	-	-	1	1	2	-	4	5
D6T6	-	-	-	-	3	8	-	-	1	-
D6T7	-	-	-	32	-	2	-	-	12	14
D6T8	1	-	-	-	-	3	7	-	7	7
D6T9	7	-	-	-	4	17	-	-	17	9
D6T10	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>37</b>	<b>11</b>	<b>42</b>	<b>20</b>	<b>6</b>	<b>54</b>	<b>48</b>
<b>Total</b>	<b>4%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>16,3%</b>	<b>4,8%</b>	<b>18,5%</b>	<b>8,9%</b>	<b>2,6%</b>	<b>23,8%</b>	<b>21,1%</b>

em %										
------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

**Legenda:** *D* corresponde a *Dossiê* e *T* a *Texto*. Assim, *D6T1* refere-se ao primeiro texto do Dossiê 6, e assim sucessivamente.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

No dossiê *Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois* (Nova Águia, Ed. 22), os mobilizadores mais associados à PPP são (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, com 23,8% das ocorrências; seguido por (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, com 21,1%, portanto, estratégias que oferecem alto risco ao produtor. Na sequência, aparece o mobilizador de ocorrência (6) *Indicação de expressões integrativas*, com 18,5%.

Para verificarmos proximidades e distanciamentos entre os mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para a construção de *ethos* no português brasileiro e no português europeu, vejamos o Quadro 36, que sintetiza os dados de todos os dossiês:

**Quadro 36** – Comparação da aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPP utilizados para construção de *ethos* nos dossiês da *Cult* e da *Nova Águia*

Dossiê	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
1 <i>Cult</i>	0	0	2	12	1	14	12	1	7	13
2 <i>Cult</i>	1	0	0	4	2	1	3	1	-	3
3 <i>Cult</i>	9	0	0	0	1	7	2	10	3	4
<b>Total <i>Cult</i></b>	<b>10</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>16</b>	<b>4</b>	<b>22</b>	<b>17</b>	<b>12</b>	<b>10</b>	<b>20</b>
<b>Total <i>Cult</i> em %</b>	<b>8,8%</b>	<b>0%</b>	<b>1,8%</b>	<b>14,2%</b>	<b>3,5%</b>	<b>19,5%</b>	<b>15%</b>	<b>10,6%</b>	<b>8,8%</b>	<b>17,8%</b>
1 <i>Nova Águia</i>	5	0	3	1	0	28	4	15	32	24
2 <i>Nova Águia</i>	3	0	0	0	0	27	4	0	14	10
3 <i>Nova Águia</i>	9	-	-	37	11	42	20	6	54	48
<b>Total <i>Nova Águia</i></b>	<b>17</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>38</b>	<b>11</b>	<b>97</b>	<b>28</b>	<b>21</b>	<b>100</b>	<b>82</b>
<b>Total <i>Nova Águia</i> em %</b>	<b>4,3%</b>	<b>0%</b>	<b>0,7%</b>	<b>9,6%</b>	<b>2,8%</b>	<b>24,4%</b>	<b>7%</b>	<b>5,3%</b>	<b>25,2%</b>	<b>20,7%</b>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

Um olhar sobre as similaridades entre os dossiês brasileiros e portugueses revela que o mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas* é muito utilizado

em ambos, com 19,5% na *Cult* e 24,4% na *Nova Águia*, sendo o mais utilizado na revista brasileira e o segundo na portuguesa. As marcas de construção de *ethos* são relacionadas a esse mobilizador quando a argumentação é centrada na audiência e usada para enfatizar aspectos do vínculo social, para criar uma dimensão de solidariedade entre o produtor e os leitores. Outra proximidade é que o mobilizador (2) *Indicação de deferência* não ocorre nas revistas *Cult* e *Nova Águia* associado às marcas de construção de *ethos* da PPP.

Em relação às diferenças, a observação dos indicadores revela que, na *Nova Águia*, os produtores têm maior tendência a realizarem sugestões ou recomendações e a nortear a audiência a realizar uma ação ou a interpretar um determinado fenômeno conforme o interesse do produtor (e de seu grupo). Isso fica explícito na diferença percentual de ocorrências classificadas com (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*, 8,8% na *Cult* e 25,2% na *Nova Águia*, sendo que na revista portuguesa o mobilizador é o mais utilizado entre os produtores.

Observamos também que os articulistas da *Cult* têm maior tendência a explicitar tanto argumentos elogiosos quanto depreciativos, o que fica explícito na diferença percentual de ocorrências classificadas com (7) *Indicação de argumento elogioso*, 15% na *Cult* e 7% na *Nova Águia*, e (8) *Indicação de argumento depreciativo*, 10,6% na *Cult* e 5,3% na *Nova Águia*.

Ademais, as análises do *corpus* evidenciaram que os argumentos depreciativos por meio da PPP são realizados, na *Nova Águia*, apenas por meio das marcas de construção de *ethos Plural de inclusão, Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão e Plural de Indeterminação universal*, ou seja, em grupos virtuais em que é possível incluir a audiência e compartilhar a responsabilidade sobre o dito, o que é um papel de maior risco, caso a audiência possível/provável discorde do posicionamento do articulista. Já na *Cult*, além da realização de argumentos depreciativos por meio dessas marcas, soma-se o *Plural de modéstia*, em ocasiões em que os argumentos são realizados exclusivamente pelo produtor, mas por meio da PPP.

Já o mobilizador (7) *Indicação de argumento elogioso* pode ocorrer de duas formas, tanto na *Cult* quanto na *Nova Águia*:

- 1) *Elaboração de um argumento elogioso de forma inclusiva*: Corresponde à função retórica de explicitar argumentos, opiniões e avaliações do

produtor, de cunho positivo, por meio da PPP, incluindo a audiência e compartilhando a responsabilidade sobre o dito, o que é um papel de maior risco, caso a audiência possível/provável discorde do posicionamento do articulista.

- 2) *Elaboração de um argumento elogioso de forma exclusiva*: Corresponde à função retórica de explicitar argumentos, opiniões e avaliações do produtor, de cunho positivo, por meio da PPP, de forma exclusiva, ancorando o posicionamento à credibilidade de uma pessoa não presente na interação.

### 6.2.3 Descrição das similaridades e das diferenças entre os mobilizadores de ocorrência da Primeira pessoa do discurso (singular e plural) utilizados para construção de *ethos* nos Dossiês

Para verificarmos proximidades e distanciamentos entre os mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para a construção de *ethos* no português brasileiro e no português europeu, vejamos o Quadro 37, que sintetiza os dados de todos os dossiês:

**Quadro 37** – Comparação da aferição dos mobilizadores de ocorrência da PPS e da PPP utilizados para construção de *ethos* nos dossiês da *Cult* e da *Nova Águia*

Dossiê	Mob. 1	Mob. 2	Mob. 3	Mob. 4	Mob. 5	Mob. 6	Mob. 7	Mob. 8	Mob. 9	Mob. 10
Total PPS <i>Cult</i> em %	1,2%	1,2%	34,8%	27,3%	14,9%	0%	5%	0%	5,6%	10%
Total PPP <i>Cult</i> em %	8,8%	0%	1,8%	14,2%	3,5%	19,5%	15%	10,6%	8,8%	17,8%
Total PPS <i>Nova Águia</i> em %	17,6%	2,9%	40,3%	6,2%	6,9%	0%	1,1%	0%	6,2%	18,8%
Total PPP <i>Nova Águia</i> em %	4,3%	0%	0,7%	9,6%	2,8%	24,4%	7%	5,3%	25,2%	20,7%

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.



O mobilizador (1) *Delimitação de autoria* aparece em ocorrências da PPS e da PPP associado a estratégias em que o produtor expressa baixo nível de engajamento, utilizando a PPD apenas para discursivizar/explicitar a organização textual. Na *Cult*, observamos que o mobilizador é pouco mobilizado na PPS, uma vez que representa apenas 1,2% do total de ocorrências; enquanto, no plural, representa 8,8% do total de ocorrências da PPP na *Cult*. Na *Nova Águia*, por outro lado, ocorre o inverso: o mobilizador é pouco mobilizado na PPP (4,3%) e representa uma parcela expressiva das ocorrências da PPS, com 17,6%.

O mobilizador (2) *Indicação de deferência* aparece apenas em ocorrências da PPS, na *Cult* (1,2%) e na *Nova Águia* (2,9%), em estratégias retóricas em que o produtor expressa gratidão ou apreço.

O mobilizador (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais* é o mais recorrente na PPS, tanto na *Cult* (34,8%) quanto na *Nova Águia* (40,3%), enquanto na PPP representa um índice inexpressivo (*Cult*: 1,8%; *Nova Águia*: 0,7%). Nos dossiês analisados, o mobilizador está associado a argumentos que expressam ganho ou crescimento pessoal para o produtor do texto, de modo a atestar evidência sobre fatos pessoais, que podem ou não expressar afetividade.

O mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem* ocorre com maior proeminência, tanto na PPP quanto na PPS, na *Cult*. Na revista brasileira, o mobilizador é o 2º mais representativo da PPP, com 27,3%, e possui representação significativa na PPS, com 14,2%. Já na *Nova Águia*, o mobilizador representa 9,6% dos usos da PPP e 6,2% dos usos da PPS. Nos dossiês, o mobilizador está associado a argumentos que expressam ganho ou crescimento pessoal a partir da ancoragem do *ethos* do produtor ao *ethos* de uma personalidade que possui credibilidade consolidada, de modo a atestar evidência sobre fatos.

O mobilizador (5) *Indicação de intenções, decisões e ações* aparece, com maior recorrência, na PPS, tanto na *Cult* quanto na *Nova Águia*. Nos dossiês analisados, o mobilizador está associado a argumentos que sinalizam a referência explícita autoral associada à capacidade de planejamento e de realização de uma ação externa ao texto. Na *Cult*, o mobilizador representa 14,9% das ocorrências da PPS e 3,5% da PPP; enquanto na *Nova Águia* 6,8% da PPS e 2,8% da PPP.

O mobilizador (6) *Indicação de expressões integrativas*, que possui dimensão didática, ocorre apenas na PPP, tanto na *Cult* quanto na *Nova Águia*, sendo o

mobilizador mais representativo da revista brasileira em percentual de ocorrências (19,5%) e o segundo na revista portuguesa (24,4%). Nos dossiês analisados, o mobilizador está associado a argumentos centrados na audiência.

O mobilizador (7) *Indicação de argumento elogioso* ocorre com maior recorrência na PPP: representa 15% na *Cult* e 7% na *Nova Águia*; mas também aparece, em menor número, em ocorrências da PPS: 5% na revista brasileira e 1,1% na revista portuguesa. Nos dossiês analisados, o mobilizador está relacionado a argumentos que explicitam opiniões e avaliações do produtor, de cunho positivo.

O mobilizador (8) *Indicação de argumento depreciativo* aparece apenas em ocorrências da PPP, com 10,6% na *Cult* e 5,3% na *Nova Águia*. Nos dossiês analisados, verificamos que está associado, principalmente, à marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em argumentos de cunho depreciativo.

O mobilizador (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos* aparece com maior recorrência na PPP, tanto na *Nova Águia* (25,2%) quanto na *Cult* (8,8%), sendo o mobilizador mais mobilizado da PPP na revista portuguesa. Já na PPS, também aparece, mas com percentuais menores: 5,6% na *Cult* e 6,2% na *Nova Águia*. Notamos, por meio da análise dos dossiês, que o mobilizador está presente em argumentos cujo articulista assume o papel de especialista ou de voz autorizada, fazendo sugestões ou recomendações com base em suas pesquisas ou no que observou durante a própria trajetória.

Já o mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que nos dossiês é acionado em argumentos ancorados à credibilidade do *ethos* do produtor do texto, é representativo, na *Nova Águia*, tanto na PPS (18,8%) quanto na PPP (20,7%). Já na *Cult*, a função é muito mais utilizada na PPP (17,8%), mas também aparece na PPS (10%).

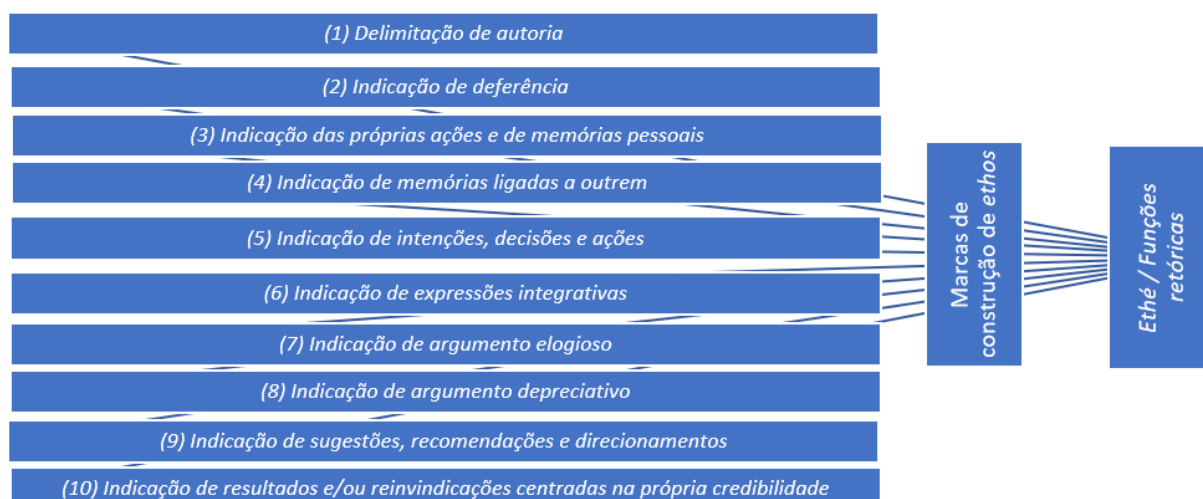
### 6.3 FUNÇÕES RETÓRICAS E A CONSTRUÇÃO DE *ETHOS* POR MEIO DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO NOS DOSSIÊS

No decorrer das seções 6.1 e 6.2, descrevemos qualitativamente e quantitativamente as marcas e os mobilizadores de ocorrência utilizados para construção de *ethos*. Os dados do *corpus* evidenciaram que a combinação das

marcas e dos mobilizadores, nos textos do gênero dossiê, aliados aos propósitos argumentativos do produtor, constituem inúmeras realizações potenciais de *ethé* e funções retóricas.

Diante das alternativas, constatamos que um único articulista, o *eu proteano*, pode construir inúmeras representações de si, adequadas a diferentes propósitos argumentativos e gerenciando diferentes relações com a audiência. Assim, na Figura 6, esquematizamos como os *mobilizadores*, vinculados às marcas de construção de *ethos* aderem multifuncionalidade retórica à PPD; enquanto, no Quadro 38, sintetizamos a construção de *ethos* por meio da PPD nos dossiês analisados.

**Figura 6 – Multifuncionalidade retórica da primeira pessoa do discurso**



Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 38 – O *eu proteano* e a construção de *ethos* na PPD nos dossiês**

PPS		PPP				
Marcas menos multifuncionais de construção de <i>ethos</i> (referem-se apenas ao produtor)		Marcas mais multifuncionais de construção de <i>ethos</i> (referem-se ao produtor + não-produtor)				
		Marcas de construção de <i>ethos</i> na PPP que excluem a audiência		Marcas de construção de <i>ethos</i> na PPP que incluem a audiência		
Singular de Exclusividade	Plural de modéstia	Plural de exclusão	Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão	Plural de inclusão	Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão	Plural de Indeterminação universal
Três tipos de <i>ethé</i> : 1 <i>Ethos</i> discursivo; 2 <i>Ethos</i> dito de si mesmo; 3 <i>Ethos</i> prévio. + ou – poder: - poder [mobilizadores 1 a 5] + poder [mobilizadores 6 a 10]						

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme demonstrado no Quadro 38, há sete marcas de construção de *ethos* por meio da PPD. Duas ligadas à PPS e seis ligadas à PPP. Por meio da Figura 6, observamos que todas as marcas são multifuncionais quando vinculadas aos mobilizadores. Contudo, as análises demonstraram que algumas marcas são *mais multifuncionais* e outras *menos multifuncionais*. As classificadas como *menos multifuncionais* são as que se referem, exclusivamente, ao produtor, portanto, o *Singular de exclusividade* e o *Plural de modéstia*.

As marcas *mais multifuncionais* de construção de *ethos* foram assim classificadas considerando as copiosas alternativas de grupos virtuais que um produtor pode se associar para construir a imagem de si, que vão desde mais uma pessoa até toda a humanidade. Também essas marcas se dividem em duas formas, que constituem estratégias retóricas diferentes: as marcas de construção de *ethos* na PPP que excluem a audiência – *Plural de exclusão* e *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão* – e as marcas de construção de *ethos* na PPP que incluem a audiência – *Plural de inclusão*, *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão* e *Plural de Indeterminação universal*.

Ademais, todas essas combinações somam-se a construções de *ethé* mais ou menos poderosas, a partir dos mobilizadores, que nos dossiês analisados foram classificados de 1 a 10; e podem se manifestar por meio do *ethos prévio*, do *ethos dito de si mesmo* e do *ethos discursivo*, a depender da intencionalidade do produtor do texto. No Quadro 39, apresentamos realizações de *ethé* manifestadas nos dossiês, a partir de recortes representativos, que ilustram o resultado da combinação dos fenômenos aqui discutidos.

**Quadro 39** – O papel das marcas de construção e dos mobilizadores de ocorrências associados à PPD na construção do *ethos*

Recorte	Estratégias mobilizadas	Tipo de <i>ethos</i>
O importante, e disso não <b>devemos</b> nunca <b>nos</b> esquecer, é que a obra de Benedito Nunes, <b>queiramos</b> ou não, <b>concordemos</b> ou não com seus pressupostos teóricos e filosóficos, com suas escolhas no campo da filosofia e da literatura, ocupa um lugar imprescindível no cenário cultural brasileiro, de tal modo que ele se tornou um interlocutor fundamental no	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Devemos; nos: (9) Indicação de _____ sugestões, recomendações _____ e direcionamentos;</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade;</u>	<i>Ethos impositivo:</i> o produtor encena a imagem de um especialista com alto grau de certeza sobre o dito. Assume o papel de voz autorizada em um determinado campo de estudos, e reverencia a personalidade homenageada.

<p>campo dos estudos de estética e filosofia da arte, por exemplo (CULT, Dossiê Benedito Nunes, 2018).</p>	<p><b><u>Queiramos; concordemos:</u></b>  <u>(7) Indicação de argumento elogioso;</u>  <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>	
<p>Foi com muita emoção, muita honra, que <b>aceitei</b> a proposta de Dayse Bregantini para organizar este dossiê. De <b>minha</b> parte, era também a oportunidade de convocar a “prata da casa” para participar junto <b>comigo</b> dessa empreitada (Dossiê Benedito Nunes, Revista Cult).</p>	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de <i>Exclusividade</i>.  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(2) Indicação de deferência;</u>  <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem;</u>  <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações</u></p>	<p><i>Ethos de deferência dito de si mesmo:</i> no recorte, o produtor enfatiza aspectos do <i>pathos</i>, por meio de emoções associadas ao convite recebido, e a responsabilidade da função assumida.</p>
<p><b>Sou</b> leitora, não <b>sou</b> crítica literária. Mas <b>tenho</b> certeza de que quanto mais <b>lermos</b> Hilda, mais <b>encontraremos</b> exemplos de seu pensamento libertário, na vanguarda de seu tempo – pois ora <b>vemos</b> parentesco de sua prosa com o existencialismo, com os “barrocos da latino-américa” – como o chileno José Donoso; assim como elementos do expressionismo alemão no seu teatro (CULT, Dossiê Hilda Hilst, 2018).</p>	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de <i>Exclusividade</i>; Plural de <i>Inclusão: produtor + leitores da Cult</i>.  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Sou; tenho certeza:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>  <b>Lermos; encontraremos; vemos:</b> (7) <i>Indicação de argumento elogioso;</i>  <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>	<p><i>Ethos de modéstia:</i> por meio do Singular de <i>Exclusividade</i>, a produtora constrói um <i>ethos</i> dito de si mesma ao enquadrar-se como uma “leitora” e não uma “crítica literária”. Apesar da autoafirmação, há no imaginário da audiência o amplo conhecimento técnico da articulista, o que contribui para a construção da imagem de <i>modéstia</i> e credibilidade. Por meio da PPP, são enfatizados aspectos do vínculo social, criando uma dimensão de solidariedade associada ao <i>ethos</i>.</p>
<p>Por alguma razão <b>gostamos</b> de efemérides. Talvez por <b>sermos</b> tão impressionáveis quando se trata de tempo. Desde que <b>nascemos acostumamo-nos</b> a acompanhar o passar das horas, acúmulo delas em anos (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).</p>	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Indeterminação universal: humanidade.</i>  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u></p>	<p><i>Ethos reflexivo, contemplativo e afetivo:</i> a imagem construída de si é ancorada em argumentos centrados no <i>pathos</i>.</p>
<p>Ao fazer o convite para que leiam o extraordinário material aqui exposto, <b>tenho a impressão</b> de que, caso vivo fosse, o velhinho Graciliano, do alto de seus 125 anos, se mostraria ainda mais ranzinza do que era (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).</p>	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de <i>Exclusividade</i>.  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem;</u>  <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u></p>	<p><i>Ethos de modéstia com ênfase em vínculo afetivo:</i> o produtor enfatiza a argumentação no vínculo familiar com a personalidade homenageada (neto de Graciliano Ramos).</p>
<p>Haveria relações entre a trajetória do homem e sua obra? Sem <b>cairmos</b> em biografismo estreito ou no perigoso mecanicismo entre vida e ficção, pode-se</p>	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Plural de <i>exclusão (produtores)</i>.  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(10) Indicação de resultados</u></p>	<p><i>Ethos de dupla acadêmica:</i> Não é possível projetar dois <i>ethé</i>, dissociados, uma vez que não é explícita a participação de cada um dos articulistas na elaboração do texto. Projeta-se</p>

conjecturar, em parte, que sim (CULT, Dossiê O imenso Graça, 2018).	<u>e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>	um único <i>ethos</i> de uma dupla de pesquisadores com a capacidade técnico-científica de avaliar a obra da personalidade homenageada. As afirmações são ancoradas na credibilidade dos produtores.
A pergunta que radicalmente [nos] coloca é esta: Qual a função da inteligência? Qual o dever dos intelectuais?” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Fidelino de Figueiredo, 2018).	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: produtor + intelectuais</u> <b>mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>	<i>Ethos de intelectual ligado à filosofia.</i> O produtor projeta uma imagem de si relacionada à responsabilidade ao poder.
“No mundo da objetividade cousista, não se pode ser verdadeiro filósofo, poeta ou religioso; aí <b>estaremos</b> como prisioneiros da caverna propensos a torturar e a matar quem aponte outros horizontes” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Fidelino de Figueiredo, 2018).	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: cultura ocidental judaico-cristã.</u> <b>mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(8) Indicação de argumento depreciativo;</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>	<i>Ethos de filósofo:</i> A argumentação é centrada no <i>pathos</i> , o articulista parte de uma doxa comum, de valores universais, para convencer sua audiência sobre as reflexões apontadas.
“Referindo-me as ideias já noutras ocasiões expostas por <b>mim, resumi-las-ei</b> , agora, no seguinte” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> <u>Singular de Exclusividade.</u> <b>mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u>	<i>Ethos de credibilidade prévia:</i> o produtor aciona não só o <i>ethos</i> dito de si mesmo, ao ressaltar seu histórico de exposições sobre o tema, mas também o <i>ethos</i> prévio, ou seja, a memória da audiência em relação ao articulista, uma vez que é um intelectual com credibilidade nas esferas jurídica, acadêmica e diplomática. As estratégias elocucionais são ancoradas à credibilidade do produtor.
Ora <b>temos</b> de reconhecer que nem Hugo nem Baudelaire, nem qualquer simbolista ou decadentista francês exerceu a mínima influência ou sugestão em António Nobre (com exceção duma única poesia de Moréas, como já se viu, cuja ideia foi logo composta por Nobre no ritmo dolente, bem junqueiriano, do octossílabo acentuado na 4ª sílaba, ainda que fizesse imperfeitamente) (NOVA ÁGUIA, Dossiê Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão, 2018).	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>	<i>Ethos acadêmico e didático:</i> cria-se uma dimensão semântica de solidariedade e conselho (porém, um conselho de um <i>ethos</i> com capacidade técnico-científica assimétrica em relação à audiência.
É por isso que Dalila, na	<b>Marcas de construção de</b>	<i>Ethos de exaltação nacionalista:</i>

<p>melhor tradição portuguesa, defende que a alma do <b>nosso</b> povo se encontra na <b>nossa</b> poesia e religião e não em qualquer pensamento especulativo, analítico, científico ou filosófico (NOVA ÁGUIA, Dossiê Dalila Pereira da Costa, 2018).</p>	<p><b>ethos:</b> <u>Indeterminação circunscrita: nós da nação: Portugal.</u>  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u>  <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u></p>	<p>o produtor destaca o pertencimento a Portugal, aos valores, à cultura e à identidade, de modo a ressaltar a singularidade e contrastes com outros territórios. Através da doxa comum nacionalista, centra-se a argumentação no <i>pathos</i> e constrói-se um <i>ethos</i> que assume o papel de voz autorizada para analisar os aspectos da cultura lusitana presentes na obra de Dalila.</p>
<p>Aqui <b>devemos</b> destacar vários importantíssimos elementos: para já, <b>vemos</b> que todas as experiências espirituais de Dalila, inclusive as experiências imaginais “menores” e não apenas os grandes êxtases, “foram vistos e ouvidos como em referência e pertença da teologia e escatologia católica” (NOVA ÁGUIA, Dossiê Dalila Pereira da Costa, 2018).</p>	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u>  <b>mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>  <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>	<p><i>Ethos de modéstia e credibilidade acadêmica:</i> O produtor explicita seu posicionamento pessoal, porém, de forma atenuada. A veracidade sobre a importância e a necessidade explicitadas no dito são ancoradas à credibilidade do <i>ethos</i>.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] *tu me asseguraste que sabes muitas e belas coisas sobre Homero, afirmando que demonstrarias; tu me enganas e careces de muito para demonstrar; tu que, nem mesmo queres dizer aquelas coisas a respeito das quais afirmas ser perito, apesar de minha insistência anterior. Mas simplesmente, como **Proteu**, vens a ter todas as formas, virando-se para cima e para baixo, até que, finalmente, depois de me teres escapado, tu me apareces como general, a fim de me demonstrar como és perito sobre a sabedoria de Homero (PLATÃO, 2017, p. 9)*<sup>145</sup>.

Nesta tese, procuramos descrever como a PPS e a PPP representam funções retóricas e como atuam na construção de *ethos* em recortes de dossiês das revistas *Cult* e da *Nova Águia*. As análises demonstraram que a PPS e a PPP indicam a postura do produtor do texto, uma vez que auxiliam na construção da imagem de si pretendida. A opção pela primeira pessoa aciona marcas linguísticas que vão sendo ajustadas aos propósitos do produtor do texto e possibilitam a encenação de imagens de si.

Para respondermos à primeira pergunta de pesquisa, “De que forma a PPS e a PPP exercem funções retóricas para a realização de *ethos* no *corpus*?”, em um primeiro momento, identificamos sete marcas de construção de *ethos* e, na sequência, verificamos as marcas linguísticas que representam a PPS e a PPP, em que é possível a identificação, no nível contextual, de ocorrências da PPS que se referem unicamente ao produtor, e, por isso, classificamos esse fenômeno retórico como *Singular de Exclusividade*. Apesar de esse ser o único tipo de construção de *ethos* associado à PPS encontrado no *corpus*, não descartamos a possibilidade de outras realizações, em outros gêneros, principalmente na modalidade oral-dialogada, considerando o fenômeno da embreagem linguística, estudado por Fiorin (1995).

---

<sup>145</sup> Na epígrafe desta seção, vemos um trecho da obra *Eutífron*, escrita por volta de 399 a.C., em que são apresentados diálogos entre o filósofo grego Sócrates e Eutífron, um esperto religioso. Eles tentam estabelecer uma definição para *piiedade* sem chegar a um consenso. Trata-se de um discurso aporético.



Nos textos analisados, são seis as marcas vinculadas à PPP para a construção de *ethos*: *Plural de modéstia*, que se refere unicamente ao produtor, embora na marca do plural; *Plural de inclusão*, que se refere ao produtor + audiência; *Plural de exclusão*, que se refere à exclusão da audiência com relação à junção do produtor + participantes virtuais; *Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, que se refere ao produtor + audiência + participantes indeterminados circunscritos; *Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão*, que se refere ao produtor + participantes indeterminados circunscritos; e *Plural de Indeterminação universal*, que se refere ao produtor + generalizações + audiência.

Também propomos a classificação de mobilizadores para as ocorrências da PPS e da PPP utilizados para a construção de *ethos*. É possível aferir uma escala retórica gradativa, no *corpus*, a saber: (1) *Delimitação de autoria*; (2) *Indicação de deferência*; (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais*; (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem*; (5) *Indicação de intenções, decisões e ações*; (6) *Indicação de expressões integrativas*; (7) *Indicação de argumento elogioso*; (8) *Indicação de argumento depreciativo*; (9) *Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos*; e (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*.

Cada uma das sete marcas de construção de *ethos*, associada a diferentes mobilizadores, imprime, no *corpus*, funções retóricas e *ethé*, cujas possibilidades foram descritas nas seções 5 e 6. Constatamos que a PPD permite, aos articulistas, disfarces, que podem ser classificados e avaliados no cotexto, que se prestam a diversos usos argumentativos, o que lembra características proteanas.

Para respondermos à segunda pergunta de pesquisa, “Há prevalência de marcas linguísticas e de mobilizadores de construção de *ethos*, se comparadas as ocorrências da PPS e da PPP, nos recortes dos dossiês da *Cult* e da *Nova Águia*?”, pautamos a atenção ao trabalho de descrição qualitativa dos fenômenos observados, conforme pode ser observado no Apêndice 1, com as respectivas análises na Seção 5. Realizamos a descrição estatística das marcas e dos mobilizadores de ocorrência para a construção de *ethos*, na Seção 6, e algumas das constatações são aqui sintetizadas.

A comparação entre os dossiês da *Cult* e da *Nova Águia* evidencia que a maior parte das marcas de construção de *ethos* está presente, em maior ou menor número, em ambas as revistas. A exceção é o *Plural de Indeterminação circunscrita*

*de exclusão*, presente em todos os dossiês da *Nova Águia*, mas em nenhum da *Cult*. A marca presente apenas nos dossiês portugueses se refere às ocorrências da PPP que significam um grupo virtual composto pelo produtor do texto + um determinado grupo em que não é possível explicitar seus participantes (sem a inclusão da audiência).

Alguns *ethé* nas revistas *Cult* e *Nova Águia* mostraram-se contingenciados a dois aspectos. O primeiro, possivelmente por fatores culturais e sócio-históricos de constituição das diferentes audiências (leitores brasileiros e leitores portugueses). Enquanto a construção de *ethé* ligados à nacionalidade ocorre, na *Cult*, em apenas 16,7% da totalidade desse tipo de fenômeno, verificamos, na variedade portuguesa, 83,3% das manifestações de *nós da nação* no *corpus*. Já as ocorrências de PPP que constroem grupos virtuais que ampliam os laços da territorialidade para uma inclusão cultural mais ampla atingiram 100% na *Nova Águia*, como os grupos compostos por: *produtor + audiência + europeus* e *produtor + audiência + membros que integram as civilizações ocidentais fundamentadas em valores culturais e morais judaico-cristãos*.

Quanto ao segundo aspecto, mostrou-se associado à proximidade histórica e/ou afetiva entre os produtores e as personalidades homenageadas. Observamos que, entre os produtores dos textos que possuem proximidade histórica e/ou afetiva com as personalidades homenageadas, há uma tendência pela utilização do *Singular de Exclusividade*, do *Plural de exclusão* ou do *Plural de modéstia*, o que pode aderir maior grau credibilidade ao conteúdo e ao *ethos*. Também verificamos que, diante de um maior afastamento histórico e/ou afetivo da personalidade, os produtores tendem a optar pela utilização do *Plural de inclusão*, o que confere ao texto um determinado grau de compartilhamento da responsabilidade com os interlocutores sobre o dito.

Além disso, o *corpus* revelou que a mobilização de diferentes tipos de marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP possibilita aos produtores dos dossiês modularem a proeminência da imagem construída de si. Observamos que, nos dossiês, quando a PPD não é utilizada, o enfoque principal está centrado no argumento, enquanto os pronomes pessoais do caso reto imprimem maior proeminência ao articulista. Assim, as demais marcas linguísticas da PPD estabelecem um nível intermediário de focalização entre o argumento e o *ethos*.

A focalização da atenção explica fenômenos ligados ao uso de pronomes pessoais da PPD, como as diferenças atestadas na frequência de determinadas marcas linguísticas da PPP com diferentes funções retóricas, uma vez que o uso explícito dos pronomes pessoais do caso reto aumenta o peso argumentativo de um dado enunciado e a proeminência do *ethos*. Constatamos, no *corpus*, por exemplo, a ausência de ocorrências do pronome pessoal do caso reto *nós* que correspondam ao *Plural de modéstia*, o que evidencia quantitativamente o caráter de embreagem dessa marca, que se refere exclusivamente ao produtor do texto, mas que, para evitar um tom impositivo ou muito pessoal ao texto, opta pela PPP.

Quanto aos mobilizadores de ocorrência, ressaltam-se os dados aferidos a partir do mobilizador (1) *Delimitação de autoria*, que aparece presente em marcas da PPS e da PPP. Na *Cult*, o mobilizador é pouco utilizado na PPS, com 1,2% do total de ocorrências; enquanto, no plural, representa 8,8% do total de ocorrências da PPP na *Cult*. Na *Nova Águia*, por outro lado, ocorre o inverso: o mobilizador é pouco utilizado na PPP (4,3%) e representa uma parcela expressiva das ocorrências da PPS, com 17,6%, o que evidencia que, no *corpus* analisado, os produtores portugueses tendem a explicitar mais a presença autoral do que os produtores brasileiros.

O mobilizador (3) *Indicação das próprias ações e de memórias pessoais* é o mais recorrente da PPS, tanto na *Cult* (34,8%) quanto na *Nova Águia* (40,3%), enquanto na PPP representa um índice inexpressivo. Constatamos que essa recorrência se dá devido ao perfil dos dossiês analisados, que valorizam personalidades da cultura e da literatura, pois muitos produtores conviveram com as personalidades, portanto, as memórias pessoais são fundamentais nestes textos, para aderir maior credibilidade e humanização aos relatos.

Da mesma forma, o mobilizador (4) *Indicação de memórias ligadas a outrem* ocorre com proeminência, tanto na PPP quanto na PPS, na *Cult*. Na revista brasileira, o mobilizador é o 2º mais representativo na PPP, com 27,3%, e possui representação significativa na PPS, com 14,2%. Já na *Nova Águia*, o mobilizador representa 9,6% dos usos da PPP e 6,2% dos usos da PPS.

Outro mobilizador cujos dados devem ser destacados é (6) *Indicação de expressões integrativas*, que possui dimensão didática, e ocorre apenas na PPP, tanto na *Cult* quanto na *Nova Águia*, sendo o mais representativo da revista

brasileira em percentual de ocorrências (19,5%) e o segundo na revista portuguesa (24,4%).

Também destacamos os dados relativos ao mobilizador (8) *Indicação de argumento depreciativo*, que aparece apenas em ocorrências da PPP, com 10,6% na *Cult* e 5,3% na *Nova Águia*. Nos dossiês analisados, verificamos que está associado, principalmente, à marca de construção de *ethos Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão*, em argumentos de cunho depreciativo. Constatamos, portanto, uma tendência de os produtores preservarem o *ethos* diante de argumentos depreciativos, evitando a ancoragem direta e explícita à responsabilização sobre as afirmações tanto ao produtor quanto à audiência.

Já os dados relativos ao mobilizador (10) *Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade*, que nos dossiês é acionado em argumentos ancorados à credibilidade do *ethos* do produtor do texto, corroboram a percepção sobre os dados resultantes do mobilizador 1, de que há uma tendência no *corpus* analisado, de os produtores portugueses explicitarem mais a presença autoral do que os produtores brasileiros. Na *Nova Águia*, o mobilizador é relevante tanto na PPS (18,8% das ocorrências) quanto na PPP (20,7%). Na *Cult*, a função é muito mais utilizada na PPP (17,8%), mas também aparece na PPS (10%), o que evidencia uma tendência maior, entre os produtores brasileiros, de evitarem ancorar a credibilidade do argumento ao *eu*.

Diante dessas constatações, retomando a analogia apresentada no início desta pesquisa, e assumindo limitações decorrentes de um trabalho acadêmico, propomos que se trata de faces do “*eu* (e *nós*) proteano”, mesmo no *corpus* delimitado, na modalidade escrita, de um gênero específico. Mesmo, também, que se considere a delimitação temporal e temática, dentro de um contexto em que as relações de poder são claras, assim como as audiências virtuais/prováveis dos veículos de comunicação podem ser inferidas. Ademais, sugerimos a realização de novas pesquisas que contemplem também a descrição das funções retóricas da PPS e da PPP em outros gêneros.

A título de exemplificação das diferentes construções retóricas, pensemos no gênero debate político-eleitoral, realizado na modalidade oral-dialogada. Nesse contexto hipotético, em que os concorrentes disputam um cargo para o poder executivo, os oradores podem adotar diferentes estratégias retóricas ligadas às pessoas do discurso para a construção de *ethos*, como a embreagem da PPS para a

terceira pessoa do discurso<sup>146</sup>: “Se o presidente garantir que todos os cidadãos brasileiros tenham a oportunidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, ao final do mandato, ele terá cumprido o seu propósito” (dito pelo próprio candidato que almeja a presidência). Notamos que há a possibilidade desses oradores hipotéticos utilizarem estratégias retóricas diferentes das associadas aos fenômenos linguísticos descritos e analisados nesta tese, uma vez que, nos dossiês, a construção da imagem de si é circunstancial e não o foco dos articulistas, que visam, na totalidade de cada dossiê, a apresentar aos leitores o *ethos* da personalidade homenageada.

Embora as limitações explicitadas demonstrem a necessidade de ampliação da pesquisa a partir de outros *corpora*, este estudo demonstra que, por meio da PPS e da PPP, o produtor estabelece vínculo e relações de poder com a audiência. Uma consequência desse recurso é que o articulista pode ampliar ou reduzir a responsabilidade direta sobre o dito. Diante dessa multiplicidade de usos, poderíamos julgar a flexibilidade da PPD como uma máscara multifacetada que também permite ocultar intenções. Se considerarmos o *nós* do discurso nacionalista, por exemplo, além de ser uma indevida usurpação da voz, pode ser utilizado, em alguns contextos, para esconder a heterogeneidade na nação, suas intrínsecas diferenças (de classe, origem, religião, língua etc.), para construir uma sensação de homogeneidade e solidez intrínseca ao conceito nacionalista de nação. Por meio da PPP, pode-se contribuir para a constituição de uma comunidade (percebida, virtual), que compartilha objetivos; mas também pode delimitar uma comunidade diante de outras, imprimindo contrastividade. Logo, a lista de usos políticos do *nós* é longa e está ligada a diferentes meios culturais. Além disso, a identidade exata dos grupos virtuais possíveis a partir do *nós*, muitas vezes, é escondida, uma vez que o produtor pode optar por deixar a interpretação em aberto para vários propósitos estilísticos, pragmáticos e retóricos, como diminuir o grau de responsabilidade sobre o dito.

---

<sup>146</sup> No exemplo, demonstramos a embreagem da PPS para a TP em uma situação positiva, que traria ganhos pessoais para o orador, mas que opta pelo afastamento como uma estratégia de valorização do cargo almejado, que representa uma instituição. Mas a literatura científica consultada demonstrou também outras possibilidades, como o estudo de Spinda (2009), que analisou, em língua inglesa, efeitos de terceira pessoa/efeitos de primeira pessoa para examinar as percepções e comportamentos autorrelatados de fãs de esportes, e mais especificamente, fãs da National Football League (NFL). Os resultados de Spinda (2009) indicaram que os fãs da NFL exibiram percepções de terceira pessoa ao comparar a influência da mídia percebida em si mesmos e em outros fãs de seu time da NFL favorito/mais familiar, portanto, a utilização de TP no lugar da PPS ou da PPP é utilizada como uma estratégia de preservação da face.

Apesar de não ser o foco desta pesquisa, observamos que nosso estudo traz reflexões aplicáveis ao ensino de língua portuguesa na Educação Básica, desde que seja com uma abordagem epilinguística, sem a menção das categorias aqui apresentadas. De um modo geral, o ensino dos pronomes pessoais é realizado pelo viés da gramática tradicional, com conceitos e usos que refletem a norma-padrão. Os manuais gramaticais e os livros didáticos usualmente apresentam os pronomes como meros substitutos de elementos nominais e ignoram suas funções semânticas, pragmáticas e retóricas. Além disso, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), documento que norteia as ações dos professores da Educação Básica, o direcionamento em relação à abordagem do sistema pronominal restringe-se à mobilização dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquos como mecanismos de progressão temática, e não considera que essas marcas linguísticas podem ser exploradas com propósitos retóricos.

Por meio das reflexões teóricas e das análises desta pesquisa, demonstramos a natureza abrangente das funções retóricas que as marcas de construção de *ethos* na PPS e na PPP podem representar. Tomando cuidado para não desviar para um novo tipo de prescritivismo, sugerimos que é importante para alunos e professores estarem cientes da presença dessas diferentes maneiras pelas quais a PPS e a PPP podem ser utilizadas. Para os alunos, uma compreensão das opções disponíveis, como a possibilidade de aderir à PPP inclusividade ou exclusividade, pode ajudá-los a decidir a melhor forma de construírem o *ethos*, nas modalidades escrita e oral-dialogada.

Concordamos com Manetti (2015) sobre a constatação de que, ao usar a língua, é preciso conhecer determinadas normas de ordem social. Ao aprender a língua, é preciso também aprender aquelas normas que passam a fazer parte da “gramática” utilizada pelos falantes e estão envolvidas na escolha e seleção de algumas formas em detrimento de outras em registros específicos. Uma vez que os pronomes estão entre os principais meios pelos quais os atos de fala se conectam a pessoas reais, atuando em situações interativas, conhecer a maneira como os pronomes são usados nos permite entender algumas relações entre a linguagem e a sociedade.

A experiência na Educação Básica e no Ensino Superior evidencia que alguns alunos podem evitar o uso da primeira pessoa em situações de alta formalidade, simplesmente por causa de uma vaga noção preconcebida de que gêneros formais

demandam um estilo de escrita distante e impessoal. Para os professores, os resultados deste estudo implicam a necessidade de reconhecer que a questão não é simplesmente se os pronomes de PPD devem ou não serem permitidos ou incentivados na escrita. Em vez disso, a questão passa a ser quais sentidos específicos da PPD os escritores podem usar, quando e com que finalidade.

Acreditamos que o ensino das funções retóricas da PPS e da PPP, na Educação Básica, deve ocorrer com o propósito de que os alunos compreendam que suas escolhas linguísticas refletem a imagem que eles projetam de si na escrita e na fala. Esse foco na consciência crítica da linguagem busca capacitar os alunos de forma que não sejam ingenuamente manipulados por convenções, abrindo caminho para a emancipação. Essa percepção é um passo importante para criar escritores confiantes com um bom senso de si mesmos. Consideramos que a abordagem que reflita, na Educação Básica, sobre a microestrutura textual, especificamente as marcas linguísticas da PPS e da PPP, não deve substituir a compreensão ou interpretação do texto como um todo. Pelo contrário, consideramos que, ao compreenderem funções retóricas associadas ao uso dessas marcas linguísticas, na oratória e em textos argumentativos, os alunos desenvolverão um olhar crítico sobre a língua e poderão aplicar esse conhecimento na leitura e na escrita.

O conhecimento linguístico sobre a multifuncionalidade retórica inerente à PPD e sua utilidade como recurso estratégico, aliado ao conhecimento da situação dos participantes da interação bem como das relações que existem entre eles e de seus objetivos interacionais, pode ser fundamental para a formação de escritores críticos, capazes de criar o significado que desejam para o *eu* ou o *nós* que apresentam.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurice Cunio, Antonietta Scartabello, Carla Comi, Rodolfo Ilari e Sílvia Salvi. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

ADAM, J. M. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 93-117.

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. New York: Oxford University Press, 2004.

ALBÉ, M. H. **A responsabilidade enunciativa em reportagens de divulgação científica e sua materialização no quadro pré-citação**. 325f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2018.

ALCIATO. Emblem 183. *In: Book of Emblems*. 1531. Domínio público. Disponível em: <https://www.mun.ca/alciato/e183.html>. Acesso em: 25 dez. 2022.

AL-QAHTANI, H. **‘We’ and Identity in Political Discourse: A Case Study of Hillary Clinton**. 288f. Tese (Doutorado em Filosofia) – The University of Birmingham. Birmingham, 2017.

ALVES, M. G. C. **Hilda Hilst – Respiros: uma experiência de divulgação**. 167f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2012.

AMARAL, G. P. Os “eus” nas memórias narradas de Graciliano Ramos. **Revista Entrelaces**, V. 2, Nº 9, Jan.-Jun., 2017.

AMARO, L. E. R. A formação do *ethos* português nos periódicos **O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915)** e **A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932)**. 371f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Estadual Paulista (UNESP). 2018.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à *análise do discurso*. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016a. p. 09-28.

AMOSSY, R. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 119-144.



ANDRADE, A. L. *et al.* Características proteanas e afetos sobre carreira de estudantes de Psicologia. **Psicologia Educacional**, Estud. psicol. (Campinas) 33 (04) • Oct-Dec 2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. Livro de domínio público, 2000.

BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Nova edição revista e ampliada pelo autor. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BÉGUELIN, M. J. La concurrence entre nous et on en français. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

BEKHTA, N. The Promise and Challenges of “We”: first person plural discourses across genres. **Style**, vol. 54, n. 1, The Pennsylvania State University, 2020.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3 ed. Campinas-SP: 1991.

BECK, M.; FONSECA, R. O.; SANTOS, A. P. Recortes discursivos, paradigma indiciário e procedimentos contraindutivos. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 153-171, jan./abr. 2019.

BINI, R. P. **Primeira pessoa do plural em dossiê da revista Cult**: traços de modalização. 120f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, 2018.

BINI, R. P.; SELLA, A. F. **Primeira pessoa do plural em dossiê da Revista Cult**: traços de modalização epistêmica e de diferentes instâncias de sentido vinculadas às categorias ethos, pathos e logos da Retórica. Fórum Linguístico, v. 16, n. 4 (2019). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4135>. Acesso em 20 out. 2019.

BOSSONG, G. *Nosotros*, un panorama tipológico. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015, p. 45-70.

BRANDÃO, R. **Húmus**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação; União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAMARA-JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Edição, estabelecimento de texto, introdução e notas de Emílio Gozze Pagotto, Maria Cristina Figueiredo Silva e Mourivaldo Santiago-Almeida. – Petrópolis: Vozes, 2019.

CAMÕES, L. V. **Os Lusíadas**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2013.

CAMPOS, O. G. L. A. S.; RODRIGUES, A. C. S.; GALEMBECK, P. T. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (org.). **Gramática do Português Falado**: Volume IV: Estudos descritivos. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-72.

CARVALHO, D. S. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. 155f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. 2008. Disponível em: [http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/528/1/Dissertacao\\_DanniellaSilvaCarvalho\\_completa.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/528/1/Dissertacao_DanniellaSilvaCarvalho_completa.pdf). Acesso em: 10 jan. 2020.

CARVALHO, D. S. Uma proposta de estrutura interna para os pronomes pessoais no Português Brasileiro. **Signótica**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 455-481, jul./dez. 2017.

CARVALHO, G. A. A concordância verbal no português europeu: variação e preenchimento do sujeito. **Alfa**, rev. linguíst. vol.57, no.1, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-57942013000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942013000100005). Acesso em: 30 jun. 2020.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 1993. v. 2. p. 213-261.

CASTILHO, A. T. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. **Alfa**, São Paulo, 38: 75- 95, 1994.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <http://revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

CAVALCANTE, M. M. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v.38, n.3, p. 345-354, set.-dez. 2009.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tékhne Grammatiké, de Dionísio Trácio, para o Português**. 217f. Dissertação (Mestrado em Letras) da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

CHEN, J. First person plural. **Digital Commons Law**. University of Maryland Francis King Carey School of Law, v. 8, 2008.

CHEN, R. Single author self-reference: Identity construction and pragmatic competence. **Journal of English for Academic Purposes**, 45, 2020, 100856.

CÍCERO. Do orador. Tradução publicada na tese: SCATOLIN, A. **A invenção no Do orador de Cícero**: um estudo à luz de *Ad Familiares*, I, 9, 23. 313f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, 2009.

CORBARI, A. T. A negociação em textos opinativos: os elementos modalizadores como estratégia de interação. In: PORFÍRIO, L.; SIQUEIRA, S. (org.). **Colhendo frutos e partilhando saberes acerca da linguagem**: diálogos entre pesquisas de um doutorado interinstitucional. Cascavel: Edunioeste, 2016. p. 155-175.

CORBARI, A. T. **Elementos modalizadores como estratégia de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de ensino médio**. 2013. 200f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador. 2013.

COSTA, D. P. **A força do Mundo**. Porto: Lello Editores, 1972.

COSTA, S. B. **Dois trajetórias políticas, duas personas**: o emprego de dêixis de primeira pessoa em discurso de palanque. 2011. 234f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2011.

COVENEY, A. Vestiges of nous and the 1st person plural verb in informal spoken French. **Language Sciences**, 22, 2000, p. 447-481.

CULT. **Sobre**. 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sobre/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; PEZATTI, C. Negação, modalidade e evidencialidade no discurso científico. In: **Estudos Lingüísticos XXXIII**, p. 873-878, 2004. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/negacao\\_modalidade.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/negacao_modalidade.pdf). Acesso em 20 set. 2020.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Campos semânticos modais: a modalidade dinâmica. In: ANTONIO, J. D. **Estudos descritivos do Português**: História, uso, variação. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 133-148.

DASCAL, M. O *ethos* na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 57-92.

DESIDERI, P. L'Italiano della Lega/1. *In*: **Italiano e Oltre**, VIII, La Nuova Italia, Firenze, 1993, p. 281-285. Disponível em: <https://giscel.it/wp-content/uploads/2018/07/ITALIANO-OLTRE-1993-n.-5.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2020.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. **Oré/landé**. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/ore/>. Acesso em 14 jul. 2020.

DIMAS, A. Gilberto Freyre e Fidelino de Figueiredo. **Navegações**, 4(2), 2011. p. 141–145.

DITTRICH, I. J. **Linguística e jornalismo**: dos sentidos à argumentação. Cascavel: Edunioeste, 2003.

DITTRICH, I. J. **O Ethos na entrevista jornalística**: refazer e desfazer uma imagem. Caderno de letras da UFF. Dossiê: Palavra e imagem nº 44, p. 277-293, 2012.

DITTRICH, I. J. **Retórica do discurso jornalístico**: modalização e subjetividade na reportagem impressa. SELLA, A. F. Percorrendo estudos linguísticos e práticas escolares. Cascavel: Edunioeste, 2010.

DUGNANI, P.; CRUZ, L. A. Mitologia e pós-modernidade: Proteu, Argos e Narciso - Os mitos e seus reflexos na sociedade. **Anuário da Produção Acadêmica Docente** - v.1, n.1, 2007.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. 21 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EGGS, E. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 29-56.

EPIFÂNIO, R. Da razão atlântica à razão lusófona: o contributo de António Braz Teixeira na revista *Nova Águia*. NATÁRIO, C.; CUNHA, J.; EPIFÂNIO, R. **António Braz Teixeira**: obra e pensamento. Porto: Universidade do Porto; Faculdade de Letras, 2018.

EPIFÂNIO, R. Nova Águia 23 a chegar... **Jornal de Relações Internacionais**. 20 mar. 2019. Disponível em: <http://jornalri.com.br/wp-content/uploads/2019/03/NOVA-%C3%81GUIA-23-a-Chegar.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.

FARRÉ, J. A. G. R. Los otros en nosotros y la gramática de la primera persona del plural. **Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica**, vol. 46, núm. 1., 2020.

FAUCI, N. L. **Foglie di cactus**. Settantasei aforismi, Pisa, ETS, 2000.

FAUCI, N. L. Noi, persona politica. ASSOCIAZIONE PER LA STORIA DELLA LINGUA ITALIANA (ASLI). **L'italiano della politica e la politica per l'italiano**. Napoli: Franco Cesati Editore, 2016. p. 387-400.

FAUCI, N. L.; TRONCI, L. *Noi in Se questo è un uomo. Saggio di critica linguistica*. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015, p. 7-22.

FERNANDES, A. G. **A estrutura dialógica em poemas do Só de António Nobre**. 133f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Campinas (Unicamp). Campinas, 1996.

FERREIRA, E. P. Diferentes usos dos pronomes pessoais: inovação do português brasileiro ou tendência da Língua Portuguesa?. V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. **Atas do Simpósio**. 2017, Università del Salento. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/>. Acesso em 20 jun. 2020.

FIGUEIREDO, F. **A luta pela Expressão**. 2 ed. Coimbra: Ática, 1960.

FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, J. L. A pessoa subvertida. **Língua e Literatura**, n. 21, p. 77-107, 1995.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2008.

FOWLER, R.; KRESS, G. *Critical linguistics*. FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. **Language and control**. New York: Routledge, 2019.

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

FREEMAN, P. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Marília Chaves e Marcia Men. São Paulo: Amarelly, 2011.

FREITAS, C. Sobre a construção de um léxico da afetividade para o processamento computacional do português. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1031-1059, 2013.

GUEDES, R. M. Gênero epidítico: ferramenta da argumentação jurídica. **Tradução em Revista**, 17, 2014/2. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23653/23653.PDF>. Acesso em: 31 jan. 2022.

GUILHERME, P.; OSÓRIO, P. **A Prosódia Semântica Em Português Europeu:** Estatuto e definição de um fenómeno lexical e gramatical. Covilhã-PT: LusoSofia, 2014.

GUIMARÃES, E. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. **Fragmentum**, Jan./Mar 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/17264>. Acesso em 23 jul. 2018.

HADDAD, G. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso:** a construção do *ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 145-165.

HAENNINEN, K. **The Construction of Self in Finnish First-person Supernatural Encounter Narratives.** 222f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Ohio State University. Columbus, 2009.

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, 2015; 53(3): 479-524.

HILST, H. **Da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOMERO. **Odisseia.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HYLAND, K. Humble servants of the discipline? Self-mention in research articles. *In: English for Specific Purposes*, v. 20, 2001, p. 207-226.

ILARI, R.; FRANCHI, C.; NEVES, M. H. M.; POSSENTI, S. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (org.). **Gramática do Português Falado:** Volume IV: Estudos descritivos. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 73-159.

IYER, S. Cosmopolitan Creative Writing pedagogies: First-person plural and writing/teaching against offence. WHETTER, D. (org.). **Teaching Creative Writing in Asia.** London: Routledge, 2022.

JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. Une personne à multiples facettes. Introduction. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros:** Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015, p. 7-22.

JOYCE, J. **Ulisses.** Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KUCINSKI, B. Notas sobre o jornalismo de dossiês. *In: Observatório da imprensa.* 2002. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq110920021.htm>. Acesso em 05 ago. 2020.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003

LAGE, I. **Eu, repórter**: narradores em primeira pessoa nas reportagens de Trip, Tpm e Rolling Stone. 147f. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

LE, P. Q. **Perspective as a Communication Tool**: Third-Person (vs. First-Person) Imagery Facilitates Analytical (vs. Dynamic) Language Style. 116 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Ohio State University. Columbus, 2020.

LEEDHAM, M. E. **A corpus-driven study of features of Chinese students' undergraduate writing in UK universities**. 311f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Open University. Milton Keynes, 2011.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA**, vol.14 n.2 São Paulo, 1998.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. *In*: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 1ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.

LOPO, Rui. Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica. *In*: NOVA ÁGUIA. **Dalila Pereira da Costa**: 100 anos depois. Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 32-34.

LOURINHO, J. C. L. C. **A cultura da paz no pensamento de Fidelino de Figueiredo**. 102f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus) – Universidade de Évora. Évora, 2014.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcionilo. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MANETTI, G. Il noi tra enunciazione, indessicalità e funzionalismo. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

MANSO, A. António Braz Teixeira na *Nova Renascença* e *Nova Águia*. um contributo para a afirmação do pensamento e cultura lusófona. NATÁRIO, C.; CUNHA, J.; EPIFÂNIO, R. **António Braz Teixeira**: obra e pensamento. Porto: Universidade do Porto; Faculdade de Letras, 2018.

MARQUES, I. **Para amar Graciliano**: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra. Barueri: Faro Editorial, 2017.

MARQUES, M. A.; DUARTE, I. M. Dêixis e valores enunciativo-pragmáticos dos predicados verbais no discurso académico. *In*: REI, X. M. S.; MARQUES, M. A. (org.). **As ciências da linguagem no espaço galego-português**: diversidade e convergência. Braga-PT: Universidade do Minho, 2016.

MARQUES, M. A.; RAMOS, R. Marcas deíticas da presença do locutor no discurso científico. Dissertações de mestrado apresentados na Universidade do Minho. **Redis**: revista de estudos do discurso, nº 4, 2015. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3093/2816>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MARTINS, L. C. C. **António Nobre e o Simbolismo em Portugal**. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais) – Universidade da Madeira. Funchal, 2012.

MATEUS, S. Formas emotivas do discurso persuasivo. **Media & Jornalismo**, Nº 34, Vol. 19, Nº 1, Universidade Nova de Lisboa, 2019. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/2183-5462\\_34/110](https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/2183-5462_34/110). Acesso em 30 jun. 2020.

MATEUS, S. **Introdução à Retórica no Séc. XXI**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2018.

MAURIZI, B. **La prima persona plurale nei discorsi dei politici italiani**: dalla prima alla seconda Repubblica. 129f. 2017. Tese apresentada ao Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari, da Università degli Studi di Padova. Disponível em: [http://tesi.cab.unipd.it/56817/1/Beatrice\\_Maurizi\\_2017.pdf](http://tesi.cab.unipd.it/56817/1/Beatrice_Maurizi_2017.pdf). Acesso em 23 jun. 2020.

MELO, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Revista Intercom** – RBCC. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em 02 jan. 2021.

MENDONÇA, J. J. **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural**: indeterminação do sujeito e polidez. 102f. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MENON, O. P. S. Implementação de *você* no século XX, no português do Brasil. SELLA, A. F.; ROMAN, E. C.; CORBARI, A. T. (org.). **X Celsul**: congregando pesquisas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 21-80.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n.44, p.91-106. 1995. Editora da UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19069/12374>. Acesso em 10 jan. 2021.

MENDONÇA, J. J. Interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural. **Caderno de Squibs**: Temas em estudos formais da linguagem, V. 4, N. 2, 2018.



Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30435/26223>. Acesso em 20 out. 2020.

MEYER, M. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MISKIW, A. A. **A primeira pessoa como estratégia de negociação em artigos de opinião**. 134f. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2021.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOSCA, L. L. S. A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros. Retórica. **Actas do I Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas**. Disponível em: [https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/linei002\\_0.pdf](https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/linei002_0.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

MOSCA, L. L. S. "Coincidência retórica", não. Escolhas. **Jornal Usp**. 04/02/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=299023>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MOSCA, L. L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. MOSCA, L. L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001.

NAMIUTI, C.; VIEIRA, A. S. O. "Nós concordamos em pessoa e número, porém, nós discorda bastante": um estudo dos pronomes de primeira pessoa plural em PB com base em um corpus de fala popular. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.14, n.4, p. 2587 - 2605, out./dez. 2017.

NARO, A. J. *et al.* **Change without change**. Language Variation and Change, 11 (2), 1999, p. 197–211.

NASCIMENTO, M. F. **Benedito nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)**. 370f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2012.

NEVES, M. H. F. A Auto-Relação e o Espelho de nós mesmos: a Natureza. UTZ, K.; SOARES, M. C.; (org.). **A noiva do espírito: natureza em Hegel**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVA, M. A. A. On the meanings and functions of grammatical choice: the spanish first-person plural in written-press discourse. **Pragmatics**, 23:4.573-603, International Pragmatics Association, 2013.

OLIVEIRA, G. F. “**Então eu posso dizer ‘eu’ na redação?**”: da subjetividade na linguagem à autoria na argumentação escrita. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 13(1), 36-50.

PASCHOAL, C. S.; AYRES, C. R. Cotexto e contexto: os fatores que compõem e circundam o universo textual. **Revista Signos**, Lajeado, ano 41, n. 2, 2020.

PEIXOTO, T. F. Modalização no enunciado e modalização na enunciação. In: DIAS, L. F.; LACERDA, P. B. G.; DALMASCHIO, L. (org.). **Enunciação e materialidade linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 70-77.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

PETTER, M. Linguagem, Língua, Linguística. FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

PIETRANDREA, P. **La modalità epistemica**. Cornici teoriche e applicazioni all’italiano. 2001. Tese (Doutorado) em Linguística da Università degli studi di Roma. Disponível em: <http://paolapietrandrea.altervista.org/papers/tesi.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PLATÃO. **Eutidemo**. Tradução de Maura Iglesias. Livro de domínio público, 2011.

PLATÃO. **Éutifron (Sobre a piedade)**. Domínio público. 2012. Disponível em: <https://blogdomensalao.files.wordpress.com/2012/09/eutifron-platc3a3o.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PLATÃO. **Górgias**. Livro de domínio público, 2015.

PLATÃO. **Íon**. Tradução de Humberto Zanardo Petrelli. 2017. Disponível em: <https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2017/03/icc81on.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Domínio Público, 1960.

PRABHUPADA, A. C. **Bhaktivedanta Swami. Bhagavd Gita**: como ele é. Pindamonhangaba: The Bhaktivedanta Book Trust-Brasil, 2017.

POSIO, P. Spanish subject pronoun usage and verb semantics revisited: First and second person singular subject pronouns and focusing of attention in spoken Peninsular Spanish. **Journal of Pragmatics**, 43, 2011, p. 777–79.

POSIO, P. Who are 'we' in spoken Peninsular Spanish and European Portuguese? Expression and reference of first person plural subject pronouns. **Language Sciences**, 34, 2012, p. 339–360.

PROCTOR, K.; SU, L. I. W. The 1st person plural in political discourse: American politicians in interviews and in a debate. **Journal of Pragmatics**, 43, 2011, p. 3251–3266.

QUINTILIANO, M. F. **Instituições oratorias**. Traducción de Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier. Madrid: Moris Polanco, 2015.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 120 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RAMOS, W. **Um roteiro para a escrita de abstracts de artigos de pesquisa: estrutura retórica e técnicas de argumentação**. 347f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Araraquara, 2011.

REBECHI-JUNIOR, A. Hilda Hilst: do exercício constante da poesia. **Comunicação & educação**, ano XXIII, número, jul/dez, 2018.

REIS, E. A.; REIS, I. A. **Análise Descritiva de Dados**. Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

RÊGO, A. G.; MOURA, R. L. Jornalismo, gêneros e diversidade cultural nas revistas brasileiras. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.35, n.2, p. 101-128, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n2/06.pdf>. Acesso em 10 jul. 2020.

RENNÓ, M. A. T. **Os pronomes pessoais de 1ª pessoa: uma análise a partir das produções escritas dos alunos do 9º ano do ensino fundamental**. 102f. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

REYNAUD, M. J. Introdução. *In*: BRANDÃO, R. **Húmus**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2013.

RIOS, O. **A experiência estética de Raul Brandão: palavras, destroços, ruínas**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

RODRIGUES, A.; CAMPOS, O. G. L. A. S. Construção do vocábulo flexionado. RODRIGUES, A.; ALVES, I. M. (org.). **A construção morfológica da palavra: Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 159-157.

RODRIGUES, A.; CAMPOS, O. G. L. A. S. Introdução e flexão em Português: natureza e realização. RODRIGUES, A.; ALVES, I. M. (org.). **A construção morfológica da palavra: Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015a. p. 145-157.

RODRIGUES, O. A. O. **Sofística e ambiguidades da linguagem no Eutidemo de Platão**. 93f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

ROSSETTI, M. L. **Artes plásticas e jornalismo cultural, reflexos da pós-modernidade**: ilustríssima, revista cult e digestivo cultural. Dissertação apresentada ao Mestrado em Comunicação Social da PUC-RS. 2015. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3618306](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3618306). Acesso em 26 jul. 2022.

SANJAD, N.; SANJAD, A. Prólogo: Benedito Nunes, o pequeno pai do tempo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 2, p. 349-375, maio-ago. 2011.

SANTOS, T. G.; RAMOS, W. C. A organização retórica do gênero textual reportagem de divulgação científica. **D.E.L.T.A.**, 37-2, 2021 (1-25).

SCHEIBMAN, J. Inclusive and Exclusive Patterning of the English First Person Plural: Evidence from Conversation. *In*: ACHARD, M.; KEMMER, S. (org.). **Language, Culture, and Mind**. Standford: CSLI Publications, 2004.

SCHEREE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C.; NARO, A. J. *Nós e a gente* no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estud. Linguist. Galega**. Volume especial I, 2018, p. 13-27.

SCHMID, H. B. Expressing Group Attitudes: On First Person Plural Authority. **Erkenn**, v. 79, 2014.

SCHMID, H. B. Groups speaking for themselves: Articulating first-person plural authority. **Language & Communication**, v. 1, 2019, DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2019.07.001>.

SCRETI, F. Screti. Noi: Il pronome della nazione. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

SCRUTON, R. The first person plural. BEINER, R. (org.). **Theorizing nationalism**. New York: State University of New York, 1999.

SILVA, A. C. **A (des)construção de face no discurso jurídico**. 218f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2019.

SILVA, J. R.; BALASSIANO, M.; SILVA, A. R. L. Burocrata proteano: articulações de carreira em torno e além do setor público. **Rev. adm. contemp.** 18 (1), Fev 2014.

SILVA, L. A. Projeto Nurc: histórico. **Linha d'água**. N. 10, p. 83-90, jul. 1996.

SILVEIRA, A. C. F. A construção do ethos como estratégia argumentativa no artigo de opinião jornalístico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (3): p. 1360-1370, set.-dez. 2015.

SILVEIRA, L. C. **A articulação entre ethos e efeitos de sentido**: uma visão enunciativa sobre articuladores textuais, pronomes e verbos em textos do vestibular da UFSM. 195f. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2017.

SHAKESPEARE, W. **Os dois cavalheiros de Verona**. Tradutor: Ridendo Castigat Mores. Domínio público. E-book: 2011. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/verona.html>. Acesso em: 25 dez. 2022.

SOARES, N. M. M. **Gêneros textuais em foco**: argumentação em textos opinativos. Curitiba: Appris, 2016.

SPINDA, J. S. W. **The third-person and first-person effects of sports fandom**. 193f. Tese (Doutorado em Filosofia em Comunicação) – University of Pennsylvania. Philadelphia, 2009.

STEWART, M. Pronombres de poder y de solidaridad: El caso de la primera persona plural nosotros. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

SÜSSEKIND, P. As metamorfoses de Proteu. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. IX, n. 17 (juldez/2015), p. 70-87.

TANG, R.; JOHN, S. The 'I' in identity: exploring writer identity in student academic writing through the first person pronoun. **Pergamon**. English for Specific Purposes, 18, 1999. P. 23-39.

TARAPANOFF, F. P. A. **Escrever e pensar cultura na contemporaneidade**: jornalismo cultural e compreensão. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Casper Líbero. 2010. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/12-escrever-e-pensarcultura-na-contemporaneidade.pdf>. Acesso em 26 jul. 2022.

TAYLOR, H.; GOODALL, J. A preliminary investigation into the rhetorical function of 'I' in different genres of successful business student academic writing. *In*: **Journal of English for Academic Purposes**, v. 38, 2019, p. 135-145.

TEIXEIRA, B. **Prosopopeia**. Domínio Público. 2010.

TEIXEIRA, J. S. Dalila Lello Pereira da Costa. Uma Mística Ecuménica. **Revista de Espiritualidade**, n 30, abril-junho, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. Flexão verbal, texto e discurso. RODRIGUES, A.; ALVES, I. M. (org.). **A construção morfológica da palavra**: Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 281-380.

UEVORA – UNIVERSIDADE DE ÉVORA. **Dossier Temático, O Que é????**. Disponível em: [http://www.minerva.uevora.pt/bib-es-campomaior/docs/Dossier\\_tematico.pdf](http://www.minerva.uevora.pt/bib-es-campomaior/docs/Dossier_tematico.pdf). Acesso em 05 ago. 2017.

UFES. **Carreira Proteana**. 2016. Disponível em: <https://carreira.ufes.br/conteudo/carreira-proteana>. Acesso em: 24 dez. 2022.

VEIGA, P. E. B. O mito de Orfeu e Eurídice no Livro IV das Geórgicas de Virgílio: tradução e notas. **RÓNAI**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, UFJF – Juiz de Fora, V.6 N.1, 2018, p. 172-178.

VIALA, A. A eloquência galante: uma problemática da adesão. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p.167-182.

VIRGILIO. **As Georgicas de Virgilio trasladadas a Portuguez por Antonio Feliciano De Castilho**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

WANG, F.; KARIMI, S. This product works well (for me): The impact of first-person singular pronouns on online review helpfulness. **Journal of Business Research**, 104, 2019, 283–294.

WILLIS, S. **ASF Study Materials for The Two Gentlemen of Verona by William Shakespeare**. 2017. Disponível em: <https://asf.net/wp-content/uploads/2017/01/sf-TGV-17-FINAL-3-1.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2022.

YEREGUI, C. A. El *nosotros* fracturado: disensos em torno a la memoria del passado reciente español. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

ZÉFIRO. **Revista Nova Águia**. 2020. Disponível em: <https://zefiro.pt/as-nossas-colecoes-zefiro-revista-nova-aguia>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ZÚQUETE, J. P. Nacionalismos e política externa portuguesa no pós-25 de Abril. PAREDES, M. M. (org.). **Dimensões do Poder**: História, Política e Relações Internacionais. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015. p. 81-96.

ZÚQUETE, J. P. O império contra-ataca: uma ideia para as direitas do futuro. MARCHI, R. (org.). **As raízes profundas não gelam?** - Ideias e percursos das direitas portuguesas. Alfragide: Texto Editores, 2012.

## REFERÊNCIAS DOS TEXTOS QUE COMPÕEM O *CORPUS*

### DOSSIÊ 1: BENEDITO NUNES

BEZERRA, José Denis de Oliveira. Benedito Nunes e o teatro. *In: CULT. Benedito Nunes: o filósofo da poesia*. Ed. 231. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 26-29.

BURNETT, Henry. Ausência e presença de um filósofo. *In: CULT. Benedito Nunes: o filósofo da poesia*. Ed. 231. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 42-43.

CHAVES, Ernani. O mestre que ria. *In: CULT. Benedito Nunes: o filósofo da poesia*. Ed. 231. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 23-25.

CHAVES, Lilia Silvestre. Trocando de papéis. *In: CULT. Benedito Nunes: o filósofo da poesia*. Ed. 231. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 38-41.

HOLANDA, Sílvio. A crítica de Guimarães Rosa. *In: CULT. Benedito Nunes: o filósofo da poesia*. Ed. 231. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 30-33.

WERLE, Marco Aurélio. Intérprete de Heidegger. *In: CULT. Benedito Nunes: o filósofo da poesia*. Ed. 231. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 34-37.

### DOSSIÊ 2: HILDA HILST

ARAUJO, Leusa. umasómúltiplamatéria. *In: CULT. Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira*. Ed. 233. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P.30-32.

ESTEVES, Leandro Carlos. O jardineiro da casa. *In: CULT. Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira*. Ed. 233. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 34-37.

FUENTES, Daniel. A gestão de um legado. *In: CULT. Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira*. Ed. 233. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 38-41.

MORAES, Eliane Robert. As faces espelhadas de Eros. *In: CULT. Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira*. Ed. 233. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 20-23.

ZENI, Bruno. Uma prosa do tempo. *In: CULT. Hilda Hilst: um unicórnio na literatura brasileira*. Ed. 233. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 28-29.

### DOSSIÊ 3: O IMENSO GRAÇA

ABDALA-JUNIOR, Benjamin; BARROS, Luzia. Linguagem literária e vida sociocultural. *In: CULT. O imenso Graça: vidas secas, 80 anos*. Ed. 239. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 15-20.

BORGES, Lilliân Alves; MONTEIRO-FILHO, Edmar. Heróis subestimados. *In: CULT. O imenso Graça: vidas secas, 80 anos.* Ed. 239. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 24-27.

CHAUVIN, Jean Pierre; NEVES, Rodrigo Jorge Ribeiro. Vida, literatura e engajamento. *In: CULT. O imenso Graça: vidas secas, 80 anos.* Ed. 239. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 28-31.

LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio. A arte pede misericórdia. *In: CULT. O imenso Graça: vidas secas, 80 anos.* Ed. 239. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 36-37.

RAMOS-FILHO, Ricardo. Sem procuração. *In: CULT. O imenso Graça: vidas secas, 80 anos.* Ed. 239. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. P. 13-14.

#### DOSSIÊ 4: FIDELINO DE FIGUEIREDO

CARNEIRO, Mário. Pertinências do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo. *In: NOVA ÁGUIA. Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 39-44.

LÓIA, Luís. Filosofia e mito: Eudoro de Sousa, leitor de Fidelino Figueiredo. *In: NOVA ÁGUIA. Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 33-38.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. Fidelino de Figueiredo: o traço essencial do seu humanismo. *In: NOVA ÁGUIA. Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 38-39.

PINTO, Joaquim. Breves considerações acerca de uma onto-po(i)ética em Fidelino de Figueiredo: *in memoriam* de um colecionador de angústias. *In: NOVA ÁGUIA. Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 29-33.

TEIXEIRA, António Braz. Contribuição de Fidelino de Figueiredo para a historiografia da filosofia portuguesa. *In: NOVA ÁGUIA. Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 26-29.

#### DOSSIÊ 5: ANTÓNIO NOBRE E RAUL BRANDÃO

ABREU, Edward Ayres de. O ouvir e o escutar de Raul Brandão, ou húmus enquanto música. *In: NOVA ÁGUIA. Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 70-80.

CARVALHO, Júlio Amorim de. António Nobre: temática e verso na sua obra – mito e realidade. *In: NOVA ÁGUIA. Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 63-70.



HENRIQUES, Mendo Castro. El-rei Junot de Raul Brandão: uma narrativa sobre o sentido na história. *In: NOVA ÁGUIA. Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 80-88.

LANÇA-COELHO, José. Nos 150 anos de nascimento de António Nobre. *In: NOVA ÁGUIA. Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 46.

OLIVEIRA, J. Alberto de. Efeitos de Leça da Palmeira: “a deliciosa hipnotizadora” no poeta António Nobre. *In: NOVA ÁGUIA. Nos 150 anos do nascimento de António Nobre e Raul Brandão.* Ed. 21. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 55-62.

### DOSSIÊ 6: ANTÓNIO NOBRE E RAUL BRANDÃO

DOMINGUES, Joaquim. A corografia sagrada na obra de Dalila Pereira da Costa. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 51-56.

GOMES, Pinharanda. Lembrança de uma tese de Dalila. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 76-77.

LEAL, Maria José. Com Dalila no reega...gaço de atae...gina. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 61-66.

LOPO, Rui. Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 32-34.

MANSO, Artur. Dalila Pereira da Costa e a natureza matriarcal de Portugal. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 42-51.

MENDES, Alexandre Teixeira. *In vocação.* *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 35.

SINDE, Pedro. Dalila: o pano de fundo ou uma premissa interpretativa essencial. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 74-76.

SOARES, Maria Luísa de Castro. Da sublimação da mulher no pensamento de Dalila Pereira da Costa. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 67-73.

TEIXEIRA, António Braz. Dalila Pereira da Costa e a mitologia portuguesa. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 36-41.

TEIXEIRA, José Rui. Encontro na noite: acerca do onirismo místico de Dalila Pereira da Costa. *In: NOVA ÁGUIA. Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois.* Ed. 22. Sintra: Zéfiro, 2018. P. 56-61.

## APÊNDICE 1

### RECORTES ANALISADOS

\*\*\* Marcas de construção de *ethos* na PPP e suas respectivas classificações são sublinhadas.

#### A REVISTA CULT

#### D1 – Benedito Nunes: filósofo da poesia

#### D1T1 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *O mestre que ria*

Nº	Recorte textual	Categorias
01	<b>Lembro</b> , em especial, da Martinha, nos idos da década de 1970, quando o <b>conheci</b> .	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Lembro:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i> <b>Conheci:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
02	Certa vez, por volta dos <b>meus</b> 18, 19 anos, numa das inúmeras aulas que tinha com ele no seu escritório, Martinha latia, latia bastante em direção a mim, sentado numa cadeira à esquerda do sofá onde o professor Benedito estava.	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
03	<b>Reclamei</b> com ele, que então <b>me</b> disse, entre o sério e o brincalhão: “Também, estás sentado na cadeira dela!”.	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
04	Rindo muito, entre desculpas e afagos na cachorra, <b>me levantei</b> , <b>sentei</b> em outra cadeira, deixando a cadeira dela livre.	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
05	Quieta, meio dorminhoca, mas também atenta ao que <b>dizíamos</b> , Martinha se tornou, por alguns anos, a <b>minha</b> companheira de sala de aula.	<b>Marcas de construção de <i>ethos</i>:</b> <i>Plural de exclusão; produtor + personalidade homenageada;</i> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem;</i> (3) <i>Indicação das próprias</i>

		<i>ações e de memórias pessoais.</i>
06	<b>Conheci</b> Benedito Nunes em março de 1976, <b>eu</b> , um garoto de 18 para 19 anos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
07	<b>Passei</b> no processo seletivo e <b>me tornei</b> o monitor de uma disciplina obrigatória para o então ciclo básico da área das ciências humanas, que antecedia o ciclo profissional, de acordo com a reforma do ensino superior então recém-implementada pela ditadura civil-militar brasileira.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
08	<b>Minha</b> preparação para a tarefa da monitoria, que envolvia preparar os textos para sempre rodados no stencil ou, ainda, o material para as provas – folhas de papel pautado, carimbadas com a insígnia da UFPA e divididas em grandes envelopes -, incluía as aulas na casa do professor Benedito, no seu pequeno escritório abarrotado de livros e com algumas fotografias na parede.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
09	<b>Minha</b> convivência com Benedito Nunes se transcorreu praticamente entre livros, seja numa conversa simples, seja em grandes e às vezes infundáveis discussões teóricas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
10	Curioso, demasiado curioso e desde a infância um leitor obsessivo, <b>eu</b> tinha diante de <b>mim</b> alguém que acolheu uma demanda por saber.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
11	E a acolheu, desde sempre e sem que acerca disso <b>eu</b> tivesse qualquer suspeita, de certa forma praticando um exercício de maestria muito próximo daquele que, numa passagem de <i>Assim falou Zaratustra</i> , o personagem Zaratustra <b>nos</b> fala da sua relação com seus discípulos, aqueles a quem pensava ensinar, transmitir a sua doutrina: contra Sócrates e contra Jesus, Zaratustra dizia que retribui-se mal a um mestre simplesmente repetindo o que ele diz; ao contrário, é preciso que o mestre permita que seu discípulo o negue, o renegue, quantas vezes for necessário (não apenas três, como o fez o apóstolo Pedro, em célebre passagem bíblica), para que possa entre eles se firmar uma relação na qual a busca e o domínio do saber e da verdade já não estejam estabelecidos de antemão.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>PPP de Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: <i>Leitores de Nietzsche</i></u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> Singular de Exclusividade: (2) <i>Indicação de deferência;</i> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos;</i> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: (6) <i>Indicação de expressões integrativas</i></u>
12	Sua generosidade, sua gentileza, sua simpatia para com seus alunos, que ele adorava receber no seu escritório-biblioteca, ao contrário, tinha por finalidade tornar possível que cada um de <b>nos</b> encontrasse seu próprio caminho.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: <i>produtor + colegas pesquisadores em formação.</i></u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
13	Nesse diapasão, Benedito Nunes <b>me</b> deu, de início, dois presentes, em dois momentos distintos de meu percurso formativo, mas que <b>me</b> foram fundamentais, presentes na forma de indicações incisivas, quase uma ordem, mas	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b>

	ditas com muita doçura.	(4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
14	A segunda, <b>creio</b> que por volta de 1985, 1986, quando <b>precisei</b> ler algumas passagens do <i>Discurso filosófico da modernidade</i> , de Habermas, ainda na edição alemã; lhei <b>pedi</b> socorro e ele não <b>me</b> disse uma frase que, salvo engano de <b>minha</b> memória, já teria ouvido de alguém: “aprender alemão é o serviço militar da filosofia”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Creio:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais;</i> <b>Precisei; pedi:</b> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i> <b>Me; minha:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
15	Foi com muita emoção, muita honra, que <b>aceitei</b> a proposta de Dayse Bregantini para organizar este dossiê.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (2) <i>Indicação de deferência;</i> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem;</i> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
16	De <b>minha</b> parte, era também a oportunidade de convocar a “prata da casa” para participar junto <b>comigo</b> dessa empreitada.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
17	O importante, e disso não <b>devemos</b> nunca <b>nos</b> esquecer, é que a obra de Benedito Nunes, <b>queiramos</b> ou não, <b>concordemos</b> ou não com seus pressupostos teóricos e filosóficos, com suas escolhas no campo da filosofia e da literatura, ocupa um lugar imprescindível no cenário cultural brasileiro, de tal modo que ele se tornou um interlocutor fundamental no campo dos estudos de estética e filosofia da arte, por exemplo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult; Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Devemos; nos:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos;</i> (16) <i>Declaração de resultados e reivindicações centradas na credibilidade e na imagem de rigor técnico do articulista;</i> <b>Queiramos; concordemos:</b> (7) <i>Indicação de argumento elogioso;</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
18	Neste dossiê (e a partir daqui não <b>farei</b> , deliberadamente, nenhum grande <i>spoiler</i> ), José Denis Bezerra, professor do Instituto de Ciências da Arte da UFPA, <b>apresenta-nos</b> uma faceta quase inteiramente desconhecida do grande público, que foi o engajamento de Benedito Nunes no teatro, ele que foi um dos fundadores da que hoje se chama Escola de Teatro e Dança da UFPA, numa parceria, em especial, com sua esposa Maria Sylvania Nunes.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Farei:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> <b>Apresenta-nos:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
19	Sílvio Holanda, professor do Instituto de Letras e	<b>Marcas de construção de</b>

	Comunicação da UFPA, por sua vez, <b>nos</b> apresenta as diretrizes gerais da recepção de Guimarães Rosa por Benedito Nunes e, com isso, escolha difícil, <b>deixamos</b> de lado a recepção de Clarice Lispector, já bastante estudada e conhecida.	<b>ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult; Plural de exclusão: produtor + equipe que elaborou o dossiê.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Nos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u> <b>Deixamos:</b> (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
20	<b>Estamos</b> aqui, portanto, também diante de um tema muito pouco explorado nos estudos rosianos e que Sílvio Holanda, que foi orientando de Benedito Nunes no mestrado em Letras da UFPA, <b>nos</b> desvela com conhecimento de causa.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Estamos:</b> (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade;</u> <b>Nos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
21	Marco Aurélio Werle, professor do Departamento de Filosofia da USP, retoma a importância dos estudos de Benedito Nunes sobre Heidegger, mas não apenas para <b>nos</b> apresentar as principais linhas de força desses estudos, como também para mostrar, de maneira tão apropriada a importância desses estudos para sua própria formação.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Nos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
22	Lília Chaves, professora do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA, <b>nos</b> fala de uma maneira especial da história da amizade entre Benedito e Mário Faustino, amizade marcada pela troca de papéis, ou seja, pelo fato de que um e outro foram divulgadores da obra do amigo, tendo como pano de fundo a experiência memorável de um grupo de jovens envolvidos com a literatura, na Belém do imediato pós-Segunda Guerra.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Nos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
23	Finalmente, <b>convidei</b> dois amigos cujos caminhos particulares se cruzaram de maneiras diferentes, mas com a mesma intensidade e com grandes consequências para seus respectivos <i>métiers</i> : Henry Burnett e Paulo Vieira.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (5) <u>Indicação de intenções, decisões e ações.</u>
24	A terceira lição que Benedito Nunes <b>me</b> deixou veio no dia triste e doloroso de seu velório, no final de fevereiro de 2011.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <u>Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
25	<b>Eu</b> chorava muito, abraçado à sua esposa.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <u>Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
26	<b>Minha</b> convivência com Benedito Nunes foi facilitada mais ainda pelo fato de que <b>morávamos</b> próximos, no mesmo bairro, seja quando aluno, morando na casa de <b>meus</b> pais, seja mais tarde, como professor.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtor +</u>

		<i>personalidade homenageada;</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Minha; meus:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i> <b>Morávamos:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
27	Entre 1976 e 1978, o professor Benedito <b>me</b> levava para a UFPA de carona no seu Fusca azul.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
28	Hoje, algumas vezes, devido ao sinal luminoso da esquina próxima a sua casa, <b>meu</b> carro fica parado, esperando o sinal abrir, em frente ao muro coberto de hera da casa que tantas vezes <b>visitei</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
29	Nesses momentos, <b>sou</b> invadido por uma imensa saudade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
30	Mas ainda <b>posso</b> ouvir seu riso largo e franco, o mesmo riso que juntos <b>dávamos</b> quando, mais adiante, num muro qualquer a caminho da universidade, <b>nos deparávamos</b> com uma propaganda do “Baratão das Calcinhas”!	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade e <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Posso:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i> <b>Dávamos; nos deparávamos:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
31	Esse era, pelo menos, o professor Benedito que <b>guardo</b> na minha memória.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 23-25)

#### D1T2 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Benedito Nunes e o teatro*

Nº	Recorte textual	Categorias
32	No complexo emaranhado entre pensamento e prática, a arte tem um papel fundamental para <b>pensarmos</b> sobre teorias culturais e a organização da sociedade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas;</i> (7) <i>Indicação de argumento elogioso.</i>
33	Nesse universo de possibilidades de leitura, as relações entre cultura e pensamento, entre práticas sociais e arte, <b>destaco</b> a importância de grupos de teatro e de	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.

	intelectuais ligados ao setor, para, nesse caso especial, elucidar questões importantes para a história e a cultura amazônica/paraense.	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
34	Somada a tais fatores, <b>destacamos</b> , ainda, sua passagem pela administração e docência no Serviço de Teatro da Universidade do Pará (atual Escola de Teatro e dança da UFPA), a primeira instituição pública de ensino de teatro da região amazônica, entre 1962 e começo de 1967, quando precisou deixar o Brasil, indo para a França, depois de responder a um processo instaurado contra ele como diretor da Escola de Teatro.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
35	Em <b>minhas</b> pesquisas sobre a história do teatro paraense, <b>considero</b> que o movimento teatral amador em Belém do Pará, durante três décadas, foi articulado por um grupo de artistas e intelectuais envolvidos com o projeto de modernização da cultura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Minhas:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade;</i> <b>Considero:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
36	Nesse fragmento citado, <b>percebemos</b> o destaque alcançado pelo seu grupo de teatro, devido à participação nos festivais nacionais promovidos por Paschoal Carlos Magno (1958, em Recife, e, em 1959, em Santos); e a ponderação de que, mesmo com a fama conseguida, o Norte Teatro Escola do Pará ainda era uma ação muito restrita, “uma ilha”, ou seja, <b>notamos</b> a percepção de que muito se precisava fazer para transformar a produção cênica em Belém.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
37	<b>Destacamos</b> o seguinte fragmento:	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
38	No texto, <b>percebemos</b> que Benedito Nunes procura relatar o processo de concepção e realização do espetáculo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
39	Além disso, por meio da análise da sua correspondência com Paschoal Carlos Magno, <b>observamos</b> que ele passou a ser articulador do movimento de teatro amador da Amazônia, entrando em contato com grupos de Manaus, Macapá e outros, estimulando suas criações, permanências e ida aos festivais nacionais.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
40	Por fim, <b>destacamos</b> sua atuação no Serviço de Teatro da Universidade do Pará, por meio da direção do órgão e na docência (ele ministrou de 1962 a 1967 as disciplinas Estética e Psicologia).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
41	Tal retirada <b>nos</b> possibilita muitas leituras, porém, nesse momento, <b>dizemos</b> que ele representou o fechamento de um ciclo, das formas e práticas teatrais brasileiras/paraenses presentes desde a década de 1940.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 26-29)

**D1T3 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *A crítica de Guimarães Rosa***

Nº	Recorte textual	Categorias
42	Sintetizar tais textos, cuja dimensão material supera, em muito, o artigo dos <b>nossos</b> dias, levando em consideração sua base teórico-crítica, é uma tarefa que aqui não é possível, contudo <b>salientamos</b> suas linhas de força, centradas em temas fundamentais como a concepção erótica da vida e as relações entre poesia e filosofia.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da revista <i>Cult</i> + pessoas contemporâneas, que vivem na mesma época em que o texto foi publicado, mesmo as que nunca terão acesso ao texto; Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Nossos:</b> (3) <u>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais;</u> <b>Salientamos:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u>
43	O texto rosiano <b>apresenta-nos</b> em uma “narração inteiriça” e oscila, acabando-se a língua culta, entre dialeto regional e criação arbitrária.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista <i>Cult</i>.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 30-33)

**D1T4 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Intérprete de Heidegger***

Nº	Recorte textual	Categorias
44	Em <i>Introdução à filosofia da arte</i> , <i>A filosofia contemporânea</i> e <i>O tempo na narrativa</i> , <b>notamos</b> uma grande desenvoltura junto à linguagem acadêmica mais restrita e à divulgação da filosofia e da literatura para o grande público.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u>
45	<b>Chamo</b> a atenção para o título dessa obra, que é muito inspirador, demonstrando a fineza e a elegância de Benedito Nunes.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
46	A obra de Heidegger tinha sido pouco traduzida entre <b>nós</b> , basicamente pelos professores Emanuel Carneiro Leão e Ernildo Stein.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + professores mencionados no texto.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <u>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
47	Benedito Nunes se aproxima de alguns desses pensadores em sua abordagem, tendo inclusive	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de



	participado de muitos colóquios organizados por eles, em especial dos colóquios do professor Loparic na PUC de São Paulo, onde em 1995 o <b>conheci</b> e <b>tivemos</b> uma rápida conversa, a única, aliás, que <b>tive</b> com ele.	Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Conheci; tive:</b> (4) Indicação de memórias ligadas a outrem. <b>Tivemos:</b> (4) Indicação de memórias ligadas a outrem.
48	Naquela ocasião <b>eu</b> estava terminando <b>meu</b> mestrado sobre Heidegger e Hölderlin.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.
49	<b>Conversamos</b> sobre a tradução dos poemas de Hölderlin que tinha acabado de ser publicada pelo professor Antônio Medina Rodrigues numa coletânea: <i>Canto do destino e outros cantos</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) Indicação de memórias ligadas a outrem.
50	<b>Lembro-me</b> de que ambos <b>concordamos</b> que o ensaio introdutório ("Poética do sinal") era ainda mais interessante do que as traduções, a despeito do excelente trabalho de Medina.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Lembro-me:</b> (4) Indicação de memórias ligadas a outrem. <b>Concordamos:</b> (4) Indicação de memórias ligadas a outrem; (7) Indicação de argumento elogioso.
51	A diferença básica da abordagem de Benedito Nunes em relação a Heidegger no contexto nacional da época, como já <b>frisei</b> , é a abertura para o assim chamado segundo Heidegger.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) Delimitação de autoria; (10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.
52	Por que ler e como ler Benedito Nunes hoje? Sua obra <b>nos mostra</b> um tipo de atividade intelectual que <b>nos é necessária</b> , necessária para as novas gerações, principalmente aquelas que estão presas a um certo produtivismo das publicações rápidas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Nos mostra:</b> (6) Indicação de expressões integrativas; <b>Nos é necessária:</b> (9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos; (10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.
53	Ler suas obras <b>nos mostra</b> como pode ser prazerosa a vida intelectual e também <b>nos indica</b> o quanto ainda <b>temos</b> a aprender.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult; Plural de Indeterminação universal (Humanidade).</u>

		<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u><b>Nos mostra:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas;</i></u> <u><b>Nos indica; temos:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos;</i></u> <u>(8) <i>Indicação de argumento depreciativo.</i></u>
54	<b>Penso</b> que um modo interessante de refletir sobre o seu legado é não apenas lembrar, em sentido abstrato, de sua obra, mas ao mesmo tempo continuá-la segundo seu espírito e seu ideal, lembrando seu modo de atuação e seu campo de preocupações, em particular no que se concerne à delicada relação entre filosofia e poesia ou entre filosofia e literatura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações;</i></u> <u>(10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i></u>
55	Em muitos de seus textos, essa relação entre filosofia e poesia se conjuga de várias maneiras: como superação da filosofia, explicação dos limites, encontros e desencontros, de “transa” entre filosofia e poesia, do pensamento poético com a poética do pensamento etc., <b>indicando-nos</b> ricas perspectivas de exploração.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista <i>Cult</i>.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i></u>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 34-37)

#### D1T5 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Trocando de papéis*

Nº	Recorte textual	Categorias
56	No início do século 21, <b>vemos</b> concentrados no livro <i>Rumos da crítica</i> uma série de ensaios sobre a atividade crítica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i></u>
57	Onde <b>podemos</b> encontrar as causas e os efeitos dessa dupla crise, no fim do século 20? Pergunta-se Benedito Nunes e responde, citando Walnice Galvão (1998): “[...] no conformismo, na predileção pela escrita fácil [...]”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista <i>Cult</i>.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i></u>
58	Nessa “troca de papéis”, no entrelaçamento de biografias, na fraternidade de ideias entre o poeta e o filósofo, <b>podemos</b> chamar Mário Faustino e Benedito Nunes, respectivamente, de poeta e de filósofo da Poesia.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista <i>Cult</i>.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i></u> <u>(10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i></u>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 38-41)

**D1T6 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Ausência e presença de um filósofo***

<b>Nº</b>	<b>Recorte textual</b>	<b>Categorias</b>
59	Ingressei no curso de Filosofia da UFPA no ano de 1991.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
60	Em <b>minha</b> memória fantasiada, ele havia se aposentado um ano antes, em 1990, mas a verdade é que ele se afastou pouco tempo depois do <b>meu</b> ingresso – talvez essa tenha sido a forma que <b>encontrei</b> de lidar com a grande lacuna e a frustração de não ter sido seu aluno regular nas disciplinas da grade curricular do curso de Filosofia, possivelmente porque ele já não ofertava matérias obrigatórias nos últimos anos de atuação docente.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
61	Todos sabiam que seu acervo pessoal não tinha paralelo na cidade e talvez nem na região norte, e alguns dos <b>meus</b> amigos da época se vangloriavam porque frequentavam a acolhedora casa da Travessa da Estrella, recebidos entre livros, cafés e canjas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
62	<b>Eu</b> não pertencia ao grupo privilegiado; mitificar sua figura era comum, embora não fosse condizente com sua gentileza e abertura, mas era o que <b>eu fazia</b> ; daí o pudor inicial em incomodá-lo, uma vergonha insuperável de estar na sua presença.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
63	Só muitos anos depois <b>pude</b> visitá-lo, em duas ou três ocasiões, não mais que isso, em períodos de férias que passava na cidade natal, quando já morava entre São Paulo e Rio, onde sua importância era mais definida e para mim mais precisa, já livre das idiossincrasias da província, onde, vale lembrar, muitas vezes a pequena política tentou cooptá-lo para fins politiquieiros.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
64	Hoje <b>tento</b> oferecer aos <b>meus</b> alunos acesso à obra deste crítico e filósofo, apontando traços de sua atuação intelectual que me parecem fundamentais, como a interpretação da obra de Oswald de Andrade em seu pequeno e notável <i>Oswald canibal</i> (Perspectiva, 1979), para <b>ficarmos</b> em um exemplo paradigmático.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Tento; meus:</b> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i> <b>Ficarmos:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
65	Caso alguém deseje compreender de que maneira <b>nosso</b> escritor mais revolucionário desenvolveu parte determinante de suas ideias e de suas obras partindo da leitura de autores como Freud, Marx e Nietzsche, entre vários outros filósofos, precisa acompanhar a leitura do velho mestre, que reconhecia em Oswald um pensador sistemático, capaz de elaborar uma síntese literofilosófica digna da máxima atenção.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
66	Quando <b>eu mencionei</b> o nome de minha tia-avó, Lucy	<b>Marcas de construção de</b>

	Violet Burnett, ele de pronto chamou sua companheira Maria Sylvia para confirmar o que parecia uma desconfiança: a de que suas tias e a “dona Lucy” se frequentavam nos tempos idos da velha Belém, entre missas e chás.	<b>ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
67	Além de manter uma casa “escocesa” sob o mormaço belenense, foi em sua velha residência da Pe. Eutíquio 403, no centro da cidade, que <b>aprendi</b> a valorizar o silêncio monástico, o amor pelos livros, a organização e a dedicação aos estudos; foi naquela casa que <b>forjei</b> uma imagem da vida intelectual que até hoje <b>me</b> assombra, porque agora <b>sei</b> que é uma visão idílica e fetichizada.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
68	Ao atestar aquele vínculo remoto entre <b>minha</b> tia e <b>nosso</b> professor, <b>fui</b> tomado de um orgulho profundo, um bairrismo distinto – logo <b>eu</b> , que tantas vezes <b>senti</b> a distância da terra natal na pele –, em todo caso um bairrismo que <b>me</b> soa ainda hoje digno, 20 anos depois de deixar Belém para trás, trazendo a saudade e o exemplo de Benedito Nunes na mala.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da revista Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> Singular de Exclusividade e PPP: (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i> PPP: (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 42-43)

## D2 – Hilda Hilst: um unicórnio na Literatura Brasileira

### D2T1 – Recorte com ocorrência de PPP no texto *As faces espelhadas de Eros*

Nº	Recorte textual	Categorias
69	Cabe a <b>nós</b> , hoje, abordar a magnitude desse prisma obscuro que arromba a entrada das casas, para então poder divisar, entre as novidades propostas pela escrita hilstiana, as incontornáveis faces espelhadas de Eros.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + demais articulistas.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria;</i> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 20-23)

### D2T2 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Uma prosa do tempo*

Nº	Recorte textual	Categorias
70	<b>Tomei contato com</b> a obra de Hilda Hilst em 1993, quando cursava <b>minha</b> graduação em Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da USP.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
71	Foi ali, no círculo da revista <i>Azougue</i> , que os textos de Cassia Borsero e Claudio Willer <b>me</b> despertaram definitivamente para a beleza dessa escrita, especialmente para sua prosa de ficção, sem paralelo na	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b>

	literatura brasileira.	(3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
72	Na época que a <b>entrevistei</b> , Hilda voltava a ser publicada com regularidade pela editora Nankin, sob os cuidados do poeta e editor Fabio Weintraub, que viria a reeditar depois, no ano 2000, também a obra dramática da autora.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
73	Ao ingressar como redator e repórter da Revista CULT, depois de ter feito algumas matérias, <b>sugeri</b> a pauta de entrevistar a autora, que vivia reclusa na Casa do Sol, em Campinas, e continuava escrevendo e publicando.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
74	Na conversa, regada a muitos copos de vinho do Porto, rodeados por seus muitos cachorros, <b>falamos</b> do Baixíssimo, e ela afirmou não buscar um Deus material: “Não conheço esse senhor. Eu sempre dizia que ele estava até no escarro, no mijó, não que ele fosse esse escarro e esse mijó”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
75	<b>Demos</b> risadas com os temas de suas crônicas, e ela incorporou o dr. Fritz, um médico que falava com sotaque alemão nos textos escritos para o jornal.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
76	<b>Eu</b> voltaria a vê-la uma única vez, em 2001, na abertura de uma exposição sobre sua obra, no Sesc Pompeia em São Paulo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
77	Apesar de os encontros pessoais não terem se repetido, a leitura de sua obra, especialmente de sua prosa, ainda é uma das <b>minhas</b> formas preferidas de oração – oração laica e muitas vezes blasfema, que <b>repito</b> sempre em busca de algo que não <b>sei</b> nomear.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 28-29)

### D2T3 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *umasómúltiplamatéria*

Nº	Recorte textual	Categorias
78	Para os que, como <b>eu</b> , tiveram a alegria de estar perto dela e de compreender as razões de tanto ressentimento acumulado com a falta de recepção de seus livros, ainda fica uma ponta de desconfiança no ar.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
79	Quando a <b>conheci</b> na Casa do Sol, em 1985, com 25 anos, Hilda havia completado 55, e já estava voltada para a reunião de seu trabalho (ela não gostava que chamassem de obra).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias</i>

		<i>ligadas a outrem.</i>
80	Várias etapas foram quebradas desde <b>nosso</b> primeiro encontro, e o diálogo se estabeleceu de imediato por uma razão: <b>eu</b> havia lido seus livros, todos os que pudera arrebanhar nos sebos em São Paulo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada;</u> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Nosso: (4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u> <u>Eu: (3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
81	O que mais <b>me</b> atraía à Casa do Sol era ver a dedicação e a disciplina quase monástica de Hilda – e que se expressou em mais de 50 títulos entre prosa, poesia, teatro e crônicas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
82	Mesmo integrante da “KGB literária” – como a escritora chamava o rol de seus poucos e secretos leitores –, sempre <b>acreditei</b> que esse número cresceria cada vez mais e, por isso, <b>me</b> tornei uma “agente literária” informal e ativa assessora de imprensa.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Acreditei: (7) Indicação de argumento elogioso;</u> <u>Me: (4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
83	E, mais tarde, como escritora e pesquisadora, <b>segui</b> cumprindo essa espécie de pacto de propagação de Hilda Hilst e suas conexões.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
84	Por essa razão, <b>me sinto</b> à vontade para afirmar que somente um “ardil” como o arquitetado por ela para o lançamento de <i>O caderno rosa de Lori Lamby</i> em paralelo com <i>Amavisse</i> – anunciando a Hilda Hilst pornógrafa, de um lado, e a despedida da escritora séria, de outro (que não se cumpriu) – para atrair atenção maior sobre a obra escrita antes de 1990 e que restava obscura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
85	Na intimidade, <b>lembro</b> que chorou ao ver na contracapa da primeira edição francesa de <i>A obscena senhora D</i> mais uma confusão entre autora e obra que reverberaria a crítica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
86	<b>Sou</b> leitora, não <b>sou</b> crítica literária. Mas <b>tenho certeza</b> de que quanto mais <b>lermos</b> Hilda, mais <b>encontraremos</b> exemplos de seu pensamento libertário, na vanguarda de seu tempo – pois ora <b>vemos</b> parentesco de sua prosa com o existencialismo, com os “barrocos da latino-américa” – como o chileno José Donoso; assim como elementos do expressionismo alemão no seu teatro.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de inclusão: produtor + leitores da Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Sou; tenho certeza: (10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade</u> <u>Lermos; encontraremos; vemos: (7) Indicação de argumento elogioso;</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas</u>

		<i>na própria credibilidade.</i>
87	E por anos <b>pude</b> vê-la, como quem consulta o oráculo, tendo em mãos <i>Ulisses</i> , de James Joyce, e a biografia do iogue Paramahansa Yogananda.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 30-22)

#### D2T4 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *O jardineiro da casa*

Nº	Recorte textual	Categorias
88	Durante anos <b>julguei</b> escutar a voz sarcástica de Osmo como sendo a de Mora Fuentes, cheia de ironias e piadas com o espírito pequeno-burguês (Ah! O que o Mora não diria dos apoiadores do golpe de 2016? Quanta risada eu <b>perdi</b> ).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
89	Hilda dizia que a novela era uma “ascendência solitária de Beckett”, mas <b>localizo</b> aí o início de uma influência recíproca.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (7) <i>Indicação de argumento elogioso.</i>
90	Como <b>convivi</b> com os dois, vez em quando <b>me</b> perguntam sobre a inspiração de Hilda na obra de Zé Mora Fuentes, mas <b>me lembro</b> logo das tantas influências no sentido contrário: “Matamoros” (do livro Tu não te moves de ti) era o nome de uma antiga namorada do pai do Zé; Estar sendo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
91	Imagine, leitor apaixonado por literatura, que <b>meu</b> amigo Zé namorou HH e Clarice, as melhores e mais lindas escritoras: Hilda era estonteante, e os olhos de Olenska até hoje <b>me</b> assombam.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
92	<b>Nosso</b> escritor cultuou o chamado “gênero epistolar”, esmerava-se em cartas como se fossem seus contos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
93	Veze sem conta <b>tentei</b> decifrá-los como um único conjunto e a nada <b>cheguei</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
94	Ainda hoje <b>tenho</b> essa tentação.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
95	De sua primeira fase ainda <b>temos</b> a descobrir a obra de	<b>Marcas de construção de</b>

	Mora Fuentes.	<b>ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
96	Uma de suas características que sempre <b>me</b> chamou a atenção foi a forma com que tratou os miseráveis (povo de rua) nos seus contos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
97	Sempre um ser político, Mora dedica contos e novelas à resistência às ditaduras, e talvez essa seja a qualidade que mais o aproxima dos tempos duros em que <b>vivemos</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: brasileiros.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo.</i>
98	<b>Lembro-me</b> de sua disputada paella, que preparava e servia ao povo de graça e para figuras como Lula e Jacques Wagner.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 34-37)

### D2T5 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *A gestão de um legado*

Nº	Recorte textual	Categorias
99	Não <b>lembro</b> o dia exato que <b>me contaram</b> , mas provavelmente foi meu pai em algum momento ao redor dos <b>meus</b> 14 ou 15 anos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
100	Na <b>minha</b> memória não houve uma conversa específica, mas várias que traziam à tona o assunto e foram <b>me</b> fazendo compreender a importância do que herdaria e de como isso deveria ser cuidado.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais. (7) Indicação de argumento elogioso.</i>
101	Hilda mesmo nunca tratou do assunto <b>comigo</b> , mas a verdade é que <b>passei</b> a fase final da <b>minha</b> adolescência sabendo que seria herdeiro de seus direitos e que este presente vinha com uma grande dose de responsabilidade que em algum grau faria parte da <b>minha</b> vida adulta.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
102	No mesmo ano <b>meu</b> pai, que havia ficado com a Casa do Sol, criou o Instituto Hilda Hilst (IHH) com o intuito de juntar forças para garantir a preservação da Casa, então com vários processos de execução para os quase 3 milhões devidos à Prefeitura de Campinas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
103	Quem capitaneava esta história era <b>meu</b> pai, e <b>eu</b> , ainda na graduação, participava lateralmente deste xadrez que à época parecia insolúvel.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.



		<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
104	Essas diferentes dinâmicas de gerir a cultura se colocaram para <b>mim</b> a partir de 2009 quando, com a morte de <b>meu</b> pai, <b>decidi</b> assumir a presidência do Instituto Hilda Hilst e <b>encarei</b> , por um lado, um universo de amplas potencialidades para a obra e, por outro, um bem cultural físico com quase 10 mil metros quadrados na cidade de Campinas que não tinha um modelo claro de como progredir e vencer seus desafios a ponto de realmente cumprir sua vocação cultural.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais. (10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
105	<b>Optei</b> por abrir múltiplas frentes de atuação que dessem conta, dentro do possível, dos diferentes estágios de cada universo deste legado.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações. (10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
106	<b>Busquei</b> ainda tombar a Casa para garantir a sobrevivência dela no tempo, já que não bastava apenas eliminar a dívida pregressa, mas também garantir que uma nova não fosse criada (o tombamento em Campinas gera isenção de cobrança de IPTU, além de legitimar socialmente a relevância do bem).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações. (10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
107	Isso tudo se realizou apenas no final de 2012 e, por isso, <b>considero</b> que 2013 é o “ano 1” real do Instituto Hilda Hilst, pois só depois disso <b>começamos</b> a realmente trabalhar com cultura de forma efetiva, repovoando de vida a Casa através de diversas ações bem-sucedidas como nosso Programa de Residência, que já superou a marca de 200 participantes, ou então as muitas temporadas teatrais e, é claro, o trabalho com o acervo pessoal de Hilda, já desdobrado em diversas outras realizações.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtor + equipe do IHH.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Considero:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i> <b>Começamos:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
108	Noutro front, <b>segui</b> criando estratégias para sanar uma situação a meu ver esdrúxula.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
109	Com isso em mente, <b>fui</b> aprendendo com a presença do IHH nas redes sociais que o forte de Hilda era crescer entre jovens (hoje quase 50% de seu público tem menos de 34 anos) e mulheres (70%) e a linha editorial deveria ser ajustada para facilitar a chegada dela a esses universos, sem, é claro, desprezar os antigos leitores ou o cuidado com a qualidade de cada publicação.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
110	Esse plano de ação desembocou na que hoje <b>chamo</b> de Terceira Onda Editorial de Hilda, com a Companhia das Letras no centro, cuidando do core de sua obra, mas com publicações específicas trabalhadas em projetos editoriais individualizados e pensados para ampliar seu	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados</i>

	alcance, tal como o teatro pela L&PM e as crônicas pela Nova Fronteira.	<i>e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
--	---	--

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 38-41)

### D3 – O Imenso Graça: Vidas Secas, 80 ANOS

#### D3T1 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Sem procuração*

Nº	Recorte textual	Categorias
111	Por alguma razão <b>gostamos</b> de efemérides.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação universal: humanidade</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo.</i>
112	Talvez por <b>sermos</b> tão impressionáveis quando se trata de tempo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
113	Desde que <b>nascemos acostumamo-nos</b> a acompanhar o passar das horas, acúmulo delas em anos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
114	<b>Observamos</b> os acontecimentos considerando seu aniversário, e existe certa aura nos mágicos números redondos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + equipe do dossiê.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
115	Muita gente <b>me</b> pergunta, ante a atual conjuntura, conturbado momento político em que <b>vivemos</b> , qual seria o posicionamento de Graciliano, como ele veria o cenário triste em que <b>estamos</b> mergulhados.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Singular de Exclusividade; Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: brasileiros.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Me:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade;</i> <b>Vivemos; estamos:</b> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo.</i>
116	<b>Recuso-me</b> a responder, o velho Graça não deixou procuração para falarem por ele depois de morto.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Singular de Exclusividade.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

117	Mas nada <b>me</b> impede de imaginar, não seria difícil supor com quais palavras, sempre tão precisas no caso dele, descreveria <b>nosso</b> golpeado país.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: brasileiros.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Me:</b> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos;</u>  <b>Nosso:</b> (8) <u>Indicação de argumento depreciativo.</u></p>
118	Em artigo escrito pelo professor Benjamin Abdala Junior e por Luzia Barros, “Linguagem literária e vida sociocultural”, há passagem em que os pesquisadores <b>nos</b> mostram que “formam-se então nos campos de atividades humanas dos romances de Graciliano Ramos inter-relações hegemônicas que envolvem os objetos, uma rede opressiva que reproduz as convenções dominantes, que procura subordinar a si as demais, que vêm da experiência sociocultural”.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <u>(1) Delimitação de autoria.</u></p>
119	Lendo também neste número “Graciliano e o cinema”, de Randal Johnson, não <b>preciso me</b> esforçar para considerar que provavelmente <b>teríamos</b> um escritor satisfeito com a transposição fílmica que fizeram de alguns de seus trabalhos.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Cult + leitores de Graciliano não presentes na interação.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Preciso me:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u>  <b>Teríamos:</b> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u></p>
120	Hoje, quando <b>me</b> procuram pedindo autorização para remakes, sempre <b>me pergunto</b> se conseguirão ser tão felizes como Nelson Pereira dos Santos e Leon Hirszman foram em suas realizações.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.</p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Me:</b> (5) <u>Indicação de intenções, decisões e ações.</u>  <b>Me pergunto:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u></p>
121	Em “Heróis subestimados”, Lilliân Alves Borges e Edmar Monteiro Filho <b>nos</b> mostram que Graciliano, em sua literatura para crianças e jovens – tão pouco conhecida e considerada, como sempre são os livros para tal público; infelizmente <b>desconsideramos, tratamos</b> mal o que se escreve para a garotada –, “aproveita-se desse espaço (o do texto infantil e juvenil) para inserir uma dura crítica às condições de penúria do Nordeste brasileiro, às voltas com a decadência e a miséria promovidas pela seca e pelo descaso governamental”.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult; Plural de exclusão: produtor + especialistas/ críticos literários.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Nos:</b> (1) <u>Delimitação de autoria;</u>  <u>(6) Indicação de expressões integrativas;</u>  <b>Desconsideramos; tratamos:</b>  <u>(8) Indicação de argumento depreciativo.</u>  <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>
122	Não <b>digo</b> nada. Mas não estranharia ver o velho Graça, com seu humor tão peculiar, associando ao Temer alguma brincadeira também divertida, e tecendo as	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.</p>

	mesmas duras críticas à ligeireza irresponsável com a qual o governo trata a coisa pública.	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
123	<b>Encontraremos</b> também o artigo “Vida, literatura e engajamento”, de Jean Pierre Chauvin e Rodrigo Jorge Ribeiro Neves.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
124	Como será que o autor de Vidas secas enxergaria a horrível enormidade cotidiana que <b>nos</b> atinge? Seria possível arranjar-se em seu coração? Precisaria. O arranjo se faria de algum duro modo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Cult + brasileiros.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (8) <i>Indicação de argumento depreciativo;</i> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
125	Finalmente <b>chegamos</b> ao texto “80 anos de Vidas secas”, de Adilma Secundo Alencar e Luciana Araujo Marques.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
126	<b>Nosso</b> mundo ainda hoje coberto de penas, e de vidas cada vez mais secas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (8) <i>Indicação de argumento depreciativo.</i>
127	<b>Concluimos</b> com “A arte pede misericórdia”, que traz carta de Graciliano Ramos inédita em livro, descoberta pelos pesquisadores Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla, enviada a Oscar Mendes, em 1935.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
128	<b>Nos deparamos</b> com a seguinte afirmação feita pelo autor nordestino: “creio que a revolução social me levaria à fome e ao suicídio”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
129	Há bons indícios, quando <b>insistimos</b> na leitura de seus textos, de que acompanhando a atual tragédia brasileira, e vendo persistir tanto desatino, ele mantivesse a fé em uma revolução social.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Cult + brasileiros.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (7) <i>Indicação de argumento elogioso.</i> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
130	Ao fazer o convite para que leiam o extraordinário material aqui exposto, <b>tenho a impressão de que</b> , caso vivo fosse, o velhinho Graciliano, do alto de seus 125 anos, se mostraria ainda mais ranzinza do que era.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Singular de Exclusividade.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem;</i> (9) <i>Indicação de sugestões,</i>

		<i>recomendações e direcionamentos.</i>
131	Caminhando curvo, de braço dado <b>comigo</b> , depois de puxar a fumaça de seu inseparável cigarro (outro que não mais Selma), faria uso das palavras tão presentes em seu repertório, digitais de seu texto, como: canalhice, insinceros, ordinários, indignado, encencas, medonho, esfiapado, beijos, alambicado, incautos, amolação, malucos, doidos, e elas saíam misturadas aos palavrões escritos e falados tão de sua predileção.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem;</i> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
132	Mas não <b>me</b> arrisco a reproduzir quais seriam suas impressões. Como disse, não <b>tenho</b> procuração.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 13-14)

### D3T2 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Linguagem literária e vida sociocultural*

Nº	Recorte textual	Categorias
133	Carlos de Oliveira, escritor neorrealista português que <b>nos</b> serve de epígrafe, foi um assíduo leitor de Graciliano Ramos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
134	Para tanto, os níveis de consciência dessas <i>personae</i> oscilam entre formulações da consciência “real” de suas personagens, em relação de homologia com as vividas muitas vezes por seus leitores, e os níveis mais amplos de consciência da situação histórico-social, possíveis de serem discernidos, para <b>nos</b> valer dessas categorizações de Lucien Goldmann.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 15-20)

### D3T3 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Heróis subestimados*

Nº	Recorte textual	Categorias
135	Em <i>Histórias de Alexandre</i> , <b>temos</b> a narrativa das façanhas de um sertanejo velho, pobre, com um olho torto, que desfia histórias para uma plateia fiel, contando com a cumplicidade de sua mulher, Cesária.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Cult.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 24-27)

**D3T4 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Vida, literatura e engajamento***

Nº	Recorte textual	Categorias
136	Haveria relações entre a trajetória do homem e sua obra? Sem <b>cairmos</b> em biografismo estreito ou no perigoso mecanicismo entre vida e ficção, pode-se conjecturar, em parte, que sim.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão (produtores).</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
137	<b>Convidamos</b> o leitor a refletir sobre a relação entre estética e política na obra de Graciliano Ramos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão (produtores).</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
138	A fragmentação, o delírio e a incompletude experimentados pelos personagens dos contos apontam para o dilaceramento do sujeito, a impossibilidade de se ajustar em uma sociedade desajustada e a tragicidade da <b>nossa</b> condição que parecem não indicar qualquer saída, submetidos que <b>estamos</b> aos percursos labirínticos e aniquiladores das instituições e do progresso.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(8) Indicação de argumento depreciativo.</u>
139	Na abertura e na conclusão da narrativa, o escritor <b>nos</b> revela que fora o seu “primeiro contato com a justiça”, ou seja, há indicação de continuidade do arbítrio e da opressão.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtores + audiência da Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 28-31)

**D3T5 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *A arte pede misericórdia***

Nº	Recorte textual	Categorias
140	E agora todos <b>poderemos</b> ler esta missiva de Graciliano e Oscar Mendes, enviada de Maceió, a 5 de abril de 1935, e ficar com tal inquietude sobre as possibilidades e limites da arte e da realidade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtores + audiência da Cult.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
141	Aqui um aperitivo para o volume de cartas inéditas de Graciliano Ramos que <b>estamos</b> organizando, a ser em breve publicado pela editora Record.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão (produtores).</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Cult* (2018, p. 36-37)

## REVISTA NOVA ÁGUIA

**D4 – Fidelino de Figueiredo, 50 anos depois****D4T1 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Contribuição de Fidelino de Figueiredo para a historiografia da filosofia portuguesa***

Nº	Recorte textual	Categorias
142	A exclusão ou a não consideração dos pensadores cristãos e árabes anteriores à formação de Portugal como Estado independente, atitude que se manterá, na <b>nossa</b> historiografia filosófica, até meados do séc. XX, quando Mário Martins e Garcia Domingues, respectivamente, deles virão a ocupar-se.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
143	A este propósito, note-se que, como durante muito tempo se pensou e, vinte anos depois, Cabral de Moncada ainda sustentava, Fidelino afirmava ter Krausismo obtido escassa influência entre <b>nós</b> , limitadado que esteve ao ensino filosófico-jurídico, não deixando, igualmente, de fazer menção das <i>Noções de Filosofia acomodadas ao sistema de Krause</i> (1877), da autoria do professor paulista Galvão Bueno.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + filósofos portugueses.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>4) Reflexões positivas e memórias afetivas ligadas a uma personalidade de credibilidade consolidada.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 26-29)

**D4T2 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Breves considerações acerca de uma onto-po(i)ética em Fidelino de Figueiredo: in memoriam de um colecionador de angústias***

Nº	Recorte textual	Categorias
144	Da sua vasta obra <b>poderemos</b> dizer que se espraiou transdisciplinarmente e de modo exemplar para vários 'géneros' ou práticas de escrita, quase como que pelas sete partidas do mundo, tendo sido um cultor tanto da filosofia, como da história, como da ficção, como da crítica ... 'Géneros' que, bastas vezes, ombreavam e se fundiam num mesmo discurso, num mesmo texto.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
145	Fidelino de Figueiredo é uma personagem ímpar da <b>nossa</b> cultura lusa ou lusófona, pois encarna, de forma exemplarmente dramática e catártica, o drama que poderá ter sido a condição pretérita e que, porventura, ainda poderá ser a condição hodierna do <i>intelectual português</i> no mundo, a saber: a de um <i>coleccionador de angústias</i> , que <b>passaremos</b> , sinteticamente a enumerar.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal; Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Nossa: (6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>

		<b>Passaremos:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i>
146	Ao mesmo tempo, a obra e a vida de Fidelino de Figueiredo <b>dão-nos</b> conta da sua imensa preocupação política, a que corresponde uma profunda meditação acerca do papel político do intelectual na <i>polis</i> , mas também esta interrogação assume aqui duplo itinerário cognitivo, indissociável de uma práxis ou de uma acção urgente que não é possível protelar	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas;</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
147	A pergunta que radicalmente <b>[nos]</b> coloca é esta: <i>Qual a função da inteligência? Qual o dever dos intelectuais?</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: produtor + intelectuais</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
148	Por 'bárbaros', entende-se, na linha de Ortega, a cultura massificada e dita 'de massas', que este <b>nosso</b> pensador soube intuir estar a aportar ao limiar da <i>polis</i> , numa lúcida constatação que não lhe advinha do ainda lento português aportar à modernidade, mas já da sua vivência internacional de uma emergente e radical pós-modernidade de que a cultura nacional – ainda – não comungava.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia + leitores de Fidelino de Figueiredo.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
149	A vida e a obra de Fidelino Figueiredo espelham bem, exemplarmente <b>diríamos</b> , a situação das Ciências Humanas na transição do século XIX para os séculos XX-XXI, de alguma forma perdidas e perplexas perante o 'desenvolvimento', a preponderância e a prepotência tecno e económico-cráticas da indústria e dos mercados a uma escala global.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
150	Em Fidelino de Figueiredo <b>lemos</b> , de igual modo, o tempero e a têmpera estóicos, seja nas circunstâncias particulares da sua vida pessoal, marcada, como já <b>vimos</b> , tanto pela condição do exílio, como pela perda de entes queridos como, o que aqui importa salientar, a sua resiliência, em termos do seu caminhar dando existencial e cabal resposta à sua própria interrogação acerca do que significa o labor intelectual, bem como, ainda, quanto à coerência acerca da sua descrença numa finalidade escatológica de natureza metafísica diversa da sua própria condição humana de limitada finitude individual.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Lemos:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <b>Vimos:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
151	E aqui toca o pensamento de Fidelino de Figueiredo as obras Unamuno e de Sampaio Bruno, quanto a esta finalidade sem fim teleológico, mas que no autor que <b>nos</b> ocupa assume a sua configuração, a sua forma própria, ainda que dialógica, em caminhar paralelo, com os autores da sua contemporaneidade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
152	Fidelino de Figueiredo <b>legou-nos</b> , de igual modo, uma meditação acerca do que significa o termo utopia e deixou bem sublinhada nesta reflexão a relação de	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de</i>



	oposição que se inscreve entre o termo utopia e o termo escola, <b>advertindo-nos</b> para a necessidade de <b>repensarmos</b> não só o que <b>entendemos</b> por estas duas noções, como qual o papel que nelas ou em relação a elas <b>atribuímos</b> ao termo – profissão de professor ou de intelectual.	inclusão; <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>Legou-nos: (7) Indicação de argumento elogioso.</u> <b>Advertindo-nos;</b> <b>repensarmos; entendemos;</b> <b>atribuímos: (8) Indicação de argumento depreciativo.</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
153	Três vias ou caminhos pedagógicos para um magistério que é um Mistério ou a Filosofia do Absoluto (até como Nada, não – ser ou Zero) que <b>nos</b> possibilita e que é, por via dessa possibilidade aberta pela <b>nostra</b> condição humana, condição mesma da <b>nostra</b> aqui-passibilidade e possibilidade ... aqui no mundo e, quem sabe, talvez alguém e para além dele.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia;</u> <u>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 29-33)

#### D4T3 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Filosofia e mito: Eudoro de Sousa, leitor de Fidelino Figueiredo*

Nº	Recorte textual	Categorias
154	Embora não tenha sido pessoal, a aproximação que <b>verificamos</b> entre os dois autores aquando da leitura da obra <i>Símbolos e Mitos</i> , de Fidelino Figueiredo, obra de 1964, redigida poucos anos antes de sua morte, dado que Fidelino regressa do Brasil em 1951 e Eudoro chega a São Paulo em 1953, não deixa de ser curiosa dados os percursos especulativos e os interesses académicos díspares que os autores tiveram, no entanto, confluências se podem encontrar entre os dois, em particular no que se refere à reflexão sobre a mitologia.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
155	Eis, pois, que, com a epopeia camonianiana, se dá a confluência entre o produto e o produzido, no clássico renascido, que faz com que <i>Os Lusíadas</i> sejam a obra <i>primafacie</i> da crítica literária, desde o Renascimento até, pelo menos, ao final da primeira metade do século XX português, já no espírito positivista que transitou para <b>nós</b> a partir do final do século XIX.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
156	O que aí <b>nos</b> avulta e que Fidelino Figueiredo, logo em 1910, denuncia o prejuízo positivista, na pessoa de Teófilo de Braga e da sua <i>História da Literatura Portuguesa</i> , para uma verdadeira e frutuosa crítica literária que se debruça sobre as obras e não tanto sobre as condições sociais e epocais e de como estas influem nas qualidades morais dos seus autores.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
157	Essa dimensão especulativa pode não ser tão sistemática como aquilo que <b>encontramos</b> noutras tradições, mas o assistematismo que em alguns autores portugueses se pode encontrar não impede que <b>reconhecamos</b> neles a	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: produtor +</u>

	densidade e profundidade filosóficas que permitem uma expressão da verdade, na mostraçãõ de um Todo ou num acesso ao Ser que não são menores ou inferiores.	<u>pesquisadores/ críticos/ acadêmicos; Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u>
158	Na literatura da obra <i>Catábases: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade</i> , de Eudoro de Sousa, no Anexo II desta edição de 2013, <b>encontramos</b> o título “Os dois cantos finais de d’Os <i>lusíadas</i> à luz da tradição clássica”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u>
159	Já considerava Fidelino Figueiredo, no sentido em que anteriormente <b>referimos</b> , que “A obra de Camões ainda não foi criticamente interpretada; só tem sido objeto de trabalhos biográficos e bibliográficos”, no entanto, a propósito da referência que faz a este tema na sua obra <i>A épica Portuguesa e Século XVI – Subsídios documentais para uma teoria geral da epopeia</i> , constata Eudoro que, para Fidelino, não obstante existir na obra de Camões um <i>realismo épico</i> , um <i>realismo geográfico</i> , um <i>realismo científico</i> , um <i>realismo psicológico</i> e um <i>realismo histórico</i> , onde se podem descortinar importantes lições de geografia, zoologia, botânica, etnografia, heráldica, armaria e até medicina, sem a presença da mitologia a obra camoniana não seria a única e autêntica epopeia portuguesa do Renascimento.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u>
160	De facto, nesta obra camoniana, em particular nos seus dois últimos cantos, <b>encontramos</b> elementos comuns às catábases, quer pré-helénicas, quer helénicas, isto é, nos cultos dionisíacos dos mistérios que já eram cretenses, ou <i>República</i> , de Platão, por exemplo; mas também nas catábases latinas, como o <i>Somnium Scipionis</i> da <i>República</i> de Cícero ou na <i>Eneida</i> , de Vergílio, por exemplo, e em outras epopeias renascentistas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
161	Elementos comuns a esta viagem ou descida aos infernos; descida ao reino dos mortos que permite um renascimento quando se dá <i>epopteia</i> – contemplação da verdade das ideias absolutas do <i>além</i> e do <i>aquém</i> – e o conhecimento dos futuros, <b>encontramos</b> também na epopeia de Camões.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
162	De facto, não há registro mais relevante da relação entre pensadores do que aquele que <b>acábamos</b> de referir; no entanto, sobre o valor epistemológico do mito, muitas afinidades <b>podemos</b> hoje encontrar entre ambos, sobretudo nas últimas obras de Fidelino Figueiredo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia; Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Acabamos:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u> <b>Podemos:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
163	Os limites da expressão apelam, então, segundo o autor,	<b>Marcas de construção de</b>

	para a necessidade de uma filosofia que combine, tão bem como Platão o fez, <b>dizemos nós</b> , o Bem, o Belo e o Bom.	<b>ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: produtor + pesquisadores/ críticos/ acadêmicos.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
164	<b>Tornemos</b> , então, a Eudoro.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i>
165	O Diabo é o separador e faz com que o homem acredite que seja ele o próprio autor da separação; a ilusão vai ao ponto de <b>trocarmos</b> a Criação pela construção de um mundo que se sobrepõe ao que foi dado gratuitamente – um mundo coisificado em que erradamente <b>cremos</b> que as coisas estão ao <b>nosso</b> dispor quando <b>somos nós</b> que <b>somos</b> escravos das coisas por obra do mesmo Diabo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: cultura ocidental judaico-cristã.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo;</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
166	<b>Somos</b> diabólicos porque, pelo intelecto e vontade, <b>queremos</b> coisas, mas o drama é que a coisa nunca <b>nos</b> servirá porque essa coisa é e será apenas coisa e para além dela nada há.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: cultura ocidental judaico-cristã.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo;</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
167	No mundo da objetividade coustista, não se pode ser verdadeiro filósofo, poeta ou religioso; aí <b>estaremos</b> como prisioneiros da caverna propensos a torturar e a matar quem aponte outros horizontes.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: cultura ocidental judaico-cristã.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo;</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
168	Esta categorização e objetivação do mundo não é mais do que um reflexo de toda a cultura ocidental que se desenvolve a partir daí até aos <b>nostros</b> dias – um afastamento progressivo que vai do deicídio ao homicídio, um apartamento descente, conducente a um encarceramento ou “encavernamento” obscurante e, por último, à aniquilação do próprio homem.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: cultura ocidental judaico-cristã.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
169	Estas irmãs – a poesia e a filosofia, a que se referiu Fidelino Figueiredo – se possam unir à Religião para que <b>possamos</b> ter um outro Homem, um outro Mundo e o	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de</i>

	mesmo Deus.	<u>inclusão: cultura ocidental judaico-cristã.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
--	-------------	--

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 33-38)

**D4T4 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Fidelino de Figueiredo: o traço essencial do seu humanismo***

Nº	Recorte textual	Categorias
170	Circunstâncias da <b>minha</b> vida familiar e profissional conduziram a <b>deslocar-me</b> com alguma frequência a tomar.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
171	Nesta cidade <b>descobri</b> uma pequena livraria, cujo nome não <b>registro</b> , orientada para problemas da cultura portuguesa contemporânea pelos quais <b>me</b> interessava particularmente.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
172	Foi numa dessas passagens por essa livraria que <b>descobri</b> uma obra de Fidelino de Figueiredo, então recentemente editada pela editora, em 1956 ou 1957, intitulada <i>Um Homem na sua Humanidade</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
173	Folheando-a curiosamente desde logo <b>me apercebi</b> de que se tratava de uma pequena obra de elevada qualidade, que acertadamente <b>entendi</b> dever adquirir.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
174	<b>Regressei</b> a casa levando o livrinho <b>comigo</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
175	O humanismo do autor, que <b>eu</b> não conhecia naquela data, patenteava-se desde logo no título da obra, afirmativo da <i>humanitas</i> do momento.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
176	A leitura da obra <b>tocou-me</b> profundamente e instalou-se no cerne da <b>minha</b> pessoa, marcando para sempre o pensamento que laboriosamente <b>fui</b> construindo como procurando que fosse o <b>meu</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b>

		(3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
177	Sempre que <b>fui</b> fazendo referência à construção do homem na sua <i>humanitas</i> , nas palavras que escrevia ressoava o título da obra de Fidelino de Figueiredo <i>Um Homem na sua Humanidade</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
178	A descoberta, feliz, da obra de Fidelino de Figueiredo deve ter ocorrido na primeira metade da década de 1960, período em que <b>exerci</b> o magistério primário numa Escola de Lisboa, ao mesmo tempo que frequentava na Faculdade de Letras a Licenciatura em Filosofia.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
179	Quando, em fevereiro de 1967, <b>fui</b> colocado no Liceu Nacional de Évora como professor do 4º Grupo B, o grupo de Filosofia, Fidelino de Figueiredo estava já pronto no <b>meu</b> pensamento filosófico-pedagógico de forma decisiva.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
180	O <b>meu</b> horário escolar, como o dos colegas de grupo, compreendia disciplinas de três áreas disciplinares: a Filosofia, a História (do então 2º Ciclo e do 3º Ciclo), a Organização Política e Administrativa da Nação.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
181	No 4º Grupo B brilhava a figura de Maria Beatriz Carçoço Serpa Branco, da qual <b>eu</b> já tinha sido aluno na Escola do Magistério Primário.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
182	No conjunto do corpo docente do Liceu avultavam ainda as figuras de Alberto Miranda, de Matemática, Albano Martins, de Clássicas, e Fernando Martinho, de Germânicas, além de outras que <b>terei</b> de <b>me</b> dispensar de referir.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
183	<b>Dispúnhamos</b> ainda todos <b>nós</b> de uma Biblioteca excepcional, rica no âmbito das Humanidades, a qual havia sido reunida pelo reitorado (1929-1958) de António Bartolomeu Gromicho, no longo período em que exerceu as suas funções, pondo à <b>nossa</b> disposição um acervo de mais de onze mil volumes.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + professores/acadêmicos do Liceu.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
184	Foi nesta instituição que a vida <b>me</b> instalou em 14 de Fevereiro de 1967.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias</i>

		<i>peçoais.</i>
185	Na Biblioteca <b>encontrei</b> algumas obras de Fidelino de Figueiredo, de História de Portugal e História da Literatura Portuguesa, as quais foram de utilidade relevante para organizar as aulas que <b>me</b> competia ministrar aos <b>meus</b> alunos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias peçoais.</i>
186	Na base do <b>meu</b> trabalho docente estive sempre presente a obra de Fidelino de Figueiredo <i>Um Homem na sua Humanidade</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias peçoais.</i>
187	<b>Passei</b> muitas tardes a estudar e reflectir na Biblioteca do Liceu.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias peçoais.</i>
188	A ideia principal de Fidelino que <b>me</b> ficou para a vida foi a de <i>humanitas</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
189	Como professor de Filosofia no Liceu de Évora – e forçado por lei a leccionar também História e Organização Política e Administrativa da Nação –, a ideia de <i>humanitas</i> foi o cerne da minha prática docente: <b>eu</b> não podia senão trabalhar para ajudar os meus alunos a procurarem realizar a sua <i>humanitas</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias peçoais.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
190	Dois outras lições <b>colhi</b> nessa obra de Fidelino: a iluminação da figura de Albert Einstein, o criador genial da Teoria da Relatividade e a figura de Antero de Quental, na valorização para <b>mim</b> inesperada da Música no todo da sua obra e da sua vida.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias peçoais.</i> (5) <i>Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
191	Como se vê, <b>guardei</b> da literatura e reflexão da obra <i>Um Homem na sua Humanidade</i> três eixos paideúticos de base: a Filosofia, a Ciência e a Arte.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
192	Neste singelo texto comemorativo da obra e do pensamento de Fidelino de Figueiredo – um grande esquecido da <b>nossa</b> cultura –, <b>quero</b> deixar apenas este sinal do cerne humanístico do seu pensamento e da inspiração paidéutica que nele <b>colhi</b> , nos primeiros anos da <b>minha</b> atividade pedagógica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural</u> de <u>Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal;</u> Singular de Exclusividade.

		<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> PPP: (8) <u>Indicação de argumento depreciativo;</u> Singular de Exclusividade: (3) <u>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
193	<b>Devo-lhe</b> a fidelidade que sempre <b>tenho</b> procurado pôr na vida, atento à mensagem de Fidelino sobre o respeito devido à <i>humanitas</i> do Homem.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (2) <u>Indicação de deferência.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 38-39)

#### D4T5 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Pertinências do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo*

Nº	Recorte textual	Categorias
194	Na evocação dos 50 anos do falecimento de Fidelino de Figueiredo, <b>proponho</b> uma reflexão sobre o que <b>poderemos</b> designar de pertinências do seu pensamento filosófico ou, dito de outro modo, uma reflexão sobre possíveis interpelações que o pensamento de Fidelino, hoje, <b>nos</b> pode dirigir.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de modéstia;</u> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia + leitores da obra de Fidelino de Figueiredo.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Proponho:</b> (1) <u>Delimitação de autoria.</u> <b>Poderemos:</b> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> <b>Nos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
195	Ainda que desenvolvido e formulado de diferentes modos, este trabalho de incorporação e de agregação do parcelar no unitário, que, neste caso, cabe à Filosofia da Cultura corporizar, constituiu, para o <b>nosso</b> autor, uma preocupação permanente em todos os domínios que o seu pensamento abarcou.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
196	<b>Comecemos</b> pela elucidação do conceito fideliniano de cultura, que se distingue de outros conceitos de cultura, quer na sua concepção quer nas suas consequências práticas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <u>Delimitação de autoria.</u>
197	Se <b>tivermos</b> presente grande parte dos conceitos de cultura que a literatura <b>nos</b> oferece, <b>vemos</b> que Fidelino introduz uma redução na sua extensão comum.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
198	Pelo contrário, o <b>nosso</b> autor vê a história da cultura, ou, talvez melhor, das culturas, como um processo essencialmente conflituante entre ideias, valores,	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova</u>

	imagens do mundo, concepções da humanidade e entre projectos de acção futura.	<u>Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>6) Expressões integrativas.</u>
199	Nesta análise, <b>devemos</b> ter igualmente presente que, do ponto de vista de Fidelino, um novo conhecimento, uma nova técnica ou uma nova teoria só constituem elementos de cultura se forem realmente interiorizados pelo “caudal colectivo”, caso contrário, se forem apenas pertença do domínio restrito dos iniciados, não integram a cultura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
200	Compreende-se, por isso, que o <b>nosso</b> autor fale em “plano de actuação”, como parte integradora da cultura, como é explicitado no texto de 1933 – os planos de actuação derivam, como desenvolvimentos naturais, da interiorização realizada pelo todo social.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
201	<b>Vemos</b> , pois, que Fidelino retira à natureza humana de uma produção a condição de suficiência para ser elemento de cultura, ao mesmo tempo que centra na “síntese assimiladora da experiência no espírito”, a função essencial da cultura, de onde derivam os ideais condutores, o sistema de juízos e valores, que orientam cada época e que têm como corolário o plano de actuação futura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
202	Ora, é dentro deste paradigma conceptual que se torna inteligível um outro conceito fideliniano, o conceito de <i>cultura intervalar</i> , expresso na obra homónima de 1944, que surge como um desenvolvimento conexo à ideia de cultura que <b>acabámos</b> referenciar.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u>
203	<b>Refiro-me</b> ao conceito de <i>revulsão</i> , que surge em <i>Motivos de Novo Estilo</i> (1930), cuja semelhança fonética e gráfica com o termo <i>revolução</i> é deliberadamente utilizada para lhe enfatizar um sentido em tudo diverso daquele que <b>nos</b> remete para uma transformação social tumultuosa.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Refiro-me:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u> <b>Nos:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
204	No domínio da literatura, é conhecido o vastíssimo legado que Fidelino de Figueiredo <b>nos</b> deixou.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia + leitores de Fidelino.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
205	Neste campo, <b>assinalarei</b> uma frase de sua reflexão que, ainda não coincidente com o seu pensamento final é, no <b>meu</b> entendimento, aquele que melhor interpela a <b>nostra</b> contemporaneidade e que simultaneamente melhor desenvolve, agora no campo literário, a reflexão fideliniana expressa no campo da cultura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia + humanidade contemporânea ao produtor.</u>



		<p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Assinalarei:</b> (1) <u>Delimitação de autoria.</u>  <b>Meu:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u>  <b>Nossa:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u></p>
206	Aludirei topicamente a três obras publicadas no intervalo de cinco anos: <i>Aristarchos</i> , em 1939, <i>Últimas Aventuras</i> , em 1941, e <i>A Luta pela Expressão</i> , em 1944.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.  <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <u>Delimitação de autoria.</u></p>
207	<i>Compreensão</i> que, segundo o <b>nosso</b> autor, deve gerar contributos para a <i>direção</i> do espírito.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Plural de inclusão: <u>produtor + audiência da Nova Águia.</u>  <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>  (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u></p>
208	A valorização da arte e a sua inclusão no campo epistemológico, assim como a natureza filosófica da <i>crítica literária interpretativa</i> , defendida por Fidelino, <b>interpela-nos</b> .	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Plural de inclusão: <u>produtor + audiência da Nova Águia.</u>  <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u></p>
209	A circunstância do <b>nosso</b> tempo se caracterizar por algo que <b>poderíamos</b> designar de uma <i>generalizada desconexão conceptual</i> , constituída por uma multiplicidade de noções avulsas provenientes de diferentes origens, exige a <b>nostra</b> atenção para a necessidade de recuperação da palavra como meio insubstituível do exercício reflexivo que a meta da compreensão solicita.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Plural de <u>Indeterminação universal: humanidade contemporânea;</u>  <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u>  <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Nosso; poderíamos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>  <b>Nossa:</b> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos</u></p>
210	Este enunciado <b>faz-nos</b> , pois, regressar quase circularmente ao início destas considerações, isto é, regressar à humana necessidade de uma cultura que oriente a <b>nostra</b> perplexidade.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Plural de inclusão: <u>produtor + audiência da Nova Águia;</u> Plural de <u>indeterminação universal.</u>  <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>  (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>
211	E aqui, literatura e filosofia ocupam, como <b>vimos</b> , um lugar privilegiado.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Plural de inclusão: <u>produtor + audiência da Nova Águia.</u>  <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <u>Delimitação de autoria.</u>  (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u></p>

212	Apesar do pensamento final de Fidelino de Figueiredo ter se encaminhado para uma progressiva valorização do conhecimento científico – restringindo a tarefa da <i>compreensão</i> à dedução de sínteses axiológicas e éticas que afirmassem a dignidade do ser humano – apesar deste desenvolvimento final, <b>julgo</b> que, para <b>nós</b> , seus leitores e actores do tempo cultural em que <b>nos situamos</b> , as reflexões fidelinianas que melhor <b>nos</b> interpelam são justamente aquelas que <b>nos</b> ajudam a melhor interpelar o <b>nosso</b> tempo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: produtor + demais pesquisadores da área; Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Julgo:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u> <b>PPP:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
213	E, deste ponto de vista, o seu pensamento nos domínios da cultura e da literatura (assim como da educação) <b>dão-nos</b> certamente pertinentes e profícuos motivos reflexivos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 39-44)

## D5 – Nos 150 anos de nascimento de António Nobre e Raul Brandão

**D5T1** – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Nos 150 anos de nascimento de António Nobre*

Nº	Recorte textual	Categorias
214	O <i>Só</i> <sup>147</sup> ganha mais consistência se <b>lernos</b> os outros livros de António Nobre, como <i>Despedidas</i> de onde se destaca o herói sebastianista “Anrique” do poema “O Desejado”, ou na elegância na escrita de <i>Correspondência</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 46-46)

<sup>147</sup> A obra *Só*, uma das mais importantes de António Nobre, encontra-se disponível em domínio público: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002990.pdf>.

**D5T2 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Efeitos de Leça da Palmeira: “a deliciosa hipnotizadora” no poeta António Nobre***

Nº	Recorte textual	Categorias
215	Mas <b>fixemo-nos</b> em Leça da Palmeira.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <u>Delimitação de autoria.</u>
216	<b>Temos</b> aqui uma dupla certidão de nascimento: nasce o primeiro amor e revela-se um grande poeta.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
217	Ao que vier depois, <b>chamemos</b> talento, orgulho, atenção, persistência, trabalho e solidão.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
218	Todos <b>somos</b> lidos no mais profundo de <b>nós</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
219	Todos <b>somos</b> lidos e <b>nos lemos</b> no fundo do branco da alma através do sentimento e dos próprios <b>olhos que a terra nos há de comer</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>
220	<b>Nós</b> , Portugueses ou Lusíadas, <b>fomos</b> vistos, retratados e lidos por dois grandes poetas, muito próximos na sensibilidade, ainda que distantes no tempo: Bernardim Ribeiro e António Nobre, dois poetas mais próximos do sentimento que da racionalidade, mas da fantasia que do real.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u> (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
221	Foi e levou a sua Lusitânia: o seu e o <b>nosso</b> Portugal feito de lembranças. <b>Vamos</b> continuar a ler os versos para dizer como assim é.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b>

		<u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
222	Mas também <b>estejamos</b> atentos a alguns pormenores ilustrativos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
223	Não chegaram até <b>nós</b> as cartas que possivelmente trocaram entre si.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + equipe de produção do dossiê.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
224	Que Nobre se deve ter imediatamente notar, é quase certo, quanto mais não seja pela ousadia do traje, como <b>referimos</b> atrás.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u>
225	O que escreve é consonante com a <b>nossa</b> alma lusíada, o <b>nosso</b> engenho e arte de vida.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u>
226	Antes de concluir essa viagem pelos mapas e sentimentos de António Nobre nos 150 anos do seu nascimento, <b>vou</b> ler um monólogo do próprio Poeta, imaginado por Mário Cláudio na obra <i>Noites de Anto</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 55-62)

**D5T3 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *António Nobre: temática e verso na sua obra – mito e realidade***

Nº	Recorte textual	Categorias
227	<b>Referindo-me</b> as ideias já noutras ocasiões expostas por <b>mim, resumi-las-ei</b> , agora, no seguinte:	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(1) Delimitação de autoria.</u> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u>
228	2.º) Essa poesia de pensamento caracterizará o que <b>eu chamei</b> de <i>século poético português</i> por excelência que	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de

	vai dos meados do século 19 (início da obra de Antero) até aos começos do último quartel do século 20 (morte de Amorim) – século de pensamento poético esse que (nos últimos quatro poetas atrás citados) se apresenta em continuidade renovadora não só de forma mas também desse mesmo pensamento poético – o qual, da Escola de Coimbra com Antero e Junqueiro (revolucionarismo social, cientificismo panteísta) se prolonga no saudosismo platónico de Pascoaes e se conclui (fechando o ciclo) na criação poética amoriniana de intenso pensamento filosófico.	Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
229	Num meio como o lusitano, muito massificado, já sem espírito crítico sufocado que ele foi pelas ideias anti-intelectualistas e do inconsciente impostas ou favorecidas pelos discursos degradantes do chamado modernismo e da escola de filosofia dita portuguesa, – nesse meio (“meu Deus de França”!), veio a medrar uma admiração mística por António Nobre; a sua criação poética foi, no entanto, atentamente estudada, lucidamente avaliada por um pensamento estético viável, objectivo: <b>refiro-me</b> aos estudos de Amorim de Carvalho que (como <b>sabemos</b> ) é o maior arcabouço crítico português – <i>crítico</i> no sentido nobre de avaliação estética (ou filosófica) fundamentada numa axiologia.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + leitores da Nova Águia + conhecedores da obra de Amorim de Carvalho.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Refiro-me:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> <b>Sabemos:</b> (7) <i>Indicação de argumento elogioso.</i>
230	Não <b>retomarei</b> em estudo exaustivo, nem mesmo num resumo panorâmico, a avaliação estética da poesia nobreana na sua globalidade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
231	Mas nesta perspectiva de avaliação estética (que é o que interessa), e <b>inspirando-me</b> do objectivo, do positivo pensamento estético amoriniano, <b>lembrarei</b> algumas facetas (mas significativas facetas) apresentadas pela obra de Nobre.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
232	De facto, <b>encontramos</b> em Nobre uma atenção e um gosto muito marcado pelo bucolismo, pela natureza e pela vida na natureza, no lirismo rural e até marítimo, impregnado de grande simplicidade expressiva.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
233	<b>Sublinharei</b> as principais ideias poéticas expressas nesse soneto:	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
234	Claro que <b>eu não posso</b> <i>hic et nunc</i> abordar com algum desenvolvimento a problemática posta pelo conceito de simbolismo (isso foi meticulosamente estudado por Amorim de Carvalho).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
235	<b>Lembro</b> apenas que se distinguem, fundamentalmente, duas tendências: a da poesia-símbolo, a da simbolização transcendente ao texto que pretende comunicar um	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.

	estado-de-alma pelo vago e impreciso (é o caso de Verlaine e Maeterlink); e a outra tendência será ou seria a da predominância do hermético (é o caso de Mallarmé) que Amorim considera o fracasso de simbolismo pretendido.	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
236	Não <b>exporei</b> alongadamente a teoria das influências artísticas (de escola ou de autor sobre outra escola ou outro autor) – teoria que foi desenvolvida por Amorim de Carvalho: O esteta valorizou francamente as influências recebidas por um autor porque se este autor é um espírito superior, as influências recebidas significam assimilação de sugestões exteriores que permitirão ao influenciado renovar superiormente – se fôr esse o caso – a criação estética.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
237	Pelo que <b>eu disse</b> nos dois parágrafos anteriores – já deu para perceber que António Nobre é uma personalidade muito sugestionável: a sugestibilidade de Nobre é fortíssima.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
238	Fechado este parêntesis, <b>quero</b> aqui insistir na referência ao meticuloso estudo amoriniano sobre as relações poéticas entre Nobre e Junqueiro onde se prova: a geral influência que Junqueiro vai exercendo sobre Nobre, e a influência que Nobre, por sua vez, exerce, pontualmente, sobre Junqueiro; e <b>quero</b> ainda chamar a atenção para a estupenda análise de Amorim sobre essas múltiplas relações poéticas entre Junqueiro e Nobre resultantes não só da leitura que Junqueiro fez do manuscrito dos <i>Simples</i> a António Nobre (leitura feita muito antes da publicação do <i>Só</i> ), mas relações também resultantes da leitura do <i>Só</i> e dos <i>Simples</i> (já publicados) – leitura que Junqueiro fez do <i>Só</i> de Nobre e leitura que Nobre fez dos <i>Simples</i> de Junqueiro (ambos os livros publicados em 1892, sendo que os <i>Simples</i> saíram a público algumas semanas apenas depois do <i>Só</i> ).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
239	Neste assunto extraordinariamente apaixonante e complexo, assunto desemaranhado definitivamente pela superior capacidade analítica e sintética de Amorim - neste assunto, <b>direi</b> , finalmente, que se muitas ideias junqueirianas foram apropriadas por Nobre, algumas delas (por exemplo, a da sepultura comparada com a cama), - algumas delas voltaram a Junqueiro (que foi também poeta assaz sugestionável, ainda que Junqueiro alargasse logo a sugestão de outros poetas a uma dimensão épico-filosófica).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
240	Entre os múltiplos pontos de contacto apresentados por Amorim em numerosos cotejos, <b>citarei</b> um outro mais curioso.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
241	Ora, esmagadoramente impressionado (como já <b>nos apercebemos</b> ) pela temática do livro francês e seduzido pela originalidade e pelo impacto incontestável do título <i>Seul</i> ( <i>Só</i> ) do livro de Haraucourt; mais seduzido ainda	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão:</u> <u>produtor + audiência da Nova Águia.</u>

	pela sonoridade enorme que a tradução de <i>Seul</i> dá em português (Só); impressionado e seduzido Nobre (já com o livro pronto a sair), apropria-se, à última hora, daquele título francês para o dar – traduzido – ao seu livro querido.	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
242	Não seria exequível, aqui, expor toda a argumentação, meticulosa, longa, exaustiva, de Amorim de Carvalho, fundamentada em inúmeros cotejos e citações e datas, e comparando certas temáticas e expressões do <i>Só</i> de Nobre com as do <i>Só</i> de Haraucourt, e mostrando – melhor: demonstrando a influência nítida exercida pelo <b>Só</b> francês no <b>Só</b> português; mas se é inoportuno explicitar aqui toda essa argumentação, – <b>eu devo</b> , no entanto, chamar a atenção para o facto do estudo amoriniano se apresentar como uma obra-prima de análise e síntese, isto é: verdadeira filigrana literária, uma das melhores jóias de avaliação estética da história da literatura.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
243	Concluindo este apontamento, <b>eu direi</b> : António Nobre é um poeta de sugestibilidade impressionante.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
244	Relativamente a certos autores, a certas temáticas e técnicas (o bucolismo saudosista de Junqueiro, o bucolismo de Júlio Dinis com a faceta do triste-doente, a idealização da Noiva do <i>Só</i> de Haraucourt, a morbidez de personagens de Shakespeare que eu não bordarei aqui, as lições versificatórias de Junqueiro e Eugénio de Castro de que tratarei adiante, etc.), Nobre <b>apresenta-se-nos</b> como um caso de flagrante <i>dependência psicológica</i> ; as influências por ele sofridas oscilam (utilizo a terminologia amoriniana) entre as que podem ser consideradas <i>subconscientes</i> e <i>conscientes</i> , isto é: o contacto de Nobre com outros autores processa-se ou “dentro [apenas] da compreensão sentimental do clima afectivo [da obra] do influenciador” ou pode ir até ao “conhecimento intelectual” “perfeito” desse “facto” e, como tal, aceite mesmo pelo poeta.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
245	Breve apontamento, para não <b>me</b> abalancar a considerações de carácter métrico, forçosamente áridas e relacionadas com matéria dificilmente apreendida pelos literatos portugueses.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
246	Numa obra publicada em 1945 (mas já pronta desde 1941), Amorim de Carvalho afirma peremptoriamente o que <b>eu</b> , em resumo, <b>indico</b> a seguir.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
247	2) Nobre, depois de praticar, muito junqueirianamente, o bi-hexassílabo 6+6, verso composto cesura tónica, começa a utilizar com moderação junqueiriana (ainda sob a influência de Junqueiro, portanto), – começa a utilizar o	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i>

	12, isto é, o ritmo simples dodecassilábico (tripartido) com acentuação nas 4ª e 8ª sílabas; <b>temos</b> um belo exemplo deste ritmo na composição	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
248	Ora <b>temos</b> de reconhecer que nem Hugo nem Baudelaire, nem qualquer simbolista ou decadentista francês exerceu a mínima influência ou sugestão em António Nobre (com excepção duma única poesia de Moréas, como já se viu, cuja ideia foi logo composta por Nobre no ritmo dolente, bem junqueiriano, do octossílabo acentuado na 4ª sílaba, ainda que fizesse imperfeitamente).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
249	Também <b>podemos</b> notar que só depois e por influência de Eugénio de Castro é que Nobre utiliza abundantemente a <i>terminação falsa</i> do verso, a qual altera o ritmo simulado pela terminação do verso: terminação falsa prosaizante que já tinha sido, aliás, praticada por Junqueiro e Cesário Verde.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
250	Há, claro, diversas técnicas de acomodação rítmica que se verificam no âmbito desta lei (mas que <b>eu não desenvolverei</b> aqui).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
251	A título de exemplo, <b>indicarei</b> um caso, em Nobre, é o daquele verso.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i>
252	Pela lei da assimilação rítmica, <b>nós tendemos</b> para a leitura do decassílabo tripartido do verso defeituoso ou desmesuradamente cheio.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: críticos literários.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
253	Mas <b>insisto</b> : em Nobre é a má metrificacão de um não-versilibrista.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
254	Na geração de Nobre ou na imediatamente anterior, excelentes ritmistas houve como, para citar poetas de que <b>me ocupei</b> , o ultra-romântico António Pinheiro Caldas e Guerra Junqueira.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
255	E por aqui <b>me fico</b> nestes rápidos comentários sobre métrica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de



		Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (2) <i>Indicação de deferência.</i>
--	--	--

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 63-70)

**D5T4 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *O ouvir e o escutar de Raul Brandão, ou húmus enquanto música***

Nº	Recorte textual	Categorias
256	Quando <b>recebi</b> o convite para apresentar uma comunicação no Colóquio Primavera Eterna, evento comemorativo das Efeméridas do nascimento de Raul Brandão e da publicação de <i>Húmus</i> , <b>pensei</b> imediatamente em procurar repertório musical ou músico-dramático propositadamente escrito a partir de textos deste autor.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
257	Este é um facto curioso, dada a essencialidade musical dos textos de Raul Brandão, como logo <b>nos</b> enuncia a primeira fase de <i>Húmus</i> : “Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia + leitores de Raul.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
258	Não <b>me alongarei</b> sobre as qualidades musicais da construção textual brandoniana, tão magistralmente exploradas por esta autora no que tange ao ritmo nas suas múltiplas concretizações técnicas e implicações significantes.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
259	<b>Opto</b> aqui, contudo, por reflectir sobre que música se desvela desta obra à luz das causas e implicações musico-sociológicas do tempo em que <i>Húmus</i> foi escrito e, num segundo momento, seguramente mais subjectivo e pessoal, à luz da nossa contemporaneidade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
260	Por outras palavras, <b>procurarei</b> reflectir sobre o imaginário sonoro do escritor, <b>debruçando-me</b> mais sobre as referências textuais à cultura da escuta do que – apesar de, evidentemente, tudo isto se correlacionar – à imanente musicalidade do texto.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
261	Com efeito, a marca sonora mais presente em <i>Húmus</i> é, depois do grito, a do silêncio – silêncio que, como <b>acábam</b> os de notar, é feito também de gritos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
262	O que se poderia ter como uma “música da natureza”	<b>Marcas de construção de</b>

	afigura-se, em <i>Húmus</i> , relativamente residual, mas especialmente significativa porque quase sempre associável ao elemento <i>água</i> , que é, como <b>sabemos</b> , imprescindível à vida.	<b>ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação universal</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u>
263	A primavera, excepcionalmente, parece <b>trazer-nos</b> algo mais: aqui o “ruído calamitoso das águas”, ali um “fio de água, misturando ternura a este espetáculo de assombro” ( <i>ibid.</i> , 117-118).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
264	Se <i>Húmus</i> se cumprisse numa partitura preñhe de tudo e de nada, ou de destroços e restos que se ampliem ou se anulem metaforicamente, <b>estariamos</b> talvez próximos, musicalmente, de um universo de resíduos sonoros intermitentemente permeados de silêncios, de sons efêmeros e fragmentários, urdidos através de uma transparência material, em que, como notou Alfonso Albert a propósito da obra de Gérard Pesson, “on identifie souvent un substrat, une autre musique sous-jacente [...] qui donne lieu à une sorte de dialogue avec les ombres” – transparência, pois, como signo de fragilidade das coisas e do ser, como vestígio de qualquer coisa que de alguma forma se dissolveu, como médium através do qual se desvela o além-material ( <i>ibid.</i> , 21-21) porquanto materializa um silêncio que se solta de sons estratigraficamente acumulados ao longo do tempo inexorável e no <b>nosso</b> interior cultural, que os permeia e que com eles dialoga continuamente.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
265	Ou então a música possível de <i>Húmus</i> é, <i>tout court</i> , a soma cumulativa de todos os sons do passado e do presente, como se fora um contínuo e sempiterno 4’33” de John Cage, ampliado ao infinito em tempo e espaço, e apenas a <b>nós</b> , leitores-ouvintes, cabe discerni-lo – afinal, como lembrava o compositor norte-americano, a diferença entre o som e silêncio justifica-se exclusivamente pela intencionalidade da escuta: “music is continuous [...]. It is only we who turn away”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: produtor + demais pesquisadores da área.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
266	Como lembrou Vieira de Carvalho, alguns pensadores <b>nostros</b> contemporâneos têm já reflectido sobre o primado da imagem sobre o som como indício nefasto de desumanização; <i>Prometeo</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
267	Quem ouvisse Salvador Sobral em <i>Amar pelos dois</i> , no Festival Eurovisão da Canção deste ano, surpreendendo-se com a sua vitória, diria com optimismo que enfim <b>canzámo-mos</b> , consciente ou inconscientemente, de tanto berro, e <b>elegemos</b> , dentre a cacofonia geral, uma singela peça com uma pouca de melodia, uma pouca de harmonia, uma pouca de quietude e intimismo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas</u>

		<i>na própria credibilidade.</i>
268	É útil <b>questionarmo-nos</b> sobre se <b>seremos</b> ainda capazes de ouvir, sequer de escutar, por entre tão <i>sempre</i> ruidoso mundo bifronte, por entre tão <i>cada vez mais</i> artificioso mundo <i>stereo</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
269	É esta a grande pergunta que <b>nos</b> lança Raul Brandão no exacto final da sua obra prima: “Ouves o grito? Ouve-o mais alto, sempre mais alto e cada vez mais fundo? ...”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
270	E como “cada homem vai até ao interior da terra e até ao âmago do céu” mas “o que resta da alma é um poço sem fundo”, porque “a parte de cima foi cortada” ( <i>ibid.</i> , 88), <b>concluo</b> esta divagação regressando à fonte com que <b>abri</b> em epígrafe este texto, relembrando os últimos segundos cinematográfico-testamentários de Federico Fellini, o derradeiro manifesto de Ivo Salvini...	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
271	Aqui, à luz da lua sibilante – num sibilo que é cauda <i>ad infinitum</i> da ultima vogal de “publicità!”, exclamação sarcasticamente lançada pouco antes por uma lua de sorriso dentífrico –, aqui, à luz da lua de “voz magnética” que – <b>permita-se-me</b> a paráfrase – “impregna de sonho o luar todo branco” ( <i>ibid.</i> , 73), sobre uma manta de sons de vento e de bichos num descampado feito silêncio, vai-se Ivo aproximando, <b>díriamos</b> brandonianamente, de um poço sombrio e murmura: “Eppure io credo che se ci fosse un po’ di silenzio, forse qualcosa potremmo capire”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de modéstia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> Singular de Exclusividade: <u>(1) Delimitação de autoria.</u> PPP: <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 70-80).

#### D5T5 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *El-rei Junot de Raul Brandão: uma narrativa sobre o sentido na história*

Nº	Recorte textual	Categorias
272	<i>El-rei Junot</i> <b>fala-nos</b> do desembarque britânico na foz do Mondego, e os confrontos entre os exércitos britânicos e francês na Roliça e no Vimeiro e a sua consequência: A convenção de Sintra.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
273	A obsessão dos mortos e da morte revela-se motor do devir histórico, pois é com seres do passado que <b>construímos</b> o presente: “o homem tem atrás de si uma infundável cadeia de mortos a impeli-lo, e todos os gritos que se soltaram no mundo desde tempos e memoriais se lhe repercutem na alma”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação universal: humanidade.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>

--	--	--

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 80-88)

## D6 – Dalila Pereira da Costa: 100 anos depois

**D6T1** – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Dalila Pereira da Costa: nota bio-bibliográfica*

Nº	Recorte textual	Categorias
274	Entre esses textos literários <b>destacamos</b> especificamente <i>Encontro na noite</i> (1973); <i>Os Jardins da Alvorada</i> (1981); <i>Elegias da Terra-Mãe</i> (1983); <i>A Cidade e o Rio</i> (publicado em 1982, colige textos breves redigidos desde 1950); <i>Hora de Prima</i> (1993); <i>O Novo Argonauta</i> (1996); <i>D. Sebastião, El-Rei Ungido – Rei Eleito</i> (1996); <i>Mensagens do Anjo da Aurora</i> (2000) e grande parte de <i>Portugal Renascido</i> (publicado em 2001, que inclui textos dispersamente publicados desde 1979, pensados <i>entre Portugal e Brasil</i> ).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
275	Além das referências poéticas a esses locais, <b>notemos</b> como eles ecoam nessa obra: Ao Brasil voltará mais tarde como conferencista (o opúsculo: <i>Orfeu, Portugal e o Homem do Futuro</i> tem como base uma intervenção oral em 1977, em São Paulo) publica ensaios e contacta com autores como Santiago Naud, Almir Brunett e Dora Ferreira da Silva.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 32-34)

**D6T2** – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *In vocação*

Nº	Recorte textual	Categorias
276	Apenas <b>mencionamos</b> este texto como ilustração da coerência e da inteireza hermenêutica não ultrapassados da <b>nossa</b> amiga – a mais respeitável pensadora e erudita portuense – e para fazer notar – já lá vão 25 anos – que <b>convidámo-la</b> a escrever, em verdade, para o jornal <i>Primeiro de Janeiro</i> – onde era jornalista – sobre a excepcional obra de José Marinho, elíptico pensador vinculado à hermenêutica <i>filosófica</i> e filosofia hermenêutica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia; Duas formas de Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: 1) Amigos de Dalila; 2) Equipe de jornalistas do Primeiro de Janeiro.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
277	Já nesse contexto foi possível da <b>nossa</b> parte traçar, portanto, o perfil complementar, numa noutra página, conforme a perspectiva de alguém que se colocava próximo da <i>filosofia-oração</i> e da <i>experiência arcana</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</i>
278	Ainda que <b>nos colocáramos</b> no plano da teoria	<b>Marcas de construção de</b>

	(proveniente de uma disposição de princípio ligada à filosofia, o amor ao <i>sophón</i> , ao verdadeiro saber, ao saber verdadeiro).	<b>ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: grupo de intelectuais.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u>
279	Mas <b>lembro</b> Dalila Pereira da Costa na datação que vem do exterior – anos 80 – em palestras, muito diversas entre si, a impressão extraordinária que <b>me</b> causou, revelação pessoal bastante inesperada, como um encontro que <b>me pareceu</b> único e que se apropriou do coração dos <b>meus</b> pensamentos herméticos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
280	Seguiram-se inúmeros encontros – dado que <b>éramos</b> vizinhos – na sua casa da rua 5 de Outubro – a partir de um traçado de lições sub-reptícias e justamente celebradas – operando de um modo profundamente <i>iniciático – existencializado</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + Dalila.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 35)

### D6T3 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Dalila Pereira da Costa e a mitologia portuguesa*

Nº	Recorte textual	Categorias
281	Tendo <b>me</b> ocupado, já, noutra oportunidade da <i>teoria do mito</i> subjacente ou pressuposta no estudo da mitologia portuguesa levado a cabo pela autora de <i>A nova Atlântida</i> , <b>limitar-me-ei</b> , agora, a referir os elementos do seu conceito de <i>mito</i> que <b>reputo</b> mais relevantes para a adequada compreensão do modo como Dalila Pereira da Costa entendeu aquele complexo mítico, começando por notar ser ele concebido como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Me:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u> <b>Limitar-me-ei:</b> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u> <b>Reputo:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
282	Observava, igualmente, a grande hermeneuta da história secreta e sagrada de Portugal que “o caminho percorrido pela mitologia portuguesa, desde as deusas tópicas ou ninfas tribais até à deusa cósmica de <i>Os Lusíadas</i> ”, se tinha trazido num “processo de universalização e independência em relação a um dado lugar, território parcelar, realizado ao longo do século e milénios, desde os mitos locais até àquele mito da Epopeia, o que viria a conferir à <b>nossa</b> mitologia “uma universalização e perfeita transcensão do tempo e do espaço”, que lhe permitiu atingir “o indeterminado da pura transcendência eterna do mito”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
283	Neste mito cosmogónico, que encontrava eco num dos hinos homéricos e na <i>Teogonia</i> , de Hesíodo a Deusa-Mãe aparece, desde sempre, entre <b>nós</b> , com “toda a amplitude e profundidade de uma força criadora primordial”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b>

		<p>(7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u></p> <p>(10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>
--	--	---

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 36-41)

#### D6T4 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Dalila Pereira da Costa e a natureza matriarcal de Portugal*

Nº	Recorte textual	Categorias
284	Assim sendo, é Dalila Pereira da Costa uma das mais eruditas e de pensamento mais original em trazer ao conhecimento de um público mais vasto o processo de mitificação da nação portuguesa, <b>deixando-nos</b> em <i>Corografia sagrada</i> um conjunto de textos, com datas entre 1980 e 1991, em que se debruça sobre aspectos particulares do país e suas regiões, todos eles embrenhados num simbolismo mítico que <b>nos</b> reporta a um tempo primordial em que a criatura e o Criador viviam em harmonia.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal; Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  <b>Deixando-nos:</b> (7) <u>Indicação de argumento elogioso.</u>  <b>Nos:</b> (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>  (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>
285	A interpretação do estudioso romeno serve de suporte ao pensamento de Dalila que garante ser Portugal, no conjunto das terras do ocidente, a que se perfila como eleito para guiar os outros territórios, possibilitando a refundação do paraíso terreal, uma vez que o <b>nosso</b> país continua a ter “consciência da queda como catástrofe, ruptura entre terra e céu, homem e deus ou deuses; e daí também o início do mal” (Costa, 1993: 9).	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>  (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>
286	É verdade que esta ordem parece ter um papel determinante na construção e desenvolvimento da nacionalidade e muito terá contribuído para a demanda dos descobrimentos, mas ela nem surgiu entre <b>nós</b> , nem por influxo dos portugueses, acabando Portugal por ser impor ao mundo numa espécie de peregrinação do espírito parecendo cumprir a profecia de que dos pobres será o reino dos céus (sf. Mateus, 5, 3) e de que os últimos serão os primeiros (sf. Mateus, 20, 16).	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u></p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  (6) <u>Indicação de expressões integrativas.</u>  (10) <u>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u></p>
287	Aqui <b>parei</b> em destaque a originalidade de Dalila Pereira da Costa na defesa do cariz matriarcal da Pátria portuguesa.	<p><b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.</p> <p><b>Mobilizadores de ocorrência:</b>  (5) <u>Indicação de intenções, decisões e ações;</u>  (9) <u>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u></p>
288	E também aí a mulher ocupa um lugar de destaque, no	<b>Marcas de construção de</b>

	Antigo e Novo Testamento, o que prova que o esquecimento e desconsideração que estas, de forma esmagadora, têm na história dos povos não se deve àquilo que a tradição <b>nos</b> conta e de que há marcas evidentes, mas tão só e apenas ao domínio da cultura e das instituições desde há milénios pela figura masculina que se apropriou da tradição, tantas vezes pela força e a moldou aos seus interesses, ocultando deliberadamente a acção feminina.	<b>ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
289	O grifo <b>lembra-nos</b> a <b>nossa</b> precariedade enquanto indivíduos e a <b>nossa necessidade</b> de transcendência ou de <b>nos transcendermos</b> pela (re)ligação à natureza de onde <b>viemos</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia; Plural de Indeterminação universal: humanidade.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(8) Indicação de argumento depreciativo.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
290	O reino de Portugal venceu o culto à virgem quando em 1646 o rei D. João IV o consagra a Nossa Senhora da Conceição, proclamando-a padroeira de Portugal, voto que de certo modo é renovado pela população já no alvor da república, quando a partir das aparições de Fátima se instituiu o culto mariano que nos últimos cem anos tem marcado o sentido do <b>nosso</b> povo mais profundo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
291	Em suma o carácter desorganizado que continua a <b>definir-nos</b> como povo não <b>nos</b> beneficia, pois essa maneira de estar já levou à derrota dos celtas pelos romanos e por essa herança, os portugueses vão sendo derrotados por si próprios, de que são exemplo as lutas liberais.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
292	Positivamente os portugueses retêm da herança celta o imperativo de transcendência e o profundo sentido de liberdade e independência, o desprendimento perante a morte, a crença em outro mundo, a forte relação com a natureza, metempsicose ou transubstanciação como forma suprema de sacrifício, a força da imaginação, o carácter de insubordinação, a insatisfação com o que <b>temos</b> e o constante desejo de <b>nos superarmos</b> : indo onde ninguém imagina ser capaz, dominar os povos pela <i>vida conversável</i> , importar-se pouco com o dano material, tender para o religioso e achar ter uma função mediadora na recondução das criaturas ao criador, do múltiplo ao uno.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
293	É por isso que Dalila, na melhor tradição portuguesa, defende que a alma do <b>nosso</b> povo se encontra na <b>nossa</b> poesia e religião e não em qualquer pensamento especulativo, analítico, científico ou filosófico.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>

		(9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
294	Quando na <b>nossa</b> vida colectiva gente excepcional foi iniciada na compreensão desses mistérios, Portugal foi o maior dos maiores: D. Afonso Henriques, D. João I e a ínclita geração, Nuno Álvares Pereira, os comandantes navegadores e alguns outros, brilhante escol de “místicos, mágicos, reis, xamãs” (ib.: 9).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 42-50)

### D6T5 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *A corografia sagrada na obra de Dalila Pereira da Costa*

Nº	Recorte textual	Categorias
295	O traço por ventura mais vincado, seja da pessoa, seja da obra, da Dra. Dalila Pereira da Costa <b>julgo</b> ser o da sua singularidade, razão pela qual é tão difícil classificá-la dentro dos moldes habituais.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
296	Tal como outras personalidades com as quais tem algumas afinidades, o seu perfil definiu-se no âmbito de um clima espiritual que, polarizando na cidade do Porto uma feição do ‘génio lusíada’, tem carecido de suporte institucional, se <b>exceptuarmos</b> o breve ciclo protagonizado pela <i>Renascença Portuguesa</i> e a sua primeira Faculdade de Letras.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
297	O termo corografia terá entrado na <b>nossa</b> língua por via erudita, documentado em 1561, no título <i>Corografia de alguns lugares que estão em um caminho que fez Gaspar Barreiros o ano de 1546, começando na cidade de Badajoz, em Castela, té à de Milão, em Itália.</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
298	O título <i>Corografia Sagrada</i> , escolhido pela Dra. Dalila Pereira da Costa para o volume de 1993, que subintitulou, simplesmente, como sendo de ‘temas portugueses’, oferece uma boa perspectiva de aproximação ao que <b>julgo</b> ser o núcleo do seu pensamento.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
299	O equilíbrio que a originária feição matriarcal das sociedades deste extremo da Europa e da Península assegurara foi, no entanto, posto em causa pela colonização romana e, mais tarde, pelo Renascimento e	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: Europeus.</i>



	a subsequente modernidade, cujos efeitos nefastos <b>continuamos</b> a sofrer; explicando-se assim o ascendente do culto mariano nas manifestações da religiosidade popular, salvaguardando a índole mais autêntica da <b>noossa</b> espiritualidade.	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
300	Numa crítica certa aos moldes segundo os quais a historiografia corrente costuma entender o que define Portugal na senda de Alexandre Herculano, para quem só <b>ganhámos</b> identidade própria a partir de reconquista e da constituição do reino –, a obra da Dra. Dalila Pereira da Costa dá-lhe uma consistência bem mais forte.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
301	Ainda menos explicável por um acto de vontade, singular ou colectivo, que não resistiria a tão mutantes circunstâncias como as que <b>temos</b> enfrentado ao longo de tantos séculos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
302	Amor e culto pelas realidades naturais que, por erro de perspectiva, se confunde por vezes ao panteísmo; subestimando ou ignorando as noções da Encarnação, da Redenção e do Reino de Deus, tão vivas na <b>noossa</b> cultura, como no pensamento da autora de <i>Dos Mundos Contíguos</i> (Porto, 1999).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
303	Remetendo em primeira instância para a experiência vivida em Coimbra, bem como para os subsequentes “instantes”, que reiteraram aquela primeira revelação do sagrado, <b>creio</b> que toda obra da Dra. Dalila Pereira da Costa se deve considerar inspirada.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>
304	A própria estrutura dos escritos, em grande parte constituída por textos de vária extensão e muitas vezes datados, sugere terem sido escritos em circunstâncias precisas, mas cuja real natureza <b>nos</b> escapa; razão pela qual evitava pronunciar-se sobre eles.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: pesquisadores da área</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(8) Indicação de argumento depreciativo.</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
305	À laia das perguntas que a Dra. Dalila costumava fazer, nos escritos como de viva voz, <b>interrogamo-nos</b> sobre as razões que a levaram a sujeitar-se às vicissitudes próprias de um meio intelectual, que conhecia desde	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(9) Indicação de sugestões,</u>

	jovem, mas de que mantinha uma prudente distância.	<u>recomendações e direcionamentos.</u>
306	Como é sabido, a obra criada tende a ganhar autonomia em relação ao seu criador, de modo que pode vir a ser usada em termos que ele ainda não teria previsto ou talvez reprovasse. Apesar disso, não é possível dissociá-la inteiramente do autor, que pôs nela algo de si mesmo e, por isso, mantém um laço que o tempo afecta, mas não destrói. O caso é ainda mais nítido quando a sua presença está ainda viva na <b>nossa</b> memória.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de Indeterminação circunscrita de exclusão: pessoas que conheceram Dalila.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(7) Indicação de argumento elogioso.</u>
307	Relativamente extensa sobretudo se <b>atendermos</b> aos limites temporais da publicação, a obra da Dra. Dalila Pereira da Costa oferece fecundas pistas de reflexão; mas <b>julgo</b> ser o plano da corografia sagrada um daqueles onde melhor se revela a sua intenção de participar na obra da redenção, que, embora sendo uma tarefa pessoal, nacional e humana, não pode abstrair das dimensões natural e sobrenatural cósmica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de modéstia; Singular de Exclusividade.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>PPP: (5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u> Singular de Exclusividade: <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 51-56)

**D6T6 –** Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Encontro na noite: acerca do onirismo místico de Dalila Pereira da Costa*

Nº	Recorte textual	Categorias
308	<b>Devo</b> a Ângelo Alves o primeiro contacto com Dalila Pereira da Costa.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u> <u>(2) Indicação de deferência.</u>
309	Era aluno da Faculdade de Teologia, em meados da década de 90, quando li, entre outros, <i>O Esoterismo de Fernando Pessoa, Corografia Sagrada e Os Instantes</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
310	Dalila era para <b>mim</b> , certamente em função dessas leituras, não uma pessoa velha, mas antiga.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
311	Durante esses anos, Dalila mediou a <b>minha</b> relação com a <i>saudade</i> e com a tessitura hierática e telúrica da poesia de Teixeira de Pascoais.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
312	Depois <b>afastei-me</b> por quase dez anos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias</u>

		<i>ações e de memórias pessoais.</i>
313	Dalila permaneceu silente numa estante da <b>minha</b> biblioteca.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
314	<b>Fui</b> adiando a possibilidade de conhecê-la pessoalmente, como quem adia um encontro para o qual não se sente preparado.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
315	Não <b>tenho</b> qualquer outra explicação para não a ter conhecido pessoalmente.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
316	Várias vezes Ângelo Alves e Maria João Reynaud se dispuseram a <b>apresentar-me</b> a Dalila, na sua própria casa, no número 444 da Rua 5 de Outubro.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
317	Tanto queria tê-la conhecido pessoalmente e não a <b>conheci</b> , e disso só <b>eu sou</b> culpado.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
318	<b>Soube</b> da sua morte depois.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
319	Nascera para <b>mim</b> antiga, em meados da década de 90, e morrerá antiga passados uns quinze anos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
320	<b>Detenho-me</b> aqui apenas na primeira parte deste livro: O ANJO.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
321	Será esta a toada desta poesia, ou prosa poética, de natureza onírica: <b>assistiremos</b> ao seu movimento, <b>deixar-nos-emos</b> guiar numa experiência ocasionalmente sinestésica por espaços interiores e	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i>

	exteriores, de um ou do outro lado, entrando ou saindo, mas sempre para dentro de espaços embaçados, aos quais Dalila empresta um intenso rigor descritivo.	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações;</u> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
322	<b>Estamos</b> em agosto de 1963 e Dalila tem 45 anos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(5) Indicação de intenções, decisões e ações.</u> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
323	Em A TORRE (Id., ibid., pp. 12-13) – essa implícita TORRE dos CLÉRIGOS: alta, tão calada e cheia de mistério –, <b>percebemos</b> que para Dalila “só se conhece uma cidade quando se sonha com ela.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
324	<b>Encontramos</b> uma igreja com o campanário, o cemitério na vertente do monte, sete judeus a jogar cartas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
325	Entre o PRIMEIRO AVISO (Id., ibid., p. 16) e A LOUCURA (Id., ibid., pp. 17-18), <b>encontramos</b> esse “antepassado com rosto de séculos” (Id., ibid., p. 16) – que anuncia a vinda iminente dos outros – e <b>aprendemos</b> que se cai na loucura como na morte: “por querer”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
326	Apesar de um certo estranhamento que resulta desta mundividência onírica, há uma certa inteligibilidade, uma espécie de <i>forma significativa</i> que <b>nos</b> possibilita uma simpatia que, se não é identitária, é pelo menos do domínio da pertença, ou seja: <b>convoca-nos</b> , no limite, a um grau de pertença.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u> <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u>
327	Entre SINTRA (Id., ibid., p. 29) e TRANSFORMAÇÃO (Id., ibid., p. 31) <b>encontramos</b> água verde transparente, pórticos, vazias igrejas tridentinas, a rua da saudade, jardins sombrios, casas ... e o que resta é a solidão.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(6) Indicação de expressões integrativas.</u>
328	Na TERRA PRIMEIRA (Id., ibid., pp. 32-33) – que tem o brilho da terra perdida – <b>encontramos</b> a fenda (pela qual ligeiramente se sobe ao planalto lavrado), pequenos barcos de vela branca que cintilam à luz rasante, flores vermelhas desconhecidas, uma igreja de granito negro	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b>

	a encimar a cidade, a possibilidade dos homens do futuro.	(6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
329	<b>Parece-me</b> evidente que Dalila Pereira da Costa subordina a sua expressão literária às funcionalidades oraculares da sua voz mística e tendencialmente profética.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 56-61)

### D6T7 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Com Dalila no reega...gaço de atae...gina*

Nº	Recorte textual	Categorias
330	Foi numa tarde de Sábado do Outono de 2004, que finalmente <b>mostrei</b> à Dalila os poemas que estavam de <i>salmoura</i> há mais de uma década, alguns tinham sido escritos ainda nos finais dos anos 80.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
331	<b>Tínhamos</b> almoçado no Restaurante do Molhe, na Foz do Porto, <b>falámos</b> da Grande Deusa, a Grande Mãe, tema que lhe era particularmente grato, sobre o qual muito tinha estudado, refletido e passado a escrita na sua obra.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
332	<b>Falámos</b> de obras literárias e etnográficas, as antigas e as mais modernas, dos historiadores, dos antropólogos, dos filósofos, dos arqueólogos, sobre os quais Dalila discorria com a bagagem do conhecimento mas mais ainda com o envolvimento numa professa.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
333	Este era assunto recorrente que <b>nos</b> ocupou repetidas charlas até o fim da sua vida.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
334	Por <b>mim</b> , <b>ouvía-a</b> e de vez em quando modestamente opinava, relembando de entre outras fontes as obras de Mircea Eliade, o adido cultural e de imprensa da representação diplomática romena em Lisboa, de 1941 a 1944, que foi morador ali tão perto na Rua da Saudade em Cascais, quem sai da Rua Direita – o <i>Decumanus</i> de eixo mal alinhado – em direcção à Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, outra face materna de Deus.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
335	José Leite de Vasconcelos, o companheiro de profissão que pôs de lado a medicina para <b>nos</b> legar, no dizer de Orlando Ribeiro, <i>uma espécie de Monumenta Ethnica de Portugal desde o Paleolítico até à actualidade</i> , figura incomparável a quem mais tarde, em 2014, <b>dediquei</b> um texto.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal;</i> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> PPP: (6) <i>Indicação de</i>

		<i>expressões integrativas.</i> Singular de Exclusividade: (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
336	Mas voltando a esse Sábado, <b>regressamos</b> ao 444 da Rua 5 de Outubro, como era habitual quando não chovia, <b>sentámo-nos</b> na varanda do pequeno gabinete do primeiro andar virada a Sul, gozando o Sol e diletantemente opinando sobre plantas e sobre a luminosidade azul da tarde, azul a cor predileta de Dalila.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
337	<b>Descemos</b> e <b>sentámo-nos</b> na grande sala do rés do chão aonde o espaço era dos livros e aonde não se abriam as janelas.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
338	Dalila leu com atenção misericordiosa – <i>com ela</i> , e – <i>com vós</i> , acordou que – <i>com nós</i> , não era assim tão horrível como a imagem que <b>eu</b> lhe pintara, porque realmente <b>nós</b> , à imagem da Grande Mãe, <b>devemos</b> tender para perfeição e infelizmente traímos esse mister e há que denunciar as traições.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <i>Plural de indeterminação universal (mulheres leitoras ou não dos textos da Nova Águia ou das poesias de Dalila).</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> Singular de Exclusividade: (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i> <i>PPP: (9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
339	Os outros tais, <b>vós</b> , são resultado da imperfeição de <b>nós</b> , porque dotadas e não cumpridoras, <b>nós</b> próprias que sem o peso de culpa, esse sentimento que a <b>nós</b> é algo avesso.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de indeterminação universal (mulheres leitoras ou não dos textos da Nova Águia ou das poesias de Dalila).</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
340	Mas sem querer defrontar o <i>feminismo</i> , mas também para o não provocar, sabia que seria indispensável aligeirar um pouco o amargo e retirar alguns espinhos dos poemas, afinal <b>nós somos</b> muitas vezes a face doce e materna de Deus.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de indeterminação universal (mulheres leitoras ou não dos textos da Nova Águia ou das poesias de Dalila).</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas</i>

		<i>na própria credibilidade.</i>
341	<b>Demos</b> as mãos, com sorriso contido, <b>fizemo-las</b> subir até aos cotovelos uma da outra, direita na esquerda, esquerda na direita à laia do cumprimento romano ou talvez lusitano, ou talvez acádico, aramaico ou nabateu, <b>sabíamos</b> bem da <b>nossa</b> comum disfemia, a contração descontrolada do <b>nosso</b> aparelho fonador, essa maravilhosa peça orquestral de comunicação sonora, sem pretenciosismo, a <b>nossa</b> gagueira.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
342	<b>Crescemos</b> com ela com fases de recrudescimento e de melhoria aproveitando e aprendendo as técnicas de respiração e outras, desenvolvidas para o controle do <i>problema central que consiste em uma dificuldade do cérebro para sinalizar o término de um som ou uma sílaba e passar para o próximo.</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
343	Não <b>tínhamos</b> sofrido nenhum trauma relacionado, <b>sabíamos</b> que embora <b>nós</b> à imagem da Grande Mãe, tendentes para a perfeição, <b>reconhecíamos</b> a <b>nossa</b> limitação tão flagrante e tão presente como os pintores medievais que por humildade de propósito representavam erros nas suas obras, com a mesma humildade, <b>tínhamos</b> aprendido a viver com um defeito intrínseco, <b>nosso</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
344	Ainda em 2004, não cientes das futuras descobertas, com o sorriso contido, as mãos diáfanas da Grande Mãe pousaram sobre as <b>nossas</b> cabeças e <b>envolveu-nos</b> o olhar compreensivo de Nossa Senhora da Misericórdia.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
345	Palavra algo estranha, forma reduzida de arregaçar, que implica que o sujeito se encontre sentado e que <b>nos</b> remete para as ancestrais representações das Deusas Sentadas da Antiguidade, desnudas ou vestidas, aqui parece que o termo terá origem menos vetusta, pois está associado ao uso de vestuário.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
346	<b>Recordamos</b> Francisco Manuel Justiniano Saraiva, ou melhor, Frei Francisco de São Luiz, futuro Cardeal Saraiva, a opulenta figura de beneditino que atualmente em estátua de bronze pontifica em Ponte de Lima sua terra natal, na Rua a que deu nome no Largo da Igreja Matriz.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
347	<b>Temos</b> para Regaço, essa estranha palavra, mais uma pista que Adalberto Alves mais recentemente no seu <i>Dicionário de Arabismos</i> com mais de um milhar de referências bibliográficas define como: <i>Regaço s. m. de (rahs), “tenro”, “terno”, “fofo”- cavidade formada p. roupa entre os joelhos e a cintura da mulher sentada; dobra em forma de bolsa que se for, na saia quando esta adiante é puxada para cima; seio; trazer alguém no...= tratar c/ ternura.</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
348	O tempo foi passando, os poemas <i>de salmoura</i> continuaram sem mudança, <b>continuei</b> a escrever poesia nomeadamente para ilustrar os <b>meus</b> trabalhos de	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade.

	Tapeçaria, alguns serviriam para engrossar o lote de ... <i>com ela, ...com nós, com vós.</i>	<b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
349	O tempo foi passando, de vez em quando Dalila e <b>eu</b> , <b>falávamos</b> da <i>salmoura</i> , mas era um assunto para as calendas do não <b>sei</b> quando.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
350	Em 2009 por ocasião do bicentenário do nascimento de Darwin, <b>fiz</b> com <b>meu</b> marido a viagem que há muito <b>andávamos</b> a adiar às Ilhas Galápagos, o local <i>eureka</i> do naturalista e da sua teoria evolucionista.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtora + marido.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> Singular de Exclusividade: (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i> PPP: (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
351	Dalila delirava com <b>narrativas das minhas</b> viagens, dos lugares que conhecia e mais ainda dos que não tinha visitado, o que era o caso.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
352	Mas por estranho que pareça, as Ilhas Galápagos e a sua fauna não foram propriamente novidade, muito se tinha lido e visto acerca delas, decorriam exposições e colóquios a que <b>eu</b> , obstinadamente, tentava não faltar.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
353	De passagem por Quito, também por mais estranho que pareça, <b>defrontei-me</b> com uma novidade completamente inesperada para <b>mim</b> , a monumental estátua da Virgem Alada, qualquer coisa de inusitado, de moderno do outro lado, numa terra afóra da pesada história da tradição da Grande Mãe e das suas epígrafes com muitos séculos.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (3) <i>Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</i>
354	<b>Voltámos eu e Dalila</b> ao tema que <b>nos</b> deliciava desta feita com gosto modernista e os ventos do Equador americano...	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada.</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
355	O tempo foi passando e em Setembro de 2011, Dalila adoeceu, teve o primeiro Acidente Vascular Cerebral, não fez nenhuma Ressonância interativa, mas o seu locus de fala, com redução de conexões de matéria branca no hemisfério esquerdo, não mostrou ter alterações, <b>continuávamos</b> ambas com a mesma contratação descontrolada do <b>nosso</b> aparelho fonador, mas a rede viária de outros territórios foi-se obstruindo e a 2 de Março de 2012, <b>eu</b> não tinha escrito o Prefácio, e ambas	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtor + personalidade homenageada;</u> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (4) <i>Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>



	não <b>pudemos</b> mais charlar sobre o acolhedor Reega...gaço de Atae...gina.	
356	Em 4 de Março de 2017, quando amigos e estudiosos de Dalila, na data de seu aniversário, <b>nos reunimos</b> na Casa nº 444 da Rua 5 de Outubro, foi anunciada a intenção de assinar condignamente o centenário do seu nascimento.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <u>Plural de exclusão: produtora + amigos e estudiosos da obra de Dalila;</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</u>
357	<b>Falei</b> do meu projeto de livro, e da oportunidade da sua apresentação, mas só falei.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
358	Foi o arpão que <b>me</b> fez despertar para os poemas de <i>salmoura</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
359	<b>Falei</b> da <b>minha</b> intenção de publicação para homenagear Dalila, <b>tive</b> do Professor Jorge Teixeira da Cunha uma excelente recepção <sup>148</sup> , mas o arranque foi graças à amável decisão do Renato Epifânio para o MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO, a que preside, editar a obra.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade. <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u>
360	No dizer dos <b>meus</b> amigos poetas do Brasil, a receita é juntar <i>pó de arroz</i> quanto baste para sem adular, dar uma feição menos deprimente, afinal <b>nós</b> porque dotadas e não cumpridoras, <b>nós</b> próprias que sem o peso de culpa, esse sentimento que a <b>nós</b> é algo avesso, <b>somos</b> muitas vezes a face doce e materna de Deus, Dalila teria por certo aprovado o que <b>acrescentei</b> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> Singular de Exclusividade; <u>Plural de indeterminação universal (mulheres leitoras ou não dos textos da Nova Águia ou das poesias de Dalila).</u> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> Singular de Exclusividade: <u>(3) Indicação das próprias ações e de memórias pessoais.</u> PPP: <u>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</u> <u>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</u>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 61-66)

<sup>148</sup> A palavra recepção é utilizada apenas no português falado em Portugal, desde a entrada em vigor do Novo Acordo Ortográfico, equivalendo à palavra recepção. Palavras relacionadas: recessão, resseção, recepção.

**D6T8 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Da sublimação da mulher no pensamento de Dalila Pereira da Costa***

Nº	Recorte textual	Categorias
361	Ora, para a autora, como para outros defensores de uma <i>filosofia portuguesa</i> , a <b>nossa</b> cultura – parte integrante da cultura europeia que, por sua vez, é o somatório da Antiguidade Clássica e da Bíblia – manifesta-se por linhas míticas específicas, fundadoras do pensamento português, <i>porque <b>somos</b> o que <b>somos</b>, em universal identidade, na particular diferença.</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
362	Devem ser compreendidos como imagens psicodinâmicas, como cenários pessoais e sociais, como um sistema de valores tribal que aponta caminhos para <b>nos tornarmos</b> conscientes da <b>nossa</b> identidade.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
363	Os mitologemas revelam, de facto, quadros coletivos de memória, representam correntes de pensamento e de experiência onde <b>reencontramos</b> o <b>nosso</b> passado.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
364	Assim, o que o homem enceta com este amor é uma ascese, mas – <b>considerámos nós</b> – o jogo amoroso apenas se circunscreve ao plano terreno.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: nós da nação: Portugal.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
365	Em face do exposto, <b>restam-nos</b> algumas reflexões.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 67-73)

**D6T9 – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Dalila: o pano de fundo ou uma premissa interpretativa essencial***

Nº	Recorte textual	Categorias
366	Para bem <b>entendermos</b> o pensamento de Dalila Pereira da Costa, <b>devemos</b> ler um texto absolutamente essencial que, estranhamente, pouco tem sido entendido: a sua autobiografia espiritual <i>Instantes nas Estações da Vida</i> (Lello, 1999).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <b>Entendermos:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> <b>Devemos:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
367	Dalila <b>explica-nos</b> o modo pelo qual <b>devemos</b> ler as suas experiências espirituais, <b>dá-nos</b> o seu contexto, <b>explica-nos</b> qual o seu plano de fundo.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
368	Daqui decorre a estranheza com que <b>verificamos</b> o quanto esta obra tem sido ignorada, até mesmo por bons conhecedores da obra de Dalila.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
369	Aí <b>ficámos</b> a saber que, como uma presença constante, invisível, natural, como fio condutor da sua vida e da sua obra, está a vivência do catolicismo; do catolicismo e não apenas de um vago cristianismo, como muitos poderiam ser tentados a pensar até à publicação deste texto.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i>
370	Poder-se-ia dizer, como pensa a <b>nossa</b> contemporaneidade, que isso são assuntos pessoais ou da “esfera privada”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
371	<b>Vejamos</b> quais são estes pontos nucleares, citando Dalila referindo-se às suas experiências místicas e visionárias.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (1) <i>Delimitação de autoria.</i> (6) <i>Indicação de expressões integrativas.</i>
372	Aqui <b>devemos</b> destacar vários importantíssimos elementos: para já, <b>vemos</b> que <i>todas</i> as experiências espirituais de Dalila, inclusive as experiências imaginais “menores” e não apenas os grandes êxtases, “foram vistos e ouvidos como em referência e pertença da teologia e escatologia católica”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> (9) <i>Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> (10) <i>Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas</i>

		<i>na própria credibilidade.</i>
373	Repare-se, de novo, como Dalila <b>nos</b> diz <i>católica</i> e não apenas cristã, coisa que os seus leitores poderiam esperar.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
374	Esta chave é de uma ajuda imensa para quem queira perceber esta parte da obra de Dalila tão enigmática e mesmo lacônica, em muitos aspectos, porque, com ela, <b>podemos</b> situar as suas visões dentro da complexa e profunda angelologia católica.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
375	Mas isto não basta, <b>temos</b> ainda de enfrentar outro ponto, incômodo para muitos, talvez; mas não <b>podemos</b> recuar, apenas por ser incômodo, naturalmente.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
376	É assim que <b>podemos</b> perceber que para Dalila há, por assim dizer, um caminho que vai da “grande-Deusa” à Imaculada, mas sabendo que é neste termo que Deus revela plenamente o Seu plano, pois aqui desagua a “plenitude da revelação em Cristo”.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
377	No entanto, não <b>devemos</b> pensar que se trata de uma “evolução”; não.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
378	Agora que <b>ficámos</b> a saber que <b>podemos</b> contar com a teologia, a escatologia e a mística católica para <b>interpretarmos</b> as suas experiências visionárias e místicas, <b>podemos</b> dar um exemplo da hermenêutica aplicada às suas experiências espirituais.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia; Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(5) Indicação de intenções, decisões e ações;</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>

379	<b><u>Vejam</u></b> os três grandes êxtases.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i>
380	Para <b><u>irmos</u></b> directamente ao essencial, <b><u>ouçamos</u></b> Dalila ainda nos <i>Instantes</i> : “Depois se saberia: como a promessa e dom supremo concedido por Cristo” (p. 31).	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(1) Delimitação de autoria.</i> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i>
381	Dalila escreve isto sessenta anos depois dessa experiência e <b><u>dizendo-nos</u></b> que este primeiro instante viria a ser iluminado por outra experiência posterior que lhe deu o significado, percebendo-a, pois, como um <i>dom de Cristo</i> .	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de Indeterminação circunscrita de inclusão: produtor + leitores da Nova Águia + leitores de Dalila.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(7) Indicação de argumento elogioso.</i>
382	<b><u>Sabemos</u></b> , segundo as indicações da própria Dalila acima citadas que o Salvador é Cristo, interveio directamente como Salvador.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>
383	Assim, <b><u>podemos</u></b> ver que os três instantes maiores a que se refere Dalila são três intervenções de Cristo: primeiro como dádiva, graça tremenda, no primeiro êxtase, como para mostrar um pouco de Si, da Sua natureza.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de inclusão: produtor + audiência da Nova Águia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
384	Em jeito de últimas palavras, aqui, <b><u>podemos</u></b> dizer ainda que a Dalila Pereira da Costa não interessa o “paganismo” particularmente; se no território português tivesse existido <b><u>digamos</u></b> , o zoroastrismo, esse seria o foco da sua atenção, para perceber quais as características de que se revestia o zoroastrismo aqui.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(6) Indicação de expressões integrativas.</i> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
385	É, pois, Portugal que lhe interessa e a sensação de continuidade, naqueles aspectos em que se pode dizer que ela exista como idiosincrasia espiritual, <b><u>chamemos-lhe</u></b> assim.	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(9) Indicação de sugestões, recomendações e direcionamentos.</i>

		<i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>
--	--	---

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 74-76)

**D6T10** – Recortes com ocorrências de PPS e PPP no texto *Lembrança de uma tese de Dalila*

<b>Nº</b>	<b>Recorte textual</b>	<b>Categorias</b>
386	<i>O que <b>nos</b> move agora é a lembrança da tese de Dalila, que se acha compilada no volume Seminário de Literatura e Filosofia Portuguesas (Actas) (Fundação Lusíada, Fribourg – Lisboa, 2001, a pp. 119-122).</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de modéstia.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(4) Indicação de memórias ligadas a outrem.</i>
387	<i><b>Ignoramos</b> se Dalila repetiu o texto em algumas das suas publicações posteriores, contudo, <b>achámos</b> por bem calar a <b>nossa</b> voz e ouvir, na íntegra, como nova notícia, a lição que Dalila proferiu em Friburgo, em apologia de Portugal, como “Arca da Tradição” para a nova Europa.</i>	<b>Marcas de construção de ethos:</b> <i>Plural de exclusão: produtor + equipe de produção do dossiê.</i> <b>Mobilizadores de ocorrência:</b> <i>(10) Indicação de resultados e/ou reivindicações centradas na própria credibilidade.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor a partir de recortes da *Nova Águia* (2018, p. 76-77)

## APÊNDICE 2

### LINKS DE ACESSO DAS BIOGRAFIAS DOS PRODUTORES DOS TEXTOS ANALISADOS

Ident.	Produtores	Acesso às Biografias:
D1T1	Ernani Chaves	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/5741253213910825">http://lattes.cnpq.br/5741253213910825</a> .
D1T2	José Denis de Oliveira Bezerra	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/9404514273838260">http://lattes.cnpq.br/9404514273838260</a> .
D1T3	Sílvio Holanda	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/0928175455054278">http://lattes.cnpq.br/0928175455054278</a> .
D1T4	Marco Aurélio Werle	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/1911672060334520">http://lattes.cnpq.br/1911672060334520</a> .
D1T5	Lilia Silvestre Chaves	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/4273510661737259">http://lattes.cnpq.br/4273510661737259</a> .
D1T6	Henry Burnett	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/7370655734935231">http://lattes.cnpq.br/7370655734935231</a> .
D2T1	Eliane Robert Moraes	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/3213373319012334">http://lattes.cnpq.br/3213373319012334</a> .
D2T2	Bruno Zeni	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/3885356789548610">http://lattes.cnpq.br/3885356789548610</a> .
D2T3	Leusa Araujo	Linkedin: <a href="https://www.linkedin.com/in/leusa-araujo-b585b42b/?originalSubdomain=br">https://www.linkedin.com/in/leusa-araujo-b585b42b/?originalSubdomain=br</a> .
D2T4	Leandro Carlos Esteves	<a href="https://comoeuescrevo.com/leandro-carlos-esteves/">https://comoeuescrevo.com/leandro-carlos-esteves/</a>
D2T5	Daniel Fuentes	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/8336646457227904">http://lattes.cnpq.br/8336646457227904</a> .
D3T1	Ricardo Ramos Filho	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/0839893294362435">http://lattes.cnpq.br/0839893294362435</a> .
D3T2	Benjamin Abdala Junior e Luzia Barros	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/7613404490662002">http://lattes.cnpq.br/7613404490662002</a> ; <a href="http://lattes.cnpq.br/5164558598682440">http://lattes.cnpq.br/5164558598682440</a> .
D3T3	Lilliân Alves Borges e Edmar Monteiro Filho	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/6954693620758006">http://lattes.cnpq.br/6954693620758006</a> ; <a href="http://lattes.cnpq.br/0042721228143060">http://lattes.cnpq.br/0042721228143060</a> .
D3T4	Jean Pierre Chauvin e Rodrigo Jorge Ribeiro Neves	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/4835201440754201">http://lattes.cnpq.br/4835201440754201</a> ; <a href="http://lattes.cnpq.br/5773849486881345">http://lattes.cnpq.br/5773849486881345</a> .
D3T5	Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/8874290847904620">http://lattes.cnpq.br/8874290847904620</a> ; <a href="http://lattes.cnpq.br/4812362049778537">http://lattes.cnpq.br/4812362049778537</a> .
D4T1	António Braz Teixeira	RODRIGUEZ, R. V. Antonio Braz Teixeira: o homem e a sua obra. <b>ENSAYISTAS</b> . Filósofos: Portugal. 2001: <a href="https://www.ensayistas.org/filosofos/portugal/teixeira/introd.htm">https://www.ensayistas.org/filosofos/portugal/teixeira/introd.htm</a> .
D4T2	Joaquim Pinto	UCP: <a href="http://cefi.fch.lisboa.ucp.pt/pt/investigacao/investigadores/68-joaquim-antonio-de-jesus-palma-pinto.html">http://cefi.fch.lisboa.ucp.pt/pt/investigacao/investigadores/68-joaquim-antonio-de-jesus-palma-pinto.html</a> .
D4T3	Luís Lóia	Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/8885655082340941">http://lattes.cnpq.br/8885655082340941</a> .
D4T4	Manuel Patrício Ferreira	Universidade do Porto: <a href="https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=doutores%20honoris%20causa%20pela%20uport%20-%20manuel%20ferreira%20patr%C3%ADcio">https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=doutores%20honoris%20causa%20pela%20uport%20-%20manuel%20ferreira%20patr%C3%ADcio</a> .
D4T5	Mário Carneiro	WOOK: <a href="https://www.wook.pt/livro/o-pensamento-filosofico-de-fidelino-de-figueiredo-mario-carneiro/68248">https://www.wook.pt/livro/o-pensamento-filosofico-de-fidelino-de-figueiredo-mario-carneiro/68248</a> .
D5T1	José Lança-Coelho	WOOK: <a href="https://www.wook.pt/autor/jose-lanca-coelho/15723">https://www.wook.pt/autor/jose-lanca-coelho/15723</a> .
D5T2	J. Alberto de Oliveira	WOOK: <a href="https://www.wook.pt/autor/j-alberto-de-oliveira/36592">https://www.wook.pt/autor/j-alberto-de-oliveira/36592</a> .
D5T3	Júlio Amorim de Carvalho	<a href="https://www.sitiodolivro.pt/Os-nossos-autores/Julio-Amorim-de-Carvalho">https://www.sitiodolivro.pt/Os-nossos-autores/Julio-Amorim-de-Carvalho</a> .
D5T4	Edward Ayres de Abreu	CESEM: <a href="https://cesem.fcsh.unl.pt/pessoa/edward-valeriano-de-luiz-goncalves-ayres-de-abreu/">https://cesem.fcsh.unl.pt/pessoa/edward-valeriano-de-luiz-goncalves-ayres-de-abreu/</a> .

D5T5	Mendo Castro Henriques	CEFI: <a href="http://cefi.fch.lisboa.ucp.pt/pt/investigacao/investigadores/41-antonio-mendo-castro-henriques.html">http://cefi.fch.lisboa.ucp.pt/pt/investigacao/investigadores/41-antonio-mendo-castro-henriques.html</a> .
D6T1	Rui Lopo	BROWN: <a href="https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/eiph/pessoaplural/Issue3/CV/LopoCV.pdf">https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/eiph/pessoaplural/Issue3/CV/LopoCV.pdf</a> .
D6T2	Alexandre Teixeira Mendes	TRIPLOV: <a href="http://triplov.com/letras/Alexandre-Teixeira-Mendes/index.htm">triplov.com/letras/Alexandre-Teixeira-Mendes/index.htm</a> .
D6T3	António Braz Teixeira	RODRIGUEZ, R. V. Antonio Braz Teixeira: o homem e a sua obra. <b>ENSAYISTAS</b> . Filósofos: Portugal. 2001: <a href="https://www.ensayistas.org/filosofos/portugal/teixeira/introd.htm">https://www.ensayistas.org/filosofos/portugal/teixeira/introd.htm</a> .
D6T4	Artur Manso	ESTRATÉGIAS CRIATIVAS: <a href="https://sites.google.com/site/estrategiascriativas/editora/autores/artur-manso">https://sites.google.com/site/estrategiascriativas/editora/autores/artur-manso</a> .
D6T5	Joaquim Domingues	III Colóquio Luso-Galaico: A saudade em homenagem a Dalila Pereira da Costa. Disponível em: <a href="https://ifilosofia.up.pt/gfmc/docs/III_COLOQUIO SOBRE_SAUDADE_-_DALILA_-_PROGRAMA[1].pdf">https://ifilosofia.up.pt/gfmc/docs/ III COLOQUIO SOBRE SAUDADE - DALILA - PROGRAMA[1].pdf</a> .
D6T6	José Rui Teixeira	Porto Editora: <a href="https://www.portoeditora.pt/autor/jose-rui-teixeira/4506480">https://www.portoeditora.pt/autor/jose-rui-teixeira/4506480</a> .
D6T7	Maria José Leal	CHIADOBOOKS: <a href="https://www.chiadobooks.com/autores/maria-jose-leal">https://www.chiadobooks.com/autores/maria-jose-leal</a> .
D6T8	Maria Luísa de Castro Soares	LATTES: <a href="http://lattes.cnpq.br/3781605471413398">http://lattes.cnpq.br/3781605471413398</a> .
D6T9	Pedro Sinde	CORREIO DO PORTO: <a href="https://www.correiodoportop.pt/7-perguntas/sete-perguntas-a-pedro-sinde">https://www.correiodoportop.pt/7-perguntas/sete-perguntas-a-pedro-sinde</a> .
D6T10	Pinharanda Gomes ( <i>in memoriam</i> )	UCE: <a href="https://www.uceditora.ucp.pt/pt/supplier/j-pinharanda-gomes?rewrite=j-pinharanda-gomes">https://www.uceditora.ucp.pt/pt/supplier/j-pinharanda-gomes?rewrite=j-pinharanda-gomes</a> .